UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

“Permanecer em mim” e no meu “Itinerário”:

As interfaces internacionais do integrismo católico na trajetória dos intelectuais do grupo

Permanência na França (1975-1989)

Glauco Costa de Souza

SÃO PAULO

2019

VERSÃO CORRIGIDA

GLAUCO COSTA DE SOUZA

“Permanecer em mim” e no meu “Itinerário”:

As interfaces internacionais do integrismo católico na trajetória dos intelectuais do grupo

Permanência na França (1975-1989)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Carlos Palomanes Martinho.

SÃO PAULO

2019

VERSÃO CORRIGIDA

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S719" Souza, Glauco Costa de
"Permanecer em mim" e no meu "Itinerário": As interfaces internacionais do integrismo católico na trajetória dos intelectuais do grupo Permanência na França (1975-1989) / Glauco Costa de Souza ; orientador Francisco Carlos Palomanes Martinho. - São Paulo, 2019.
289 f.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Intelectuais Católicos. 2. Integrismo Católico. 3. Antiprogressismo. 4. Ditadura militar brasileira. 5. Extrema direita. I. Martinho, Francisco Carlos Palomanes, orient. II. Título.

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA
DISSERTAÇÃO/TESE**

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): **Glauco Costa de Souza**

Data da defesa: **10/06/2019**

Nome do Prof. (a) orientador (a): **Dr. Francisco Carlos Palomanes Martinho**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 12/08/2019

(Assinatura do (a) orientador (a))
FRANCISCO CARLOS PALOMANES MARTINHO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA/FFLCH/USP

GLAUCO COSTA DE SOUZA

“Permanecer em mim” e no meu “Itinerário”:

As interfaces internacionais do integrismo católico na trajetória dos intelectuais do grupo
Permanência na França (1975-1989)

Tese para obtenção do título de Doutor em História

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Francisco Carlos Palomanes Martinho

Prof^ª. Dr^ª. Gabriela Pellegrino Soares

Prof^ª. Dr^ª. Tânia Regina de Luca

Prof. Dr. Marcelo Thimóteo da Costa

À Ana e ao Davi.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Prof. Dr. Francisco Carlos Palomanes Martinho, orientador desta tese, pelo direcionamento seguro da tarefa investigativa, pelo apoio constante e pela forma como indicou leituras, propôs ajustes, apontou caminhos, mas também permitiu que o trabalho pudesse ser desenvolvido por mim de maneira autônoma.

Agradeço, especialmente, aos professores que compuseram as mesas do exame de qualificação e contribuíram para o enriquecimento da tese: Professora Dr^a. Gabriela Pellegrino Soares e a professora Dr^a. Ana Lúcia Nemi.

Dedico esta tese aos meus amigos e familiares: ao Victor Martins de Souza, pela acolhida fraterna em São Paulo, à família Costa e Angelo, pelo cuidado e zelo que sempre tiveram comigo, ao Danyllo Ferreira Leite Basso, amigo do vôlei e que me tornou um uspiano de verdade: obrigado pela boa companhia, ao Fred, pelo esforço e pela amizade sincera, e aos meus pais, pelo amor incondicional. Esse trabalho é fruto direto da dedicação de vocês comigo. Muito obrigado!

Enfim, à Ana Paula Giavara, uma leitora atenta e a melhor mãe do “baixinho”. Obrigado pela paciência, amor e carinho. Ao Davi, pela riqueza da experiência da paternidade. Amo vocês!

Por último, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo auxílio financeiro recebido, sem o qual eu não poderia ter dedicado tempo necessário à investigação.

SOUZA, Glauco Costa de. “*Permanecer em mim*” e no meu “*itinerário*”: as interfaces do integrismo católico na trajetória dos intelectuais do grupo *Permanência* na França (1975-1989). 285f. Tese. (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RESUMO

No contexto católico do integrismo internacional, a década de 1970 se caracterizou pela militância a favor do resgate dos valores cristãos ameaçados pelo avanço moderno na sociedade ocidental, que passou a ser tema central dos artigos publicados por duas revistas: a *Permanência*, na cidade do Rio de Janeiro, e a *Itinéraires*, na cidade de Paris. A partir dessas constatações, a tese procurou apresentar a trajetória intelectual dos líderes do grupo *Permanência*, Gustavo Corção e Julio Fleischman, durante os anos de 1975 a 1989. Nesse período, os intelectuais escreveram artigos para a revista *Itinéraires* e participaram do maior congresso do integrismo internacional promovido pelo *Office International* na cidade de Lausanne, na Suíça. Defendeu-se a ideia de que essa trajetória teve como objetivo apresentar um projeto de poder articulado entre a elite civil-militar brasileira e os intelectuais católicos, por meio de dois planos discursivos: de valorização ao regime e de ataques a Igreja progressista brasileira. O itinerário percorrido pelos intelectuais cariocas revelou a notoriedade do integrismo brasileiro e do país, que passou a ser reconhecido pelo momento autoritário, ao derrotar a subversão internacional comunista pela ditadura militar. E, como uma troca, o integrismo francês era tomado como exemplo de luta contra o progressismo católico. Das experiências compartilhadas por esses grupos do integrismo católico, a *História dos Intelectuais* forneceu conceitos e categorias de análises que permitiram identificar as *redes de sociabilidades* e os *microclimas* que fizeram parte dos sentimentos partilhados por essa geração de intelectuais. Corção e Fleischman foram *mediadores* de um projeto político e cultural que contribuiu para a construção de uma *memória* sobre a ditadura e que, nos dias de hoje, ressurgiu no imaginário político brasileiro por meio da luta anticomunista.

PALAVRAS-CHAVE: Intelectuais católicos. Integrismo católico. Antiprogressismo. Ditadura militar brasileira. Extrema direita.

SOUZA, Glauco Costa. "Staying in me" and my "itinerary": the interfaces of Catholic fundamentalism in the trajectory of the intellectuals of the group *Permanence* in France (1975-1989). 285 f. Thesis. (Doctorate in History) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ABSTRACT

In the Catholic context of international integrism, the 1970s were characterized by militancy in favor of the rescue of Christian values threatened by modern advances in Western society, which became the central theme of articles published by two magazines: *Permanência*, in Rio de Janeiro, and *Itinéraires*, in Paris. Based on that, the thesis tried to present the intellectual trajectory of the leaders of the Permanência group, Gustavo Corção and Julio Fleischman, from 1975 to 1989. During this period, intellectuals wrote articles for *Itinéraires* and participated in the largest congress of integrism, *Office International* in Lausanne, Switzerland. It was defended the idea that this trajectory had the objective of presenting a project of articulated power between the Brazilian civil-military elite and the Catholic intellectuals, through two discursive plans: valorization to the regime and attacks against the Brazilian progressive Church. The path walked by the Brazilian intellectuals revealed the notoriety of Brazil and its integrism: the country became recognized by the authoritarian moment that defeated the communist international subversion by the civil-military dictatorship. And, as an exchange, French integrism was taken as an example of a struggle against Catholic progressivism. From the experiences shared by these groups of Catholic integrism, the History of Intellectuals provided concepts and categories of analysis that allowed to identify the *networks of sociabilities* and *microclimates* that were part of the feelings shared by this *generation* of intellectuals. Corção and Fleischman were *mediators* of a political and cultural project that contributed to the creation of a false *memory* about the dictatorship and that, in the present day, resurged in the Brazilian political imaginary through the anticommunist struggle.

KEYWORDS: Catholic intellectuals. Catholic Integrism. Anti Progressism. Brazilian civil-military dictatorship. Far right.

"Rester en moi" et mon "itinéraire": les interfaces du intégrisme catholique dans la trajectoire des intellectuels du groupe Permanence in France (1975-1989). 285 f. Tese. (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RÉSUMÉ

Dans le contexte catholique du intégrisme international, les années 1970 ont été marquées par un militantisme en faveur du sauvetage des valeurs chrétiennes menacées par les avancées modernes de la société occidentale et sont devenues le thème central des articles publiés par deux revues: *Permanência*, dans la ville de Rio de Janeiro, et les *Itinéraires*, dans la ville de Paris. Sur la base de ces résultats, la thèse visait à présenter la trajectoire intellectuelle des dirigeants du groupe *Permanência*, Gustavo Corção et Julio Fleischman, de 1975 à 1989. Durant cette période, des intellectuels ont écrit des articles pour le magazine *Itinéraires* et participé au plus grand congrès de l'intégrisme international promu par L'*Office International* à Lausanne, Suisse. Il a été défendu l'idée que cette trajectoire avait pour objectif de présenter un projet de pouvoir articulé entre l'élite civile-militaire brésilienne et les intellectuels catholiques, à travers deux plans discursifs: une valorisation au régime et des attaques contre l'Église progressiste brésilienne. L'itinéraire parcouru par les intellectuels « cariocas » a révélé la notoriété du intégrisme brésilien, qui a été reconnue par le moment autoritaire qui a permis de vaincre la subversion internationale communiste sous la dictature militaire. Et comme échange, le intégrisme français a été pris comme exemple de lutte contre le progressisme catholique. À partir des expériences partagées par ces groupes d'intégrisme catholique, l'*Histoire des Intellectuels* a fourni des concepts et des catégories d'analyses qui ont permis d'identifier les réseaux de sociabilités et de microclimats faisant partie des sentiments partagés par cette génération d'intellectuels. Corção et Fleischman ont été les *médiateurs* d'un projet politique et culturel qui a contribué à la création d'un *mémoire* de la dictature et qui, de nos jours, a resurgi dans l'imaginaire politique brésilien à travers la lutte anticomuniste.

MOTS CLÉS: Intellectuels catholiques. Intégrisme catholique. Antiprogressisme. Dictature militaire brésilienne. Extrême droite.

RELAÇÃO DE QUADROS

Quadro 1	Colaboradores não oficiais de <i>Permanência</i> (1968-1974)	31
Quadro 2	Artigos de Marcel Clément	33
Quadro 6	Cartas destinadas a Gustavo Corção enviadas por membros do regime, amigos e perseguidos políticos	44

RELAÇÃO DE FIGURAS

Figura 01	Gustavo Corção	22
Figura 02	Julio Fleischman	23
Figura 03	Arcebispo francês Marcel Lefebvre	73
Figura 04	Jean Madiran em Lausanne (1965)	76
Figura 05	Revista <i>Itinéraires</i>	77
Figura 06	Revista <i>Itinéraires</i>	77
Figura 07	Revista <i>Itinéraires</i>	78
Figura 08	Revista <i>Itinéraires</i>	78
Figura 09	Revista <i>Itinéraires</i>	78
Figura 10	Revista <i>Itinéraires</i>	78
Figura 11	Jean Ousset	116
Figura 12	Palácio de Beaulieu	116
Figura 13	Salão de Conferências das reuniões do <i>Office</i>	117
Figura 14	Stands do <i>Office</i>	117
Figura 15	José Pedro Galvão de Souza em Lausanne (1972)	120
Figura 16	Ata do Congresso do <i>Office</i> de 1973	123
Figura 17	Visita de Jean Madiran ao Brasil em 1975, com Corção e Fleischman ao seu lado	131
Figura 18	Capa da edição francesa do livro <i>A Descoberta do Outro</i>	151
Figura 19	Capa da edição francesa do livro <i>O Século do Nada</i>	155
Figura 20	Capa da edição francesa do livro <i>Reflexão sobre a mulher</i>	161

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - GUSTAVO CORÇÃO E JULIO FLEICHMAN: TRAJETÓRIAS DE VIDA E MILITÂNCIA CATÓLICA	21
1.1 APRESENTANDO GUSTAVO CORÇÃO E JÚLIO FLEICHMAN	21
1.2 GUSTAVO CORÇÃO, JÚLIO FLEICHMAN E A HISTÓRIA DOS INTELLECTUAIS	25
1.3 REDES, CIRCUITOS E SOCIABILIDADES: O GRUPO <i>PERMANÊNCIA</i> E O ACERVO DE GUSTAVO CORÇÃO	29
1.3.1 Parceiros do grupo <i>Permanência</i>	30
1.3.2 <i>As Sociabilidades: o acervo de Gustavo Corção</i>	37
1.4 OS MICROCLIMAS: EVENTOS HISTÓRICOS E SENTIMENTOS COMPARTILHADOS	47
1.4.1 A “Revolução de 1964”	48
1.4.2 A “Outra” Igreja	55
CAPÍTULO 2 - ESCRITOS JORNALÍSTICOS, PALESTRAS E PROJETOS DE PODER: A TRAJETÓRIA INTELLECTUAL DE GUSTAVO CORÇÃO E JULIO FLEICHMAN NO EXTERIOR ENTRE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980.	65
2.1 UM PROJETO	65
2.2 A IGREJA CATÓLICA NA FRANÇA E O SÉCULO XX	66
2.3 A REVISTA <i>ITINÉRAIRES</i>	75
2.3.1 Jean Madiran/Arfel e o nascimento de <i>Itinéraires</i>	74
2.3.2 Estrutura Física, materialidade e circulação da revista francesa	76
2.3.3 Intelectuais franceses de <i>Itinéraires</i> e redes de sociabilidades	80
2.3.4 Em defesa de um projeto político e cultural: os artigos de Gustavo Corção e Júlio Fleichman na revista <i>Itinéraires</i>	85
2.4 O <i>OFFICE INTERNATIONAL</i> E OS CONGRESSOS DE LAUSANNE	113
2.4.1 Apresentação do <i>Office International</i>	113
2.4.2 Os Intelectuais e as redes de sociabilidades em torno dos Congressos de Lausanne	118
2.4.3 O Brasil em Lausanne: em defesa do projeto político	119
CAPÍTULO 3 - O BRASIL VISTO PELO “OLHAR” DO INTEGRISMO INTERNACIONAL: MEDIAÇÃO E RECEPÇÃO	127
3.1 AS TRAVESSIAS TRANSATLÂNTICAS	129
3.2 O QUE PENSAM SOBRE O BRASIL CORÇÃO E FLEICHMAN?	134
3.3 GUSTAVO CORÇÃO E A PUBLICAÇÃO DE SUAS OBRAS LITERÁRIAS NO EXTERIOR	147
3.3.1 <i>La Découverte de L’Autre</i>	150
3.3.2 <i>Le Siècle de L’Enfer</i>	155
3.3.3 <i>Réflexions sur la Mission de la Femme</i>	160

CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	168
ANEXO	175
Parte I - Quadros de Análise	175
Parte II - Fotos e Imagens	205
Parte III - Acervo de Gustavo Corção (Biblioteca Nacional História do Rio de Janeiro) – Tabela de correspondentes de Gustavo Corção	211
Parte IV - Quadro de Escritores de Itinéraires (1962-1989)	277

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa dialoga com a temática da minha dissertação de mestrado, intitulada: *Conflitos teológicos e políticos da Igreja Católica no Brasil presente nos artigos das revistas Hora Presente e Permanência* (1968-1974), que apresentou a origem desses dois grupos do integrismo católico brasileiro e o conflito que se projetou entre os setores divergentes da Igreja Católica Apostólica Romana¹ durante o período do regime militar. A partir da produção discursiva de textos de caráter anticomunista, antiprogressista e antimodernista, revelou-se um projeto em que a disputa pelo campo religioso e sua hegemonia eram frequentemente expostos em seus artigos. O progressismo católico, com suas renovações litúrgicas e seus enfrentamentos contra o regime, era a principal notícia estampada nas revistas dos grupos integristas brasileiros.

A partir de suas atuações jornalísticas, destacaram-se dois intelectuais líderes do grupo integrista carioca *Permanência*, Gustavo Corção e Julio Fleischman. Foram combatentes implacáveis na imprensa carioca e responsáveis pela “teoria do complô” (DUARTE-PLON, 2016; MICHEL, 2009; PELLETIER, 2005) produzida pelo discurso jornalístico da época. É um imaginário que propaga a existência de um inimigo interno e externo que ameaçaria a sociedade “ocidental cristã”. Acreditava-se que, chegando ao poder, esses grupos subversivos desvirtuariam a instituição familiar, trariam a promiscuidade e transformariam o Brasil em uma ditadura comunista como a da China ou da extinta União Soviética.

Vivia-se no contexto da Guerra Fria, e o país, antes do golpe militar, atravessou um período de políticas desenvolvimentistas que culminaram, no início da década de 1960, com as pautas reformistas e progressistas do governo João Goulart. Bem distante da possibilidade de se tornar uma Cuba revolucionária, apesar de Jânio Quadros e Goulart terem condecorado Che Guevara em sua passagem no Brasil e enviarem uma comitiva diplomática à China, as conturbações sociais geradas pelas crises políticas e econômicas daquele período fizeram ressurgir na mentalidade da população brasileira o imaginário anticomunista. Foram tempos propícios para o nascimento de “heróis” e “salvadores da pátria” manipulados por jogos de interesses nacionais e supranacionais.

A partir da vitória dos “heróis” militares com a “Revolução de 1964”, a esquerda brasileira procurou entender o golpe e passou a se articular a partir de organizações políticas e

¹ Ao longo da tese a *Igreja Católica Apostólica Romana*, com sua sede em Roma (Vaticano), é referenciada como Igreja Católica ou Igreja Católica no Brasil. Nunca *Igreja Católica Brasileira*, que é independente do Vaticano e não aceita a infalibilidade papal. A ICB Surgiu no Brasil e foi fundada por Dom Duarte da Costa em 1945.

estudantis. Dessas movimentações, o “inimigo” interno criado pela imprensa nacional ganhou vida e os intelectuais cariocas combateram com veemência tanto as ações dessa esquerda disposta a derrubar o governo quanto os religiosos católicos que se envolveram com esses grupos, como os dominicanos.² Esse episódio foi considerado pelos grupos integristas *Permanência* (RJ, 1968-2019) e *Hora Presente* (SP, 1968-1978) como o ápice da subversão comunista dentro da Igreja.

A partir do estudo desses grupos católicos, foram estabelecidos contatos entre o grupo *Permanência* e os intelectuais de outros países pertencentes à corrente integrista católica. Foram descobertas publicações dos brasileiros na revista parisiense *Itinéraires* (Paris, 1956-1997) entre os anos de 1975 a 1989 e palestras proferidas por Gustavo Corção nos congressos católicos integristas do *Office International*, na Suíça, entre os anos de 1969 a 1974. Descortinou-se, com a leitura desses artigos, uma trajetória jornalística percorrida pelos intelectuais cariocas no exterior.

Esse itinerário intelectual de Gustavo Corção e Julio Fleischman revelou um projeto de poder executado a partir de duas perspectivas discursivas. No plano político, o regime militar era defendido das acusações feitas por membros do clero brasileiro que denunciavam as torturas e os assassinatos dos presos políticos do regime, bem como o genocídio indígena no Brasil. Valorizaram o regime por meio de elogios ao milagre econômico e à atuação da polícia política no combate ao comunismo, com tons nacionalistas e ufanistas. No plano cultural e religioso, eles denunciavam as “aberrações” litúrgicas que surgiram após o Concílio Vaticano II, combatiam o pensamento moderno “destrinchando” suas ilusões filosóficas e teológicas, e denunciavam a “depravação” moderna. Nesse plano, foram elencadas três categorias discursivas: o anticomunismo, o antiprogressismo e o antimodernismo.

A minha descoberta da revista *Itinéraires* e das *Atas do Congresso de Lausenne* se deu por meio das revistas *Permanência* e *Hora Presente*, durante a realização do mestrado, sendo que suas coleções se encontram nas bibliotecas da Universidade Estadual Paulista – UNESP, de Assis, do Mosteiro de São Bento (SP) e dos irmãos Redentoristas (SP). Nessas duas últimas, também foram localizados exemplares da Revista *Itinéraires*, os quais foram

² Os dominicanos Ivo Lesbaupin, Frei Fernando e Tito de alencar se envolveram com o grupo guerrilheiro de Carlos Marighela. Após a escuta de um grampo conectado ao telefone do convento de Perdizes, a polícia chegou aos religiosos. Os religiosos, após esquema de forte tortura, marcaram um encontro com o líder comunista onde foi morto pela polícia política. O artigo: *O “Affaire” Marighela e a Traição dos Clérigos* (*Hora Presente*, fev. de 1970, p. 53-56) descreve os passos da investigação da polícia, do início do caso até o assassinato. Em nenhum momento do texto consta a tortura sofrida pelos padres dominicanos. Muitos artigos sobre esse episódio também foram escritos na revista *Permanência*. Frei Tito acabou se suicidando em decorrência das torturas praticadas pelo delegado Fleury, personagem que será destacado no primeiro capítulo (BETTO, 1987).

acrescidos por números encontrados na Pontifícia Universidade Católica de Perdizes (SP). Entretanto, não foram achados os primeiros anos de sua circulação e nem os últimos do primeiro ciclo da revista, que durou até 1989.

O restante da coleção da revista *Itinéraires* foi encontrada em uma loja francesa especializada em materiais católicos, como livros teológicos, revistas, autobiografias, enfim, um grande acervo de diversos materiais católicos que foram publicados ou adquiridos pela livraria *Chiré* (Diffusion de la Pensée Française). No site, existe um acervo colossal em que as informações essenciais da revista *Itinéraires* foram registradas, o que possibilitou a catalogação dos sumários que indicaram os intelectuais que escreveram de 1962 até 1989. Nesse mesmo site, foram compradas as atas dos congressos do *Office*, realizados na cidade de Lausanne, com exceção de 1974. Para complementar esse corpus documental, foi localizada na biblioteca da PUC/Perdizes a ata do congresso de 1972.

Nessa busca das fontes, foi possível adquirir quase toda a documentação dessa trajetória intelectual dos cariocas. Infelizmente, os artigos de Corção publicados na revista *Itinéraires* na década de 1980 não foram encontrados fisicamente, mas suas informações encontram-se registradas em artigos da revista *Permanência*, que noticiou a participação dos brasileiros em *Lausanne*. Os relatos encontrados nesse periódico forneceram detalhes das reuniões que foram além do que seria fornecido pelas próprias atas, as quais não detalhavam, por exemplo, o que se passava nos *stands*, momento em que ocorria o contato “olho no olho” entre os participantes.

Também compõe esta investigação o acervo de Gustavo Corção, doado por sua viúva, auxiliada por Julio Fleischman, à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Esse acervo acumula um total de 3.448 documentos indexados, catalogados e resumidos em um banco de informações on-line, de domínio público. A partir do recorte temporal de 1964 até 1978, ano da morte de Corção, foi desvendada uma estrutura formada por uma rede de intelectuais que o informavam sobre os eventos relacionados ao momento político e religioso do mundo todo. Os documentos detalharam a existência de um projeto político compartilhado pelo governo militar e por Gustavo Corção, também membro do Conselho Federal de Cultura entre 1966 e 1978. Enfim, uma série de cartas, telegramas e recortes de jornais que mostraram o desenvolvimento de um projeto de poder articulado com a elite civil-militar brasileira. A divulgação desse projeto no exterior se aprofundou graças aos laços de amizade que foram cultivados entre membros do integrismo internacional e os intelectuais brasileiros.

Houve dificuldades em trabalhar com grupos civis que atuaram a favor do regime militar. É uma tarefa de persistência e, algumas vezes, pode levar a frustrações. Tentou-se

realizar uma pesquisa de campo junto ao grupo *Permanência*, comandado por Dom Lourenço Fleichman, filho de Julio Fleichman, sediado na Capela de Nossa Senhora da Conceição na cidade de Niterói (RJ). O primeiro contato estabelecido com o religioso aconteceu por e-mail, ocasião em que foram solicitadas informações sobre o pesquisador e a pesquisa. Após várias tentativas, nunca houve uma resposta. É caro ao historiador remexer em memórias de um tempo não tão distante, que envolve pessoas ainda acometidas pelas mesmas paixões e sentimentos de outrora. Nos encontros de história em que são discutidos os movimentos da direita política brasileira, as mesmas dificuldades em acessar as fontes de informação são compartilhadas. Isso prova que o jogo da memória está sempre em disputa, sendo constantemente reelaborado e reinterpretado pelos grupos que se encontram no poder, cujas condutas éticas ou morais lançam luz àquilo que desejam ou o escondem, na tentativa de perpetuação de uma memória histórica. Dessa forma,

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis. (POLLACK, 1989, p. 9)

A memória é um processo permanente de construção e reconstrução e comporta em si contínuas reestruturações do passado, podendo ser alimentada pelas contingências do presente que se integram na narrativa histórica. Ela possui uma “dimensão adaptativa e heterogênea”, pois pode estar presente na memória do indivíduo e do grupo, o que torna o seu resgate integral uma ilusão. Pode-se afirmar que a memória não absorve completamente o passado em suas múltiplas dimensões e desdobramentos, consolidando sua percepção como uma descontinuidade. Trata-se do descarte e do abandono de um objeto no passado, o que pode justificar sua possível valorização no presente, em função das demandas sociais e de quem está no jogo do poder (MENESES, 1992).

O processo de “amnésia social” pelo qual a memória se constitui informa os diferentes projetos de poder que circulam entre os grupos dominantes de um determinado momento. Os discursos produzidos por Gustavo Corção e Julio Fleichman no exterior produziram uma memória que revela suas convicções acerca do que deveria ser veiculado como a verdade dos fatos. Nesse processo, por exemplo, foram negadas as violações dos direitos humanos

infligidas pelo regime. Ao lado dessa negação, a lei da anistia de 1979 também contribuiu para o esquecimento das barbáries cometidas pela polícia política. Nos tempos mais recentes, a Comissão da Verdade objetivou revelar a memória sufocada desse período, uma espécie de memória subterrânea. A partir de então, busca-se compreender as afirmações de que a ditadura militar nunca existiu ou que a tortura é uma invenção da esquerda e que, se houve excessos, eram porque as pessoas mereciam aquilo de alguma forma. Sendo assim, torna-se necessário ao historiador distinguir os diferentes contextos históricos de que emergem essas disputas pelas “memórias silenciadas”:

Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. (POLLACK, 1989, p. 10)

A memória também é uma espécie de esquecimento programado, pois ela é formada por um mecanismo de seleção e descarte. Contudo, falar do que é esquecido não é suficiente apenas para dar voz aos silenciados. É necessário detectar e entender as multiformes gradações e significações do silêncio e do esquecimento, com suas regras e jogos. O que importa é o historiador compreender “[...] as condições em que socialmente se produziu um tipo de silêncio, por pressão coletiva ou conveniência pessoal, até que a memória possa sair de sua letargia e eventualmente atuar como alavanca para reivindicações” (MENESES, 1992, p. 18). As artimanhas dessa relação entre o que é esquecido e o que é perdoado no jogo da memória histórica são fáceis de desmascarar quando existe um projeto próprio para isso. Os processos que resultaram na formulação da lei da anistia constituem um exemplo. Assim, o esquecimento programado, além de ser uma projeção para o futuro, equivale a uma “amnésia programada”:

Se esta conseguisse ter êxito – e infelizmente nada se constitui em obstáculo à ultrapassagem da tênue linha de demarcação entre anistia e amnésia –, a memória privada e coletiva seria privada da salutar crise de identidade que possibilita uma reapropriação lúcida do passado e de sua carga traumática. Aquém dessa aprovação, a instituição da anistia só pode responder a um desígnio de terapia social emergencial, sob o signo da utilidade e não da verdade. (RICOEUR, 2007, p. 462)

Também contribuiu como suporte teórico e metodológico para o estudo de atores sociais, como Gustavo Corção e Julio Fleichman, a *História dos Intelectuais*. Diferentemente do caso

francês em que emergiram intelectuais irradiadores teóricos para a Europa, na América Latina, a partir do século XX, existiram homens e mulheres que se tornaram atores do debate público. Foram novos atores que surgiram impulsionados pelo desenvolvimento industrial e pelo surgimento da classe média trabalhadora e da imprensa jornalística. Nesse momento, a atividade política passou a ser uma carreira e a exigir uma especialização maior por parte desses personagens, atrelada também ao surgimento das Universidades (ALTAMIRANO, 2010).

Importantes figuras da sociedade, os intelectuais representantes do tradicionalismo católico na América Latina atuaram como defensores de uma política autoritária e anticomunista, o que favoreceu o surgimento de grupos conservadores católicos no continente durante a década de 1930. O marco geracional desses intelectuais foram o pensamento dos contrarrevolucionários franceses do século XVIII e o do pensamento de Charles Maurras, líder da *Ação Francesa*. Herdeiros desse pensamento, Gustavo Corção e Júlio Fleischman realizaram o caminho inverso, levando o pensamento integrista brasileiro para outros espaços culturais, mediando projetos relacionados à disputa do campo religioso católico por meio de uma atuação política em favor do regime e contra o progressismo católico brasileiro e internacional. Por serem ferramentas teóricas e metodológicas que se ajustaram perfeitamente auxiliando na estruturação do trabalho, os conceitos de *mediador cultural*, *redes* e *circuitos intelectuais*, *geração* e *recepção* (GOMES e HANSEN, 2017) serão evocados em um capítulo próprio.

No primeiro capítulo da tese, *Gustavo Corção e Julio Fleischman: trajetórias de vida e militância católica*, foram discutidos conceitos e categorias oriundos da História dos Intelectuais. Identificaram-se as origens e o desenvolvimento de seus projetos político e cultural/religioso a partir da apresentação de suas histórias de vidas, militâncias religiosas e vivências afetivas. Procurou-se apresentar os intelectuais e grupos (internos e externos) que orbitaram em torno do centro *Permanência* e a relação de Gustavo Corção com membros do regime militar e do integrismo internacional, bem como seus principais remetentes. Na última parte desse capítulo, foram analisados os “microclimas” que se constituem em eventos e fatos históricos que povoaram as produções discursivas dos intelectuais nas revistas *Permanência* e *Itinéraires* e nos congressos do *Office*. A intenção foi apresentar as produções historiográficas que trataram do contexto em análise como uma contraposição às representações dos intelectuais sobre a mesma conjuntura.

No segundo capítulo, *Escritos jornalísticos, Palestras e Projetos de poder: a trajetória intelectual de Gustavo Corção e Julio Fleischman no exterior entre as décadas de*

1970 e 1980, foi apresentado o projeto político e religioso/cultural organizado pelos intelectuais do grupo *Permanência* em consenso com os grupos que compunham a extrema direita no Brasil durante o regime ditatorial. Esse projeto motivou as trajetórias jornalísticas dos intelectuais cariocas em outros países. Como a maior parte desse itinerário ocorreu na França, a história política e religiosa desse país foi resgatada, com ênfase na atuação do integrismo e da esquerda católica no século XX. A revista parisiense *Itinéraires* foi abordada em sua origem, materialidade e redes de intelectuais, bem como em seus artigos que apresentaram o projeto de poder conduzido por Corção e Fleischman. Por fim, foi analisado o *Office International*, grupo responsável pela organização dos congressos em Lausanne, espaço em que os intelectuais Gustavo Corção e Julio Fleischman divulgaram seus projetos. Arelado ao autoritarismo brasileiro da época, Gustavo Corção foi reconhecido internacionalmente como um dos maiores representantes do integrismo católico.

No terceiro capítulo, *O Brasil visto pelo integrismo internacional: Mediação e Recepção*, procurou-se apresentar o resultado da comunicação estabelecida entre o integrismo brasileiro e o francês que culminou em um terceiro “código cultural”, pois todo discurso produzido torna-se um signo aberto para ser reelaborado de acordo com o público que, no caso dessa pesquisa, são intelectuais integristas europeus, que absorveram em Corção explicações para o tempo presente. Para esse público, o Brasil foi apresentado como um ponto geográfico especial cercado pela revolução comunista internacional. Na França das décadas de 1960 e 1970, os grupos sociais e religiosos se radicalizaram logo após os acontecimentos de Maio de 1968, sendo a Igreja francesa pioneira em experimentações e práticas litúrgicas renovadas e atentas às demandas sociais do país desde a década de 1950. As fontes utilizadas para a construção desse tópico foram os artigos das revistas *Permanência* e *Itinéraires*, junto com os prefácios das edições publicadas por Gustavo Corção a partir da década de 1980. A mediação foi representada no contato estabelecido, por meio de viagens, entre os intelectuais dos periódicos. A recepção do pensamento de Corção partiu da análise dos formadores da revista *Itinéraires*. Por fim, foi analisada a carreira literária de Gustavo Corção no exterior, com destaque para as obras traduzidas para o público francês. Desses livros foram analisados os prefácios, ou comentários, que revelam o resultado que se obteve dessa interação entre os membros dos grupos integristas *Itinéraires* e *Permanência*.

Como resultado final, revelou-se a engrenagem de um dos processos que provocaram o esquecimento de uma parte da memória histórica sobre a ditadura militar no Brasil. Ademais, o reconhecimento literário de Gustavo Corção lhe forneceu o papel de “mediadores” do regime, juntamente com Julio Fleischman, os quais se utilizaram de sua

notoriedade para negarem as violações dos direitos humanos praticadas pelo regime militar. Esses intelectuais lutavam por um ideal religioso em nome de uma ordem elitista, católica e militar para o Brasil. Se eram alienados pelo discurso religioso, pouco importa, o fato é que ambos colaboraram para a “falsificação” de uma memória que aparece na ordem do dia para ser esclarecida pelo campo historiográfico.

Este trabalho procura ser um pequeno “gancho” para que esse discurso da direita católica nacionalista brasileira seja desmitificado. São grupos que distorcem os fatos em prol de seus interesses. Por exemplo, sobre a prática da tortura pelos militares, a barbárie cometida deixava de ser um fato em si para tornar-se matéria de opinião e especulação, contaminada por um projeto de poder dos grupos da direita política com os intelectuais. Para Corção e Fleischman, negar a tortura significava defender o regime, e denunciá-la era atacá-lo. Sobre as relações entre história e verdade: “O apagamento da linha divisória entre verdade fatural e opinião é uma das inúmeras formas que o mentir pode assumir” (ARENDT, 1972, p. 309).

CAPÍTULO 1 – GUSTAVO CORÇÃO E JULIO FLEICHMAN: TRAJETÓRIAS DE VIDA E MILITÂNCIA CATÓLICA

1.1 APRESENTANDO GUSTAVO CORÇÃO E JULIO FLEICHMAN

Gustavo Corção (1896-1978) e Julio Fleichman (1928-2005) foram amigos e companheiros de militância política e religiosa durante 40 anos, até a morte de Corção em seis de julho de 1978. Atuante na imprensa católica no Brasil, Fleichman escreveu em revistas religiosas e foi fundador jurídico do grupo *Permanência*. Porém, quem se destacou na imprensa laica foi Gustavo Corção, escrevendo artigos de opinião, crônicas e crítica religiosa em jornais como *O Globo* (RJ, 1925-até hoje), *Diário de Notícias* (RJ, 1930-1970), *Tribuna da Imprensa* (RJ, 1949-até hoje), *O Estado de S. Paulo* (SP, 1875-até hoje), *Correio do Povo* (Porto Alegre, 1895-até hoje), *Gazeta do Povo* (Curitiba, 1919-até hoje) e *A Tarde* (Salvador, 1912-até hoje). Também construiu carreira literária, com seu primeiro livro lançado em 1944, *A Descoberta do Outro*.

Filho da classe média alta carioca, Gustavo Corção cursou o secundário no colégio Dom Pedro II e o curso superior na antiga escola Politécnica do Rio de Janeiro (RJ). Durante os anos finais da década de 1910, Corção matriculou-se em Engenharia, momento em que se aproximou do pensamento marxista. Apesar de abandonar o curso superior em 1922, três anos depois assumiu o cargo de assistente da cadeira de astronomia da Escola Politécnica (RJ) e, após dez anos, tornou-se professor de Eletrônica na Escola Técnica do Exército, atual Instituto Militar de Engenharia (IME). Nessa instituição, estabeleceu vínculos de amizade com membros do círculo militar, laços de solidariedade que serão expostos mais adiante neste capítulo (FERREIRA, 2001).

Contudo, foi em 1936, com a morte de sua primeira esposa, Diva Paiva, que Corção se converteu ao catolicismo por intermédio de Carlos Chagas Filho. Em 1939, com o amigo Alceu Amoroso Lima, passou a frequentar o *Centro Dom Vital*³ e a estudar filosofia tomista no mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, onde se tornou oblato. Dessa forma, na década de 1950, Corção foi o principal representante da direita católica na imprensa brasileira. Na década seguinte, com o regime militar de 1964, aposentou-se de alguns trabalhos, assumindo

³ O *Centro Dom Vital* foi criado em 1922 com o objetivo de congregar os intelectuais do laicato católico sob a responsabilidade de Jackson de Figueiredo. Militante católico responsável pelo projeto da *Neocristandade*, liderado por Dom Sebastião Leme (cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro), possuía nítidas ligações com o governo de Getúlio Vargas (RODRIGUES, 2005).

o cargo de membro do Conselho Federal de Cultura em 1966.⁴ Também continuou escrevendo no jornal *O Globo* (com uma seção de crônicas de quinta e sábado) e na revista *Permanência* até sua morte.

O presente estudo concentra suas análises na última fase de militância católica de Gustavo Corção que, a partir de 1975, teceu elogios à ditadura e combateu o progressismo católico brasileiro no exterior. De tradicionalista contido durante a década de 1950 e começo dos anos de 1960, transformou-se, em 1964, em um defensor da ditadura e, em 1965, cão-de-guarda feroz do tradicionalismo católico com as “apostasias” oriundas do Concílio Vaticano II. Esse é o evento histórico que marcou o posicionamento radical de Corção na imprensa, tornando-se a “pedra do sapato” do escritor carioca. O que diferencia Corção quando comparado com outras trajetórias de intelectuais católicos, como Alceu Amoroso Lima, diz respeito ao seu posicionamento religioso. Gustavo Corção possuiu uma tradição fixa a Trento, combatendo, após o Concílio, todas as adequações litúrgicas a modernidade até sua morte.

Figura 1: Gustavo Corção.

⁴ No acervo documental de Gustavo Corção há dois ofícios emitidos pelo *Conselho Federal de Cultura* (CFC). O primeiro, de 1966, é o ato de nomeação de Corção como membro do CFC. Assumiu o cargo de acordo com o artigo primeiro do decreto lei n. 74, de 21/11/1966, com mandato de quatro anos. O segundo é um ato que reconduz Corção como membro do governo no ano de 1970, com base na lei n. 74 e com mandato de mais seis anos.

Por sua vez, Julio Fleichman nasceu no Rio de Janeiro em uma família de judeus ucranianos refugiados do regime comunista. Formou-se em Direito e atuou na área corporativa. Na sua juventude, chegou a flertar com o pensamento marxista, relacionando-se com figuras como Carlos Lacerda e Hílcar Leite.⁵ No entanto, na década de 1940, ainda judeu não praticante, junto com Frederico de Carvalho, passou a frequentar um grupo denominado *Resistência Democrática*,⁶ formado por escritores e políticos católicos: Sobral Pinto, Fernando Carneiro, Barreto Filho e Gustavo Corção. Foi admirador da figura de Corção e frequentou os cursos ministrados por este no *Centro Dom Vital* durante os anos finais da década de 1940.

Figura 2: Julio Fleichman.

Após entrar em contato com obras de Chesterton, escritor católico inglês, e Kierkegaard, com a leitura do livro *A Angústia Humana*, Fleichman se converteu ao catolicismo no início da década de 1950. Foi batizado por Dom Marcos Barbosa no mosteiro

⁵ Algumas informações sobre sua vida foram retiradas de entrevistas dadas aos seguintes sites: <http://www.veritatis.com.br/testemunho-do-dr-julio-fleichman-ex-judeu/> e <http://permanencia.org.br/drupal/taxonomy/term/660> e do livro de Julio Fleichman intitulado: *O Itinerário Espiritual da Igreja Católica*, publicado pela editora *Permanência* em 2013. Essa publicação é a terceira edição.

⁶ O movimento *Resistência Democrática* surgiu como forma de protesto contra a ditadura varguista, visando à reconstitucionalização do país. Foi composto pelos principais membros da elite carioca, entre eles Gustavo Corção, Sobral Pinto, Júlio Fleichman e outros membros do centro Dom Vital. O objetivo era lutar pela convocação de uma assembleia constituinte e pela candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes à presidência da República. Seus métodos de ação consistiram na organização de diversas reuniões e na divulgação do “Manifesto da Resistência Democrática”, publicado em 14 de abril de 1945 no jornal carioca *O Diário de Notícias* (PAULA, 2015).

de São Bento (RJ), sendo abençoado pela reza de três freiras a mando de Gustavo Corção. Como afirma em entrevista: “[...] Afinal, me converti e nunca mais deixei o Corção e segui firme no caminho que tinha que seguir”.⁷

Os dois intelectuais cariocas formaram uma parceria fiel e duradoura que sobreviveu à morte de Gustavo Corção em 1978, sendo Fleischman o responsável pela articulação dos livros e artigos que foram publicados postumamente, na década de 1980 na revista *Itinéraires*. Essa irmandade, iniciada pela relação discípulo/mestre no *Centro Dom Vital*, permaneceu durante a crise interna que se instalou nessa instituição, momento em que Alceu Amoroso Lima e Gustavo Corção, por suas divergências, protagonizaram uma contenda religiosa.⁸ Com o apoio do cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro na época, Dom Jaime Câmara, Gustavo Corção deixou o *Centro* em 1963, levando com ele 200 membros que romperam o vínculo com a instituição de pensamento católico (FERREIRA, 2001). Assim, em agosto de 1968, de discípulo, Fleischman tornou-se o companheiro de Corção na fundação de *Permanência*, grupo criado com o apoio do episcopado carioca e do regime militar.⁹

Após alguns anos, em 1975, passou a ser o diretor da revista *Permanência*, dividindo com Corção a tarefa de “esquematizar responsabilidades”, ou seja, culpabilizar os inimigos comunistas que morriam ou sofriam torturas por suas posições ideológicas, relativizando a questão e ocultando a verdade. “[...] O tema da liberdade de expressão constituía um produto restrito da direita” (PAULA, 2007, p. 177). Corção e Fleischman exerceram o papel de intelectuais da “ética da convicção”¹⁰ do catolicismo, cujo objetivo era preservar o valor universal, organizar e conduzir a sociedade:

⁷ <http://www.permanencia.org.br/drupal/node/996>. Acessado no dia 13 de março de 2016.

⁸ O Centro Dom Vital encerra suas atividades após uma contenda que existiu entre Alceu Amoroso Lima, representante do catolicismo social no país, e Gustavo Corção. A imagem de um Alceu progressista ocorre quando estava no Jornal do Brasil entre 1958-1983, onde se destacou por sua crítica aos governos militares. Dessa forma, oblatos da ordem de São Bento, Alceu e Gustavo entram em conflito e passam a defender posturas contrárias na imprensa durante a ditadura militar: “Alceu – um crente que abraçava teses progressistas – e o *Jornal do Brasil* se opondo ao governo de então. Gustavo Corção – amigo e, posteriormente, detrator de Alceu quando este se afastou do registro eclesial tridentino – e *O Globo* na defesa do regime” (COSTA, 2006, p. 247).

⁹ No jornal *O Globo* (17/08/1968) apareceu uma nota da fundação do grupo, que foi realizada no auditório do Ministério da Educação. O evento contou com a participação de membros do episcopado carioca, como Dom Jaime Câmara, e ministros do governo militar. Contudo, a revista só foi lançada em Outubro de 1968.

¹⁰ De acordo com Norberto Bobbio, são dois os aspectos fundamentais do problema da relação entre poder e responsabilidade relacionados à filosofia política: o primeiro diz respeito ao conceito de responsabilidade como dever de raciocinar sobre as consequências das próprias ações. Não há uma resposta se o intelectual age com base na ética da pura intenção ou com base na ética da responsabilidade. Com sua própria distinção típico-ideal entre intelectuais ideólogos (aqueles que fornecem princípios-guia, precisamente as ideologias, aos detentores do poder político atual) e intelectuais expertos (aqueles que fornecem conhecimentos técnicos), o autor especifica o

O intelectual católico, portanto, atua no mundo a partir de um ponto muito bem determinado, que restringe seus “lances”. A “autonomia” intelectual não escapa ao poder constituído do catolicismo. É este o imperativo que norteia o engajamento e subordina a política à moral. Ao fazê-lo, pretende depurar o mundo da política de seus elementos “impuros” e restabelecer o catolicismo como ética a orientar a natureza das ações humanas (PAULA, 2015, p. 11).

A análise do discurso de Corção e Fleischman dialoga com o catolicismo de seu tempo. Isso significou compreender a legitimidade por eles concedida pelo meio católico laico nacional e internacional, ao qual se filiaram como mediadores dos leigos. A partir de então, procurou-se desvendar as temáticas que acompanharam suas trajetórias: a relação com a hierarquia católica internacional, os embates entre os membros e instituições do progressismo e, no campo político, a defesa da ditadura-militar de 1964. Gustavo Corção, intelectual polivalente, passou a se dedicar exclusivamente à imprensa jornalística e, com Julio Fleischman, iniciou uma trajetória rica para a análise e compreensão de seus papéis como intelectuais católicos.

1.2 GUSTAVO CORÇÃO, JULIO FLEICHMAN E A HISTÓRIA DOS INTELECTUAIS

A *História dos Intelectuais* é um campo em constante renovação que procura uma redefinição da função dos intelectuais na sociedade (ALTAMIRANO, 2005). O estudo desses personagens, vinculado ao contexto político, permite que o historiador consiga compreender a real dimensão que os eventos políticos tiveram na vida dessas figuras em uma determinada comunidade. As manifestações dos intelectuais não refletem somente tensões e conflitos de uma realidade social, mas também revelam histórias de crises e paixões nacionais (SIRINELLI, 1990).

Por ser um campo historiográfico fluido e polissêmico, somente serão evocados os conceitos que trazem um real significado para a análise da trajetória de Gustavo Corção e Julio Fleischman. Primeiramente, os conceitos de *rede de sociabilidades* e de *geração* são importantes, pois os intelectuais em questão representaram instituições e organizações públicas e religiosas, atuando em lugares privilegiados, onde mediavam projetos culturais que tiveram grande impacto na vida social e política brasileira.

problema da responsabilidade dos intelectuais. Assim, cada tipo de intelectual deve obedecer a uma ética diversa: “os ideólogos à ética da convicção, os expertos à ética da responsabilidade” (Bobbio, 1997, p. 97).

Esses intelectuais fizeram parte do movimento integrista francês¹¹ (surgido no final do século XIX), composto por grupos católicos intransigentes quanto à modernidade política e social dentro da Igreja. Ligados ao pensamento *contrarrevolucionário* francês do século XVIII, esses pensadores integristas possuíram/possuíam em comum a forma romântica de pensamento, pois acreditavam em um modelo político ideal: o domínio cultural que a Igreja Cristã detinha na Idade Média. Por isso, combatiam princípios como a liberdade e a democracia, ideais oriundos do contexto filosófico e político do Iluminismo europeu (ROMANO, 1997).

Em síntese, esses pensadores conseguiram aproximar o pensamento católico intransigente e o nacionalismo integral francês. Nos anos iniciais do século XX, o campo intelectual desse país foi, predominantemente, composto pela direita católica nacionalista. A *Ação Francesa*, de Charles Maurras¹² (1868-1952), reuniu grande parte da juventude na França, oferecendo uma ideologia influenciada pelo pensamento católico, a qual dominou o terreno ideológico da época (MICHEL, 2009).

Ao contrário dos franceses, apenas na década de 1930 os intelectuais da direita nacionalista no Brasil passaram a compor o cenário político-ideológico do país. O surgimento dessa direita esteve ligado à crise da ordem liberal, representada pelo modelo político liberal-oligárquico do início da República. Entre 1930 e 1945, como representante dos intelectuais católicos no Brasil, o *Centro Dom Vital* alcançou relevância na construção da ideologia nacionalista brasileira, entusiasmada pelos ideais de Charles Maurras (BEIRED, 1999). Ao contrário do grupo *Permanência*, esse grupo católico era composto não só por membros que defendiam o pensamento integrista ou tradicionalista, mas também representantes do liberalismo burguês e do progressismo católico.

¹¹ Sobre o movimento integrista, em suas inúmeras confissões por meio do mundo, existem obras interessantes sobre seus aspectos teóricos como o artigo de Antônio Flávio Oliveira Pierucci: *Fundamentalismo e integrismo: o nome e as coisas*. *Revista da USP*, nº 13, 1992. Sobre a atuação do integrismo católico, diversos especialistas do campo historiográfico escreveram sobre o movimento e suas relações com a categoria dos intelectuais como Jean-François Sirinelli, René Remond e Émile Poulat. Especificamente sobre o integrismo brasileiro, um livro pioneiro que descreveu a atuação do movimento no Brasil na década de 1970 foi do padre francês Charles Antoine com o livro *O Integrismo Brasileiro*. RJ: Civilização Brasileira, 1980. Apenas recentemente surgiram trabalhos historiográficos sobre o movimento integrista católico durante o regime militar.

¹² Charles Maurras (1868-1952), jornalista e poeta francês, foi um dos representantes franceses dos contrarrevolucionários europeus do século XVIII. Sua importância encontra-se no fato de ter sido a primeira referência teórica dos intelectuais latino-americanos a respeito do pensamento francês. Era defensor de um nacionalismo francês antissemita e antimoderno e líder da *Ação Francesa*. Seu pensamento atravessou o atlântico chegando aos intelectuais da direita nacionalista no Brasil e na Argentina no decorrer da década de 1920. Nesse período, o pensamento do integrista francês influenciou Jackson de Figueiredo (Brasil) e Tomás Curre (Argentina). Após a II Guerra Mundial, o pensamento maurrasiano influenciou Gustavo Corção (Brasil) e Julio Meinville (Argentina), (COMPANGON, 2009).

Quanto ao pensamento maurrasiano na América Latina, Jackson de Figueiredo, líder do *Centro Dom Vital*, foi um dos maiores estudiosos do intelectual francês. Percebe-se, portanto, uma das características do conceito de *redes de sociabilidades*: o contato de pensadores católicos da América Latina com o pensamento integrista francês. A partir dessa influência, foram-se formando centros de estudo e revistas, como na Argentina, o centro de *Cursos de la Cultura Católica* (1922), a *Circular informativa de los Cursos dela Cultura Católica* (Buenos Aires, 1922-1973), com membros como Alberto Molas Terán, Julio Meinvielle, Leonardo Castellani e Juan R. Sepich (COMPAGNON, 2009).

Constatou-se que essa direita católica, formada por laços de *sociabilidade* no Brasil e exterior, a partir dos anos de 1950, passou por uma profunda crise com o surgimento do progressismo católico internacional. No Brasil da década de 1960, essa direita nacionalista, estruturada na figura de Gustavo Corção, rompeu com esses setores progressistas passando a atacá-los. Com isso, uma *geração* de pessoas fomentou e defendeu um discurso anticomunista e antiprogressista, o que representou a polarização política e religiosa que existiu na nação entre os grupos sociais e políticos antes do regime militar de 1964.

Nota-se que é pertinente a aplicação do conceito de *geração* para o estudo de grupos dos quais Gustavo Corção e Julio Fleichman fizeram parte. Seus membros partilharam paixões, angústias e sentimentos em função dos eventos históricos da época. Os episódios que mais frequentaram as produções discursivas desses intelectuais estiveram relacionados a fatos políticos e religiosos, como o *Concílio Ecumênico Vaticano II*, as *Conferências Episcopais* realizadas em *Medellín* (1968) e depois em *Puebla* (1979), a *Teologia da Libertação* na América Latina, a “Revolução Militar” de 1964, os movimentos armados de esquerda no mundo, entre outros.

Sobre o conceito de *intelectual* e sua importância para o desenvolvimento deste trabalho, encontra-se em voga no campo das humanidades a ideia de *mediador cultural*, compreendido como um comunicador de ideias, sempre conectado com grupos que dialogam com seu tempo. Existem definições que entendem o intelectual como uma figura que tem por dever a defesa de valores universais, como a verdade e a liberdade (SAID, 2005), outras consideram os intelectuais como um grupo privilegiado da sociedade que defende padrões imutáveis de verdade e justiça (BENDA, 1941). Assim, Corção e Fleichman se apresentaram como os portadores da consciência da nação e intérpretes mais habilitados da alma nacional brasileira e autoritária. Eles se colocavam acima de partidos ou ideologias, em nome de uma teologia moral. Por isso, o conceito de *mediador cultural* serve a uma definição mais precisa da função histórica de Gustavo Corção e Julio Fleichman como intelectuais católicos. A

noção se aplica aos agentes que fazem a ponte entre dois sistemas culturais distintos, como fizeram os intelectuais com a construção de discursos sobre o Brasil ditatorial internacionalmente, sobretudo na França (SOARES, 2002).

A transmissão desses discursos não foi neutra, sendo necessário observar o comprometimento desses intelectuais com um projeto político (no caso, mediadores/arautos do regime militar) e com círculos de sociabilidades (amizades com membros do governo, com a elite carioca da direita, com os integristas franceses da revista *Itinéraires* e do grupo integrista *Office International*).

Percebeu-se em Corção e Fleischman o papel de transmissores culturais, também denominados *intelectuais mediadores*. Estes teriam a função de conduzir um código cultural para outro lugar, sem nada transformar criativamente (GOMES e HANSEN, 2016). Apesar da erudição de Gustavo Corção, escritor hábil, sendo comparado a Machado de Assis pelos intelectuais franceses, tanto ele quanto Fleischman reproduziram discursos comuns entre os grupos da direita brasileira do período. São visões deformadas e dissonantes sobre o regime militar e a realidade do Brasil no exterior, que negam de fato o que aconteceu no país em relação às violações dos direitos humanos.

Por fim, o último conceito proveniente da *História dos Intelectuais* é o de *transmissões* ou *mediações culturais*, que será aplicado no terceiro capítulo. Essas *mediações* geralmente envolvem projetos de poder de grupos dominantes que objetivam: “[...] o espraiamento das ideias e valores que defendem pela sociedade mais ampla”. O que foi produzido pelos intelectuais no exterior se enquadra na ideia de “memórias coletivas”, que auxiliam na formação da identidade de uma nação. Essas memórias são fixadas como tatuagens nas práticas e no cotidiano de indivíduos em uma sociedade, que as reformulam a sua maneira de acordo com as suas experiências (GOMES e HANSEN, p. 28).

Considera-se, portanto, Gustavo Corção e Julio Fleischman como verdadeiros “guardiões da memória” social, os quais se dedicaram a produzir relatos memoriais por meio de seus escritos jornalísticos, trazendo à tona representações de eventos nacionais no ambiente cultural francês. De certa forma, foram artigos que comunicaram algo ao público, forjando notícias sobre o que se passava no Brasil. Contudo, são representações que tocaram os indivíduos que conviveram em uma mesma atmosfera histórica internacional, mas de maneiras e vivências específicas, únicas.

Como exemplo tem-se a França de 1975, que não era governada por nenhuma ditadura militar, verificada em alguns países da América Latina. Mas os grupos da direita católica francesa não se achavam representados nesse regime democrático e nem nos movimentos

progressistas da Igreja pós-Maio de 1968. Entende-se, portanto, que os eventos que ocorreram em 1968 foi a confluência histórica que possibilitou a aproximação entre os grupos do Brasil e da França. Foram acontecimentos em que a direita católica francesa reagiu por não aceitar o progressismo e a esquerda em suas manifestações política, cultural e religiosa. Sendo assim, acredita-se que os leitores franceses se apropriaram de visões e opiniões a partir do que eles liam e ouviam de Gustavo Corção e Julio Fleischman na revista *Itinéraires* e nos Congressos do *Office*. O momento autoritário que viviam o Brasil e outros países da América Latina foi apresentado e reelaborado pelos leitores dos intelectuais brasileiros na França.

Dessa maneira, as operações de *mediação cultural* trazem o seguinte questionamento ao historiador: como lidar com a criação de um terceiro código cultural, resultado do cruzamento de culturas e visões diferentes, mas que se convergem em algo novo? É um desafio reflexivo que pode ser encontrado em artigos que os integristas franceses escreveram sobre os intelectuais cariocas, nas seções de correspondência da revista *Itinéraires* e nos prefácios das obras literárias de Corção que foram traduzidas ao público francês durante a década de 1980.

1.3 REDES, CIRCUITOS E SOCIABILIDADES: O GRUPO PERMANÊNCIA E O ACERVO DE GUSTAVO CORÇÃO

No consenso entre os estudiosos do campo da *História dos Intelectuais*, o conceito de *rede social* seria um conjunto delimitado de seres – indivíduos, grupos, instituições e organizações – que compartilha angústias e situações de um mesmo contexto histórico, sobre influência de eventos nacionais ou internacionais. Como possui uma característica estrutural (BOURDIEU, 1992), seus suportes materiais são estruturas em si mesmas, que se nutrem de práticas culturais dos comportamentos coletivos de um determinado grupo de indivíduos entrelaçados sentimentalmente e psicologicamente por uma mesma atmosfera histórica.

Para a compreensão do conceito de redes é de fundamental importância o estudo de revistas publicadas por um grupo, como também as trajetórias individuais de seus membros mais influentes por meio de um estudo aprofundado sobre suas correspondências, as quais podem revelar as características essenciais desse grupo (GONZALES, 2016). Podem-se descobrir vínculos estabelecidos entre os intelectuais de espaços diferentes a partir de questões que os afligiram em determinado contexto, como o medo da “subversão” comunista ou do pensamento moderno. Por esse motivo, as *redes* aspiram ser transnacionais e sua

especificidade deve ser analisada no fluxo geral das circulações dessas ideias, como no caso do grupo *Permanência*:

Há um acordo tácito de que as redes intelectuais, ainda que pequenas, são sempre transnacionais, para superar de alguma forma a imposição do campo político quase indiscutivelmente associada ao poder do Estado-nação, encontrando em sua capacidade de estabelecer contatos estrangeiros uma legitimidade que eles não podem alcançar em seu lugar de origem.¹³

Para identificar esses laços de amizades e de camaradagens criados entre os intelectuais integristas franceses e brasileiros, a catalogação dos grupos, revistas e intelectuais encontrados na revista *Permanência* tornou-se essencial, como também o levantamento e a classificação das correspondências de Gustavo Corção. Com a análise desse conjunto de documentos foi possível reconhecer uma *rede* de pessoas que compartilhavam os discursos jornalísticos de Gustavo Corção e Julio Fleischman em suas jornadas na Europa. Assim, foram apresentadas as relações do campo integrista católico internacional durante as décadas de 1970 e 1980, em que ideias e práticas serviram de combustível para a crítica dos dois atores históricos em estudo.

1.3.1 Parceiros do grupo *Permanência*

Para a tarefa de identificar os parceiros de combate ao pensamento moderno, procurou-se catalogar a revista *Permanência* dos seus anos iniciais até o fim do governo do presidente Médici (1968-1974). Esse foi o momento de apogeu do grupo carioca, pois recebeu o apoio financeiro do Ministério da Educação e da Cultura,¹⁴ que tinha como membros do Conselho Federal o próprio Gustavo Corção e Gladstone Chaves de Mello.¹⁵ Após esse

¹³ Tradução livre do autor. No original: “Existe un acuerdo tácito de que las redes intelectuales, por más pequeñas que sean, siempre son transnacionales, para superar de algún modo la imposición del campo político asociado casi indiscutiblemente al poder del Estado Nación, al encontrar en su capacidad de establecer contactos extranjeros una legitimidad que no pueden alcanzar en su lugar de origen” (GONZÁLEZ, 2016, p. 14).

¹⁴ No número 07 da revista *Permanência* (Abr. de 1969) existe a seguinte nota: “nossa organização é de reconhecida utilidade pública (decreto federal nº 63.414 de 11/10/1968). Assim, todos os donativos e mensalidades para *Permanência* podem ser descontados no imposto de renda” (p. 64-65). E, a partir do número 30 da revista *Permanência* tem-se a seguinte nota: “Beneficiária do *Plano Nacional de Cultura*, convênio assinado com o *Ministério da Educação e Cultura – Conselho Federal de Cultura*”.

¹⁵ No acervo que se encontra na *Biblioteca Nacional de História* do Rio de Janeiro há uma carta de Gustavo Corção ao presidente militar da época, Costa e Silva, e que data do dia 20 de janeiro de 1968. Ela solicita a nomeação de Gladstone Chaves de Mello para o *Conselho Federal de Educação*. Gladstone foi um participante ativo da revista *Permanência*, sendo um dos membros da elite civil-militar ligado a Corção e Fleischman.

período, as publicações de *Permanência* passaram a ter um número reduzido e, em muitas revistas posteriores, o *Conselho Redacional* foi composto apenas por Julio Fleichman. Além disso, foi a partir de 1975 que os intelectuais cariocas dedicaram grande parte dos seus esforços à trajetória internacional, o que justifica o recorte até 1974.

Os membros que escreveram a maioria dos artigos publicados e que redigiram os conteúdos que não levavam assinatura são: Maria Graça Carvalho Pierotti¹⁶, o jornalista Sileno Ferreira da Costa, Gladstone Chaves de Melo, o jornalista do *Correio da Manhã* (RJ, 1901-1974) Paulo Rodrigues, Gabriel Chaves de Melo¹⁷, Maria de Lourdes Ganzarolli de Oliveira, a professora da UFRJ Helena A. P. Fraga, Martha Soares dos Santos, Antônio Chaves de Melo, Dom Odilão Moura, além de Julio Fleichman e Gustavo Corção. A participação no *Conselho de Redação* nunca foi fixa, e seus membros se revezaram bastante até o ano de 1974. Os convidados ou colaboradores não oficiais eram os principais membros dos grupos do integrismo católico internacional. No quadro abaixo,¹⁸ foram destacados em negrito seus nomes, possibilitando visualizar a composição de uma parte dessa rede do integrismo internacional por meio dos seguintes nomes:

Quadro 1 – Colaboradores não oficiais de <i>Permanência</i> (1968-1974)			
Intelectuais	Quantidade de Artigos	Intelectuais	Quantidade de Artigos
Pe. José da Frota Gentil, S.J.	13 artigos	Henri Caffarel	01 artigo
Cônego Ludovico Rosano	10 artigos	Nuno Veloso	01 artigo
Marcel Clément	07 artigos	Fausto Gianfranceschi	01 artigo
Pe. Paulo Banwarth, S.J.	06 artigos	Louis Salleron	01 artigo

¹⁶ Maria Graça Pierotti foi uma importantíssima figura do grupo *Permanência*. Seu nome está estampado em quase todos os sumários das revistas analisadas. No acervo de Gustavo Corção, há inúmeras cartas de intelectuais franceses e brasileiros dirigidos a ela. Ela esteve junto à família de Corção quando o encontram sem vida na cama em sua casa do bairro Cosme Velho, no Rio de Janeiro.

¹⁷ Gabriel Chaves de Melo participava da política do estado do Rio de Janeiro e era um dos membros do *Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais* (IPÊS). Também era ativista do *Instituto Brasileiro de Ação Democrática* (IBAD) de caráter anticomunista. Foram instituições que cumpriram um papel de expansão da ideologia de direita, preparando o golpe de 1964, com um papel similar ao hoje desempenhado pelas redes sociais que espalham Fake News e elegem presidentes. As notícias falsas espalhadas pelo IBAD na imprensa ajudaram muito os golpistas de 1964. Quanto ao Gabriel, ele era irmão de Gladstone e Antônio. Nota-se a ligação de Gustavo Corção com a família Chaves de Melo.

¹⁸ Foram utilizados quadros de análises para auxiliar a exposição dos dados referentes às fontes documentais desta pesquisa. Os quadros menores, de uma página, ficaram no corpo do texto. Os outros quadros ficaram expostos na parte I do Anexo.

Pe. Félix Pereira de Almeida, S.J.	06 artigos	Irving Shelton	01 artigo
Pe. Luiz Gonzaga da Silveira D'Elboux, S.J.	04 artigos	Cônego Bueno Siqueira	01 artigo
Cardeal Jean Danielou	03 artigos	Jean Madiran	01 artigo
Hélio Drago Romano	03 artigos	Fr. Antonio de Lugo, O.S.B.	01 artigo
Maria Angélica de Souza Bruno	03 artigos	Pe. André Richard	01 artigo
Hermann M. Gorgen	03 artigos	Wladimir D'Ormesson	01 artigo
Paulo Chaves de Melo	03 artigos	Pe. Afonso Rodrigues, S.J.	01 artigo
Tadeu Rocha	03 artigos	Etienne Malnoux	01 artigo
Marcel de Corte	03 artigos	D. Clemente José Carlos Isnard, O.S.B.	01 artigo
Cardeal Charles Journet	03 artigos	Job Freire	01 artigo
Dom Jaime Câmara	03 artigos	J. Bigotte Chorão	01 artigo
Cardeal Newman	03 artigos	Thomas Molnar	01 artigo
Lúcia Beneditti	03 artigos	Pe. Dulac	01 artigo
Dom Tomas Keller, O.S.B.	03 artigos	Ana Luiza Fleischman	01 artigo
Fr. Paulus (Papa)	02 artigos	Pe. Paulo Avelino de Assis	01 artigo
Antônio da Cruz Rodrigues	02 artigos	João Bosco Prolla	01 artigo
Edith Delamare	02 artigos	Maria José Martins Rodrigues	01 artigo
Dom Vicente Scherer	02 artigos	Luiz Delgado	01 artigo
Rachel de Queiroz	02 artigos	R. – Th. Calmel O. P.	01 artigo
Alexandre Franco	02 artigos		
Edgard Siqueira Campo	01 artigo		
Bernard Fay	01 artigo		
Jose Fernando carneiro	01 artigo		

Fonte: Revista *Permanência* (1968-1974)

O quadro é composto por 49 nomes, sendo que os representantes do movimento tradicionalista católico brasileiro somam 30. Desses, 16 são laicos, com destaque para Hélio Drago Romano e Paulo Chaves de Mello, ambos com três artigos publicados. Entre os representantes do clero, estão o padre José da Frota Gentil, com 13 artigos, e o cônego Ludovico Rosano, com 10 artigos. Além deles, outros dois representantes da hierarquia católica que apoiaram a instalação do regime militar escreveram na revista *Permanência*,

Dom Jaime Câmara e Dom Vicente Scherer, com três e quatro publicações respectivamente¹⁹.

Os representantes do integrismo internacional somam 19 nomes. Do campo integrista francês são 13 nomes, sendo os principais colaboradores: Marcel Clément, o redator chefe de *L'Homme Nouveau* (Paris, 1946-até hoje), liderando com sete publicações, seguido pelo cardeal Jean Daniélou (especialista do Concílio Vaticano II) e pelo belga Marcel de Corte, o colaborador de *Itinéraires* e de *La Nation Française* (Paris), com três artigos cada. Grande representante do integrismo francês e colaborador de *Itinéraires*, o padre Roger Thomas Calmel teve uma publicação, enquanto Jean Madiran teve um artigo publicado no periódico *Permanência*.

Existem outros cinco nomes, sendo dois portugueses: Antônio da Cruz Rodrigues (membro do *Office International*), com dois artigos, e João Bigotte Chorão, com um artigo. Nesse grupo, também se encontram os ingleses: cardeal Newman, com três artigos, e Irving Shelton, com um artigo publicado. Por último, o italiano Fausto Gianfranceschi, escritor, jornalista e colaborador do cotidiano *Il Tempo* (Roma, 1944-até hoje).

O interessante foi constatar o papel representado pelos intelectuais do integrismo internacional na revista *Permanência*. Os artigos, em sua maioria, são críticas profundas, de viés teológico, contra o progressismo católico e sua atuação na Europa. Existem também artigos que tratam do *anticomunismo* ou de questões mais políticas e econômicas. Mas o que se sobressaiu na análise dessas fontes foi a escolha por parte do grupo *Permanência* de artigos que combatiam a “Outra Igreja”, insurgente após o *Concílio Vaticano II*. Como exemplo, entre os principais intelectuais franceses que tiveram seus artigos publicados em *Permanência*, segue o quadro 2 que indica os textos escritos pelo editor chefe de *L'Homme Nouveau*:

Quadro 2 – Artigos de Marcel Clément	
Números de <i>Permanência</i>	Seção Artigos
Nº11/12 (Ano II) Agosto/Setembro de 1969	- A “ <i>Opinião Pública</i> ” e a <i>Verdadeira Igreja</i>
Nº14 (Ano II)	- A <i>Revolução Cultural</i>

¹⁹ Os dois fizeram parte da ala integrista da Igreja no Brasil. Dom Jaime Câmara apoiou as *Marchas* que ocorreram em favor do golpe de 1964, além de influenciar a transferência de Dom Hélder Câmara para arquidiocese de Olinda e Recife. Com o fim do mandato de Dom Hélder na CNBB como secretário-geral, quem assumiu a presidência foi uma equipe mais reacionária, com Dom Agnelo Rossi na chefia e Dom Vicente Scherer na organização dos leigos.

Novembro de 1969	
Nº 19 (Ano III) Abril de 1970	- <i>Uma Voz Insubmissa</i>
Nº 20 (Ano III) Mai de 1970	- “ <i>As portas do inferno não prevalecerão contra ela</i> ”
Nº 25 (Ano III) Outubro de 1970	- <i>Socialismo Humano?</i>
Nº 36/37 (Ano IV) Setembro/Outubro de 1971	- <i>Padres Casados</i>
Nº 48 (Ano V) Outubro de 1972	- <i>O Segundo Concílio Vaticano e o Senso da História</i>

Fonte: Revista *Permanência* (1968-1974)

Enquanto no Brasil a Igreja Católica se deparou com problemas de perseguições políticas e torturas por parte do regime militar contra membros dos setores progressistas da instituição, o clero francês lidou com grupos progressistas que questionavam os valores culturais e tradicionais da sociedade e da própria instituição. Foram comportamentos e condutas que seguiram a tendência contracultural da época, como a questão da legalização do aborto, da emancipação feminina, das novas formas de espiritualidade e da questão do celibato (o “calcanhar de Aquiles” da Santa Sé).

Os dois últimos artigos que estão no quadro 2 são exemplos da forma como o pensamento integrista discutia essas “novidades protestantes”. No artigo *Padres Casados*, o católico francês acreditava ser uma ilusão permitir o sacerdócio de homens casados, ideia defendida pelo grupo de padres *Échanges et Dialogue*. Usando as próprias palavras do Papa Paulo VI, que era contra o matrimônio de padres, Marcel Clément acreditava que a ordenação de homens casados não aumentaria o número de sacerdotes na Igreja, referindo-se à crise de vocações pela qual passava a Igreja durante a década de 1970 no âmbito internacional. O intelectual católico, em sintonia com o discurso integrista sobre a existência de um complô da esquerda mundial, tinha a plena convicção de que todas essas contestações da “ordem tradicional” foram frutos do *Concílio Vaticano II*, e escreveu no artigo *O Segundo Concílio Vaticano e o Senso da História* que o evento foi manipulado pelos setores da “Outra” Igreja, revertendo o sentido da história cristã e do próprio conteúdo do Concílio:

Por isso tentar definir o Concílio Vaticano II quanto ao senso da História, ao senso cristão da História, é na verdade tentar alguma coisa de realmente difícil. Tenho disso plena consciência. Devemos ser absolutamente fiéis aos textos do Concílio. Mas devemos dissociá-los, ou antes, dissecá-los com sutileza de tudo aquilo que envolve este Concílio. Como disse com razão o

Cardeal Renard, temos que distinguir aquilo que o Concílio disse daquilo que se disse no Concílio e aliás também daquilo que se diz do Concílio!²⁰

Outros parceiros que foram identificados na análise da revista *Permanência* foram os grupos formados em torno de revistas, jornais e, inclusive, programas de rádio que tiveram suas notícias publicadas em outras seções da revista carioca, em notas rápidas ou na seção de documentos. Estruturalmente, a revista *Permanência* se divide em cinco partes: 1) *Editorial*: é o primeiro artigo das edições e escrito pelo grupo do *Conselho Redacional* da revista. Seus membros eram itinerantes e sempre se revezavam no comando da redação; 2) *Artigos*: sempre compostos pelos principais artigos escritos por colaboradores e convidados. Incluía também artigos e estudos que saíam nos principais jornais do país e nas revistas internacionais do integrismo internacional; 3) *Janelas*: são notas rápidas inseridas após o final de um artigo. No geral, eram notícias ou comentários do artigo abordado anteriormente; 4) *Documentos*: onde eram publicado documentos pontifícios relativos aos dogmas da Igreja Católica Romana; 5) *Correspondência*: cartas de fiéis do mundo todo que sempre elogiavam a revista (SOUZA, 2012). No geral, “esses parceiros” eram os principais intelectuais e grupos do integrismo internacional, mas as publicações na revista *Permanência* contavam também com trechos de notícias dos principais intelectuais e grupos representantes da esquerda comunista e do progressismo católico, sendo criticadas e atacadas na revista carioca.

No quadro três estão descritos 57 periódicos pertencentes aos grupos da imprensa católica e laica, na esfera nacional e internacional. Esse quadro revela a quantidade de grupos do exterior que tiveram suas publicações citadas na revista *Permanência*, com 31 representantes. Quanto aos grupos que fizeram, e ainda fazem parte da imprensa brasileira, foram 26 grupos citados. Os grupos jornalísticos que se destacaram nessa análise foram *O Globo*²¹, de Roberto Marinho, e *O Estado de S. Paulo*²², respectivamente com 25 e seis

²⁰ *Permanência* (Out. de 1972, p. 20).

²¹ *O Globo*, jornal diário de notícias sediado no Rio de Janeiro, foi fundado em 29 de Julho de 1925 e é parte integrante das *Organizações Globo*, que inclui a Rádio Globo e a Rede Globo de Televisão. Funcionou como jornal vespertino até 1962, quando se tornou matutino, e foi um dos jornais de maior tiragem do país no período ditatorial. As *Organizações Globo* souberam se modernizar, tecnologicamente e administrativamente, para enfrentar a nova lógica imposta pelos fatores políticos e econômicos da época. Seu sucesso foi graças à ligação com o regime militar. A partir de subsídios, a empresa foi construindo uma estrutura de inegável eficiência técnica e administrativa. Além disso, foi fundamental para o grupo a montagem, através da Embratel, de uma infraestrutura que permitiu a emissora expandir-se e tornar-se a maior rede de televisão do Brasil. À medida que se consolidou a TV, o jornal e os outros veículos do grupo se fortaleceram (RIBEIRO, 2006).

²² Anteriormente denominado *A Província de São Paulo*, o jornal *O Estado de S. Paulo* foi fundado em 4 de Janeiro de 1875. Com base nos ideais de um grupo de republicanos, destacou-se como um dos principais jornais do Estado e foi o pioneiro em venda avulsa no país.

publicações. O que explica o grande número de publicações reeditadas em *Permanência* do jornal carioca seria o fato de Corção ter sido colunista do jornal. Outros jornais que tiveram artigos republicados na revista *Permanência* foram o *Jornal do Brasil*²³, com quatro publicações, e o jornal *Estado de Minas* (Belo Horizonte, 1928-até hoje), com duas publicações. Quanto aos periódicos católicos do Brasil, as revistas mais referenciadas foram todas de viés progressista. Seus textos foram utilizados para atacar a Igreja Pós-conciliar. A *Revista Eclesiástica Brasileira* (SP, 1941-até hoje), com 20 publicações e a editora *Vozes* (Petrópolis, 1901-até hoje), com duas citações²⁴.

Foi expressivo o número de revistas francesas que apareceram na análise, com 15 citações no total. São periódicos que fazem parte da imprensa laica e católica do país, especialmente em Paris. Apesar da proximidade entre os membros dos grupos *Permanência* e *Itinéraires*, foram 13 publicações da revista *L'Homme Nouveau* e oito da revista dos amigos franceses. Entre as publicações da imprensa laica, destacaram-se *Le Monde* (Paris, 1944-até hoje) e *Le Figaro* (Paris, 1826-até hoje), e da imprensa católica progressista as representantes foram a *Revue de la Presse Internationale* e *Informations Catholiques Internationales* – *IDOC*²⁵.

Outros sete países, representados no quadro três, tiveram publicações na revista *Permanência* de grupos da imprensa católica e laica: Itália, Espanha, Portugal, Argentina, Chile, URSS e Estados Unidos. É notável o grande número de participações de membros ou

²³ O *Jornal do Brasil* foi fundado em 1891 por Rodolfo Dantas. Foi um tradicional jornal brasileiro publicado diariamente na cidade do Rio de Janeiro e impresso até setembro de 2010, quando se tornou exclusivamente digital.

²⁴ A Revista *Vozes*, publicada pela editora *Vozes* de Petrópolis, pertence à Ordem dos Franciscanos. A *Revista Eclesiástica Brasileira* (REB) foi fundada em 1941 por Frei Thomás Borgmeier, e é editada pelo *Instituto Teológico Franciscano* de Petrópolis, em parceria com a editora *Vozes* e a Universidade São Francisco, de Bragança Paulista. Contudo, vale destacar que as duas revistas, em suas origens, foram as responsáveis pelo combate à modernidade, ao comunismo e a democracia. Suas editoras publicaram obras de vários contrarrevolucionários europeus, como a obra do espanhol Dono Cortés, pela editora *Vozes*. Posteriormente, elas mudaram sua linha, mas nem sempre foram “progressistas”. O que importa destacar é que no período reacionário da *Vozes* e da *REB* coincidiu com a presença dos integristas que pertenceram ao *Centro Dom Vital*. Quanto a *REB*, de 1952 a 1971, com Frei Boaventura Kloppengurg, OFM, à sua frente, caracterizou-se pela defesa da fé católica e pela divulgação dos ideais do Concílio Vaticano II. Já de 1972 a 1986, com Frei Leonardo Boff em seu comando, veiculou as intuições básicas da Teologia da Libertação.

²⁵ Os religiosos e jornalistas que escreveram na *Documentação sobre o Concílio* (DO-C), durante o Concílio Vaticano II, e no *Centro de Coordenação das Comunicações sobre o Concílio* (CCCC), fundaram o centro de *Informação e Documentação relativa à Igreja Conciliar* (IDOC) em dezembro de 1965. Sua função específica consistia em copilar e distribuir documentações acerca dos efeitos estruturais e teológicos do Concílio Vaticano II. Essa documentação não é apresentada ao público em geral, mas se destina para especialistas das ciências sociais relacionados com os assuntos da Igreja e com os meios de comunicação social. Em relação ao IDOC e a Igreja pós-Conciliar, ela possuía organizações espalhadas no mundo todo, inclusive no Brasil.

reedições de artigos de grupos do integrismo europeu na revista *Permanência*, mas também existiram publicações de artigos da imprensa laica e progressista internacional no periódico.

Contudo, o interessante foi destacar a representação do movimento integrista francês na revista carioca. São nove grupos do campo católico desse país que participaram da construção discursiva (ideias, textos e opiniões) dos intelectuais em estudo a partir de elementos e práticas que retratavam a crise vivida pela Igreja Católica francesa no plano moral cristão. Observou-se que o integrismo francês influenciou o pensamento integrista brasileiro mediante teorias e críticas religiosas, visto que no Brasil existiam mais pensadores e teólogos do progressismo católico, como Alceu Amoroso Lima e Leonardo Boff, apesar dos intelectuais não integrarem o mesmo campo progressista.²⁶ Como o pensamento integrista brasileiro era representado apenas por Gustavo Corção e Julio Fleischman, se buscou representatividade na trama internacional da rede integrista católica.

1.3.2 As Sociabilidades: o acervo de Gustavo Corção

O acervo documental de Gustavo Corção foi cedido à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro por vontade de sua viúva, Hebe Corção, em Outubro de 1992.²⁷ O material está registrado e catalogado no sistema on-line do site da Biblioteca, em um total de 3.448 documentos. Esse acervo não se encontra microfilmado ou digitalizado. Porém, existe o resumo de cada correspondência e a oferta, por parte da instituição, de um serviço que cobra por cada documento digitalizado, de acordo com a vontade do pesquisador. No caso da documentação de Corção, o arquivo encontra-se protegido pela lei dos direitos autorais, tornando-se domínio público apenas em 2058.

No caso da pesquisa, interessou-se pelo material intitulado: *documento textual* com 3.380 documentos. Encontram-se nesse material: cartas, diplomas, ofícios, telegramas, cartas dirigidas ao grupo *Permanência* e recortes de jornais e revistas enviados ao escritor por pessoas que lhe informavam sobre a crise da Igreja em âmbito nacional e internacional. Desse modo, foram catalogados os principais remetentes do clero e do laicato católico internacional que escreveram para Corção, além das documentações que revelaram a proximidade de

²⁶ O primeiro era um pensador do conservadorismo que, por integridade intelectual e moral, assumiu valores democráticos sem se tornar alguém de esquerda.

²⁷ No acervo de Corção existe a carta (nº 131 - 31,01, 010) do dia 06/10/1992, que foi escrito por Julio Fleischman ao diretor da *Biblioteca Nacional* do RJ na época, Olímpio José Garcia Matos. A carta pediu a autorização para encaminhar a documentação para o acervo da instituição.

Corção com a cúpula dos militares. Foi estabelecido um recorte temporal que vai do ano de 1964 a 1978, o qual revelou a existência de 2.017 documentos.

Essas fontes representam uma sólida *arquitetura de correspondências*, responsável por engendrar a militância intelectual de Gustavo Corção. Uma parte desse acervo são cartas com recortes de notícias ou trecho de livros sobre o movimento progressista. Tais cartas conectavam Corção com os assuntos ligados à crise interna que acometeu os grupos da Igreja Católica internacional e com os episódios políticos do regime militar. Encontraram-se religiosos e leigos do mundo todo que fizeram parte desse sistema de informações via correspondência e que informavam e direcionavam o intelectual aos seus ataques jornalísticos na imprensa.

O quadro abaixo foi organizado da seguinte maneira: no sentido vertical, encontram-se os nomes dos remetentes de Corção em ordem alfabética, e, no sentido horizontal, os anos em ordem crescente. Devido à grande quantidade de nomes que apareceram no quadro, formou-se um conjunto de 62 páginas, que se encontra na parte dos anexos dessa tese (Parte III). Ao todo, essa documentação foi agrupada e separada a partir de oito temas principais:

- a) Cartas e telegramas que parabenizam, agradecem e elogiam Corção pelos artigos escritos em *O Globo*, *O Estado de São Paulo*, *Permanência* e *Itinéraires*. São 504 correspondências que o engrandecem por sua militância a favor do tradicionalismo católico e pela luta contra o movimento moderno.
- b) Assuntos particulares: desejo de boas festas, prêmios literários ou assuntos que não são ligados à temática do trabalho: sobre o método Montessori, correção de trabalhos e até uma carta sobre a Opus Dei. Entre os documentos com essas características, encontram-se 461 correspondências.
- c) Assuntos relacionados ao trabalho: cartas com recortes de jornais e revistas, envio de livros (ou comentários a seu respeito), pedido de renovação de assinaturas por parte de ilustres colegas e religiosos e sugestões de temáticas para artigos futuros. Foram 147 correspondências catalogadas.
- d) Cartas que criticam o pensamento moderno e os intelectuais contrários ao pensamento reacionário de Gustavo Corção, principalmente seu posicionamento duro e ríspido na imprensa em relação aos seus “inimigos”. Ao todo, somam-se 266 correspondências com essas características.
- e) Assuntos relacionados à liturgia católica. Nessa categoria, encontram-se 85 cartas, em sua grande maioria de bispos que respondem à carta de Gustavo Corção sobre a

importância de se comemorar a festa de São Pio XI (1966), considerado o papa integrista no mundo católico.

- f) Correspondências com assuntos relacionados ao regime militar. Nessa categoria, tem-se 28 cartas, com documentações que comprovam o envolvimento de Corção junto à cúpula do governo.
- g) Correspondências relacionadas ao movimento integrista internacional. São 74 documentos que abordam assuntos de viagens internacionais, encontros entre os membros dos grupos *Itinéraires* e *Permanência*, correspondência de artigos a serem publicados, conversas pessoais e comentários relacionados ao mundo integrista.
- h) Cartas que abordam assuntos de momentos políticos da esfera nacional e internacional. São 33 correspondências que, em sua maioria, retratam o momento histórico dos espanhóis, portugueses e chilenos.

Desse agrupamento, as documentações que se tornaram referências para a compreensão dessas *redes de solidariedades* são as das temáticas (f) e (g), pois revelam os laços que existiram entre a elite civil-militar, os membros do integrismo internacional e Gustavo Corção. Entretanto, existem correspondências de outras categorias que ajudaram a compor a tese. O quadro quatro, apresenta os principais correspondentes de Gustavo Corção, seus “companheiros de luta”. São pessoas que mantiveram contato com o intelectual nos últimos anos de sua militância católica e dividiram com ele o sofrimento decorrente dos episódios pelos quais passava a Igreja Católica.

De todos os documentos analisados do acervo de Gustavo Corção, a maior parte das cartas e dos telegramas foi enviada uma única vez e essa documentação corresponde à categoria (a): elogios e agradecimentos ao intelectual por sua militância católica. Aqueles que enviaram mais de cinco cartas a Corção tiveram seus nomes inseridos no quadro quatro, em um total de 29 pessoas que se correspondiam com o intelectual.

Desses nomes, destacaram-se cinco brasileiros: Max Basile²⁸, com 27 cartas, Armando Dias do Azevedo²⁹, com 19 cartas, Ernest Fromm³⁰, com 11 cartas e Gladstone Chaves de

²⁸ Max Basile foi um colaborador da revista *Permanência* e grande amigo de Gustavo Corção. Eles se corresponderam de 1969 até 1978. Eram cartas desejando felicidades ao intelectual em dias de festas. Não há muitas informações a respeito sobre sua vida.

²⁹ Nascido no Rio Grande do Sul e graduado em direito, Dias de Azevedo foi fundador dos *Institutos dos Advogados* do RS (1926) e fundador do curso de Direito da Faculdade de Porto Alegre.

³⁰ Diretor da Livraria e da Editora *Agir*. Gustavo Corção firmou uma parceria de sucesso com Ernest Fromm com a maioria de seus livros editados pela casa de edição. Foi ele quem apostou no sucesso do primeiro livro de

Mello, com 12 cartas. Mais quatro brasileiros se sobressaíram no quadro: cônego Ludovico Rosano, com sete cartas, monsenhor Mauro Fraga, com sete cartas e João Bigotte Chorrão³¹, principal representante do integrista português, com cinco. Há também correspondências do jornalista Roberto Marinho³², antigo dono das Organizações Globo.

Destaca-se o número de correspondências que o advogado Sobral Pinto enviou a Gustavo Corção, um total de 29 cartas. Ele foi uma das figuras mais notórias do laicato carioca do século XX, sendo respeitado e admirado por sua convicção ética, oriunda de uma interpretação nobre do catolicismo cristão. Defendeu, ao longo do século, militantes do comunismo internacional, como Luís Carlos Prestes (durante a ditadura varguista) e os presos políticos do regime militar brasileiro. Essa atitude não agradava à maioria da elite carioca, ligada ao tradicionalismo católico. Mesmo assim, se suas convicções cristãs o levassem a crer que existia injustiça contra presos políticos, ele defendia qualquer pessoa sem cobrar nada (SCALERCIO, 2014).

Como católico, foi influenciado por três pensadores brasileiros: Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima e Gustavo Corção. Devido à cisão do *Centro Dom Vital*, Sobral Pinto se aproximou de Alceu Amoroso Lima por ser contrário ao regime militar, mesmo compartilhando os ideais do tradicionalismo católico de Corção. Porém, a maioria das cartas escritas pelo advogado criticava a postura de Corção na imprensa brasileira, sobretudo as injúrias direcionadas aos dirigentes e membros do episcopado brasileiro, como Dom Hélder Câmara e Dom Aloísio Lorscheider:

Corção, intitulado *A Descoberta do Outro*, em 1944. O livro se esgotou logo, depois de semanas de sua publicação.

³¹ Escritor, crítico literário e ensaísta português. Foi diretor da Editora *Verbo*, fundada em Portugal no ano de 1958, com filiais no Brasil, Angola e Moçambique. Publicou grandes nomes da cultura portuguesa, de diferentes áreas do saber, tais como Joaquim Veríssimo Serrão, João César das Neves, Aníbal Cavaco Silva, Adriano Freire, Maria de Lourdes Modesto, Tomaz de Figueiredo, Marcello Caetano, Germano Marques da Silva, entre muitos outros.

³² Foram cinco cartas enviadas pelo dono das Organizações Globo na época. Porém, três chamaram a atenção por serem advertências expressas de Roberto Marinho à conduta adotada por Gustavo Corção em seus ataques contra os membros do clero dito progressista. A carta do dia 02/02/72 (nº 045 - 28, 02, 005) Marinho exigia que Corção fizesse um reparo às críticas dirigidas ao bispo Dom Eugênio Salles em sua declaração na rádio a *Voz do Pastor* no mês de janeiro daquele ano. A carta do dia 18/02/75 (nº 045D - 28, 02, 005) é a devolução de dois artigos ao intelectual que escreveu sobre Dom Aloísio Lorscheider, pedindo que Corção refizesse os textos. E na carta do dia 30/01/1976 (nº 045B - 28, 02, 005) Roberto Marinho comenta uma nota da Cúria do Rio que advertiu aos católicos sobre Gustavo Corção e seus ataques ao Papa Paulo VI. A partir dessa situação, solicitou ao intelectual que tratasse em seu jornal de assuntos pertinentes à administração da Igreja. Não queria que seu jornal se envolvesse em polêmicas quanto à orientação espiritual dos fiéis.

Era já famoso por escrever longas cartas de admoestação endereçadas a jornalistas e a donos de jornal; a ministros e funcionários públicos; a empresários e líderes sindicais; a líderes comunistas e intelectuais católicos. Sequer escapavam de sua mira epistolar os prefeitos, parlamentares, governadores, generais, presidentes da República e generais-presidentes. (SCARLECIO, 2014, p. 17)

Retomando a análise do quadro quatro, apesar da maioria dos remetentes serem brasileiros, a quantidade de correspondências trocadas com membros do integrismo francês é volumosa, principalmente durante a década de 1970. Dentre os franceses católicos que mais enviaram cartas a Corção, destacaram-se três nomes. Primeiramente, Hugues Blignières³³ (23 cartas), secretário e amigo de Jean Madiran, atual membro do cotidiano francês *Présent* (Paris, 1982-até hoje)³⁴. Suas cartas trataram de assuntos de viagens, prazos para envio de artigos e assuntos particulares. Em segundo, encontrou-se o nome de Jean Madiran (20 cartas), líder do grupo *Itinéraires* e o Padre francês Bernard Bouts (12 cartas), grande escultor e pintor de arte sacra, além de escritor da *Itinéraires*.

Por mais que tratassem de assuntos particulares, essas cartas sempre retomavam a crise católica e a militância contra o progressismo na França. Também abordaram a dinâmica e as atividades dos grupos integristas parisienses e apresentavam críticas aos teóricos religiosos na época. Para dar ênfase a esses contatos travados a partir de sentimentos de amizade e confraternidade estabelecidos entre os intelectuais de *Permanência* e *Itinéraires*, segue abaixo o quadro cinco, que elucida as “cópias” das cartas enviadas por Gustavo Corção aos seus correspondentes. Esse tipo de correspondência também é conhecida por *ativa*, pois foi enviada por Corção, diferente da correspondência *passiva*, quando o sujeito recebe as cartas. Essas fotocópias eram um hábito comum entre os intelectuais da época, que guardavam uma cópia das respostas que enviavam aos seus destinatários mais ilustres, ou quando o assunto era importante.

As cartas ativas de Gustavo Corção têm sua relevância, já que o intelectual, de certa forma, as selecionou para a posteridade. São correspondências que para ele tinham algum tipo

³³ Hugues Blignières utiliza o pseudônimo de Hugues Kèrally. Os dois nomes são usados para se referir ao intelectual francês no texto, de acordo com a assinatura da carta ou do artigo. Como o alônimo de Hugues Kèrally, ele enviou apenas uma carta ao brasileiro (Anexo I).

³⁴ O Cotidiano *Présent* tinha a liderança intelectual dos maiores nomes do integrismo francês da década de 1980, como François Brigneau, Jean Madiran, Romain Marie (Bernard Antony) e Hugues Kèrally. Nos dias de hoje, é um dos maiores grupos integristas atuantes na França. Sua redação atual é composta pelos seguintes nomes: Sophie Akl-Chedid, Olivier Bault, Francis Bergeron, Anne Brassié, Hubert Champrun, Jean Cochet, Christian Daisug, Franck Delétraz, Anne Dulin, Camille Galic, Robert Le Blanc, Anne Le Pape, e outros. Para mais informações: <https://present.fr/notre-histoire/>. Acessado no dia 29 de setembro de 2018.

de significância, seja ela afetiva ou religiosa. Notou-se, por exemplo, que não houve cópias de cartas enviadas a Sobral Pinto, o que evidencia a seleção estabelecida por parte de Corção. No quadro cinco, há 72 cartas, sendo 36 destinadas aos membros do integrismo francês, e outras 36 destinadas aos grupos da extrema direita brasileira. Dessas, oito foram dirigidas aos clérigos, 20 à elite civil do país e oito aos membros do Governo Militar.

No entanto, neste momento é importante destacar o contato estabelecido por Corção com os franceses, principalmente do grupo parisiense *Itinéraires*. Corção guardou cópia de 14 cartas que escreveu para Jean Madiran, líder do grupo francês, enquanto este remeteu 20 cartas ao intelectual brasileiro (quadro oito). O primeiro contato entre os dois foi feito com a carta do dia 25 de dezembro de 1967³⁵ (quadro cinco), em que Corção lhe escreveu sobre sua admiração por Jacques Maritain (teórico considerado progressista por Corção, mas que era apreciado pelo intelectual³⁶) e pediu autorização para traduzir artigos da revista *Itinéraires* no futuro projeto de *Permanência*. O primeiro pedido feito por carta de Madiran a Gustavo Corção para que escrevesse na revista *Itinéraires* aconteceu no dia 23 de dezembro de 1973³⁷ (quadro quatro). Sugeriu que escrevesse artigos sobre o Brasil, no que dizia respeito ao momento político, visto que a campanha internacional de Dom Helder Câmara denunciando os casos de torturas aos presos políticos por parte do governo civil-militar brasileiro já estava em andamento. Contudo, o convite para que Corção tivesse uma coluna em sua revista foi feita por Madiran no dia 21 de janeiro de 1974³⁸ (quadro quatro).

Como se observa no quadro cinco, as correspondências escritas por Corção a Madiran revelaram planos para artigos que escreveria no periódico parisiense, futuras viagens ao exterior, informações sobre o grupo *Permanência* e até sua divergência com Roberto Marinho por ter criticado Dom Eugênio Salles no jornal *O Globo*. Jean Madiran escreveu uma carta pedindo explicações sobre esse caso e ainda perguntou ao intelectual brasileiro se ele desejava que fosse feita uma campanha na Europa a seu favor.³⁹

³⁵ N. 088 - 31, 03, 001.

³⁶ Jacques Maritain não pode ser classificado como “progressista”. Sua doutrina, neo tomista, era contrária aos princípios laicos da Revolução francesa, e defendia uma ordem cósmica que garantiria a ciência (distinguir para unir) e o bom convívio social e político. Seu livro *Le paysan da la Garonne* é um libelo contra o modernismo religioso e o uso do Concílio. Se Corção achava o livro demasiado modernista, dá para aquilatar o quanto ele estava distante de todo pensamento moderno. O livro do professor Roberto Romano (1985) procura compreender o pensamento desse importante filósofo.

³⁷ N. 015 - 28, 02, 005.

³⁸ N. 015D - 28, 02, 005.

³⁹ N. 004 - 31, 03, 005.

Outro integrista cujas cartas foram copiadas foi o secretário de *Itinéraires*, Hugues Blignières. Foram sete cartas ao intelectual francês. O primeiro contato foi estabelecido no dia 26 de setembro de 1973 (quadro cinco), no qual Corção afirmou que já havia escrito para a revista *Aspects de la France* (Paris, 1947-1992) um artigo sobre suas atuações no Brasil e tratou sobre o assunto de uma bolsa de estudos que o francês recebeu de *Itinéraires* para estudar no Brasil. As cartas trocadas entre os dois discutiam aspectos profissionais: o auxílio financeiro que Corção granjeou de *Itinéraires* para ir a Paris visitar e dar palestras aos membros dos grupos integristas franceses, pedido de orientações para publicação na revista francesa e projetos de livros. Existe uma carta enviada de Blignières a Corção que se destacou por ser uma lista contendo os nomes dos membros da *Comissão de Justiça e Paz* para que o intelectual brasileiro pudesse reconhecê-los e atacá-los⁴⁰ em seus artigos (quadro quatro). É uma amostra de como funcionava a campanha de combate aos grupos integristas, identificando os inimigos a serem combatidos.

Os intelectuais brasileiros negavam fatos que o próprio Gustavo Corção conhecera por carta. O escritor carioca recebeu via correspondência a descrição de atos de violações aos direitos humanos que ocorriam no presídio da Ilha Grande, localizado no Rio de Janeiro⁴¹ (quadro seis). Ao menos, o intelectual não podia negar que, pessoalmente, esteve diante de uma notícia sobre maus tratos e abusos por parte da polícia política do regime. Por sua postura, é possível acreditar que o preso que recebeu maus tratos fizesse parte do complô internacional comunista de difamação do regime, ou que tais abusos eram apenas consequências de atos subversivos, condenados pela Igreja Católica tradicional.

Resta uma última análise para que seja possível estabelecer a relação que existiu entre o intelectual Gustavo Corção e o projeto político arquitetado pelo regime militar. Porém, não é uma relação de via única, com apenas um beneficiário. Gustavo Corção defendeu o regime, pois acreditava na lei de Segurança Nacional. Um dos pilares dessa ideologia seria a defesa da sociedade ocidental cristã por parte dos militares, mesmo que a polícia política matasse seus inimigos, como comunistas, membros do tráfico de drogas do Rio de Janeiro e de São Paulo⁴², clérigos da Igreja Católica, professores, jornalistas e quem se posicionasse contra o regime.

⁴⁰ Essa carta é do dia 28/06/1975 (n. 33C - 28, 01, 003).

⁴¹ A carta foi escrita pelo preso político William da Silva Lima, no dia 04 de setembro de 1975 (n. 030 - 28, 02, 004). Ele pediu ajuda a Gustavo Corção para que intercedesse por ele para conseguir sair daquela condição “desumana” com falta de higiene, saneamento básico, violência e falta de alimentação.

⁴² A contabilização dos mortos da ditadura refere-se aos presos políticos. Contudo, foi nessa época que se originaram as poderosas milícias formadas por policiais em São Paulo e no Rio de Janeiro. Essas organizações

É necessário, portanto, identificar os canais e os acessos que Gustavo Corção conquistou junto aos militares, por meio de sua representatividade na imprensa católica e laica no Brasil e no exterior. O quadro seis registra oito cópias dessas “cartas ilustres”, destinadas exclusivamente aos membros do regime. Para clarificar essa relação, segue abaixo o quadro seis com 17 documentos, entre os quais estão cartas, telegramas e ofícios enviados a Corção por membros do regime, amigos e perseguidos políticos da ditadura militar de 1964.

Quadro 6 - Cartas destinadas a Gustavo Corção enviadas por membros do regime, amigos e perseguidos políticos do regime militar.		
1966	20/01 De Leônidas Abreu , afirmando a Corção que organizações católicas estão sendo perseguidas pelo regime.	27/06 De Sobral Pinto , que criticou a justiça militar, pois seus clientes são condenados previamente.
1968	13/08 De Wanderley Wandenkolk , telegrama consultando sobre a indicação para testemunhar contra o padre Comblim na justiça Militar.	
1969	03/03 Do Coronel Hernani Aguiar , assessor especial de Relações Públicas da presidência da República requerendo artigos na imprensa sobre o aniversário da Revolução de 1964.	
1970	19/09 De Aristides Rodrigues Simões , escrevendo a Corção se dizendo injustiçado por ter sido atingido pelo AI – 5.	
1971	05/08 De Rodrigo Octávio , convidando Corção a ministrar uma Conferência na Escola Superior de Guerra sobre a infiltração comunista na Igreja.	Outubro Do Padre A. Reina , tratando da lei n. 5711/71, que extinguiu os capelães militares.
1972	15/05 Do General Dale Coutinho , parabenizando Corção pela condecoração da Ordem do Rio	

comandavam o tráfico de drogas e foram responsáveis por chacinas e assassinatos, com também torturas aos membros das facções criminosas e às populações marginalizadas das periferias dessas grandes cidades. O filme brasileiro de grande sucesso internacional *Cidade de Deus* é um exemplo dessa onda de violência que existia nas favelas da cidade do Rio de Janeiro durante a ditadura militar.

	Branco.	
1974	04/09 De William da Silva Lima , solicitando ajuda por condições precárias que sofre no presídio da Ilha Grande.	
1975	30/09 De Paulo Alves , escrevendo que foi reformado pelo regime e inocentado pelo STM.	21/11 Do Capitão José Ribeiro Dias , assuntos particulares. 24/11 Do General César Montagna , parabenizando-o pelo artigo que saiu no <i>Globo</i> “Agitação em SP”.
1976	28/08 Do Coronel Jonas Correia Neto , tratando de assuntos sobre a atuação política do regime militar.	03/12 Do Capitão José Ribeiro Dias , assuntos particulares. 13/12 Do Capitão José Ribeiro Dias , assuntos particulares. 27/12 Do Capitão José Ribeiro Dias , assuntos particulares.
1978	16/05 Edmirson Maranhão Ferreira , telegrama comunicando que assumiu a chefia de assessoria de Relações Públicas do gabinete do ministro do Exército.	

Fonte: Fonte: Acervo Gustavo Corção (Biblioteca Nacional de História do Rio de Janeiro).

Existem cartas que mostram a cordialidade que existia entre alguns generais e Gustavo Corção, como a carta do general Dale Coutinho,⁴³ que parabenizou o intelectual católico pela condecoração da Ordem do Rio Branco dada pelo presidente da República Garrastazu Médici. Destacam-se também as cartas do capitão José Ribeiro Dias, desejando ao escritor boas festas de Natal e de virada de ano. Existe, entre a documentação, um diploma da medalha do pacificador pelos serviços prestados ao exército, recebido no ano 1975⁴⁴. Contudo, há um conjunto de cartas que demonstram um projeto político em comum, em que os interesses resultaram na defesa da “Revolução de Março de 1964” no Brasil e no exterior.

⁴³ Foi comandante da 2ª Região Militar, sediada em São Paulo. Coutinho foi um dos responsáveis pela idealização da transamazônica, que tratava da integração econômica da região da Amazônia e do Oeste com o restante do país.

⁴⁴ N. 011 – 31, 01, 001.

O documento mais notório é um ofício enviado pelo Coronel Hernani Aguiar no dia 03/03/1969⁴⁵. Assessor especial de Relações Públicas da presidência da República do general Costa e Silva, Aguiar requereu artigos na imprensa sobre o aniversário da “Revolução”. Os artigos foram publicados tanto no jornal *O Globo* como na revista *Permanência*.⁴⁶ Outro documento revelador foi a carta enviada por Gustavo Corção ao presidente Costa e Silva no dia 20 de janeiro de 1968, solicitando a nomeação de Gladstone Chaves de Mello para o Conselho Federal de Educação. Também existem no acervo ofícios do Governo Federal com a nomeação de Gustavo Corção como membro do Conselho Federal de Cultura, cargo exercido pelo intelectual durante 10 anos. Corção também escreveu uma carta ao presidente Médici, no dia 06 de junho de 1972⁴⁷ e recebeu uma carta para testemunhar contra as atuações do padre belga Comblin.⁴⁸ Existe uma carta, datada do dia 10 de dezembro de 1974, ao ministro Paulo dos Reis Veloso, pedindo mais um ano para que o professor Roberto de Leão Velloso Elbert permanecesse com um cargo comissionado no governo. Tudo isso deixou explícito que as relações entre Gustavo Corção com o regime militar não ficou apenas no plano da cordialidade, mas também no da interferência do intelectual em assuntos políticos.

Diante disso, pode-se afirmar que Gustavo Corção foi um porta-voz da ditadura. Ele foi um civil que representava os grupos dos intelectuais católicos da extrema direita brasileira e que participou ativamente na perpetuação de uma “memória engajada”. Sua especialidade, junto com Julio Fleischman, foi negar as atrocidades cometidas pelos militares a partir do contra-argumento de que, se caso elas ocorressem, era por uma causa nobre: combatendo o “perigo vermelho”. São memórias que sobrevivem no tempo e que, passado o momento histórico com suas paixões e sentimentos, acabam sendo reavivadas e reinterpretadas, tornando-se uma ameaça para a construção histórica de um país que se deseja democrático. Os artigos escritos por Corção na revista parisiense *Itinéraires* e a declamação no púlpito da

⁴⁵ N. 21.

⁴⁶ Gustavo Corção escreveu um artigo sobre a “Revolução de 1964” na revista *Permanência* de maio de 1969 (Ano II – n. 8) com o título: *Lembrança de um pesadelo e de um milagre*.

⁴⁷ N. 081 - 31, 04, 002.

⁴⁸ N. 030 - 28, 02, 004. É uma carta de Wanderley Wandenkolk. No dia 08 de agosto de 1968, Corção recebeu um telegrama que o convocava para testemunhar contra o padre Joseph Comblin (1923 - 2011) na justiça Militar. Ele foi um sacerdote e missionário belga, formado segundo os parâmetros tomistas básicos. Quanto ao caso, foi publicado na imprensa em 1968 um documento redigido pelo padre Comblin a pedido de Dom Helder Câmara e que seria exposto na II Conferência do CELAM em 1968. O texto foi um exercício de imaginação teórica e seguia os preceitos marxistas e leninistas para encaminhar a vida social do Brasil. Era a época do diálogo entre cristãos e marxistas, mas o texto de Comblin se definiu como um exercício de uma probabilidade, e como a Igreja deveria agir no caso. Essa publicação serviu de pretexto para a ditadura e seus defensores definirem a Igreja como aliada da guerrilha e do comunismo. Dessa forma, o padre passou a ser investigado pelo regime e foi considerado subversivo pela ditadura, exilando-se no Chile por oito anos (SANTOS, 2014).

abertura do Congresso do *Office International* de 1973, em Lausanne, revelaram um projeto em comum com a cúpula militar.

1.4 OS MICROCLIMAS: EVENTOS HISTÓRICOS E SENTIMENTOS COMPARTILHADOS

A *História dos Intelectuais* é um campo que procura compreender como os mediadores culturais processam determinados bens culturais e como esse código é percebido pelo público, que o reinterpreta a partir de sua vivência. Dessa forma, torna-se necessário identificar os eventos históricos que fizeram parte desse processo de apropriação e que se encontram nos discursos dos intelectuais brasileiros e que são vivenciados pelos grupos católicos integristas no exterior.

O conceito de *geração* é uma categoria de análise que identifica como os momentos históricos são sentidos por determinados grupos e que, no caso dos grupos integristas católicos, se transformaram em verdadeiras “argamassas” para a estruturação das sociabilidades entre os movimentos de uma determinada corrente de pensamento. É importante que eventos históricos sejam explicados para que a dinâmica organizacional e os microclimas intelectuais dos grupos sejam apreendidos pelo historiador (GOMES e HANSEN, 2016). Portanto, procurou-se registrar os episódios que foram pautas de discussão pelos intelectuais brasileiros nos artigos que escreveram para a revista *Itinéraires* e comunicados nos encontros do *Office International*. Existem outros acontecimentos históricos que compuseram o cenário histórico do Brasil ditatorial, como o movimento contracultural, o movimento anticomunista, os aparelhos de informações do governo e vários outros assuntos. Mas foi necessária a seleção de alguns eventos para que as especificidades históricas fossem retomadas para um entendimento melhor do que se escrevia na revista e das conversas e reuniões que aconteciam nos congressos do *Office*.

A intenção foi clarear esses eventos históricos para que fosse possível identificar a posição política que Gustavo Corção e Julio Fleischman adotaram em relação a momentos conturbados, como no caso das torturas e dos massacres indígenas que ocorreram no Brasil durante o regime militar. Existe uma produção científica recente que aborda os temas apontados pelos intelectuais como parte da conspiração comunista contra o governo brasileiro no plano internacional.

1.4.1 A “Revolução de 1964”

É assim que o regime militar foi conceituado pelos intelectuais brasileiros Gustavo Corção e Julio Fleischman em seus escritos e pronunciamentos, sendo o título do último artigo publicado por Corção em vida: *La Révolution nationale au Brésil* (jul./ago. n. 225). Dessa maneira, necessita-se de uma discussão sobre o conceito de *golpe civil-militar*. Para muitos pesquisadores dessa temática, como Daniel Aarão Reis Filho (2004), Rodrigo Patto Sá Motta (2002), Denise Rollemberg (2010), citando alguns, os civis fizeram parte da instalação do regime. Mesmo com uma censura imposta aos meios de comunicação, a sociedade no Brasil participou desse acordo taciturno, em que casos de torturas eram estampados em capas de jornais, como no *Correio da Manhã*, além de fazerem parte do cotidiano das grandes cidades. Há estudos sobre a participação civil na burocracia estatal, como também sobre a colaboração de mulheres em várias associações anticomunistas, que se multiplicaram pelo Brasil durante os primeiros anos do golpe.⁴⁹

Contudo, não se pode negar a força do exército brasileiro, apoiado pelos Estados Unidos,⁵⁰ na conquista do poder e em sua execução. A militarização do governo brasileiro foi compreendida por alguns estudiosos do assunto como tutela militar – dentro dos princípios da Doutrina de Segurança Nacional (DSN)⁵¹ – “[...] do sistema político, controle do corpo social,

⁴⁹ Durante a década de 1960 surgiram no Brasil movimentos anticomunistas organizados e que “contribuíram na formação do ambiente de radicalização e polarização ideológica, preparando o terreno para a reação conservadora de 1964” (MOTTA, 2002, p. 238). Dentre as mais ativas encontraram-se: a *Cruzada Brasileira Anticomunista*, a *Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade* (TFP), a *Liga de Defesa Nacional* (LDN) e o *Movimento por um Mundo Cristão* (MMC). Também se formaram entidades femininas como a *Campanha da Mulher pela Democracia* (CAMDE - Guanabara), a *União Cívica Feminina* (UCF - São Paulo), o *Movimento de Arregimentação Feminina* (MAF - São Paulo) e a *Cruzada Democrática Feminina* (CDF - Pernambuco). Sobre a CDF, Cristina Azevedo era líder do grupo e mandou uma carta para Gustavo Corção no dia 10 de março de 1969 (n. 42), e junto foi enviada uma cópia da circular da organização sobre o quinto aniversário da *Marcha da Mulher Pernambucana*, além de um relatório sobre o trabalho da organização.

⁵⁰ A *United States Agency for International Development* (USAID) foi criada na década de 1960 pelo governo norte-americano e tinha como objetivo investir projetos em “países pobres”. No Brasil, além das áreas de educação e agricultura, a agência norte-americana passou a investir na área de segurança pública, treinando a polícia militar brasileira com técnicas de investigação e tortura aos presos. Os Estados Unidos pararam de treinar e investir na polícia política brasileira a partir da pressão de grupos nacionais e internacionais, que exigiam o fim da violação dos direitos humanos aos presos políticos das ditaduras latino-americanas (MOTTA, 2010).

⁵¹ A *Doutrina de Segurança Nacional* (DSN) surgiu no segundo pós-guerra, sintetizada pelo *Conselho de Segurança Nacional* dos Estados Unidos e tem suas origens na *Doutrina de Contenção do Comunismo internacional*, conhecida como doutrina Truman. A *Escola Superior de Guerra*, criada no Brasil em 1949, foi um dos focos de disseminação e aperfeiçoamento dessa doutrina. Ela era ensinada nas escolas de formação de quadros militares nos EUA como na *National War College*. Como seu corolário, surgiu outra doutrina nos anos de 1950 e que foi elaborada por militares franceses que enfrentavam guerrilhas nacionalistas locais na Indochina e na Argélia. Conhecida como *Doutrina de Contrainsurgência*, ela era baseada em interrogatórios à base de torturas (NAPOLITANO, 2017).

ocupação de cargos formais e capacidade de indução dos mecanismos de poder real, com a burocracia civil”. A incorporação de civis em cargos de posição no regime também se deu por uma falta de ideologia rígida nas Forças Armadas (NAPOLITANO, 2017, p. 156). Mesmo assim, é consenso entre a historiografia sobre o período militar o papel que os intelectuais, tanto na imprensa quanto na área econômica, tiveram na consolidação do projeto arquitetado entre militares e membros da elite brasileira. Contudo, esta pesquisa reconhece todo o protagonismo dos militares na execução do regime e procura se utilizar dos conceitos golpe, regime e ditadura militar.

O êxito do regime militar de 1964 deve ser interpretado a partir do seu aparato repressivo. A espionagem e a polícia política já existiram em outros períodos da história, como na ditadura varguista. A novidade do regime de 1964 esteve na entrada das Forças Armadas, pois essas acreditavam que as polícias estaduais não reuniam condições para combater o “perigo comunista” e eram descentralizadas (GOMES, 2014). A chave da explicação dessa vitória encontra-se na prática institucionalizada da tortura exercida pelos órgãos de repressão montados durante o regime. Em síntese, a tortura passou a ser uma prática cotidiana em delegacias e quartéis. Não havia controle pela hierarquia militar, muito menos passava pelas mãos dos presidentes, apesar de estarem cientes dessa “ação” em seus governos⁵².

De todas as produções historiográficas sobre esse tema, destaca-se a coleção (cinco volumes) de Elio Gaspari. Apesar de a primeira obra, *A Ditadura Envergonhada*, conter uma parte que trata especificamente do assunto tortura, a coleção toda é apoiada por documentos que revelam os nomes dos desaparecidos políticos do regime e a identidade de alguns dos seus algozes. Em suma, o que dominava na polícia política militar era a anarquia. A maneira como o governo enfrentava a questão da tortura, com vistas grossas, fornecia aos radicais o alicerce de indisciplina e ilegalidade sobre o qual se edificaria a ditadura. O apelido da polícia política na época foi de “tigrada” ou “meganha”. A incompetência entre a associação de Forças Armadas com a polícia civil esteve representada na figura do delegado Sérgio Fleury⁵³, um dos maiores torturadores e chefe de milícia formada por bandidos de São Paulo:

⁵² Existiram dois momentos em que dois presidentes militares se depararam com casos sobre torturas. O primeiro foi Médici, que recebeu uma visita inesperada em seu apartamento de Zuzu Angel, em busca de informações sobre o paradeiro de seu filho morto pela polícia política. Ela não foi atendida pelo presidente Médici. O outro caso ocorreu com o general Ernesto Geisel, cuja filha Amália Geisel recorreu ao pai por ter seu amigo preso por atos subversivos. A mulher de Geisel, Lucy, também intercedia por presos políticos quando procurada por pessoas próximas (GASPARI, 2002b).

⁵³ Sérgio Fernando Paranhos Fleury (1933 - 1979) foi um policial que atuou como delegado do *Departamento de Ordem Política e Social* (DOPS). Conhecido por sua atuação violenta, ele foi acusado de tortura e homicídio de

A associação de oficiais das Forças Armadas com a bandidagem da polícia na construção de um sistema de repressão baseado na tortura foi produto da incompetência. Não era inevitável. A bibliografia do combate ao terrorismo mostra que muitas vezes as forças policiais são insuficientes para conduzi-lo, mas o que se montou no Brasil foi uma trapalhada onde se juntaram os vícios da “meganha” aos males da militarização das operações. (GASPARI, 2002, p. 66)

Além da prática, o governo também negou a tortura, principalmente no exterior, com João Paulo dos Reis Velloso, ministro do planejamento, e Delfim Neto, ministro da fazenda, em suas viagens para Washington. Mas o ato de negar a tortura já era constante em alguns jornais da imprensa brasileira e no exterior. O discurso jornalístico da época transformou a tortura em matéria de opinião, associando o tema com o suposto “complô” internacional contra o governo, arquitetado pelos comunistas no plano internacional.⁵⁴

Consultado o último relatório da *Comissão Nacional da Verdade* (CNV)⁵⁵, foram contabilizadas 434 vítimas fatais em decorrência da violação dos direitos humanos praticados contra presos políticos durante o regime militar. Recorrer aos números é uma prática comum para se poder dimensionar um dano ocorrido a certos membros/grupos de uma sociedade, que foi praticada e negligenciada por parte do Estado e seus governantes. Mas, as estatísticas levam à relativização das práticas em si, que são cruéis e surtem efeitos negativos na vida dos familiares dessas vítimas, e essa dor não se quantifica.

Em comparação com outros países, como a Argentina, com nove mil vítimas, o Uruguai, com 51 mil execuções, o Chile, com seis mil assassinatos, o período no Brasil é denominado por alguns estudiosos como “Ditabranda” (NAPOLITANO, 2017). Mas há um detalhe: um dos assuntos políticos que mais foram defendidos pelos intelectuais, possuindo a assinatura de Julio Fleischman, foi a “questão indígena” no Brasil. Esse caso também ficou

inúmeras pessoas pelo Ministério Público durante o regime, mas morreu antes de ser julgado. Vários depoimentos apontam que Fleury torturava as pessoas durante os interrogatórios que comandava e muitos não resistiram às torturas. Foi o responsável pela captura e morte do militante comunista Carlos Marighella e também apontado como participante da Chacina da Lapa, além de ser investigado por envolvimento com tráfico de drogas e nos esquadrões da morte.

⁵⁴ Além da campanha do clero progressista no exterior contra o regime, duas semanas depois da morte de Marighella nasceu a *Frente Brasileira de Informações* (FBI). Foi articulada com a colaboração decisiva de Miguel Arraes, ex-governador de Pernambuco e exilado na Argélia, e sua irmã Violeta. O apartamento dela em Paris se transformou em abrigo ecumênico para perseguidos. Além disso, o estudioso norteamericano Della Cava montou uma rede de denúncia internacional contra as torturas cometidas pelo regime militar brasileiro (GASPARI, 2002a, p. 272).

⁵⁵ <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/index.php>. Acessado no dia 28 de dezembro de 2018.

conhecido na imprensa internacional como o grande “genocídio brasileiro”. De acordo com a entrevista dada por Marcelo Zelic, defensor dos direitos indígenas e membro da CNV sobre a questão indígena, estima-se a morte de mais de 100 mil indígenas durante a ditadura militar.⁵⁶

O primeiro órgão público responsável pelas questões indígenas durante o Brasil República foi o Serviço de Proteção ao Índio (SPI),⁵⁷ inspirado nos ideais do Marechal Candido Rondon. Houve tentativas de expansão econômica para a região norte, com o ciclo da borracha no século XIX e no governo de Kubitscheck com a criação de Brasília. Mas foi a partir de dezembro de 1966, com o presidente militar Castelo Branco, que surgiu a *Operação Amazônia* criando ações para o “povoamento da região”. Quanto ao SPI, nos anos iniciais do regime o ministro do interior Afonso Augusto de Albuquerque Lima, a partir de denúncias de irregularidades cometidas contra os indígenas pelo próprio órgão que deveria zelar por eles, permitiu que o procurador Jader de Figueiredo Correia produzisse um relatório que ficou conhecido como *Relatório Figueiredo*, com mais de sete mil páginas. O documento descortinou hábitos enraizados nas condutas de alguns servidores, como casos de esquemas de prostituição de mulheres indígenas conduzidos por chefes do SPI, rapto de crianças, assassinatos e extorsão.

Como consequência desse relatório, em cinco de dezembro de 1967, a presidência de Costa e Silva formulou um projeto de lei que criou a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), resultado da fusão do SPI, do Parque do Xingu e do Conselho Nacional de Proteção ao Índio. Em linhas gerais, mantinha os mesmos objetivos e regras do órgão anterior e propugnavam que o caminho natural dos índios seria a integração à “civilização”.

Contudo, devido à expansão econômica e populacional promovida pela ditadura, a vida de muitos indígenas foi ceifada. Destacaram-se três acontecimentos que marcaram a história dessas populações indígenas e que se caracterizaram pela crueldade no tratamento com esses grupos. Em 25 de setembro de 1969, foi criada a Guarda Rural Indígena (GRIN),⁵⁸

⁵⁶ Informação retirada na entrevista com Marcelo Zelic intitulada: *Relatório Figueiredo, os indígenas na Comissão Nacional da Verdade e a defesa dos Direitos Humanos*, durante a XV Semana dos Museus na Universidade Estadual de Londrina (UEL). A entrevista foi conduzida por Edilene Coffaci de Lima (professora de Antropologia da UFPR) e Fabiano Atenas Azola (graduando em Ciências Sociais da UFPR). Para acessar a entrevista: <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2017v22n2p347>.

⁵⁷ O *Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais* (SPILTN), primeiro nome do *Serviço de Proteção aos Índios* (SPI), foi parte constituinte do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (MAIC). O órgão público criado durante o governo do presidente Nilo Peçanha, em 1910, teve como objetivo prestar assistência à população indígena do Brasil. O serviço foi organizado pelo Marechal Rondon, seu primeiro diretor. O órgão foi extinto e substituído pela *Fundação Nacional do Índio* (FUNAI) em 1967.

⁵⁸ A GRIN pretendia treinar índios com o objetivo de “defender” aldeamentos e impedir que outros índios entrassem em conflito com os fazendeiros da região. Essa “guarda” foi treinada no Batalhão da Escola da Polícia

com a intenção de acabar com os conflitos por disputa de terras entre índios e fazendeiros no norte de Minas, onde havia trabalho escravo indígena. Outra “experiência” marcada por sua violência foi a construção do “reformatório” indígena Krenak,⁵⁹ em Resplendor (MG). Na verdade era uma prisão, com a intenção de vigiar e punir os índios revoltosos da Fazenda Guarani. O reformatório foi considerado um verdadeiro campo de concentração pelos estudiosos.

O maior genocídio cometido pela ditadura militar contra as populações indígenas no Brasil aconteceu com a construção da Transamazônica, que não levou em conta regiões em que diversas etnias viviam antes de a rota ser traçada pelos seus construtores. Foram de seis mil a oito mil índios atingidos nesse projeto, segundo Francisco Meirelles, em 1970, funcionário da FUNAI na época. A Maioria desses grupos, como os Juruna, os Krenakarore, os Asurini, os Parakanã, os Rikbaktsa, os Suruí, os Karajá e os Kayabi, nunca haviam tido contado com a “civilização” branca. Foram exterminados por doenças (gripe, malária, doenças venéreas, conjuntivite) trazidas pelos próprios agentes da FUNAI e pelos construtores das obras da rodovia, pela falta de verba e de envio de medicamentos, além dos deslocamentos forçados dos indígenas para outras regiões sem planejamento algum. Não há um número preciso das mortes dessas populações, mas as histórias descritas por Rubens Valente revelam o descaso por parte do governo em não fornecer remédios em tempo hábil, o que levava os indígenas à morte em menos de um dia.

Contudo, apesar dessa barbárie cometida contra essas populações autóctones, a Igreja Católica promoveu a emancipação desses povos durante a década de 1970. A ala progressista da Igreja, principalmente os representantes do Conselho Indigenista Missionário (CIMI),⁶⁰

Militar de Belo Horizonte. Recebiam noções de instrução militar, instrução policial e instrução especializada, educação moral e cívica, equitação, ataque e defesa, armamento e tiro, dentre outros tópicos. No ano de 1970, surgiu a evidência de que, no treinamento, os índios também recebiam aulas de tortura física. O documentarista Jescovon Puttkamer, em 5 fevereiro de 1970, filmou índios da GRIN carregando, durante uma parada militar, um índio pendurado em um pau de arara. O desfile contou com a presença do ministro José Costa Cavalcanti e do presidente da FUNAI Queirós Campos, que concebeu a GRIN (VALENTE, 2017).

⁵⁹ O Krenak se localizava na área do posto indígena Guido Marlière, às margens do rio Doce, no município de Resplendor (MG), baseado na resolução n. 5484 de 1928, que previa o recolhimento dos índios a colônias por no máximo cinco anos. Documentos trazidos à tona em 2013 confirmaram que os índios eram presos acusados de bebedeira, na maioria dos casos, e pelo menos um caso de “vício de pederastia e furtos”. Assim como a GRIN, a experiência da prisão Krenak não durou muito (VALENTE, 2017).

⁶⁰ Em 23 de abril de 1972, por ocasião do *III Encontro Sobre a Pastoral Indígena* realizado pela CNBB, a Igreja anunciou a formação do *Conselho Indigenista Missionário* (CIMI). Foi formado de início por sete membros e descrito como um “órgão oficioso da CNBB”. Os objetivos do conselho eram promover a pastoral indígena, desenvolver a formação teológica, antropológica e técnica dos missionários. Deveriam ter por prioridade a conscientização do povo brasileiro a respeito da causa indígena e cuidar do relacionamento entre missões indígenas. A CNBB e os órgãos do governo federal tinham como objetivo planejar os encontros sobre a pastoral

iniciou suas missões a partir das novas diretrizes do Vaticano II, ratificadas pela Conferência de Medellín em 1968.

A partir da Convenção de Barbados⁶¹, a Igreja adotou a postura de não mais fazer parte de um projeto colonizador com objetivo de catequizar os indígenas nos ensinamentos cristãos. A nova conduta exigiu da Igreja um aprofundamento dos religiosos no mundo cultural dessas populações, para que houvesse conscientização do indígena sobre sua história e sobre seus direitos nas terras conquistadas pelos posseiros. Isso estimulou o retorno de inúmeras etnias às suas “terras sagradas” (Tehoka) e gerou, e ainda gera, grandes conflitos, principalmente, na região do Mato Grosso do Sul. Foram os religiosos do CIMI, representados por Dom Pedro Casaldáliga, Dom Tomas Balduino e padre Burnier, as figuras criticadas por Julio Fleichman na revista *Permanência e Itinéraires*.

As primeiras denúncias feitas às práticas progressistas no país vieram nas palavras de um espanhol radicado no Brasil, Dom Pedro Maria Casaldáliga Plá, bispo da prelazia de São Félix do Araguaia (MT). Seus apontamentos foram bastante citados por Gustavo Corção e Julio Fleichman em seus artigos no exterior. No segundo semestre de 1971, Casaldáliga emitiu uma carta pastoral intitulada: *Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social*, denunciando a passagem da BR-080 pelo Parque do Xingu que causou prejuízos à aldeia dos índios Karajá, uma das etnias vítimas desse projeto. Para o bispo, a aldeia de Santa Isabel enfrentou um processo de aculturação danoso. Facilmente encontravam-se índios bêbados, frequentando casas de prostituição e doentes. A carta atacou também a política do general Bandeira de Mello, presidente da FUNAI na época.

Outro personagem atacado pelos intelectuais católicos foi Dom Tomás Balduino, bispo emérito de Goiás e membro ativo do CIMI. Tinha um pequeno avião que ele próprio pilotava e usava para levar missionários e indígenas para assembleias e encontros regionais. Dom Tomás foi um dos grandes responsáveis pela organização dos encontros nacionais das lideranças indígenas que passaram acontecer durante a década de 1970.

indígena e assessorar juridicamente os missionários na defesa das terras e patrimônios dessas populações (VALENTE, 2017).

⁶¹ Entre 25 e 30 de janeiro de 1971 ocorreu em Barbados, na América Central, a reunião de antropólogos para analisar relatórios apresentados por representantes de grupos indígenas de diversos países da América Latina. A chamada “Declaração de Barbados” foi assinada por onze estudiosos, entre os quais Darcy Ribeiro. O documento denunciou o caráter discriminatório das missões religiosas com o intuito de evangelização. Os antropólogos propuseram uma saída radical, com a exclusão das missões católicas. Com a participação de missionários de nove países e de três dos antropólogos que estiveram em Barbados, a Igreja Católica organizou uma “consulta missionária” em Assunção, no Paraguai. A reunião repudiou que o trabalho fosse suspenso e externou uma posição inovadora: “As Igrejas não devem temer, mas sim apoiar decididamente a formação de organizações propriamente indígenas” (VALENTE, 2017).

Também foram desaprovadas pelos intelectuais católicos na revista *Itinéraires* as ações do padre João Bosco Penido Burnier, coordenador do CIMI. Esse religioso foi, inclusive, uma das 434 vítimas da polícia política da ditadura militar, sendo assassinado em 12 de outubro de 1976, em Ribeirão Cascalheira (MT). Após ter conhecimento sobre uma denúncia de tortura sofrida por um grupo de mulheres na delegacia da cidade, o padre e Dom Pedro Casaldáliga correram para averiguar o caso. Em sequência, segue a descrição do episódio do assassinato do padre Burnier:

Os dois religiosos se identificaram e pediram ao cabo da PM Juracy Pedro da Silva a libertação imediata dos presos. O cabo respondeu que isso só ocorreria mais tarde. Burnier exibiu um documento de identificação para provar que era padre. O soldado Ezi Feitosa Ramalho, de 25 anos, deu um tapa na mão dele, derrubando ao chão a sua identificação. Em resposta, o padre deu um empurrão no soldado. Anunciou então que iria até Brasília denunciar aos jornais as torturas e indicaria os nomes dos policiais. O cabo Messias tentou conter Ezi com uma mão, mas ele se esquivou, deu um passo à frente, sacou seu revólver calibre 38, deu uma bofetada no rosto, uma coronhada e, por fim, um tiro à queima-roupa na cabeça de Burnier. Temerosos de represálias da população, todos os PMs deixaram a cidade na mesma noite. Ezi se entregou ao comando da corporação três dias depois. Em depoimento, alegou que o cabo Juracy recebera do padre um soco no rosto, o que não foi confirmado por nenhuma testemunha, e que o disparo tinha sido acidental. Com o tiro, Burnier desabou “sem dar um grito”, mas ainda vivia. Ele foi colocado numa camionete, levado ao hospital local e, de lá, seguiu em avião para Goiânia, onde foi internado no hospital neurológico e acabou morrendo no final da tarde do mesmo dia, aos 58 anos. Ao longo do atendimento médico, ele trocou palavras com Casaldáliga. (VALENTE, 2017, p. 309)

Com o CIMI e seu trabalho de conscientização das populações indígenas no Brasil durante a década de 1980, a FUNAI passou a repensar suas práticas indianistas. Os remédios começaram a chegar rapidamente às populações indígenas e o órgão passou a exigir investimentos por parte do governo e a demarcação dos territórios nativos. O principal ganho dessas reivindicações foi a solicitação de isolamento dos grupos indígenas. Hoje em dia, a FUNAI apenas demarca o território e evita que trabalhadores ou pessoas comuns entrem em contato com essas populações. Isso garante a sobrevivência física e cultural de 107 etnias que vivem na Amazônia Legal, de acordo com o site da fundação.⁶²

⁶² <http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoess/povos-indigenas-isolados-e-de-recente-contato>. Acessado em 03 de janeiro de 2019.

1.4.2 A “Outra” Igreja

Os intelectuais do grupo *Permanência* se caracterizavam pelo combate ao pensamento moderno e suas variações filosóficas, do liberalismo burguês ao materialismo histórico. Gustavo Corção e Julio Fleichman escreveram artigos com posicionamentos contrários a esse tipo de pensamento, mas durante o período proposto para análise de seus artigos (1975-1989), os dois escreveram poucos textos com características antimodernas. O contrário aconteceu com as produções antiprogressistas. Apesar de ser considerado pelo integrismo católico uma “continuidade” do complô comunista internacional e do pensamento moderno, o progressismo católico possui suas nuances. Os principais teólogos dessa corrente utilizavam-se dos referenciais teóricos do pensamento marxista para compreenderem a realidade do subdesenvolvimento provocado na América Latina pelo capitalismo e agirem em favor dos marginalizados. Contudo, isso não significava que esses teóricos progressistas fizessem parte de grupos comunistas.

O discurso antiprogressista elaborado pelos grupos integristas se apresenta, em um primeiro momento, como uma categoria fixa que enquadra todos os bispos que atuavam em prol das causas sociais durante o regime ditatorial, como “comunistas” ou “agentes infiltrados” da “subversão internacional”. Esse foi o tom adotado pelos escritores brasileiros. Não existe meio termo, ou gradações de ideias, multiplicidade de opiniões. Ou se está do lado da Igreja tradicional, ou se é progressista. Todavia, essa dualidade não correspondeu com a postura dos clérigos brasileiros, os quais foram tachados de progressistas pelos intelectuais. Dom Hélder Câmara, Dom Aloisio Lorscheider, Dom Ivo Lorscheiter, Dom Pedro Casaldáliga e Dom Paulo Evaristo Arns não apresentaram em suas trajetórias de vida e militância católica posturas exclusivamente progressistas.

Na década de 1930, por exemplo, Dom Helder Câmara se aproximou do movimento integralista de Plínio Salgado. Dom Casaldáliga era franquista na Espanha e, ao entrar em contato com a pobreza da população brasileira, deixou de lado o combate ao comunismo. Durante as reuniões da Bipartite⁶³, Dom Aloisio Lorscheider e Dom Paulo Evaristo Arns se

⁶³A Comissão Bipartite foram reuniões marcadas entre os principais representantes da hierarquia militar, comandada pelo general reformado Antonio Carlos da Silva Muricy com membros da hierarquia eclesiástica do Brasil, entre eles os primos Lorscheider e dom Paulo Evaristo Arns. O objetivo dos encontros nos “bastidores” foi a reconciliação entre a instituição religiosa e o governo, que entraram em divergência devido à perseguição sofrida por alguns membros da Igreja Católica no Brasil pelo regime ditatorial. Nesse encontro, fica claro o exame da mistura de interesses políticos, morais e especialmente institucionais no comportamento da Igreja. Porém, não deixou de ser uma forma de os militares fiscalizarem as ações da Igreja. Ao todo, foram 24 encontros durante o governo Médice e os primeiros meses do governo Geisel (Romano, 1979; SERBIN, 2001).

posicionaram contrários à legalização do divórcio, e assim por diante. Dessa forma, o termo progressismo não é uma categoria rígida:

O que se percebe é que a utilização de categorias estáticas nas explicações históricas se, inicialmente, facilitam as análises, acabam por simplificar sobremaneira as realidades passadas. Esse é o caso das noções prefiguradas de “bispo progressista” ou “Igreja progressista” [...] O que se propõe nesta pesquisa é a necessidade de se matizar o chamado progressismo dos bispos, não simplesmente encaixando-os em uma categoria estática que não apreende o dinamismo social e as trajetórias particulares de cada uma deles. É preciso lembrar, mais uma vez, que esses religiosos agiram de maneiras distintas diante dos militares, e seus posicionamentos variavam muito, quer em relação à maneira de se opor à repressão, quer quanto à visão que tinham sobre a possibilidade de diálogo com os governantes (GOMES, 2014, p. 37).

Foi assumida como categoria de análise o discurso antiprogressista, para o qual os bispos faziam parte de uma campanha de subversão internacional, sendo esta a “representação” de mundo e o “imaginário” dos intelectuais em estudo. Assim, os acontecimentos históricos que povoaram as escritas jornalísticas de Gustavo Corção e Julio Fleichman, levaram em consideração o antiprogressismo católico. Por serem fatos relacionados à Igreja Católica em âmbito nacional e internacional, referências bibliográficas são obras de autores que pertencem ao clero católico brasileiro e francês. Muitos desses livros se apoiam em uma *historiografia eclesiástica* que aplica a historiografia francesa para explicar os fatores internos que interferem na dinâmica da instituição e utilizam o método descritivo dos fatos apoiados em fontes religiosas.⁶⁴

Uma das instituições da Igreja católica no Brasil que sofreu grandes críticas por parte dos intelectuais cariocas foi a *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil* (CNBB). Essa instituição esteve ligada à renovação social pela qual passaram alguns setores da Igreja durante a década de 1950. Suas ideias surgiram a partir da *Ação Católica Brasileira*⁶⁵, que

⁶⁴ Nota-se, assim, que a fronteira entre os campos da *História Religiosa* e a *História Eclesiástica*, em relação aos métodos, objetos e formas de abordagem, não são rígidas. Tanto a escola dos Annales quanto a sociologia francesa influenciaram a *História Eclesiástica*. Torna-se difícil separá-las, pois ambas possuem as mesmas preocupações: “[...] na primeira, perpassa certa tendência a buscar correções de rumo da instituição, enquanto a segunda só indica os caminhos percorridos” (ALBUQUERQUE, 2007, p. 37-38).

⁶⁵ A *Ação Católica Brasileira* (ACB) foi um movimento controlado pela hierarquia da Igreja Católica e fundado pelo cardeal Sebastião Leme em 1935 com o objetivo de formar leigos para colaborar com a missão da Igreja. Seguindo o modelo italiano, a ACB contava então com cinco organizações destinadas aos mais jovens: a *Juventude Agrária Católica* (JAC), formada por jovens do campo, a *Juventude Estudantil Católica* (JEC), formada por jovens estudantes do ensino médio (secundaristas), a *Juventude Operária Católica* (JOC), que atuava no meio operário, a JUC, constituída por estudantes de nível superior e a *Juventude Independente Católica* (JIC), formada por jovens que não fossem abrangidos pelas organizações anteriores. As mais conhecidas são a JEC, a JOC e a JUC. O crescente envolvimento do movimento estudantil na discussão dos problemas nacionais e das chamadas reformas de base, tais como a reforma agrária, acabou por engendrar a

passou a exigir uma participação mais ativa do clero em relação à Juventude Universitária Católica (JUC) e à Juventude Operária Católica (JOC). Em decorrência dessa atuação, a Igreja passou a organizar em esfera nacional eventos que culminaram na criação da conferência: “encontros regionais de bispos começaram a acontecer, à sombra da Ação Católica, acolhendo o germe de união mais efetiva do episcopado brasileiro, culminando na criação da CNBB em Outubro de 1952” (PIERUCCI, 1984, p. 354).

Criada no intuito de coordenar e unificar a Igreja Católica no país, a CNBB obteve papel central no processo de orientação da sociedade brasileira a partir de uma nova visão de mundo. Até o período em que contou com a participação de D. Hélder Câmara na secretaria geral, a CNBB foi formada por bispos, padres e leigos engajados no movimento de mudança social no país. Junto com o Estado, organizou encontros e conferências que resultaram em vários projetos de cunho social, como o Movimento de Educação e Base (MEB)⁶⁶, a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)⁶⁷ e o apoio às ligas camponesas nordestinas.⁶⁸

[...] ela falava em nome da Igreja, realizava encontros e conferências, emprestava seu apoio a grupos e movimentos e dava, de modo geral, a impressão de que toda a Igreja participava da “pré-revolução” brasileira. Além disso, ela tentou trazer toda a Igreja para a sua posição através de vários planos e programas. (BRUNEAU, 1979, p. 71)

criação de uma organização política desvinculada da Igreja - a Ação Popular, constituída por antigos membros da JUC. Com o golpe de 1964 o movimento se radicalizou entrando na clandestinidade. Vários de seus membros fizeram parte dos movimentos da esquerda armada no Brasil (BRUNEAU, 1979).

⁶⁶ O *Movimento de Educação e Base* (MEB) foi criado pela CNBB em 1961 com o objetivo de desenvolver um programa de educação de base por meio de escolas radiofônicas nos Estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país. A criação foi patrocinada pelo Presidente da República e sua execução apoiada por vários ministérios e órgãos federais e estaduais, mediante financiamento e cessão de funcionários (KADT, 2007).

⁶⁷ A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste foi uma entidade de fomento econômico destinada a promover soluções socioeconômicas na Região Nordeste do Brasil, periodicamente afetada por estiagens e com populações com baixo poder aquisitivo e baixo índice de escolaridade. Criada no governo do presidente Juscelino Kubitschek, seu principal objetivo era diminuir as desigualdades verificadas entre as regiões geoeconômicas do Brasil (PIERUCCI, 1984).

⁶⁸ As *Ligas Camponesas* foram organizações de camponeses formadas pelo *Partido Comunista Brasileiro* (PCB) a partir de 1945. Foi um dos movimentos mais importantes em prol da reforma agrária. Elas foram abafadas depois do fim do governo de Getúlio Vargas e só voltaram a agir em 1954. A partir daí, as *Ligas Camponesas* exerceram intensa atividade até a queda de João Goulart, em 1964. Os líderes mais conhecidos foram Gregório Lourenço Bezerra e Francisco Julião Arruda de Paula. Suas ideias reformistas eram associadas ao complô comunista da época. Com a instalação do regime militar em 1964, as principais lideranças do PCB e das Ligas foram assassinadas, presas ou tiveram que fugir, e deixaram de existir.

Contudo, a reação conservadora não tardou a acontecer, já que, desde o início dos anos 1960, os integristas da Igreja se organizavam contrariamente aos setores progressistas. Um dos principais episódios de conflito ocorreu após algumas declarações da CNBB, como no episódio radiofônico em abril de 1963 em que a Conferência se posicionou favorável às reformas de base no país. Com o golpe instalado pelos militares em abril de 1964, as posições dentro da Igreja se acirraram. Nesse mesmo ano, durante o Concílio Vaticano II, realizou-se a eleição dos cargos da CNBB na cidade de Roma, Itália. Foi a primeira vez, desde a fundação da Conferência em 1952 no Brasil, que todos os bispos brasileiros se encontraram e criaram vínculos de amizade. O próprio Dom Helder reconheceu que sua derrota no cargo mais importante da CNBB (secretário-geral), vencida pelo bispo José Gonçalves Costa, foi em virtude de sua posição mais progressista e também da instalação do regime (BEOZZO, 2005).

Dom Helder Pessoa Câmara (1909-1999), arcebispo emérito de Olinda e Recife, foi o religioso mais atacado por Gustavo Corção e Julio Fleischman, sobretudo por sua atuação em defesa dos direitos humanos durante a ditadura militar no Brasil.⁶⁹ Conhecido como “Arcebispo Vermelho”, a figura de Câmara foi censurada na imprensa brasileira, com exceção do grupo *Permanência*. A revista do centro fomentou a representação do arcebispo a partir do imaginário anticomunista, mesmo que ele nunca tenha-se declarado favorável a essa orientação ideológica. O editorial da revista *Permanência* (jul./ago. de 1978) citou duas supostas agências internacionais comunistas, *Adveniat* e *Misereor*, como responsáveis por financiar os projetos sociais da Igreja e do CIMI, orquestrados por Dom Hélder Câmara no Brasil.

Após a saída do arcebispo de Olinda e Recife, a CNBB adotou uma postura conciliatória em relação à ditadura. A luta interna dentro da Conferência continuou após a saída de Dom Helder, mas o resultado dos debates resultou no apoio de alguns atos do regime, como o AI-05, por exemplo.⁷⁰ Contudo, quando começaram a chegar aos ouvidos dos bispos progressistas os primeiros casos de torturas, esses se posicionaram contra. Em fevereiro de

⁶⁹ Em 1969 Dom Hélder recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* pela Universidade de Saint Louis, nos Estados Unidos. Em 1970, em um pronunciamento em Paris, Dom Hélder denunciou a prática de tortura e a situação dos presos políticos no Brasil, sendo indicado ao Prêmio Nobel da Paz no ano de 1972. No acervo de Gustavo Corção encontram-se duas cartas escritas pelo intelectual a Dom Hélder. Na primeira, do dia 24/06/1970 (n. 076 – 31, 03, 001), Corção escreve que não quer nenhum mal do bispo, que não lhe tem ódio, lembrando-se dos tempos que havia um entendimento entre eles. Na segunda, do dia 07/07/1970 (n. 054 – 31, 03, 0001), critica sua entrevista para o jornal francês *L'Express*, relatando as torturas e apoiando os ativistas da oposição ao governo militar.

⁷⁰ Para mais informações sobre o apoio da Igreja católica aos militares, o texto do professor Roberto Romano discute as atuações ambíguas da Igreja nesse período. O texto encontra-se no blog: <http://silncioerudoasatiraemdenisdiderot.blogspot.com/2013/12/roberto-romano-missa-negra-de-1964-ano.html>.

1969, a Conferência divulgou um documento repudiando a violação da integridade física e moral que sofriam os presos políticos. Mais tarde, durante a XI Assembleia Geral, ocorrida em maio de 1970, a CNBB reiterou abertamente seu posicionamento contrário às ações praticadas pela polícia política.

Em 1971, ocorreram novas eleições na CNBB: dom Aloísio Lorscheider tornou-se presidente, derrotando dom Vicente Scherer, e seu primo, dom José Ivo Lorscheiter, elegeu-se para a secretaria geral. Ao contrário de dom Aloísio, dom Ivo era muito direto quando se pronunciava contra os militares, e suas ideias não eram bem recebidas nem pelo Exército nem por alguns bispos mais conservadores. Os nove anos em que os dois ocuparam esses cargos coincidiram com o auge do conflito entre a Igreja e o Estado brasileiro. Os documentos da entidade e de suas representações regionais passariam a expressar uma posição mais crítica ao regime (GOMES, 2014, p. 28).

Não existe uma bibliografia dedicada ao estudo da história de vida e de militância católica desses primos nascidos no sul do país. Assim como Dom Helder Câmara, conhecido por sua trajetória internacional de combate ao regime militar, os dois religiosos possuem trajetórias que enriquecem o estudo sobre a Igreja Católica progressista nesse período. A importância de Dom Aloísio Leo Arlindo Lorscheider⁷¹ esteve na defesa constante contra a pena de morte, bem como na denúncia das atividades dos grupos do Esquadrão da Morte. Já as informações sobre a militância de Dom José Ivo Lorscheiter⁷² são mais escassas, pois esse era avesso às entrevistas. Era enérgico em suas posturas e denunciou no exterior as torturas que ocorriam no país, por meio de suas cartas episcopais (GOMES, 2014).

Além da CNBB, também o Concílio Vaticano II esteve na mira discursiva de Gustavo Corção e Julio Fleischman. O Concílio Ecumênico do Vaticano II iniciou-se com o anúncio de João XXIII, em 25 de janeiro de 1959, e foi encerrado por Paulo VI, em oito de dezembro de 1965. Porém, foram realizadas somente quatro seções, entre 1962 e 1965. Duas questões principais repercutiram na *Itinéraires* anos após o encerramento do Concílio: liturgia e o celibato.

O Concílio foi uma tentativa da Igreja Católica Apostólica Romana de se adequar às condições históricas e sociais pelas quais passava a instituição. O continente americano foi o maior “laboratório” de experiências religiosas devido às atuações da Igreja no campo social

⁷¹ Nasceu em Estrela (RS), em 1924. Em 1948, foi ordenado franciscano e, em 1958, ordenado bispo em Santo Ângelo (RS).

⁷² Ele nasceu em 1927 em São Sebastião do Caí (SC). Foi ordenado sacerdote em 1952 e, em 1966, foi elevado a bispo auxiliar em Porto Alegre.

desde a década de 1950. Para se ajustar a esse novo momento, a Igreja passou a promover o *aggiornamento*, que seria um processo estritamente conexo com a ideia de pastoralidade. Foi entendida como reforma, no sentido de indicar um compromisso global de compreensão e revelação das novas culturas. Mostrou-se assim uma resposta à renovação profunda e global da Igreja como forma de se adaptar às condições impostas pela modernidade (ALBERIGO, 1993).

Apesar da pouca expressividade no Vaticano II, a Igreja brasileira influenciou o evento por meio de duas correntes. A integrista, com Dom Geraldo de Proença Sigaud e Dom Antonio de Castro Mayer, que contava com uma estrutura de apoio, com o financiamento da Tradição Família Propriedade (TFP) e com a divulgação das ideias do *Coetus Internationalis Patrum*⁷³ na imprensa católica internacional. A outra corrente ecumênica foi representada por Dom Hélder Câmara e pela maioria do clero brasileiro, que ficaram alojados na *Domus Mariae*, sede da Ação Católica italiana, durante a realização do Concílio. O clima, as reuniões e as conferências informais que se realizaram nesse ambiente são compreendidos como uma troca cultural entre os membros do clero progressista do mundo todo:

Em francês, enfim, foram pronunciadas 45 conferências, sendo 38 dentre elas por teólogos francófonos, em longa lista que compreendia Yves Congar, Jean Daniélou, Henri de Lubac, Mgr. Alfred Ancel, Pierre Benoit, Roger Schutz, Max Thurian, Mgr. Henri Donze, Mgr. Émile Maurice Guéry, Mgr. Jean Rodhain, Louis-Joseph Lebreton, René Laurentin, Jean Guittou, Stanislas Lyonnet, Marie-Joseph Le Guillou, Paul Gauthier, Oscar Cullman, observador do Concílio, e outros. Nesse sentido, pode-se dizer que as Conferências da Domus Mariae sofreram uma profunda marca das correntes teológicas e espirituais belgas e francesas que atuaram no Concílio, embora se abrisse também para o que havia de melhor na teologia alemã (Hans Kung e Joseph Ratzinger, Karl Rahner, Cardinal Bea e Bernhard Haring) e para o pensamento vivo da Itália, Espanha, Holanda, Suíça, América Latina e Oriente. (BEOZZO, 2005, p. 201)

Como resultado final do Concílio Vaticano II surgiram quatro constituições pastorais: a *Dei Verbum*, sobre a revelação divina e Tradição, a *Lumen Gentium*, que tratou a postura da Igreja diante do mundo moderno, a *Gaudium et Spes* sobre a pastoral e a relação da Igreja com a modernidade e a *Sacrosanctum Concilium*, que modificou a Missa Tridentina. Essas

⁷³ Grupo conciliar tradicionalista que foi comandado pelo arcebispo espiritano Mons. Marcel Lefebvre. Tinha como secretário geral Dom Geraldo de Proença Sigaud, arcebispo de Diamantina. O brasileiro Dom Castro Mayer completava o grupo, sendo secretário de Dom Sigaud. Dom Mayer foi o responsável pela produção de esquemas de estudos para rebater a corrente majoritária do Concílio, sendo o representante do integrismo teológico-pastoral no Concílio Vaticano II (BEOZZO, 2005).

constituições foram usadas frequentemente pelos grupos integristas para atacar a nova liturgia católica e a questão do celibato em seus artigos.

Após o fim do Concílio, a liturgia constituiu o primeiro ponto de oposição dos grupos integristas internacionais à renovação pastoral. Mas os protestos já ocorriam desde a fase transitória do evento, quando foi promulgado o corpo de decretos litúrgicos sobre o *Novus Ordo Missae*. Lançada em 1969, a *Missa Nova*, ou *Missa de Paulo VI*, trouxe modificações que descontentaram os grupos tradicionalistas. Entre as mudanças: o uso da língua vulgar, a leitura de alguns trechos da Bíblia e a participação dos leigos na comunhão, além da admissão de mulheres como coroinhas. Em setembro de 1969, um corpo de teólogos, comandados pelo arcebispo francês Marcel Lefebvre, redigiu um documento à Santa Sé reconhecendo como única e verdadeira a missa formulada no Concílio de Trento. A partir de então, os grupos integristas passaram a se organizar por meio da resistência espiritual (LAFAGE, 1989).

Outro ponto crítico que acirrou as tensões nos grupos tradicionalistas da Igreja diz respeito à questão da desclerificação. Esse movimento foi iniciado pelo clero progressista holandês no ano de 1956. Uma das alegações para a criação do catecismo por este grupo progressista foi a necessidade de se adequar a doutrina da Igreja aos tempos modernos. Com denúncias do episcopado conservador da Holanda quanto ao conteúdo herético do catecismo, o Papa Paulo VI montou uma comissão cardinalícia com o intuito de estudar e reformular alguns tradiçõess questionados pelo novo catecismo, como a questão da transubstanciação, sobre a existência, ou não, dos anjos e o ponto nevrálgico: casamento de padres. Mesmo com as críticas recebidas pela comissão, grupos progressistas da Europa editaram o catecismo em seus países. No Brasil, surge uma cartilha pela editora Herder (SP), em 1969. O catecismo holandês foi condenado pelo Santo Ofício.

A crise das vocações sacerdotais não foi exclusividade da Holanda. O movimento possuiu redes internacionais em vários países, como Espanha e Bélgica. Globalmente, os debates se opunham à moderação de belgas, holandeses e alemães, ao radicalismo dos franceses, espanhóis e portugueses, que eram partidários de uma política de combate pela desclerificação. Mas foi na França que um grupo ganhou destaque na imprensa jornalística por sua postura radical e revolucionária. *Échanges et Dialogue*, herdeiro de maio de 1968, foi um movimento que se afirmou como componente da esquerda cristã formada por padres que agiram em favor da revolução da Igreja no mundo contemporâneo, inventando novos modos de vida. Tendo como maior líder desse movimento, o secretário de relações internacionais Robert Davezies:

[...] introduz a *Échanges et Dialogue* uma sensibilidade revolucionária e anti-imperialista, marcada pela leitura de Lenine e pela descolonização, enraizada também na assimilação da figura do oprimido na figura de Jesus. Suas ligações com a esquerda são fortes. Ele pertence, ao lado do pastor Casalis, do padre Cardonnel, de Georges Montaron, mas também de Vercors, Sartre e Tillon, dos criadores do *Segundo Vermelho*, fundado em 1970 para sustentar os militantes maoístas presos⁷⁴.

Outros dois grandes eventos históricos realizados pela Igreja Católica no continente americano e “denunciados” por Gustavo Corção e Julio Fleischman no exterior foram as Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979), organizadas pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM)⁷⁵. A II Conferência do Conselho ocorreu em Medellín no dia 24 de agosto de 1968. Essa reunião foi para a América Latina o mesmo que o Vaticano II foi para a Igreja Católica. O Concílio tornou possível uma arrancada mais consciente e autônoma do CELAM, que empreendeu em Medellín uma aplicação criativa e ousada do Vaticano II às situações e aos desafios concretos da América Latina. Medellín colocou na pauta do evento a questão da miséria do continente e das lutas armadas:

Toda essa efervescência, num contexto de renovação que se segue ao Concílio Vaticano II, acaba por sacudir o conjunto da Igreja do continente e, por ocasião da Conferência do Celam de Medellín (1968), resoluções novas são adotadas, as quais, pela primeira vez, não apenas denunciam as estruturas existentes como fundadas sobre a injustiça, a violação dos direitos fundamentais da população e a violência institucionalizada, mas também reconhecem (em certas circunstâncias) a legitimidade da insurreição revolucionária e se solidarizam com a aspiração do povo a libertação de toda servidão. (LOWY, 1991, p. 39)

Como resultado direto do Concílio Vaticano II e da II Conferência do CELAM em Medellín, surgiram no continente americano dois movimentos de renovação marcantes para a Igreja progressista: as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e a Teologia da Libertação.

⁷⁴ Tradução livre do autor. No original : « [...] il apporte à *Échanges et Dialogue* une sensibilité révolutionnaire et anti-impérialiste, marquée par la lecture de Lénine et par la décolonisation, enracinée aussi dans l'assimilation de la figure de l'opprimé à celle du Christ. Ses liens avec le gauchisme sont forts. Il fait partie, aux côtés du pasteur Casalis, du père Cardonnel, de Georges Montaron, mais aussi de Vercors, Sartre et Tillon, des animateurs du *Secours rouge*, fondé en juin 1970 pour soutenir les militants maoïstes emprisonnés » (PELLETIER, 2005, p. 147).

⁷⁵ O Conselho Episcopal Latino-Americano é uma organização da Igreja Católica fundada em 1955 pelo Papa Pio XII a pedido dos bispos da América Latina e do Caribe. O CELAM presta vários serviços: de contato, comunhão, formação, pesquisa e reflexão. Existem 22 conferências episcopais que se situam desde o México até o Cabo de Hornos, incluindo o Caribe e as Antilhas. As eleições dos seus dirigentes ocorrem de cada quatro anos por uma assembleia ordinária que reúne os presidentes das conferências episcopais da América Latina e do Caribe. A sede do CELAM está localizada na cidade de Santa Fé de Bogotá, na Colômbia.

Eles foram considerados pelos grupos integristas católicos como as maiores “aberrações” produzidas pela “Outra” Igreja. As CEBs são comunidades ligadas à Igreja Católica que, incentivadas pelo Concílio Vaticano II, se espalharam principalmente nos anos 1970 e 1980 na América Latina. Sua origem se deu no começo dos anos 1960, como resultado das experiências de atuação da Igreja nas questões sociais, como no Movimento da Diocese de Natal, ou ainda da MEB. Mas a conferência de Medellín colaborou decisivamente para sua evolução. As Comunidades foram compostas por membros locais, que se reuniram para refletir sobre seus problemas sociais, chegando a serem consideradas como precursoras do movimento de redemocratização do Brasil em 1984 (KADT, 2007).

Quanto à Teologia da Libertação, é difícil detectar se esse movimento influenciou ou se foi influenciado pelo Concílio Vaticano II e pela Conferência em Medellín. Durante o Concílio, por exemplo, formou-se uma corrente de 39 bispos (com 16 brasileiros), que firmaram um compromisso de combate e assistência à pobreza, conhecido como o *Pacto das Catacumbas* (BEOZZO, 2005). Compreende-se a Teologia da libertação como o reflexo de uma práxis anterior e uma reflexão sobre ela, já que é proveniente de um movimento social que surgiu no continente americano na década de 1960, como resultado do aparecimento de movimentos religiosos laicos, intervenções pastorais de base popular e as CEBs. A Teologia da Libertação compôs seu corpo a partir de um conjunto de textos que começaram a surgir no continente americano a partir dos anos iniciais da década de 1970, com os seguintes representantes:

[...] Gustavo Gutiérrez (Peru), Rubem Alves, Hugo Assmann, Carlos Mesters, Leonardo e Clodovis Boff (Brasil), Jon Sobrino, Ignacio Ellacuría (El Salvador), Segundo Galilea, Ronando Muñoz (Chile), Pablo Richard (Chile, Costa Rica), José Miguel Bonino, Juan Carlos Scannone (Argentina), Enrique Dussel (Argentina-México), Juan-Luis Segundo (Uruguai). (LOWY, 1991, p. 26-27)

Um ponto interessante é observar que a Teologia da Libertação não foi acolhida pelo Vaticano e que, na maioria dos países da América Latina, a hierarquia católica continuou atrelada aos sistemas de poder. A postura reacionária da Santa Sé no continente americano já foi observada na organização da III Conferência do CELAM, realizada em Puebla de Los Angeles (México), em 1979. No fim de 1976, Paulo VI convocou oficialmente a III Conferência, sob o tema *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Ela seria celebrada em Outubro de 1978, mas, com o falecimento do papa, e com breve pontificado de

João Paulo I, essa Conferência foi adiada, sendo realizada somente em 1979, sob o pontificado de João Paulo II.

A Conferência de Puebla tornou-se uma tentativa de retomada do poder simbólico e religioso da hierarquia católica tradicionalista. O CELAM, cuja presidência na época era exercida pelo bispo Dom Alfonso López Trujillo, impediu que os defensores da Teologia da Libertação participassem do evento. Mesmo assim, eles foram a Puebla e, por meio de outros bispos, exerceram influência sobre os resultados finais, sobretudo na defesa dos pobres. Em 1984, após alguns anos de uma nova reorientação mais moderada por parte do Vaticano, o cardeal Ratzinger, presidente da Santa Congregação para a Doutrina da Fé, denunciou a Teologia da Libertação como uma heresia marxista. Aos poucos, os teólogos deixaram de lado os conceitos técnicos do marxismo, mas não o abandonaram por completo (LOWY, 1991).

Esses acontecimentos históricos, trazidos à luz nesses tópicos, marcaram a vida de Gustavo Corção e Julio Fleischman, que atravessavam o Atlântico em busca de interpretações e explicações para as novas questões surgidas no cenário nacional em transformação. Os artigos escritos por esses intelectuais cariocas, bem como as palestras apresentadas por Corção, revelaram a crise de identidade pela qual passavam os grupos integristas católicos. Os clérigos progressistas foram acusados de implantar a subversão internacional dentro da Igreja. Essa visão sobre o progressismo católico originou versões sobre os fatos que culminaram na construção da memória histórica sobre o regime militar. O processo de consolidação desse testemunho histórico sobre a ditadura é exposto no próximo capítulo com a análise dos artigos dos intelectuais na revista *Itinéraires* e da participação do grupo *Permanência* nos Congressos de Lausanne.

CAPÍTULO 2 - ESCRITOS JORNALÍSTICOS, PALESTRAS E PROJETOS DE PODER: A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE GUSTAVO CORÇÃO E JULIO FLEICHMAN NO EXTERIOR ENTRE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980

2.1 UM PROJETO

O primeiro contato que ocorreu entre os membros do grupo *Permanência* e os da revista francesa *Itinéraires* partiu de uma carta enviada por Gustavo Corção a Jean Madiran, em 1967. Após tecer elogios ao intelectual francês e descrever o futuro projeto de *Permanência*, o intelectual carioca passou a receber cartas e artigos de intelectuais franceses para serem publicados no periódico. Dessa troca de informações, o grupo brasileiro conheceu o *Office International* e a atuação dessa organização integrista na Europa, voltada para a ação social cristã nas várias esferas da atividade humana. Em 1970, Helena Rodriguez, redatora do grupo, foi enviada a Lausanne para conhecer e estabelecer contatos em nome do grupo carioca com membros do integrismo internacional. Desse encontro, uma constatação: “[...] mesmo os franceses mais esclarecidos e atentos aos movimentos de reação à onda subversiva no mundo inteiro ainda não tinham entendido e avaliado bem o significado profundo do movimento de 64 no Brasil”.⁷⁶ Em 21 de janeiro de 1972, Gustavo Corção escreveu uma carta a Jean Ousset, líder do *Office*, na qual criticou a Igreja progressista no Brasil, descreveu a importância do movimento *Permanência* e agradeceu a gentileza prestada à Helena Rodrigues no encontro.

O grupo *Permanência* foi convidado a montar um *stand* no Congresso que seria realizado no ano de 1972 em Lausanne. Desse momento em diante, o movimento integrista brasileiro tornou-se reconhecido na Europa. Contudo, foram os franceses da revista *Itinéraires* que abraçaram o grupo *Permanência*, abrindo um espaço no periódico para os intelectuais cariocas escreverem a partir de 1973. Esse contato ultrapassou as colunas da revista, transformando-se em viagens, tanto de brasileiros a Paris quanto de franceses ao Rio. Transpôs até mesmo a morte de Gustavo Corção, quando Fleichman escreveu com mais frequência na revista francesa e foi o intercessor das publicações das obras de Corção, que passou a ganhar mais notoriedade na França a partir de 1980. No último ano do primeiro ciclo de *Itinéraires*, na revista de Junho de 1989 (n. 344), foi publicada a parte final da tradução do livro de Gustavo Corção *O Século do nada*. Essa é a trajetória intelectual, e seu recorte temporal, proposta de análise neste capítulo.

⁷⁶*Permanência* (maio de 1972, p. 46).

Esse itinerário revelou outra fase da militância católica de Gustavo Corção, que contou com a colaboração de Julio Fleischman. Esse momento é marcado por um projeto político e cultural defendido pelos intelectuais católicos com membros e organizações da direita política no Brasil, como visto no capítulo anterior. Defende-se a ideia de que Gustavo Corção e Julio Fleischman atuaram no circuito internacional integrista com um projeto definido e elaborado a partir de dois pontos principais: em defesa do regime militar no exterior, atuando como “mediadores”, e, na outra frente, como “apóstolos” do integrismo católico em defesa da sociedade ocidental cristã.

A partir dessas duas ideias, o capítulo se desdobrará em apresentar o que foi produzido pelos intelectuais cariocas como um projeto destinado a revelar no exterior a vitória da “Contrarrevolução brasileira de 1964” e o seu produto mais valorizado, mais “significativo” nas apresentações em Lausanne: as fotografias da *Marcha da Família com Deus pela liberdade* que representaram “[...] a fulminante e mansa vitória sobre os comunistas já no poder”.⁷⁷ Essas fontes trazem de volta ao presente a construção de uma memória forjada por uma trama de interesses que se mesclou com o religioso e que, nos dias de hoje, é usada por grupos políticos da extrema-direita brasileira que negam as violações aos direitos humanos que foram cometidas pelo regime militar. São, inclusive, homens da política que tratam como “heróis” torturadores, como o coronel Brilhante Ustra⁷⁸, em pronunciamentos públicos. Essas memórias podem explicar a origem da falsificação histórica sobre a ditadura que ocorre atualmente em nosso país.

2.2 A IGREJA CATÓLICA NA FRANÇA E O SÉCULO XX

Os intelectuais integristas do Brasil e da França fazem parte de um movimento antigo, que surgiu em finais do século XIX contra o pensamento moderno, caracterizando-se pela intransigência a qualquer tipo de “novidades” no seio da Igreja Católica Romana. A palavra integrismo surgiu na França de 1910, em jornais da época que indicavam a querela entre católicos intransigentes e modernistas que disputavam o espaço político e religioso francês. Contudo, o integrismo se mostrou polissêmico e multiforme, de difícil identificação. Por

⁷⁷ *Permanência* (Idem. p. 49).

⁷⁸ Carlos Alberto Brilhante Ustra (1932-2015) foi um coronel do Exército Brasileiro, ex-chefe do DOI-CODI do II Exército (de 1970 a 1974). Também era conhecido pelo codinome Dr. Tibiriçá. Em 2008, Ustra tornou-se o primeiro militar condenado pela Justiça Brasileira pela prática de tortura durante a ditadura. Embora reformado, continuou politicamente ativo nos clubes militares, na defesa da ditadura militar e nas críticas anticomunistas. Ele escreveu dois livros de memórias: *Rompendo o Silêncio*, em 1987, e *A Verdade Sufocada*, em 2006, nos quais pratica o negacionismo histórico sobre a ditadura.

exemplo, a recusa do movimento a se familiarizar com o conservadorismo do século XIX explica-se por rejeitarem tudo o que se assemelhava na esfera política e doutrinal ao conservadorismo burguês, e que seria moderno demais para os integristas. Por isso, evita-se a palavra conservador ao se referir aos grupos estudados (POULAT, 1969).

Ao longo do século XX, a facção integrista da Igreja na França se destacou por ser contra a proposta política saída da Revolução Francesa, negando as ideias de República, sociedade democrática e participação popular. Os integristas são herdeiros do pensamento contrarrevolucionário europeu do século XVIII, possuindo como modelo de organização política e econômica a sociedade feudal, um sistema baseado em crenças e superstições religiosas (SILVA, 2000). Esses pensadores conseguiram aproximar o pensamento católico intransigente ao nacionalismo integral francês, trazendo como resultado, na França do início do século XX, o domínio da direita católica no campo político e intelectual.⁷⁹

No caso da Igreja Católica, um dos maiores representantes desses grupos, a *Ação Francesa*,⁸⁰ reuniu parte da juventude no país lhe conferindo uma ideologia estruturada no pensamento cristão. Dominando o terreno político e ideológico da época com uma cultura pautada no antissemitismo e no antipapismo, intelectuais da *Ação Francesa* fizeram ressurgir no período um sentimento antigo francês: o Galicanismo.⁸¹ No começo de dezembro de 1926, o Papa Pio XI condenou a *Ação Francesa* pelas acusações que fez ao Vaticano pela suposta “infiltração” da modernidade no seio da Igreja e quis obter maior controle sobre as publicações da organização. No dia 24 de dezembro, o líder da *Ação Francesa* redigiu um documento contra o Papa intitulado *Non possumus*. O texto de Charles Maurras remete ao

⁷⁹ O substantivo intelectual surge no ambiente francês desde o caso conhecido como *L'affaire Dreyfus*, um conflito social e político ocorrido na Terceira República (final do XIX). O capitão Dreyfus foi acusado de traição por auxiliar a espionagem alemã, pois era de origem judia. A França ficou dividida em dois campos, os “dreyfusards”, que acreditavam na inocência de Dreyfus, e os “antidreyfusards”, que o consideravam culpado de traição. A partir de então, a direita católica nacionalista conheceu anos de glória, em que jovens se reuniam em diversos grupos do nacionalismo católico como a *Ação Francesa* (ORY e SIRINELLI, 2002).

⁸⁰ A *Ação Católica Francesa* especializada reuniu desde o entre-guerras os católicos que seguiam o modelo da *Juventude Operária Cristã* (JOC), nascida em 1926. Tratou-se de um movimento de laicos, autônomos, no qual o clero não tinha função de conselho. Esses movimentos são especializados a partir do meio social, segundo um modelo que correspondia à diversidade cultural da sociedade francesa (PELLETIER, 2005).

⁸¹ Chamou-se *Galicanismo* à tendência separatista da Igreja Católica da França em relação ao Papa. A origem do nome provém de Gália, nome antigo da França. Esta concepção provém do governo absolutista de Luís XIV e das ideias de Bossuet, seu ministro. A Igreja estaria submetida ao Estado e o poder do rei e asseguraria o bem-estar dos súditos. Quanto à dissidência de Maurras de 1926, não tinha como objetivo final afetar o dogma romano, mas lutava em nome da fé contra a injustiça de Pio XI em relação às suas interferências na *Ação Francesa* (AF) (MICHEL, 2009).

episódio bíblico de Pedro e João, quando os apóstolos se recusaram a deixar de pregar os ensinamentos de Cristo aos romanos. Essa simbologia foi um afronte à autoridade papal.

Com a pouca representatividade da *Ação Francesa* depois da contenda com o Vaticano, o fracasso do regime Vichy⁸² e a aversão que se instalou na hierarquia católica francesa em relação aos integristas, a direita católica passou por um período de “estagnação”: “[...] se colocaram em uma atitude defensiva por uns bons vinte anos” (SIRINELLI, 2004, p. 628). O contrário aconteceu com o progressismo católico, que na década de 1940 tornou-se um campo de observação preciso das mudanças que ocorriam no seio da Igreja Católica na França. Nesse momento da história do país em que o clero intensificou o questionamento aos dogmas religiosos a partir do pensamento moderno, multiplicaram-se grupos e movimentos católicos ligados com a questão social e em busca de um novo sentido com o advento da *Quinta República*.⁸³ Somando com as experiências vindas das guerras mundiais vividas pelo clero francês, com o existencialismo de Sartre - colocando em “xeque” a autoridade divina -, e a retomada do processo de urbanização e industrialização na França, vários grupos da Igreja passaram a dialogar com a esquerda revolucionária e com o movimento comunista internacional. Os padres dominicanos *jocistas* iniciaram uma “recristianização urbana” na tentativa de pregar e levar o cristianismo aos meios operários.

Culminando na chamada *Mission De Paris*, o objetivo desses padres foi a evangelização da classe operária francesa após um processo forte de descristianização da sociedade ocasionada pelas guerras mundiais. Ligada à *Missão da França*, do cardeal Emmanuel Suhard (1941), ela exigia do padre o mergulho intenso na vida do operário, fazendo com que muitos clérigos se tornassem trabalhadores braçais. A intenção era levar o evangelho ao meio natural dos operários, despindo o cristianismo de sua forma burguesa, fazendo com que a Igreja fosse de encontro aos problemas sociais desses trabalhadores urbanos. O testemunho do padre Dillard elucida o processo de reformulação da prática

⁸² *Regime de Vichy* designa um regime político dirigido pelo marechal Philippe Pétain, que governou a França durante o curso da 2ª Guerra Mundial, de 10 de julho de 1940 a 20 de agosto de 1944. Esse momento caracteriza-se pela ocupação do país pela Alemanha Nazista. O regime recebe esse nome pela sede do governo nesse período ficar em Vichy, situada na zona sul de Paris.

⁸³ Quinta República Francesa, aprovada pelo referendo de 22 de setembro de 1958, é a quinta e atual constituição republicana da França e está em vigor desde quatro de Outubro de 1958. Instituiu o sistema semipresidencialista, apoiada por Charles de Gaulle, primeiro presidente que governou de 1958 a 1969. Sua política é conhecida como Gaullismo, tendo muita influência na vida política francesa atual. O eixo principal da política internacional foi a independência nacional no contexto da Guerra Fria. Além disso, recusa toda forma de servidão militar a uma potência estrangeira.

clerical e, ao mesmo tempo, o de *desclerificação* desses padres ao entrarem em choque com a realidade operária:

Como fazer? O que dizer? Eu tinha o sentimento de lhe ser estrangeiro, de pertencer a outra cultura. Meu latim, minha liturgia, minha teologia, minha missa, minha prece, meus rituais sacerdotais, tudo isso fazia de mim um separado, um curioso fenômeno, alguma coisa como um padre ou um monge japonês, no qual permanece ainda algumas espécies provisórias, esperando que a raça se extinga... [...] Nossa maneira de viver, nossas cerimônias, as suscetibilidades de nosso protocolo, nossa cultura literária, artística, filosófica, são viciadas do capitalismo, ligadas por uma forma de civilização burguesa. Nossa oração é geralmente, seja eclesiástica, seja conservadora, ela não é popular ⁸⁴ (LAFAGE, 1989, p. 20-21).

Além dessa experiência exclusiva do clero francês, a esquerda católica, durante as décadas de 1940 e 1950, foi formada por grupos e movimentos que mesclavam membros da hierarquia, do laicato e de partidos de esquerda, como o Partido Comunista Francês (PCF). Entre os mais representativos, *La Vie Nouvelle* foi criada em 1947 por André Cruiziat e Pierre Goutet, sendo uma associação de educação popular independente, pluralista e livre de partido, sindicato e Igreja. Foi próxima do espírito humanista cristão e da filosofia de Emmanuel Mounier. ⁸⁵ A revista desse movimento se chamava *Citoyens, Cahiers d'éducation politique, philosophique et spirituelle*. Outro representante foi o grupo *Économie et Humanisme* (Lyon, 1941-2007), que possuía uma revista homônima. Fundado em 1941 pelo padre Louis-Joseph Lebret sob o lema da justiça social, desenvolveu o conceito de *Economia Humana*, que procurava compreender as realidades humanas e sociais em sua complexidade e sua globalidade, propondo-se a reajustar a economia a serviço do homem. Além de suas atuações na França, o movimento chegou à América Latina e entrou em contato com os progressistas católicos no continente. Aqui no Brasil, o padre Lebret atuou no Plano Diretor de São Paulo e na livraria *Duas Cidades*, além do convento das Perdizes ter sido um centro aglutinador dos que aderiram ao movimento *Economia e Humanismo*. Por fim, a revista *Témoignage Chrétien* (Lyon, 1941-até hoje), de inspiração cristã e fundada na época da *Resistência*, ainda em

⁸⁴ Tradução livre do autor. No original: « Comment faire? Que leur dire? J'avais le sentiment de leur être étranger, d'appartenir à une autre culture. Mon latin, ma liturgie, ma théologie, ma messe, ma prière, mes ornements sacerdotaux, tout cela faisait de moi un séparé, un curieux phénomène, quelque chose comme un pope ou un bonze japonais, dont il reste encore quelques spécimens provisoirement, en attendant que la race s'éteigne... [...] Notre manière de vivre, nos cérémonies, les susceptibilités de notre protocole, notre culture littéraire, artistique, philosophique, sont entachées de capitalisme, liées pour une forme de civilisation bourgeoise. Notre prière est souvent, soit ecclésiastique, soit conservatrice, elle n'est pas populaire . »

⁸⁵ Emmanuel Mounier (1905 - 1950) foi um filósofo francês e o fundador da revista *Esprit*. Ele fundou o *personalismo*, pensamento próximo do humanismo.

atividade, destacou-se nos anos de 1950 e 1960 por combater a colonização francesa na África e na Ásia e as torturas cometidas pelo exército francês nesses países.⁸⁶ Inspirados nesses grupos, outros movimentos da esquerda e da extrema-esquerda católica foram-se formando nesse contexto, como a *Confédération Française Démocratique du Travail* CFTD, o PSU⁸⁷ e os Clubs⁸⁸. Assim, a partir de Maio de 1968, a revolução cultural e marxista tornou-se a essência desses grupos, “[...] Nenhum movimento escapou dessa inflexão à esquerda. A radicalização revolucionária perpassa a federação dos grupos *Témoignage Chrétien, la Lettre, la Vie nouvelle*”⁸⁹.

A partir dessas experiências no plano pastoral, como a *Missão Francesa* e o movimento *Échanges et Dialogue* (exposto no primeiro capítulo), o Vaticano passou a questionar o caráter “herético” dessas experiências e práticas. No dia 1.º de julho de 1959, proibiu os católicos de militarem em organizações comunistas, retomando nesse decreto o conteúdo da *Divini Redemptoris* (Pio XI) que condenava o comunismo como materialismo ateu “perverso”. Tal decreto surtiu efeito, e vários movimentos progressistas se dissolveram no período. Entretanto, não significou o abandono do diálogo e da reflexão com o marxismo. Pelo contrário, viu-se um fortalecimento do progressismo católico que influenciou as decisões tomadas no Concílio Vaticano II durante a década de 1960. O que se descortinou a partir de então, como exposto na fala do padre Dillard, foi um cenário de abandono do sacerdócio e de desinteresse pelos franceses de seguirem a vocação clerical, paisagem também encontrada em outros países católicos.

A direita católica não ficou incólume aos acontecimentos e fatos da Igreja progressista francesa. Com as mudanças históricas iniciadas nos anos finais da década de 1950, os

⁸⁶ O exército francês, a partir de suas experiências com a guerra da Argélia e Indochina, elaborou uma doutrina cuja tese se apoiava na existência do inimigo interno. Esse *savoir-faire* da guerra “contrarrevolucionária”, com o desaparecimento forçado de opositores, os esquadrões da morte, as execuções sumárias, a tortura, as formas de esconder os assassinatos, tudo foi formulado pela Escola Superior de Paris e praticado, principalmente, na Argélia. Dois militares brasileiros se formaram na escola francesa: Humberto de Alencar Castelo Branco e Aurélio de Lima Tavares. Dessa maneira, é possível afirmar que a doutrina francesa serviu ao edifício teórico da DSN no Brasil. Além disso, o general Paul Aussaresses foi adido militar em Brasília de 1973 a 1975, sendo um dos maiores torturados franceses na Argélia. O próprio general revelou o uso da tortura em larga escala pelos militares brasileiros no livro *Escadrons de la mort, l'école française* (DUARTE-PLON, 2016).

⁸⁷ *Parti Socialiste Unifié* (PSU), foi fundado em três de abril de 1960. Em sua fundação era um dos representantes da esquerda católica, mas se radicalizou depois de Maio de 1968.

⁸⁸ Eram clubes de estudos e discussões que aproximavam o pensamento democrático com o socialismo. Os maiores representantes foram *Citoyens 60* e *Objectif 72*.

⁸⁹ Tradução livre do autor. No original: «Aucun mouvement n'échappe à cette inflexion à gauche. La radicalisation révolutionnaire traverse la fédération des groupes *Témoignage Chrétien, La Lettre, La Vie nouvelle*» (PELLETIER, 2005, p. 109).

integristas precisariam de alguns anos para se reinventarem com o surgimento de eventos como a guerra da Argélia,⁹⁰ o Concílio Vaticano II e *Maio de 1968*.⁹¹ Nos anos iniciais de 1960, o integrismo foi acusado pela Cúria Romana de fazer uma vasta campanha de difamação contra a instituição. Os contrarrevolucionários franceses se opuseram a essa nova mensagem e o novo apostolado da Igreja no mundo moderno, em um campo de batalha midiático disputado entre progressistas e integristas, tendo o Concílio Vaticano II como debate em seus escritos. Em decorrência do evento, a questão litúrgica também foi motivo de contenda para os tradicionalistas que passaram a se organizar por meio da resistência espiritual (LAFAGE, 1989).

No campo integrista francês existiu um núcleo de atuação forte que antecedeu o Concílio, surgido na década de 1950. Esse núcleo foi representado pelos periódicos e jornais: *Itinéraires* (Jean Madiran), *La Pensée Catholique* (Paris, 1946-1956) de Gustave Thibon, *L'Homme Nouveau* (Paris, 1946-até hoje) de Marcel Clément, *La Table Ronde* (Paris, 1944-até hoje) de Michel de Saint Pierre, *Le Figaro Littéraire* (Paris, 1946- até hoje) de Michel Ciry, *France-Soir* (Paris, 1944-até hoje) de Jean Dutourd, *Aspects de la France* (Paris) e *La Cité Catholique* (Paris, 1946-1963) de Jean Ousset – que em 1963 se transformou em *Office International*, com sua revista *Permanences* (Paris, 1963-1977). Nesse grupo, o tradicionalismo religioso e artístico (Ciry, Sauguet), o militarismo do marechal Pétain (Rémy, Thibon), o gaullismo (Doutourd, Droit), com o nacional-catolicismo (Salleron, Saint-Pierre) e o anticomunismo (Madiran, Ousset) formaram o alicerce desse movimento. Mas é a herança da guerra da Argélia que forneceu a ossatura para a atuação desses grupos (PELLETIER, 2005).

Como resultado desses acontecimentos, o campo católico internacional se encontrou em uma crise de identidade logo após o Vaticano II. Para o integrismo francês, o

⁹⁰ Movimento de libertação nacional da Argélia do domínio francês e que tomou curso entre 1954 e 1962. Caracterizou-se por ataques de guerrilhas urbanas e rurais e atos de violência contra civis - perpetrados tanto pelo exército e colonos franceses (os “pied-noirs”), quanto pela *Frente de Libertação Nacional* (FLN) e outros grupos argelinos pró-independência. O principal rival argelino da FLN – com o mesmo objetivo de independência para a Argélia – era o *Movimento Nacional Argelino* (MNA), criado mais tarde e cujos principais membros eram trabalhadores argelinos na França. A FLN e o MNA lutaram entre si durante quase toda a duração do conflito (DUARTE-PLON, 2016).

⁹¹ O epicentro dos movimentos contraculturais e estudantis que ocorreram no mundo durante o ano de 1968 teve seu centro na França, no dia 3 de Maio, espalhando-se por todo o país com a participação de várias classes, como os funcionários públicos/privados e operários. Contra o poder do general De Gaulle os poderes conservadores conseguiram dissolver a Assembleia e convocaram as eleições para o dia 27 de Junho. Conseguindo acabar com a greve, os serviços são retornados. Contudo, o partido do general De Gaulle ganhou as eleições com Georges Pompidou. Dessa maneira, permaneceu o domínio das forças conservadoras na política francesa. Só em 1981 que a esquerda assume o governo na França com François Mitterrand (REIS FILHO, 1998).

progressismo católico apresentou um equilíbrio negativo para a instituição, provocando uma “aberração” conduzida pelo “pior” papa de todos os tempos, Paulo VI. As “barbaridades” conduzidas por essa “Nova Igreja” fez com que surgisse uma “nova ordem conciliar”:

[...] desprendimento dos sacramentos, refluxo das vocações, pluralismo religioso um pouco heterogêneo. Esta cristalização dos fracassos do *Vaticano II* não falhou de ser interpretado por alguns católicos, até então silenciados, como o resultado de uma “lotação esgotada”, de uma diarreia e, por fim, de uma heresia patrocinada por um pontífice romano e os bispos. Diante da aceleração brutal das evoluções de uma Igreja Católica que parecia ter perdido todo o autodomínio, diante a desagregação de que o padre Congar chamou de “a incondicionalidade do sistema”, os católicos nostálgicos da igreja pré-conciliar foram confrontados a uma dolorosa crise. Das oposições que existem hoje, refletem a recusa da nova ordem conciliar, dessa nova maneira de ser católico e de manifestar sua presença no mundo.⁹²

Essa crise, que passou a ser representada pelo discurso da “desidentificação”, não aceitou que esse novo movimento fosse reconhecido como parte da Igreja, promovendo uma crise de legitimidade no campo católico que culminou entre 1974 e 1976 com a crise *lefebvrista*. O arcebispo francês Marcel Lefebvre (1905-1991) foi figura de oposição ao Concílio Vaticano II, participando na época das seções do Concílio com o grupo *Coetus*, que fez oposição às resoluções e aos decretos do Concílio. Com a promulgação da *Nova Missa* em 1969, junto com outros bispos, iniciou-se uma série de contestações públicas exigindo a celebração da Missa de Trento. Como resultado, em 1970, surgiu a *Fraternidade São Pio X* e o *Seminário Internacional de Écône*, criado para “formar seminaristas para o celibato” na ótica do tradicionalismo católico. Em 1976, a crise chegou ao seu ápice. O arcebispo Lefebvre foi considerado dissidente da Igreja por sacramentar quatro bispos tradicionalistas sem o aval de Roma. Como forma de repúdio à santa Sé, os tradicionalistas católicos franceses se reuniram no dia 27 de fevereiro de 1977, ocupando a Igreja de *Saint Nicolas-du-Chardonnet* e celebrando os ritos antigos da missa que foi suprimida pelo Vaticano II.⁹³

⁹² Tradução livre do autor. No original: «[...] désaffection des sacrements, reflux des vocations, pluralisme liturgique quelque peu hétéroclite. Cette cristallisation des échecs de Vatican II n'a pas manqué d'être interprétée par certains catholiques, jusqu'alors silencieux, comme le résultat d'un bradage, d'un dévoiement, et, pour finir d'une hérésie patronnée par le pontife romain et les évêques. Face à l'accélération brutale des évolutions d'une Église catholique qui semblait avoir perdu toute maîtrise de soi, face à la désagrégation de ce que le père Congar a appelé l'inconditionnalité du système, les catholiques nostalgiques de l'Église préconciliaire ont été confrontés à une douloureuse crise d'identité. Des oppositions se sont fait jour, traduisant leur refus du nouvel ordre conciliaire, de cette nouvelle manière d'être catholique et de manifester sa présence au monde» (LAFAGE, 1989, p. 13).

⁹³ A missa que ocorreu no dia 1 de março de 1987, na mesma Igreja de *Saint Nicolas-du-Chardonnet*, onde ocorreu a ocupação dez anos antes, comemorava a volta da missa tridentina. Esse episódio tornou-se a representação da vitória do tradicionalismo católico contra a modernidade dentro da Igreja. A missa ganhou

Figura 3: Arcebispo francês Marcel Lefebvre.

A troca do papado não diluiu o conflito entre Roma e Lefebvre. Os grupos integristas da década de 1980, como *Itinéraires* e *Présent* (Paris, 1982-até hoje), alimentaram esses conflitos nas páginas de suas revistas. Contudo, o Papa João Paulo II sinalizou para um acordo entre a Santa Sé e o arcebispo francês, perdoadando o conflito de 1976 e autorizando a celebração do ritual antigo. No dia 5 de maio de 1988, foi assinado o acordo. Mas no dia 30 de junho o arcebispo Lefebvre rompeu a trégua e ordenou mais quatro bispos em sua instituição. Como consequência, em dois de julho de 1988, João Paulo II excomungou os bispos consagrados e considerou o ato como sistêmico. Sobre a história de toda essa crise:

A crise lefebvrista, que iniciou na primavera de 1975, é uma crise de recepção do concílio, na qual as raízes imediatas remontam à organização de uma minoridade hostil ao *aggiornamento* dos tempos do *Vaticano II*. O integrismo é um fenômeno muito antigo, no qual é sempre creditada a hostilidade intransigente a toda concessão católica ao mundo moderno, e o engajamento das direitas nacionalistas contra a democracia. É particularmente verdadeira na França, em que a questão Lefebvre reviva as pesquisas, nos dias de hoje, de um nacional-catolicismo cuja história

repercussão nacional e contou com a presença do clero integrista católico e dos grupos da direita política francesa. O quotidiano *Présent* acompanhou a celebração (LAFAGE, 1989).

presente da *questão Dreyfus à guerra da Argélia*, passando pela *Ação Francesa* e por *Vicky*⁹⁴.

O integrismo ainda é uma força relevante na França. Em 2009, a comunidade clerical do tradicionalismo católico era composta de 491 padres, 215 seminaristas, seis seminários, 88 escolas, dois institutos universitários, 117 freiras e 164 irmãs. Ainda no final do ano de 2009, o bispo Williamson, um dos bispos ordenados por Lefebvre, escreveu na imprensa francesa reacendendo a questão do antissemitismo, que pertence ao imaginário integrista francês. Sobre o *revisionismo* nazista, essa “teoria” procura “adoçar” uma realidade histórica, relativizando o acontecimento como, por exemplo, afirmando na imprensa que a morte dos judeus foi consequência da II Guerra Mundial. É interessantíssimo o texto de conclusão de Florian Michel e Bernard Sesboué (2009) sobre a anatomia dessa crise pós-conciliar. O *negacionismo* surgiu para reatualizar a “teoria do complô”, caro ao integrismo. Quando existe uma crise global, os “bodes expiatórios” da sociedade, como no caso da França, judeus, maçons, protestantes e imigrantes, são evocados como causa desse problema. Para os autores, esse método não é inocente:

Afirmações ou declarações gratuitas? Os revisionistas, não os esqueçamos, não proferem ideias desse tipo de uma maneira inocente. Eles prosseguem a maior parte do tempo uma estratégia, como destaca, aliás, Yves Termon. Essa pode ser a maneira de acostumar lentamente a opinião a sua tese, de lançar os balões de ensaio para testar a reação do público. Esse pode ser também um método a fim de desestabilizar as convicções de uma disciplina, a história, que não é uma ciência exata. No presente caso, alguns poderiam dizer que as propostas do bispo Williamson eram uma maneira de fazer fracassar as tentativas de aproximação dos integristas com o Vaticano, suscetível depois do concílio Vaticano II a uma relação de diálogo e de confiança com o mundo judeu.⁹⁵

⁹⁴ Tradução livre do autor. No original: «Las crise lefebvriste, qui éclate ai printemps 1975, est une crise de réception du concile, dont les racines immédiates remontent à l'organisation de la minorité hostile à l'aggiornamernto au temps de Vatican II. L'integrisme est un phénomène plus ancien, où se sont toujours croisés l'hostilité intransigente à toute concession catholique au monde moderne, et l'engagement des droites nationalistes contre la démocratie. C'est particulièrement vrai en France, où l'aaffaire Lefebvre ranime les réseaux d'un national-catholicisme dont l'histoire court de l'affaire Dreyfus à la guerre d'Algérie, en passant par l'Action française et par Vichy» (PELLETIER, 2002, p. 173).

⁹⁵ Tradução livre do autor. No original: «Affirmations ou déclarations gratuites? Les révisionnistes, ne l'oublions pas, ne profèrent pas de idées de ce type d'une manière innocente. Ils poursuivent la plupart du temps une stratégie, comme le souligne par ailleurs Yves Termon. Ce peut être une manière d'habituer lentement l'opinion à leur thèse, de lancer des ballons d'essais pour tester les réactions du public. Ce peut être aussi une méthode afin de déstabiliser les certitudes au sein d'une discipline, l'histoire, qui n'est pas une science exacte. En l'occurrence, certains ont pu dire que les propos de l'évêque Williamson étaient une manière de faire échouer les tentatives de rapprochement des intégristes avec le Vatican, sensible depuis le concile de Vatican II à une relation de dialogue et de confiance avec le monde juif » (PELLETIER, 2005, p. 173).

Essa é uma das características principais do pensamento reacionário integrista. Como observado, torna-se uma estratégia por representar interesses políticos e religiosos. Foi esse sentimento, do constante inimigo “minando” as forças do país, que a corrente integrista na França produziu em seus discursos na imprensa. São artigos que retratam as mudanças comportamentais e religiosas impostas pelo contexto histórico e pelas agitações pós-1968. Desse modo, a revista *Itinéraires* transformou-se no maior veículo de denúncia da esquerda e do progressismo católico e contou com a participação de Gustavo Corção e Julio Fleischman nessa empreitada.

2.3 A REVISTA *ITINÉRAIRES*

2.3.1 Jean Madiran/Arfel e o nascimento de *Itinéraires*

Nascido em Libourne (França) Jean Arfel (1920-2013) foi um dos representantes do movimento nacional-católico, sendo militante do regime de Vichy, membro da *Ação Francesa* e secretário de Charles Maurras. Em 1945, após ficar em reclusão em um monastério situado na colina Madiran, ele escolheu o pseudônimo que o acompanhou até a sua morte. Ele teve outros dois alônimos: Jean-Louis Lagor e Jean-Baptiste Castetis. Em 1948, sob o nome de Jean-Louis Lagor publicou seu primeiro livro: *La Philosophie politique de Saint Thomas*. No pós-guerra, iniciou sua carreira jornalística escrevendo em *L'Indépendance Française*, *Aspects de la France* e *Rivarol*.

Em 1956 Jean Madiran fundou a revista *Itinéraires*, concebida após a aparição pública de dois panfletos escritos por ele em 1954 e 1955, respectivamente: *Ils ne savent pas ce qu'ils font*, e *Ils ne savent pas ce qu'ils disent*. Foram ataques dirigidos a corrente progressista francesa, principalmente aos grupos e suas revistas: *La Vie catholique Illustrée* (Paris, 1945-até hoje) , *Témoignage Chrétien* (Lyon, 1941-até hoje) e *Esprit* (Paris, 1932-até hoje). A revista *Itinéraires* nasceu dentro do espírito de combate contra a esquerda cristã e fez da guerra da Argélia uma cruzada contra o nacionalismo mulçumano, o qual Madiran acreditava ser o suporte de uma ofensiva soviético-comunista contra o Ocidente cristão (PELLETIER, 2005).

Na década de 1960, a revista foi um dos pólos críticos mais fervorosos do Concílio Vaticano II. No dia 27 de junho de 1966, o episcopado francês publicou um comunicado alertando os católicos franceses contra a revista *Itinéraires*, pois contestava os princípios de renovação do Concílio. A partir de então, o grupo de intelectuais em torno da revista passou a

denunciar todas as reformas pós-conciliares, criticar a nova liturgia e combater o processo de desclerificação. Dessa forma, a revista deu apoio incondicional ao arcebispo Lefebvre e lhe abriu largamente suas colunas.⁹⁶ O número 233 (maio de 1979) da revista *Itinéraires* foi dedicado ao conflito entre Lefebvre e o Santo Ofício, com as transcrições das cartas entre o arcebispo francês e o responsável do Vaticano na época do caso, Cardinal Seper, nos anos de 1978 e 1979.

Jean Madiran foi um dos fundadores do quotidiano *Présent* em cinco de janeiro de 1982, junto com Romain Marie, Hugues Kèraly e François Brigneau. Aos poucos, Jean Madiran acabou se dedicando mais à nova empreitada e deixando o projeto da *Itinéraires* de lado, até o seu desaparecimento em 1997. Ele foi o diretor de publicação e o diretor da redação de *Présent* durante muitos anos. Em 1996, foi condenado por injúria racial pela publicação de um artigo contra o padre Albert Lévy. Morreu no dia 31 de julho de 2013, aos 93 anos de idade.⁹⁷

Figura 4: Jean Madiran em Lausanne (1965)

2.3.2 Estrutura Física, materialidade e circulação da revista francesa

⁹⁶ O arcebispo francês escreveu 17 artigos na revista *Itinéraires*, de 1964 a 1989.

⁹⁷ As informações foram retiradas dos sites: <https://present.fr/notre-histoire/> e <http://www.lefigaro.fr/mort-de-jean-madiran-proche-de-maurras.php>. Acessados no dia 20 de outubro de 2018.

Vale ressaltar a importância de se refletir sobre a constituição física (materialidade, estruturação e conteúdo) da revista *Itinéraires*, pois é uma fonte histórica produzida em um contexto específico e por grupos de pessoas vinculadas àquela realidade. As informações contidas nos periódicos são importantíssimas, mas deve-se tomar cuidado, pois esse tipo de fonte cria determinadas imagens da realidade que podem ser fragmentadas e impregnadas de uma “visão de mundo”. Além disso, deve-se atentar para a materialidade desses impressos e suas consequências simbólicas e interpretativas (LUCA, 2005).

A revista francesa *Itinéraires* seguiu as mesmas tendências técnicas dos periódicos católicos do período: sem propaganda comercial (apenas dos livros publicados pelo selo da *Itinéraires* ou dos grupos do integrismo francês), grandes quantidades de páginas e sem imagens ilustrativas. A dimensão da revista era 20 x 12,5 cm. Nos primeiros anos de circulação da revista, as capas eram coloridas, com a imagem de um peregrino carregando uma cruz no seu itinerário. No ano de 1969, a capa passou a ser branca e as imagens contornadas de vermelho. A partir da década de 1970, as revistas passaram a ser padronizadas até o seu último número em 1997, com a capa branca e as imagens contornadas de azul. Existiram números especiais, dedicados aos personagens do clero e do laicato católico (Charles De Koninck, Mgr. Lefebvre, Jean Crété, Henri Charlier) ou acontecimentos históricos como Maio de 1968 e a Questão Lefebvre x Roma:

Figura 5: Revista *Itinéraires*

Figura 6: Revista *Itinéraires*

Figura 7: Revista *Itinéraires*

Figura 8: Revista *Itinéraires*

Figura 9: Revista *Itinéraires*

Figura 10: Revista *Itinéraires*

A sede da administração e da redação do periódico integrista funcionou na Rua Garancière (Paris-VI), na cidade de Paris, e sempre teve como diretor Jean Madiran. A revista foi editada pela *Les Presses Brêtonnes*, localizada na cidade de Saint-Brieuc. Fundada no século XVII, encerrou suas atividades no ano de 2000. Quanto ao dinheiro arrecado para sua

publicação, a revista era assinada por leitores de quase todo o mundo: Canadá, Bélgica, Suíça, Itália, Espanha, Portugal, Grécia, Alemanha, Grã-Bretanha e Estados Unidos. Os preços das assinaturas da revista na França e nesses países eram estampados no sumário.

Outra fonte de sustento da revista *Itinéraires* foi a criação da associação *Compagnons d'Itinéraires*, fundada em 1962. Ela possuía o intuito de assegurar o sustento financeiro da publicação da revista, com festas, reuniões e encontros. Seus membros eram compostos por Amiral Paul Auphan (presidente), Alain Beaulieu-Camus (vice-presidente), Alains Sérieyx (tesoureiro), Charles Durand, Michel Tissot e Louis Salleron. Pode-se dizer que tal associação foi fundamental para o funcionamento do periódico francês. Na Segunda Assembleia Geral da Associação, reunidos em 28 de novembro de 1964, o número de assinaturas subsidiadas por ela passou de 80 para 114.⁹⁸

Na década de 1970, a revista *Itinéraires* passou a sofrer com a queda de assinaturas. Na revista de março de 1976 (n. 271), o artigo introdutório foi uma nota da gerência chamando a atenção dos leitores sobre as dificuldades financeiras que a revista passava depois de 21 anos existência. Na campanha de assinatura feita no começo daquele ano, a revista conseguiu 401 novas assinaturas e não atingiu a meta esperada, de 2.000 mil adesões. De acordo com Jean Madiran, a revista, até aquele momento, tinha menos 2.290 assinaturas do que o ano de 1969. No final da nota, o diretor da revista agradeceu imensamente os esforços da associação *Compagnons d'Itinéraires*, reconhecendo a importância desse movimento para a sobrevivência do periódico e por levar as informações e o combate da *Itinéraires* às pessoas que não tinham condições de adquirir a revista.

Quanto à estruturação interna do periódico, não existiu uma sequência fixa, pois ela se adequava com a importância dos episódios que ocorriam em um dado momento, fosse político ou religioso. Desse modo, com uma estrutura não padronizada, têm-se as seguintes divisões “flutuantes”: *Editoriaux* (atualidades), *Chroniques* (seção onde eram publicados os artigos dos intelectuais), *Notes Critiques* (comentário de livros publicados recentemente), *Documents* (análise de documentos publicados pelo clero católico) e *Avis Pratiques* (recados aos assinantes sobre cursos, palestras, assinaturas).

O periódico francês circulou de março de 1956 até dezembro de 1989, encerrando sua primeira fase. A partir de 1990, a revista foi publicada seguindo as estações do ano, até o inverno de 1992, finalizando sua segunda fase. A última etapa de circulação iniciou em Março de 1993, tornando sua publicação trimestral até dezembro de 1996. Em março de 1997 foi

⁹⁸ *Itinéraires* (jan. de 1965, p. 142).

editada a última revista *Itinéraires* (n. 13), mas como suplemento (fora da série). Jean Madiran autorizou os direitos de venda da revista e seus suplementos para a editora católica *Nouvelles Éditions Latines* (Paris, 1928-até hoje).

2.3.3 Intelectuais franceses de *Itinéraires* e redes de sociabilidades

A pesquisa sobre os intelectuais que escreveram na revista francesa iniciou-se com a investigação dos sumários dos periódicos, iniciando com o número 59 (janeiro de 1962) e finalizando com o número 338 (dezembro de 1989). Infelizmente, nos acervos documentais pesquisados não se encontram os primeiros anos da revista na sua primeira fase (1956-1989). O que se apresentou nessa série foi uma rede de intelectuais conectados aos diversos grupos que existiram do integrismo católico francês de todo o século XX, sendo formada a revista *Itinéraires* por membros que se aglutinavam em torno da sua publicação. Em vista de outros periódicos religiosos, a revista francesa aproximava-se da lógica organizacional do grupo brasileiro *Hora Presente* (SP, 1968-1977), que agrupava a elite católica de São Paulo na redação de sua revista homônima. O grupo carioca *Permanência* (RJ, 1968-até hoje) se diferenciava dessas duas formas, pois reunia intelectuais e membros em uma sede própria, com centro de reuniões, palestras e cursos onde divulgavam seus pensamentos e suas atividades em uma revista. Na França existiu uma diversidade de grupos da extrema direita católica, com seus maiores representantes reunidos em torno da revista *Itinéraires*, que se tornou um centro aglutinador de visões de mundo do movimento integrista francês naquele período.

O documento que se originou dessa catalogação foi uma tabela com 10 páginas, contendo 299 nomes de intelectuais, jornalistas, editores, artistas, professores universitários, pintores, escultores, clérigos católicos, militares do exército e alguns intelectuais e jornalistas do exterior, como Gustavo Corção e Julio Fleischman. Essa tabela encontra-se em anexo no final da tese (Anexo -Parte III). Com essa quantidade de nomes, optou-se por uma seleção com três tipos de escritores, sequenciados a partir da quantidade de artigos publicados: os escritores principais (de 51 a 200 artigos escritos), os colaboradores principais (de 31 a 50 artigos escritos) e os colaboradores secundários (de 10 a 30 artigos escritos).

Esses escritores encontram-se no quadro sete, que resultou em 50 nomes de alguns representantes do integrismo francês nas décadas de 1960 a 1980. As informações desse quadro foram retiradas das bibliografias sobre a história da Igreja na França e de sites dos grupos integristas citados no decorrer do texto. Mesmo assim, não foi possível identificar o

histórico profissional e intelectual de 14 nomes desse levantamento. Dos 36 nomes pesquisados, foram identificados 68 grupos e periódicos do movimento integrista francês, e poucos do campo internacional. Ao se comparar com as informações contidas no quadro três, que levou em consideração artigos e documentos de grupos estrangeiros citados na revista *Permanência*, de 1968 a 1974, apareceram 57 nomes de grupos nacionais e internacionais, sendo 15 grupos do integrismo francês, português e italiano, e dois grupos do progressismo brasileiro. Não menosprezando o que foi objeto de comparação nos dois quadros – mas que resultaram na quantificação de grupos e associações –, ficou em evidência a relevância do integrismo francês na trama internacional desse movimento. Além de ser o berço da corrente, ainda é um país que possui movimentos do tradicionalismo católico atuantes no campo político.

Dos 68 representantes do integrismo francês, cinco grupos citados no quadro sete são de outros países como *Une Voce America* e *National Review* (Estados Unidos), *La Libre Belgique* (Bélgica), *Centro Dom Vital* e o grupo *Permanência*. Dos 50 intelectuais que escreveram na revista parisiense, apenas cinco pertencem a outra nacionalidade: Thomas Molnar era húngaro, Marcel de Corte e Alexis Cuvers, belgas e Gustavo Corção e Fleischman, brasileiros. No quadro geral dos escritores de *Itinéraires* (Anexo - Parte III) aparecem mais sete nomes de representantes de outros países, onde se destacaram o espanhol Julio Garrido e o arcebispo brasileiro Antônio de Castro Mayer (1904-1991)⁹⁹. Compreende-se desses fatos que, além de possuir o domínio da corrente integrista naquele período, os franceses, representados pela revista *Itinéraires*, abriram pouco espaço em suas colunas para escritores e intelectuais do integrismo internacional. Existiam outros grupos de relevância em países como Portugal, Espanha e Itália, por exemplo. Contudo, nesse pouco espaço de participação, vê-se o predomínio belga, mas a participação brasileira teve sua relevância. No país em que havia inúmeros grupos do tradicionalismo católico espalhados por várias regiões, o projeto político e cultural de Gustavo Corção e Julio Fleischman, representantes do grupo *Permanência*,

⁹⁹ Foi bispo católico da Diocese de Campos, no estado do Rio de Janeiro, e fundador e líder da *União Sacerdotal São João Maria Vianney*. Durante o Concílio Vaticano II ele foi um dos líderes da ala conservadora *Coetus Internationalis Patrum*. Depois do Concílio, regressou à diocese onde foi irredutível na manutenção da tradição, especialmente no campo da ortodoxia. Nos anos 70, devido a sua resistência ao progressismo e ao modernismo teológico na Igreja Católica, não permitiu que a *Missão Nova* fosse celebrada em sua Diocese, o que durou 20 anos, até sua aposentadoria. Posteriormente, Dom Mayer e a *União Sacerdotal* tornam-se parceiros da *Fraternidade Sacerdotal São Pio X* e de Dom Marcel Lefebvre e participaram das sagrações dos Bispos em Ecône, em 1988. Esse foi o evento ápice, que causou o cisma o movimento liderado pelo arcebispo francês Marcel Lefebvre e a Igreja Católica.

ganharam destaque na imprensa católica da França e notoriedade dos membros do clero e do laicato católico francês.

Dos principais grupos do integrismo católico francês presentes no quadro sete se destacaram 17 nomes, com mais de dois intelectuais que escreveram na revista *Itinéraires* envolvidos nesses movimentos. Dos 50 intelectuais que se destacaram no quadro acima, nove fizeram e ainda fazem parte do quotidiano *Présent*. O grupo surgiu a partir de um curso de verão realizado no centro *Charlier* em 1981, sobre Robert Brasillach (1909-1945)¹⁰⁰. O primeiro número foi lançado em cinco de janeiro de 1982 sob a liderança intelectual dos maiores nomes do integrismo francês, como François Brigneau, Jean Madiran, Romain Marie (Bernard Antony)¹⁰¹ e Hugues Kèrally. O periódico, em seu lançamento, se propôs a lutar contra as “desinformações” do social-comunismo. Nos dias de hoje, é um dos maiores grupos integristas atuantes na França. Sua redação atual é composta pelos seguintes nomes: Sophie Akl-Chedid, Olivier Bault, Francis Bergeron, Anne Brassié, Hubert Champrun, Jean Cochet, Christian Daisug, Franck Delétraz, Anne Dulin, Camille Galic, Robert Le Blanc, Anne Le Pape, e outros¹⁰².

Outra organização integrista que se destacou nesse levantamento foi o *Centre Henri et André Charlier*. Criado entre os anos de 1979 e 1980, a instituição promoveu os valores espirituais, artísticos e morais da civilização greco-latina e cristã. Foi fundado por Bernard Anthony, Albert Gérard e Dom Gérard. A origem dessa organização se deu em homenagem aos dois irmãos católicos: Henri e André Charlier¹⁰³. Ela possuía um periódico, fundado em 1982, que se chamou *Chrétienté-Solidarité*, e que em 1989 passou a se chamar *Reconquête*. Em sua revista, o centro defendeu o nacionalismo francês do *Front National* de Jean-Marie Le

¹⁰⁰ É um escritor, jornalista e crítico de cinema francês. Ele foi conhecido, sobretudo, por seu engajamento político na extrema-direita. Formando na AF, ele evoluiu em direção ao fascismo nos anos de 1930. Na Ocupação Nazista ele tornou-se redator chefe do jornal colaboracionista e antissemita: *Je suis partout*. Na fase da Libertação, ele foi julgado por seus escritos políticos, condenado e fuzilado.

¹⁰¹ Bernard Antony nasceu em 1944 e é conhecido também como Romain Marien. É jornalista, ensaísta e homem político francês. Membro do *Font National* até 2008 é uma das principais figuras da sensibilidade católica tradicionalista na direita nacional. É o presidente da *Alliance Générale contre le Racisme et pour le Respect de L'identité française et Chrétienne* (AGRIF), fundada em 1984. Na revista *Itinéraires*, escreveu dois artigos com seu nome verdadeiro, em 1986 e em 1987, e, como Romain Marie, escreveu três artigos, em 1980 e em 1985.

¹⁰² <https://present.fr/la-redaction/>. Acessado dia 20 de outubro de 2018.

¹⁰³ O número da revista *Itinéraires* de setembro e outubro de 1972 é dedicado aos irmãos Charlier. André Charlier escreveu 21 artigos (de 1962 a 1982) e Henri Charlier escreveu 63 artigos (de 1962 a 1989) no periódico.

Pen até 1998, após a “centralização” do partido¹⁰⁴. Além disso, critica fortemente o islamismo e o comunismo nos dias de hoje (LAFAGE, 1989).

A revista *Minute* também se destacou nessa pesquisa. Fundada em 1962 por *Jean-François Devay* (1925 - 1971),¹⁰⁵ antigo diretor de *L'Aurore*, inicia sua publicação com desenhos humorísticos. Fazem parte da redação François Brigneau, Jean Bourdier (1932-2010)¹⁰⁶ e Professeur Choron (1929 – 2005)¹⁰⁷. Muitos nomes passaram por sua redação, pois é uma revista ativa até os dias de hoje. Contudo, foi nos anos de 1970 que o periódico se aproximou do pensamento da extrema-direita e dos partidos políticos dessa linha, como *Front National*, e se caracterizou por sua grande tiragem: 250.000 exemplares vendidos por semana entre 1962 e 1981, e 40.000 exemplares em 2006, por semana.¹⁰⁸

Os outros grupos, com dois, ou três representantes de *Itinéraires* em suas organizações, são: a *Action Française*, *Revue Universelle*¹⁰⁹, *Carrefour*, *Rivarol*¹¹⁰, *La Nation Française*¹¹¹, *Aurore*¹¹², *Revue Thomiste*¹¹³, *L'Homme Nouveau*¹¹⁴, *Centro Dom Vital*, grupo

¹⁰⁴ Mais informações: <https://rassemblementnational.fr/statuts-du-rassemblement-national/>. Acessado dia 10 de outubro de 2018.

¹⁰⁵ Jornalista francês, ele foi redator chefe do *Jours de France*, diretor de informações de *Paris-Presse-L'Intransigeant* e proprietário da revista *Le Crapouillot*. Em janeiro de 1962, financiado por artistas, industriais e financeiros, ele fundou *Minute*, dirigido contra o presidente da República na época Charles de Gaulle. Com o fim da guerra da Argélia, a revista sustentou partidos de centro e seus representantes Jean Lecanuet e Valéry Giscard d'Estaing.

¹⁰⁶ Escritor, tradutor e jornalista francês. Amigo de Jean-Marie Le Pen e do jornalista Jean-François Chiappe, ele participou em 1972 da fundação do *Front National*. Em 1984, foi um dos fundadores, junto com Roland Gaucher, Michel Collinot, François Brigneau e Jean-François Touzé, da revista *National-Hebdo*. Colaborou também na *La Nouvelle Revue d'histoire* e publicou uma crônica na *Flash Magazine*.

¹⁰⁷ Foi um escritor, jornalista satírico, humorista e cantor francês. Foi conhecido pelo nome de Georges Bernier. Criador e animador de muitos jornais, ele é cofundador das revistas *Hara-Kiri* e *Charlie Hebdo*.

¹⁰⁸ Para mais informações: <http://www.minute-hebdo.fr/>. Acessado dia 28 de outubro de 2018.

¹⁰⁹ A *Revue universelle* (1920-1944) foi um periódico francês fundado por Jacques Bainville (diretor) e Henri Massis (redator chefe). Uma revista nacionalista (realista e católica) com a linha editorial próxima da *Ação Francesa* com os seguintes nomes: Charles Benoist, Gustave Thibon, Pierre Gaxotte, Pierre Boutang e Raoul Girardet. Ela se interessava por questões da política exterior. Entre os principais colaboradores: Charles Maurras, Maurice Vaussard e Henri Gouhier.

¹¹⁰ *Rivarol* é um hebdomadário francês de extrema-direita, de oposição nacional e europeia, fundada em 1951 por René Malliavin. Hoje em dia ele é comandado por Jérôme Bourbon.

¹¹¹ *La Nation française* (1955-1967) foi um hebdomadário realista francês fundado pelo jornalista e filósofo Pierre Boutang e Michel Vivier.

¹¹² *L'Aurore* é um jornal francês fundado em 1943 que desapareceu em 1985. Seus maiores representantes foram Lazurick, Jean Piot, Paul Bastid e Henri Forissier.

Permanência, *Front National*¹¹⁵, *L'Auto jornal*, *National-Hebdo*¹¹⁶, *La Pensée Catholique*¹¹⁷. O restante dos grupos, descritos no quadro sete, possuíram apenas um integrante de *Itinéraires* e ficam registrados para análise no quadro.

Vale ressaltar que outros intelectuais do grupo *Itinéraires* (Anexo – Parte III) podem ter participado desses grupos, ou até de outros grupos que não foram citados nesse levantamento, mas que tiveram sua relevância no campo político francês. Por exemplo, a revista *L'Homme Nouveau* foi o periódico francês que teve mais publicações na revista *Permanência* do que publicações da revista *Itinéraires*, como constatado no capítulo anterior. Mas o que importa aqui é identificar essas relações, como se estruturaram essas redes que trocavam informações rapidamente entre si, e que combatiam em pé de igualdade com a imprensa progressista e a esquerda católica na França. Essa é uma situação diferente da vivida pelo integrismo católico no Brasil. Apesar da censura imposta pelo regime, as revistas progressistas e circulares do clero católico transitavam pelo país. Tanto a *Permanência*, como a *Hora Presente*, conquistaram uma tiragem considerável no começo de suas publicações, mas essa situação não se repetiu ao longo dos anos. O integrismo ganhou fôlego nas atuações de Gustavo Corção na imprensa laica, que era composta por grupos e editores que participavam da elite civil-militar e que atacavam os grupos comunistas e da esquerda católica aqui no Brasil.

Como observado, os intelectuais do integrismo brasileiro foram ouvidos, lidos e tidos como referência sobre o que acontecia no Brasil e na América Latina com a Igreja Católica progressista e com a situação política da época. Apesar dos grandes nomes do integrismo francês que escreveram junto com Gustavo Corção e Julio Fleischman na revista *Itinéraires*, da

¹¹³ A *Revue thomiste* é uma revista trimestral de teologia e de filosofia católica fundada em 1883 pelos padres dominicanos Marie Thomas Coconnier, Ambroise Gardeil e Pierre Mandonnet. Seguiu as orientações do papa Leão XIII sobre a renovação dos estudos tomistas.

¹¹⁴ *L'Homme Nouveau* é um bimensal católico fundado em 1946 com o auxílio de Marcellin Fillère e do abade André Richard. Ele se desenvolveu com a entrada de Marcel Clément nos anos de 1960, dirigindo-o até 1980. Após 2001, quem assumiu a liderança editorial foi Philippe Maxence.

¹¹⁵ *Le Rassemblement National* (RN), chamado de *Front national* (FN) até 2018, é um partido fundado em 1972 e possui a denominação oficial *Front national pour l'unité française* (FNUF). Foi comandado por Jean-Marie Le Pen até 2011 e, atualmente, por sua filha Marine Le Pen.

¹¹⁶ *National-Hebdo* foi um semanário oficial do FN. Criado em 1984, jornal de extrema-direita, foi chamado de *National hebdo*, *hebdomadaire d'informations nationales*. Os principais membros foram: Jean-Claude Varanne, Louis Aliot, Yves Daoudal, Serge de Beketch, Roland Gaucher (1986-1993), Martin Peltier (1993-1998) e Jean Bourdier (1998-1999). Até 1988, o editorialista do jornal foi François Brigneau.

¹¹⁷ Surgiu em outubro de 1946 para combater a nova teologia sob a liderança do abade Berto e do padre Chenu. Encerrou suas atividades em 1956.

pouca participação de representantes do integrismo internacional na revista francesa – considerando que os intelectuais belgas moravam na França e participavam de outros grupos do integrismo francês –, o tradicionalismo brasileiro se destacou no exterior. Para isso, existia um projeto político e cultural, pactuado junto com setores da direita política no Brasil, que foi decisivo para a notoriedade dos intelectuais e que será analisado no tópico abaixo.

2.3.4 Em defesa de um projeto político e cultural: os artigos de Gustavo Corção e Julio Fleichman na revista *Itinéraires*

Gustavo Corção e Julio Fleichman foram intelectuais que mantiveram relações com membros do regime político ditatorial brasileiro, com o clero conservador do país, e com os intelectuais atuantes na imprensa. Eram grupos de católicos, tradicionalistas e conservadores que trabalhavam em várias atividades profissionais como advogados, professores, jornalistas, clérigos, militares e políticos. Entende-se que são pessoas que partilhavam da mesma “angústia” de Corção pela modernidade, que mandavam recortes de jornais em cartas para o intelectual usar em suas matérias. Com o grupo *Permanência*, liderado por Julio Fleichman a partir de 1975, o contato com escritores integristas brasileiros e do exterior resultou em uma militância de combate ao pensamento progressista e moderno. Formou-se um círculo de pensamento em torno das figuras de Gustavo e Julio Fleichman que, juntos, participaram de um projeto de poder, em que o religioso recorreu ao político e ao cultural pela disputa da liderança do campo católico brasileiro. Esse conflito travado entre integristas e progressistas no nosso país foi representado para os franceses católicos tradicionalistas como um modelo de “esperança” para o campo integrista internacional.

Diante dessas constatações, os intelectuais cariocas escreveram na revista *Itinéraires* artigos que reproduziram discursos compartilhados com uma direita política em busca da manutenção do poder, partindo em defesa do regime militar diante das acusações das torturas praticadas aos presos políticos contrários ao regime e do genocídio das etnias indígenas. Os intelectuais brasileiros, como “apóstolos” do tradicionalismo católico, “denunciaram” a atuação dos grupos progressistas da instituição, distorcendo os episódios históricos que envolveram esses setores com o regime militar, as práticas religiosas pós-concílio e a “infiltração” dos costumes modernos na sociedade brasileira. O quadro oito refere-se aos artigos publicados por Gustavo Corção na revista parisiense. Porém, para dar ênfase ao projeto em disputa, o quadro nove indica os artigos publicados por Gustavo Corção na revista *Permanência* durante os anos de 1975-1978. Essa comparação revelará a importância dada

por Corção a esse projeto no exterior e quais assuntos foram escritos no Brasil. Em relação ao projeto civilizacional, relacionando cultura e religião, os artigos foram divididos em três categorias: antiprogressismo, anticomunismo e antimodernismo. Quanto ao projeto político, há somente a categoria defesa/propaganda (elogios). Essas categorias foram elencadas em dois quadros, oito e nove – que se encontram no Anexo (Parte I) –, com as publicações de Gustavo Corção.

O quadro oito traz informações interessantes sobre a “linha de frente” desse projeto: o ataque à Igreja progressista brasileira. São 17 artigos escritos por Gustavo Corção, sendo que 10 foram direcionados aos membros da hierarquia católica contrários ao regime militar. Os clérigos foram taxados de “subversivos comunistas” pelo intelectual, mesmo que alguns desses religiosos não se enquadrassem dentro dessa categoria “progressista”, muito menos “comunista”. A principal instituição denunciada como representante da “Outra” Igreja, a CNBB, foi combatida nesses artigos, e seus membros acusados de “terrorismo” e “difamação” foram Dom Aloísio Lorscheider, Dom Ivo Lorscheiter e Dom Hélder Câmara. Como descrito no capítulo 1, os bispos denunciaram as torturas e os assassinatos ocorridos nos quartéis e nas delegacias brasileiras no exterior e que “atrapalhavam” a imagem política da ditadura militar, o que destacou o trabalho de Gustavo Corção como apoiador do regime.

Os dois primeiros artigos de Corção na revista francesa caracterizam-se por serem propagandas do regime, o que indica a primeira fase de contato. A partir de 1974, quando chamado por Jean Madiran a escrever no periódico, o intelectual carioca iniciou uma série de artigos que possuía como objetivo descrever as atuações da Igreja progressista brasileira e, em especial, a atuação dos bispos primos líderes da CNBB. Intitulados como *Lettres du Brésil* e *Conversations Brésilennes*, esses artigos foram publicados entre os anos de 1974 e 1975, como observado no quadro oito, com um total de sete artigos. Os bispos foram acusados pelo líder do grupo *Permanência* de utilizarem a CNBB como centro de ações da esquerda no Brasil.¹¹⁸

No artigo da série *Lettres du Brésil* (n. 189), Corção tinha a plena convicção, utilizando dos seus tons jocosos, de que os bispos Dom Aloísio e Dom Ivo estariam vivendo em um mundo que era um jogo de “faz de conta”. O escopo era a construção de uma “Nova Igreja” e um “Novo Mundo”, apoiados na heresia e contra o verdadeiro pensamento católico. Como uma espécie de jogo de xadrez, com as regras ditadas pela modernidade, o intelectual

¹¹⁸ No artigo *Deux Pasteurs (Itinéraires)*, jun. 1976), Gustavo Corção dedica uma série de suposições sobre a atuação dos primos dirigentes da CNBB com a esquerda comunista, por meio de financiamentos de agências internacionais comandadas por forças comunistas.

católico identificou as duas peças centrais desse jogo no Brasil: o cavalo (Dom Ivo) e o bispo (Dom Aloísio):

O Jogo de xadrez tem regras rigorosas, dogmas que não são dobrados diante das exigências do mundo moderno. Ele é simétrico, leal, sem a possibilidade de fraudes em nome dos direitos humanos. Eu me vejo num sonho, anunciando um xeque-mate a Dom Aloísio Lorscheider, presidente da Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB). No jogo de xadrez, há duas peças medianas, o cavaleiro e o bispo (do rei). Em português, cavaleiro vem de cavalo, cavalo, por sua simplificação, e o bispo do rei bispo, bispo, por um capricho da história que eu ignoro. E permanece que, para nós, no plano do tabuleiro de xadrez, o bispo e o cavalo tem aproximadamente o mesmo valor (seja coberto de vergonha quem pensa maliciosamente sobre o fato), mas eles são muito diferentes em seus movimentos: enquanto o cavalo salta e empina, o bispo, sempre, se esgueira atravessado.¹¹⁹

Com o sarcasmo dirigido aos inimigos, características da pena jornalística do intelectual católico, em *Conversations brésiliennes* (n. 191), Gustavo Corção apresentou a mensagem discursada pelo papa a respeito dos *Direitos Humanos* e o tema da *Reconciliação*, sendo essa fala aprovada pelos bispos da CNBB. A mensagem papal e os comentários dos primos bispos, extraídos do jornal oficial do Vaticano *L'Osservatorio Romano* (03/11/1974), inflamou a crítica do intelectual católico que advertiu aos seus leitores o cuidado no uso das palavras e a consequência de as interpretarem de maneira errônea, como faziam os “novos grupos”. Por exemplo, o conceito de paz que os “três mosqueteiros da Nova Igreja” (os primos e Dom Paulo Arns) mencionavam constantemente em suas declarações públicas estava em consonância com o discurso da Declaração da ONU sobre os *Direitos Humanos*. Para Corção, esse documento era a referência das construções dogmáticas dessa Igreja *pós-conciliar*, considerado de teor marxista e herético pelos intelectuais integristas. Corção advertiu aos bispos da CNBB que há palavras que são inconciliáveis com a Igreja tridentina, como *libertação*, por exemplo. Utilizada como sinônimo de *salvação integral* pelos grupos progressistas, a palavra *libertação* equivaleria a *Revolução*, no sentido marxista de luta armada. Outro erro quanto ao uso das palavras, segundo o intelectual carioca, seria sobre a

¹¹⁹ Tradução livre do autor. No original: «Les jeu des échecs a des règles rigoureuses, des dogmes qui ne se sont pas pliés devant les exigences du monde moderne . Il est symétrique, loyal, sans possibilité de tricheries au nom des droits de l’homme. Je me vois en rêve, annonçant mat en trois coups à Dom Aloísio Lorscheider, président de la Conférence des Evêques du Brésil (CNBB). Dans le jeu des échecs, il y a deux pièces moyennes, le chevalier et le fou (du roi). En portugais, chevalier devient cheval, cavalo, par simplification, et fou du roi devient évêque, bispo, par une caprice de l’histoire que j’ignore. Il reste que, pour nous, au plan de l’échiquier, le bispo et le cavalo ont à peu près la même valeur (et honni soit qui mal y pense), mais ils sont très différents dans leurs mouvements : tandis que le cheval saute et se cabre, le bispo, toujours, se faufile de biais». *Itinéraires* (jan. 1975. n. 189). Lettres du Brésil.

noção de *homem* presente na declaração da ONU, completamente diferente do pensamento cristão:

Por outro lado, a simples palavra homem, que nós dá um segundo exemplo a declaração da ONU, para sustentar o pluralismo de assinaturas não pode significar a mesma coisa que significa no léxico cristão [...] nós nos opomos ao texto difundido pelos padres do Concílio.¹²⁰

Em outro artigo que combateu o bispo Dom Aloísio Lorscheider, da série *Conversations brésiliennes* (n. 191), Corção dividiu seu texto por tópicos para relatar as ações do bispo no Brasil, o que trouxe um retrato fiel da época sobre os assuntos em pauta na sociedade e que foi condenado pelo intelectual reacionário. O primeiro tópico tratou da declaração de Dom Aloísio no jornal *O Globo* (14/02/1975) sobre a questão do divórcio. Para Corção, o debate já era uma afronta aos princípios da Igreja, e nunca um eclesiástico poderia deixar de ser neutro nessa questão. Como destacado no capítulo anterior, Dom Aloísio era contra o divórcio, sendo um dos temas discutidos em uma das reuniões da bipartite (SERBIN, 2001; GOMES, 2014). O segundo tópico é uma crítica ao uso da palavra *pacifismo* pelo prelado na campanha da fraternidade do ano de 1975 na CNBB, avaliada por Corção como parte da linguagem utilizada pelos comunistas nessa nova fase de dominação do mundo. Dessa forma, prometeu escrever uma carta ao presidente Geisel que o alertaria que o bispo não falava em nome da verdadeira Igreja Católica Romana. O terceiro tópico também é uma acusação ao documento da CNBB que defendia a “decomposição da família”, de cunho esquerdista. O interessante é o último tópico, sobre o imaginário do “mal iminente” rondando o Brasil e a teoria do “inimigo invisível”. Gustavo Corção alerta os franceses que não há nada de tranquilo no Brasil. Apesar de a “Revolução de 1964” ter salvado a nação da ameaça comunista, o perigo, “infelizmente”, vem dos setores progressistas da Igreja brasileira:

Eu fico preocupado com a ideia de ter transmitido, aos amigos do Brasil no exterior, a ideia que não há nada sólido e estável no Brasil, já que a nobre raça de cenobitas, que fez voto de estabilidade, é, também, de apreensão pela trepidação geral. Portanto, o que é estável no Brasil, se os pilares dos quatorze séculos se desmoronaram?¹²¹

¹²⁰ Tradução livre do autor. No original: «D’ailleurs, le simple mot ‘homme’, qui nous donne un deuxième exemple, dans la déclaration de l’ONU, pour supporter le pluralisme de signatures ne peut pas signifier la même chose qu’il signifie dans le lexique chrétien [...] nous nous opposons au texte diffusé par les pères du synode». *Itinéraires* (mar. 1975, p. 62).

¹²¹ Tradução livre do autor. No original: «Je suis inquiet de l’idée d’avoir transmi, aux amis du Brésil à l’étranger, l’idée qu’il n’y a plus rien de solide et de stable au Brésil, puisque la noble race des cénobites, qui a fait vœu de

A partir de 1976, com o fim da série de artigos sobre o progressismo, mais dois textos se caracterizaram pelo ataque à CNBB e aos seus membros. Com o título: *Brésil 1935-1976: du Komintern à CNBB*, Gustavo Corção escreveu aos franceses sobre o “*Levante*” Comunista de 1935, narrando a história de Luiz Carlos Prestes e a ilusão que o marxismo gerou em alguns oficiais do exército que aderiram ao movimento, chamando-os de assassinos frios. Sufocada a agitação e conhecido o malefício que o comunismo poderia trazer à sociedade, o intelectual católico se questionou sobre os motivos que levariam a humanidade a ter fascinação pelo ideal revolucionário e lamentou que essa ilusão estivesse presente em alguns membros da Igreja. Corção inquiriu a todo o momento do texto os comunicados e as declarações da CNBB, não se conformando com o fato de a conferência acusar o governo da “[...] responsabilidade pessoal e direta dos assassinatos de padres e de laicos por todo o país”,¹²² e tentou explicar a ignorância que reinava entre os setores progressistas da Igreja comandada pela CNBB:

A única explicação que se encontra é esta: a guerra em que se engaja hoje a ‘religião pós-conciliar’ não é dirigida contra o governo brasileiro, nem contra os militares de cada país. Ela é dirigida contra Deus. Não é de se estranhar, portanto, que na origem da nova conspiração comunista no Brasil, em vez de soldados sem patriotismo, encontra-se a CNBB, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, como decorre claramente da declaração publicada na última semana por essa organização.¹²³

Para encerrar a análise dos artigos antiprogressistas de Corção dirigidos à CNBB e seus membros, em junho de 1978, em *Le retour d’aujourd’hui* (n. 224), o intelectual discutiu o noticiário que saiu na revista *Cité du Vatican* (Vaticano, 1934-até hoje) e no jornal *O Globo* (23/02/1978). O texto trouxe a recomendação do papa Paulo VI ao arcebispo Dom Hélder Câmara de se estabelecer em sua arquidiocese e viajar menos. Corção, com sua ironia refinada, começou a indagar sobre o motivo do papa em cortar “as asas” do arcebispo de

stabilité est, elle aussi, saisie par la trépidation générale. Quoi donc est stable au Brésil, si les pierres de quatorze siècles s’écroulent ?» *Itinéraires*. (jun. 1975, p. 80).

¹²² Tradução livre do autor. No original: «[...] responsabilité personnelle et directe des assassinats de prêtres ou de laïcs a travers tout le pays». *Itinéraires* (abr. 1977, p. 106).

¹²³ Tradução livre do autor. No original: «La seule explication que je trouve est celle-ci: la guerre où s’engage aujourd’hui la ‘religion post-conciliaire’ n’est pas dirigée contre le gouvernement brésilien, ni contre les militaires d’aucun pays. Elle est dirigée contre Dieu. Il n’est donc pas étonnant qu’à l’origine de la nouvelle conspiration communiste au Brésil, au lieu de soldats sans patriotisme, on trouve la CNBB, la conférence nationale des évêques du Brésil, comme il ressort clairement de la déclaration publiée la semaine dernière par cet organisme». *Itinéraires* (Idem, p. 108).

Olinda e Recife. Para o escritor, Dom Hélder não era mais rentável às agências comunistas, pois perdeu seu dom revolucionário. Corção achava estranho que ninguém questionasse o religioso sobre quem a cujos cuidados ele deixava sua arquidiocese quando viajava, pois a sua área de pastoreio era a região onde se concentrava a maioria dos pobres no Brasil. No final do artigo, o intelectual brasileiro agradeceu pela decisão papal: “Dom Helder retorna de orelha baixa a sua insignificância, humilde e respeitoso, como não lhe é permitido”.¹²⁴ Vale destacar que o arcebispo sempre foi acusado pelo grupo *Permanência* de ser soberbo, pois a vaidade o levou a “abandonar” a Igreja tradicional. Diante de todo o envolvimento de Dom Hélder em projetos de cunho social, o que lhe deu a fama de “arcebispo vermelho”, ele sempre foi atacado de ser vaidoso pelos intelectuais cariocas. De certa forma, esse argumento depreciava ainda mais a figura de Dom Hélder diante da opinião pública, uma das táticas usadas pelos integristas católicos, mudando o foco do fato verdadeiro, ou seja, o motivo real das críticas do arcebispo “comunista” contra o governo no exterior: as violações dos direitos humanos cometidas pelo regime militar no Brasil.

O restante dos artigos dessa categoria são denúncias sobre os novos comportamentos trazidos pela “Nova Igreja”, principalmente no que diz respeito à questão teológica e litúrgica. No artigo intitulado *Le monachisme du Saint Benoît* (n. 208) o exemplo de como deve agir um membro da Igreja Católica Romana vem da primeira ordem criada na cristandade medieval: a ordem de São Bento. Rigorosa, disciplinada, contrária à modernidade, deveria ser assim um membro da instituição. Essa é a linha de outro artigo publicado em *Itinéraires* dois anos após a morte de Gustavo Corção, intitulado *La Stabilité bénédictine* (n. 246). Em *Brillantes monstruosités à la une de L’Osservatore romano* (n. 217), o intelectual carioca discutiu o artigo que saiu no órgão oficial do Vaticano, assinado por Raniero Cantalamessa, que faz uma crítica ao pensamento tradicional católico. Esse texto rendeu páginas de críticas ao Vaticano pela imprensa integrista, e Gustavo Corção proclamou: “[...] por cima do telhado, aos céus, às árvores, ao vento, que o progressismo dito católico é estúpido acima de tudo”.¹²⁵

Os dois últimos artigos são discussões no plano teórico e religioso. *La Révolution anarchiste et l’Eglise conciliaire* (n. 211) é uma continuação do artigo *L’anthropo-excentrisme* (n. 209), uma fala de Gustavo Corção aos membros do grupo *Itinéraires* em sua segunda visita à Paris. Para ele, a verdadeira anarquia é composta por dois elementos do

¹²⁴ Tradução livre do autor. No original: «Dom Helder retourne l’oreille basse à son antique insignifiance, humble et respectueux comme il n’est pas permis». *Itinéraires* (jun. 1978, p. 48).

¹²⁵ Tradução livre do autor. No original: «[...] par-dessus les toits, aux cieux, au arbres, au vent, que le “progressisme” dit catholique est stupide avant toute autre chose». *Itinéraires* (nov. 1977, p. 36).

pensamento moderno: o niilismo e o comunismo. No artigo *L'autre* (n. 223), Corção acreditava que estávamos vivendo um processo de desfiguração da religião do verbo encarnado: “[...] da religião do homem que se fez Deus. Eis a imagem, a mesma figura desta ‘desfiguração’”.¹²⁶ Essa desfiguração, segundo Corção, provinha de outro espírito:

Se o leitor me pergunta agora quais as diferenças essenciais que separam essas duas religiões, eu respondo: uma diferença de espírito, uma diferença de doutrina, uma diferença de culto e uma diferença de moral. Como me vieram forjar uma convicção tão assustadora? E bem, como todos os católicos que compartilham comigo: por anos de sofrimento e de reflexão. Em primeiro lugar, nós temos que confrontar os novos textos, as recentes alocuções, as novas publicações pastorais com a doutrina ensinada até... anteontem. Começando pelos textos com níveis mais elevados, cujo exame doloroso nos leva a concluir que eles se inspiram em um outro espírito, se enraizando em uma outra doutrina.¹²⁷

No mesmo período em que foram publicados esses artigos em *Itinéraires*, na revista do grupo *Permanência* quatro publicações de Gustavo Corção se dirigiram ao progressismo católico, como indica o quadro nove. São artigos que criticam as mudanças litúrgicas e o movimento pós-conciliar, sendo um artigo: *Pronunciamento escandaloso* (n. 77/78), com críticas ao posicionamento político da CNBB no Brasil e no exterior. No artigo, os primos Dom Aloísio e Dom Ivo são acusados por Corção de fazerem parte de uma “Igreja Particular” e que procuravam realizar uma reforma na instituição pior do que a que fizera Lutero no século XVI. Corção acreditava que a CNBB possuía uma inclinação clara para o comunismo, disfarçada sob o título de direitos humanos, como muitas Igrejas Particulares faziam mundo afora. Corção alerta seus fiéis: “Será preciso lembrar que esses dois figurões, o do *t* e o do *d*, têm enorme projeção na igreja particular reformada do Brasil e estão sempre viajando, como o Hélder, para ostentar um valor multinacional?”¹²⁸

¹²⁶ Tradução livre do autor. No original: «[...] de la religion de l’homme qui se fait Dieu. Voilà bien le visage, la figure même de cette defiguration». *Itinéraires* (maio de 1978, p. 51).

¹²⁷ Tradução livre do autor. No original: «Si le lecteur me demande maintenant quelles différences essentielles séparant ces deux religions, je réponds : une différence d’esprit, une différence de doctrine, une différence de culte et une différence de morale. Comment suis-je parvenu à me forger une conviction aussi effrayante? Eh bien, comme tous le catholique qui la partagent avec moi : par des années de souffrance et de réflexion. Nous avons d’abord confronté les nouveaux textes, les nouvelles allocutions, les nouvelles publications pastorales avec la doctrine enseignée dans l’Eglise jusqu’à ... avant-hier. A commencer par les textes émanant de plus hautes échelons, dont l’examen douloureux nous force à conclure qu’ils s’inspirent d’un autre esprit, s’enracinent dans une autre doctrine». *Itinéraires* (maio de 1978, p. 47).

¹²⁸ *Permanência* (mar/abr. 1975, p. 13).

O propósito de lutar contra as “calúnias” propagadas pelos grupos progressistas da Igreja brasileira fez com que Gustavo Corção escrevesse artigos que exaltassem o regime militar brasileiro. É claro que esse não foi o único objetivo do grupo *Permanência* nesse projeto de poder quanto a sua participação no regime. Como analisado anteriormente, a denúncia ao progressismo brasileiro foi a maior preocupação de Gustavo Corção. Porém, esses artigos que elogiam o regime fazem parte de um projeto político, já que são artigos que, além de blindar o país contra os maus dizeres progressistas, ainda tratavam de outros aspectos positivos em relação ao regime.

Gustavo Corção escreveu seis artigos em valorização ao regime, como registrado no quadro oito. O primeiro, *Comment le Brésil s'est libéré* (n. 177), foi uma tradução de um trecho do livro de Corção, *O Século e o nada*, feita por Hugues de Blignière durante a primeira viagem do intelectual brasileiro à Paris em 1973. Apesar de ser uma ofensiva à Igreja progressista, considerada a única força comunista em atuação no Brasil, o texto expôs os eventos que culminaram na “Revolução de 1964”, a partir de suas impressões sobre aquela manhã:

De manhã, quando saímos da missa, todos sentimos que a anormalidade brasileira havia chegado a um ponto sem retorno. [...] A cidade toda – nós sentimos isso – estava se preparando e enrijecendo. Nós caminhamos para o palácio. Amigos, cidadãos pacíficos, lojistas, professores, também foram lá – uma pistola no cinto. [...] O bom brasileiro, o brasileiro um pouco desajeitado, modesto, avançou em silêncio e sem afetação de heroísmo diante de uma situação em que ele poderia ter que fazer o sacrifício de sua vida... Gente doce, gente boa, pensei, mas também pessoas sem malícia ou habilidades de combate. O que ia acontecer?¹²⁹

Essas foram as descrições de Gustavo Corção sobre a fuga do presidente João Goulart do palácio das Laranjeiras para os longos anos de exílio impostos a ele pela ditadura e que agitou a vida dos moradores do Rio de Janeiro no dia 31 de março de 1964, como descrito no excerto acima. O texto seguiu narrando a Marcha da TFP, que ocorreu dois dias depois, e finalizou lamentando o papel da Igreja progressista pelo desserviço prestado ao governo militar, delatando a atuação dos bispos da CNBB no exterior e da Comissão Justiça e Paz. O

¹²⁹ Tradução livre do autor. No original: «Um matin, à la sortie de la messe, nous tout de suite senti que l'anormalité brésilienne avait atteint un point de nonretour. [...] La ville entière – nous le sentions – se préparait et se raidissait. Nous marchâmes vers le palais. Des amis, de paisibles citoyens, commerçants, professeurs, s'y dirigeaient également – un pistolet à la ceinture. [...] Le bon Brésilien, le brésilien un peu gauche, modeste, s'avancé tranquillement et sans affectation d'héroïsme au-devant d'une situation où il lui faudrait peut-être faire le sacrifice de sa vie... Peuple doux, peuple bon, pensais-je, mais aussi peuple sans malice ni savoir-faire de combat. Qu'allait-il arriver?». *Itinéraires* (nov. 1973, p. 64).

artigo *Singularité du Brésil* (n. 178) também foi escrito durante essa viagem a pedido de Madiran, que estava interessado em conhecer detalhes da sociedade brasileira em seus aspectos culturais e religiosos. O interessante de se notar foi que os artigos de Corção apresentavam uma característica curiosa: eles tocavam superficialmente nos assuntos “caros” ao regime, como tortura e o genocídio indígena. Eram artigos que enalteciam as características físicas e naturais do país, os militares e suas bravuras, transformando-os em bons cidadãos, construindo uma visão positiva sobre algo negativo que ocorria no país em relação às torturas. Por exemplo, o artigo *Le devoir d’aujourd’hui* (n. 218) narrou o caso do sargento Sílvio Hollenbach que, passeando com sua família, em um gesto heroico, salvou uma criança que caíra em um fosso de ariranhas em um zoológico. Após dois dias, o sargento morreu devido aos ferimentos causados pelos animais. Um exemplo de heroísmo, qualidade descrita ao longo do texto e que faltaria na humanidade, inclusive aos dirigentes da Igreja progressista.

O último artigo escrito por Corção em enaltecimento ao regime foi um texto traduzido por Hugues Kèraly, publicado no mês de sua morte, em Julho de 1978. O interessante aqui é a data: 14 anos após o início do regime. Identifica-se nessa fala uma memória que prevaleceria diante dos acontecimentos que sucederam a “Revolução de 1964”. Intitulado: *La Révolution nationale au Brésil: ce que nous ne devons pas oublier* (n. 225), o texto é uma exaltação da ditadura e relata todos os acontecimentos políticos que antecederam o golpe, o cuidado que as forças armadas tiveram para que a população civil não sofresse com as agitações sociais ocasionadas pelo governo de João Goulart, a fuga de Jango para o Rio Grande do Sul e a ajuda do governador do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda, com a “Contrarrevolução”. Foi um artigo de Corção depois de cinco anos escrevendo para a revista francesa e que encerrou um ciclo de militância abordando o assunto do primeiro artigo. Pode-se afirmar que Corção foi um porta-voz do regime militar:

Dois dias após a Revolução Nacional, o Brasil fez a demonstração disso que realmente tornou-se possível em nosso país. A data de 02 de abril de 1964 foi reservada pelas mulheres do movimento patriótico Marcha da Família com Deus pela Liberdade no Rio de Janeiro. Ora, depois dos acontecimentos de maio, e a liberdade conquistada, porque se incomodar? As mulheres do Rio, contudo, não escutaram ninguém: elas fizeram ligações para todos os telefones, como antes da Revolução, suas irmãs de outras cidades brasileiras. E a grande marcha foi mantida na data marcada. Ela mudou somente o nome: seria uma ‘marcha da ação de graças a Deus’. Até o general Castelo Branco, temendo algumas violências na rua, recomendava instantaneamente anular a operação, Dona Amélia Bastos lhe respondeu assim: ‘nossa caminhada demonstrará ao mundo que a Revolução brasileira é do povo –

um plebiscito em marcha, pela verdadeira democracia!'. E assim foi feito. Uma incrível maré humana, totalizando mais de um milhão de pessoas, colocou-se em caminhada sob uma tempestade de confete que caía dos arranha-céus, através de imensas avenidas do Rio: um exército da paz, um oceano de bandeiras, afirmando com força e dignidade a toda a América do Sul que os brasileiros permaneceram decididos a viver livres em seu país".¹³⁰

Quanto aos artigos de Gustavo Corção publicados na revista *Permanência* em defesa do regime se destacam dois. *Permanência Permanece* (n. 108/109) descreveu os nove anos de existência do grupo integrista e relembrou os anos de 1968, ambiente em que surgiu o grupo *Permanência*, "[...] período conturbado da história que vivia uma atmosfera de otimismo humanitários trazidos pelo *Concílio Vaticano II* e a mais estúpida e suja amostra de Revolução na França".¹³¹ Gustavo Corção rememora o fim do Centro *Dom Vital* e a intenção de se reconstruir um novo grupo fundamentado na luta do antigo centro, do tempo de Jackson de Figueiredo, encorajado por autoridades eclesiásticas, civis e militares. E descreveu:

Hoje (dia 29) o movimento de testemunho católico e de resistência cívica completa nove anos. E a principal declaração que hoje podemos fazer, dando graças a Deus, é que, a tempo e contratempo, demos e queremos, com a graça de Deus, manter nosso testemunho católico. A tempo e contratempo defendemos nossa pátria constantemente ameaçados por todos os inimigos de Deus e dos homens que hoje arvoram os estandartes dos Diretos Humanos na tentativa cada dia reforçada e evidenciada de quebrar a espinha dorsal do Brasil e de deter o impulso histórico do movimento de 1964.¹³²

O último artigo em defesa do regime escrito em *Permanência* foi *Tantos e tão poucos* (n. 110/111). Resume bem o ideal político dos grupos integristas e faz parte das representações sobre o poder que o grupo católico compartilhava com os militares. É um

¹³⁰ Tradução livre do autor. No original: «Deux jour après la Révolution Nationale, le Brésil fit la démonstration de ce qui réellement était devenu possible dans le pays. La date du 2 avril 1964 avait été retenue par les femmes du mouvement patriotique pour leur Marche da Família com Deus pela Liberdade à Rio de Janeiro. Or, depuis les événements de mai, et la liberté conquise, pourquoi se déranger? Les femmes de Rio, cependant, n'écoutaient personne: elles faisaient le siège de tous les téléphones, comme avant la Révolution leurs sœurs des autres cités brésiliennes. Et la grande marche fut maintenue à la date fixée. Elle changea seulement du nom: ce serait une 'marche d'action de grâces à Dieu'. Lorsque le général Castello Branco lui-même, redoutant quelques violences dans la rue, recommanda instamment d'annuler l'opération, Dona Amelia Bastos lui fit porter cette réponse: 'notre marche démontrera au monde que la Révolution brésilienne est celle du peuple – un plébiscite en marche, pour la vraie démocratie!'. Et ainsi fut fait. Une incroyable marée humaine, totalisant plus d'un million de personnes, se mit en marche sous une tempête de confettis qui tombait des gratte-ciel, à travers les immenses avenues de Rio: une armée de la paix, un océan de drapeaux, affirmant avec force et dignité à toute l'Amérique du Sud que les Brésiliens restaient décidés à vivre libres dans leurs pays». *Itinéraires* (jul./ago. 1978, p. 26).

¹³¹ *Permanência* (nov./dez. 1977, p. 5).

¹³² *Permanência* (nov./dez. 1977, p. 6).

pensamento alinhando com uma política orgânica, própria da Idade Média. Para ele, é natural que os “menos dotados” e os “mal sucedidos” entreguem o direito de se autogovernarem em nome de uma minoria bem “sucedida”. “Para o bem e para o mal são sempre poucos que dirigem muitos, porque a grande maioria em todos os povos é feita de gente que precisa ser dirigida e que quer ser dirigida”.¹³³

Por isso que a ideia de sufrágio universal, para Corção, tornou-se uma grande falácia. Não existe autoridade quando muitas pessoas governam, pois transformar uma onda de ideias desordenadas em um único bem comum é impraticável. Ele acredita que do povo não pode vir nenhuma competência e nenhum tipo de racionalidade. Assim, o escritor católico condenou a atitude de algumas pessoas esclarecidas que manipulavam milhões de pobres e tolos, e deu de exemplo do caso do governo de São Paulo na época, que protegia alguns membros da Igreja progressista e que, por isso, foi atacado por Corção:

Todo mundo sabe que os eleitores votam em personagens inculcados por uma minoria e votam sem saber Who is Who. Mas também, onde prevalece essa atmosfera do entorpecente revolucionário todo mundo, com raríssimas e isoladíssimas exceções, sabe que é preciso mentir, é preciso fingir que acredita, e é preciso fazer o que todos fazem e dizer o que todos dizem. E é em nome desse ideal de mentira vital, ou de impostura mortal, que nestes dias, em São Paulo, uns poucos perversos graduados atacam milhões de pobre tolos imaturos, e é por isso que o Governo não ousa expulsar de seus pedestais os desordeiros que se paramentam com títulos de Cardeal e as instituições aventureiras e falsas como a Comissão de Justiça e Paz que se inculca como católica. Nossos homens de governo, envolvidos na espessa mentira geral, não ousam tratar os perversos agitadores como merecem todos os perturbadores da ordem.¹³⁴

É uma crítica à ditadura, mas o intelectual a defendia por ter “salvado” o país de um mal eminente: o comunismo, um dos maiores males da modernidade segundo o integrismo católico. A crítica ao regime foi uma das características do grupo *Permanência*, mas não o anula junto aos militares. É uma crítica superficial, da não atuação do governo em assuntos que envolveram a Igreja progressista e o governo militar, como no caso do CIMI com as questões indígenas, pela demora na expulsão do bispo Pedro Casaldáliga e outras práticas de grupos progressistas que desagradavam os intelectuais.

¹³³ *Permanência* (jan./fev. 1978, p. 20).

¹³⁴ *Permanência* (jan./fev. 1978, p. 20-21)

Retornando aos quadros oito e nove, Gustavo Corção criticou o modernismo nas páginas de *Itinéraires* e nos últimos anos de participação em *Permanência*. Como as categorias em análise sobre o projeto cultural são próximas, alguns desses artigos se referem ao progressismo ou se posicionam em defesa da ditadura. Na revista francesa, foram 27 artigos, sendo que 25 são traduções das obras de Gustavo Corção, como *La Découverte de l'Autre* e *Le Siècle de L'Enfer*. Os outros dois tratam do pensamento moderno e suas influências na teologia católica. Na revista *Permanência*, foram três artigos dedicados ao antimodernismo. Em *Ensina-te a ti mesmo* (n. 75/76), Corção criticou a modernidade que existia dentro das instituições educacionais brasileiras e propôs o fechamento do Ministério da Cultura – do qual era membro conselheiro –, das Universidades e de outros órgãos educandários no Brasil. O mal, de acordo com o intelectual, era que essas instituições possuíam papel primordial na formação de valores humanos, sendo que antes esse papel cabia à família e ao Evangelho. Por isso, o cerne de todos os males estaria na mentalidade moderna:

Mas aqui reaparece o nó do problema que nos levou a abrir este artigo de um modo provocante para a mentalidade moderna cuja marca principal e assustadora reside num acelerado esvaziamento do Homem-Interior, capaz de estudar e capaz de querer, em favor do Homem Exteriorizado que tudo espera de fora, da sociedade, do Estado, não mais de Deus.¹³⁵

No último artigo publicado na revista *Permanência* antes de sua morte, intitulado *O Pontificado de Paulo VI* (n. 114/115), Gustavo Corção encerrou seu combate analisando o pontificado do papa Paulo VI. Culpa o Pontífice pelo “cisma mais profundo e mais grave do que o Grande Cisma do Ocidente ocorrido no século XIV”.¹³⁶ Além de comandar o *Concílio Vaticano II*, o líder católico foi tolerante com os pregadores da Nova Igreja, como os brasileiros Leonardo Boff e Carlos Mesters. Gustavo Corção qualifica “o pontificado de Paulo VI como o mais tormentoso e desastroso de toda a história da Igreja”,¹³⁷ encerrando sua luta contra o progressismo denunciando o supremo chefe da Igreja Católica Romana e sua tentativa de implantar uma “Nova” Igreja no mundo.

Sendo assim, não havia alternativa para os intelectuais brasileiros além do ataque à corrente progressista da Igreja no exterior. O discurso antiprogressista fez parte dos escritos

¹³⁵ *Permanência* (jan./fev. 1975, p. 24).

¹³⁶ *Permanência* (maio/jun. 1978, p. 35).

¹³⁷ *Permanência* (maio/jun. 1978, p. 37).

de Julio Fleischman na revista *Itinéraires*, o que lhe rendeu notoriedade entre os intelectuais franceses. Após a morte de Jean-Marc Dufour, escritor da revista francesa, Jean Madiran convidou Fleischman para escrever no periódico sobre as notícias da América Latina e dos países ibéricos, como também as atuações da Igreja progressista em países governados por ditaduras militares. A coluna ficou conhecida pelo nome *Tour d'Horizon Ibéro-américain* e o intelectual carioca redigiu oito artigos de cunho antiprogressista. Os quadros 10 e 11 – que se encontram no anexo (Parte – I) – possuem o intuito de comparar as produções e os projetos desenvolvidos por ele, sendo que o quadro 10 refere-se aos artigos de Fleischman na revista francesa e o quadro 11 contém os artigos escritos pelo intelectual católico na revista *Permanência* entre os anos de 1975 a 1979.

Iniciando a reflexão a partir do discurso antiprogressista referente ao quadro 10, com o título *A propos des Indiens du Brésil* (n. 213), o primeiro artigo dessa categoria caracterizou-se por ser uma das marcas da pena jornalística de Julio Fleischman: adentrar nos assuntos que eram “caros” à ditadura militar. Apesar de ser uma propaganda de defesa do regime, o texto criticou as atuações da CNBB junto às etnias indígenas espalhadas pelo Brasil naquele período. O intelectual constatou que depois de alguns anos da “Revolução de 1964”, junto com as supostas “revelações” de torturas e dos desaparecimentos de estudantes pelo regime militar, começaram rumores sobre o número de mortes de indígenas no Brasil, em torno de seis milhões. O escritor católico afirmou que essa mentira foi espalhada pela editora da CNBB (Sono-Viso), sob o patrocínio de agências comunistas alemãs. Para Fleischman, não foi em vão o uso do número *seis milhões*, pois a intenção foi relacionar o extermínio dos indígenas à morte dos judeus na Alemanha Nazista, algo incomparável segundo o católico. Mais um exemplo de como os intelectuais integristas contornavam questões delicadas da história brasileira a partir da desconstrução dos fatos verídicos, ao comparar as mortes dos judeus, que ocorreram de modo bárbaro, com o “suposto” desaparecimento de indígenas. Sabe-se que não foram seis milhões de índios mortos durante a ditadura militar, mas morreram barbaramente como nos campos de concentração nazista. Afinal, o GRIN e o KRENAK não foram diferentes de um centro de extermínio.

Outro problema, segundo Julio Fleischman, foi a atuação de “para-comunistas” dentro de órgãos da Igreja, referindo-se ao bispo Tomas Balduino, que comandava o CIMI. Com citações de trechos do jornal *O Globo* (08/03/1973), o intelectual atacou a *missão Anchieta*, que se utilizava de métodos da antropologia para não interferir de forma catequética na cultura do nativo, conforme as diretrizes ratificadas pela Igreja após a *Convenção de Barbados* e as resoluções da *Conferência de Medellín*. Fleischman indignou-se com esse

“método subversivo”, que camuflaria o verdadeiro motivo que movia o bispo presidente da CIMI: “[...] sua atividade que pretende ser científica é uma fraude: é uma atividade política na qual eles se envolvem, uma atividade revolucionária, francamente pró-comunista.¹³⁸ Dessa forma, os religiosos eram os responsáveis pelo derramamento de sangue indígena no Brasil, não o governo, por sua omissão e descaso. No final do artigo, o intelectual brasileiro denunciou o verdadeiro perigo que se encontrava no país:

Em especial a política “montinienne” favorável em toda parte aos bispos que colaboram ativamente com o comunismo. O perigo é imenso e pérfido, e o Brasil nem pode contar, para ser defendido, com seu governo nacional: se ao menos o governo parasse de se deixar impressionar e enganar pela CNBB. Entre as agências no exterior que sustentam a subversão eclesiástica no Brasil, é necessário destacar a agência de imprensa católica alemã KNA; a organização católica Alemã ‘Adveniat’; e os canais de rádio do Vaticano que lançam constantemente lama sobre o nosso país e sobre outros países católicos onde o comunismo está sendo combatido energicamente.¹³⁹

Como se pôde observar, foi uma acusação direta ao governo por não interceder radicalmente nas posições da CNBB. Após a denúncia do CIMI, Julio Fleischman iniciou sua coluna *Tour d’Horizon Ibéro-américain* e trouxe relatos da situação do Brasil, Chile, Peru, Argentina e Bolívia. O intelectual apoiou as pronunciações públicas do cardeal Dom Vicente Scherer contra as campanhas “caluniadoras” da Igreja progressista brasileira no exterior. Ironicamente, tratou dos desaparecidos políticos do governo chileno que, segundo Fleischman, encontravam-se em Cuba e bem acompanhados por Fidel, cerca de seis mil pessoas, apenas!

Em *Pourquoi l’Amérique latine chancelle* (n. 222), Julio Fleischman criticou os membros da hierarquia católica progressista da América Latina e suas atuações contra os governos militares, pois eram “[...] travestidos em partidários ariscos do ‘pluralismo’, e que ousam utilizar esses governos em nome da Igreja [...]”.¹⁴⁰ O artigo trouxe a última coluna da

¹³⁸ Tradução livre do autor. No original: « Leur activité prétédûment scientifique est une escroquerie : c’est une activité politique qu’ils se livrent, une activité revolcucionnaire, carrément pro-communiste ». *Itinéraires* (Mai. de 1977, p. 47).

¹³⁹ Tradução livre do autor. No original: « D’autant plus que la politique montinienne favorise partout les évêques qui collaborent activement avec le communisme. Le danger est immense et perfide, et le Brésil ne peut compter, pour être défendu, que sur son gouvernement national: si du moins celui-ci cesse de se laisser impressionner et duper par la CNBB. Parmi les appuis extérieurs qui soutiennent la subversion ecclésiastique au Brésil, il faut signaler l’agence de presse catholique allemande KNA; la organisation catholique allemande ‘Adveniat’; et les émissions de la radio vaticane qui jettent constamment de la boue sur notre pays et sur les autres pays catholiques où le communisme est combattu énergiquement ». *Itinéraires*. (maio de 1977, p. 48).

¹⁴⁰ Tradução livre do autor. No original: « [...] travestis en partisans farouches du ‘pluralisme’, et qui osent utiliser contre ces gouvernements le nom de l’Eglise [...] ». *Itinéraires* (abr. 1978, p. 50).

série *Tour d'Horizon Ibéro-américain* e abordou as principais notícias da Igreja na Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Venezuela e Portugal. É interessante observar que a maior parte da coluna foi reservada para criticar o Brasil e, em especial, o governo do presidente Geisel. O intelectual carioca acreditava estar acontecendo um processo leve de liberalização da imprensa, pois jornais de esquerda como o *Jornal do Brasil* (RJ, 1891-até hoje) atacavam o governo militar no plano político e econômico sem serem censurados. Outra questão abordada dizia respeito à sucessão presidencial de Geisel pelo general Figueiredo. Julio Fleischman questionou a figura do próximo presidente, pois não conhecia seu histórico. O restante do texto seguiu a denunciar as “campanhas difamatórias” do clero progressista no continente. Destacou-se o elogio feito ao governo chileno pela “energia” ao combate à subversão, criticou a imprensa colombiana e venezuelana por argüirem contra seus respectivos governos e mais críticas às medidas socialistas do governo português de Mário Soares, que se livrou da ditadura salazarista em 1974.

O artigo *Le Prétexte de l'Humilité* (n. 231) foi mais uma representação negativa da imagem de Dom Hélder Câmara construída pelo grupo *Permanência* durante vários anos. O escritor afirma que seu passado era conhecido por alguns membros do grupo carioca, pois o “arcebispo vermelho” fizera parte do *Centro Dom Vital*, sempre com uma “postura altiva” e “soberba”. Para o intelectual, a palavra humildade foi um recurso utilizado pela mídia progressista na construção de uma imagem positiva sobre o clérigo, o que não representava a realidade para quem conviveu com ele.

No artigo *Qu'est-ce qui passe à Nicaragua?* (n. 231), a crítica foi dirigida a Dom Aloísio Lorscheider por sua posição, ao apoiar o clero progressista da Nicarágua, e em especial ao bispo de Salvador Oscar Romero na luta do movimento sandinista contra o governo ditatorial da família Somoza em 1979. Julio Fleischman descreveu o apoio de Cuba ao movimento, junto com os países “democratas” da Venezuela, Panamá e Costa Rica, e ficou surpreso com a declaração de Dom Aloísio ao afirmar que a “nova” ordem política da Nicarágua deveria ser exemplo para os regimes latino-americanos que usam do terror na manutenção do poder. Indignado, o escritor católico escreveu aquilo que a história, anos mais tarde, reconheceu como finalidade maior do golpe militar e civil de 1964:

Assim, ficamos sabendo, de um só golpe, que nossos dirigentes militares não estavam nos defendendo dos comunistas, mas querendo o Poder, para manter

o que estivemos vivendo até agora (agora temos a “abertura”) debaixo de um regime de terror. Até o sandinismo é bom na Nicarágua.¹⁴¹

Em *Qu'est-ce qui se passe à Puebla?* (n. 234), o artigo discutiu a declaração do então secretário geral da CNBB Dom Aloísio Lorscheider que saiu no *Globo* de 19/12/79. Para Julio Flechman, a *Assembleia de Puebla* pretendia assumir a soberania total, mas que na verdade não teria significância nenhuma por ser uma assembleia regional. Querendo representar o nome da Igreja Católica Romana, a reunião quis propagar a ideia de “democracia liberal”. No final do artigo, atacou Puebla e Dom Aloísio:

O Cardeal Lorscheider, que presidiu Puebla, não esconde suas ideias subversivas quando com sua “Teologia da Libertação” quer “livrar-se dos conceitos ortodoxos do Concílio de Trento, e implantar na Igreja “a filosofia da Liberdade religiosa”, isto é, o “livre exame protestante”. Os “documentos”, pois da CNBB e do CELAM, não documentam senão os desvios de seus autores e adeptos tais como o senhor Arns, Padim, Hélder Câmara... Não têm pois valor algum de Magistério quer da jurisdição. São apenas escritos nauseabundos.¹⁴²

O artigo *Au Brésil l'argent de la subversion vient de l'Allemagne* (n. 242) foi direcionando novamente o ataque aos bispos primos que foram reeleitos como dirigentes pela CNBB em 1976, agora com Dom Ivo Lorscheider como presidente e Dom Aloísio Lorscheider como secretário-geral. Assim, Julio Fleichman lançou dúvida sobre o motivo de os dois continuarem na liderança da conferência e chegou à seguinte conclusão: por serem descendentes de alemães e falarem a língua. Para Fleichman, eles foram os escolhidos pelo comunismo internacional por serem organizações católicas alemãs, como a *Adveniat* e a *Misereor*. Com isso, a captação de dinheiro para as práticas subversivas da CNBB e dos bispos se tornaram mais fáceis. De acordo com o escritor católico, por ingenuidade ou por orientação comunista, essas instituições alemãs acreditavam que a Igreja no Brasil era perseguida pela polícia e que os bispos e padres, torturados no Brasil. Essas organizações, por dominarem os meios de comunicação na Europa, divulgavam as notícias “falsas” sobre os

¹⁴¹ Tradução livre do autor. No original: «Ainsi, nous étions conscients, d'un coup, que nos chefs militaires ne nous défendaient pas des communistes mais souhaitaient que le pouvoir maintienne ce que nous vivions jusqu'à présent (nous avons maintenant "l'ouverture") sous un régime de terreur. Même le sandinisme est bon au Nicaragua». *Itinéraires* (mar. 1979, p. 36).

¹⁴² Tradução livre do autor. No original: «Le cardinal Lorscheider, qui présidait Puebla, ne cache pas ses idées subversives lorsque, avec sa "Théologie de la libération", il veut "se débarrasser des concepts orthodoxes du Concile de Trente et planter dans l'Eglise" la philosophie de la liberté de religion ", à savoir: "Examen libre protestant". Les "documents", du fait de la CNBB et du CELAM, documentent uniquement les déviations de leurs auteurs et adhérents tels que monseigneur Arns, Padim, Hélder Câmara ... Ils n'ont donc aucune valeur de Magistère ou de juridiction. Ce ne sont que des écrits nauséabonds». *Itinéraires* (jun. 1979, p. 45).

regimes militares, que apenas “livraram” os países da América Latina do comunismo. Coube ao intelectual carioca lamentar sobre o uso desse dinheiro em organizações de caráter marxista e revolucionário, como as CEBs e o CIMI.

No artigo *Communautés de base contre la foi* (n. 222), o tom discursivo foi de guerra, e as palavras que dominaram o texto foram: “inimigo”, “combate”, “terroristas”, “subversivos”. Julio Fleischman relacionou as CEBs com o movimento internacional comunista conhecido como *Frentes de Libertação*, que seguia as decisões tomadas no XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), não citando nenhuma fonte para afirmar essa relação em seu texto. Esse movimento tinha o propósito de promover o terror em escala urbana em países da América Latina, segundo o intelectual católico. Desse pressuposto, as *Comunidades de Base* se utilizavam de uma estratégia coordenada de dominação, conhecida como *nucleação*: iniciavam-se como uma célula e iam se multiplicando, espalhando a “onda revolucionária comunista”. Destacando trechos do jornal *O Globo* de janeiro, fevereiro e abril de 1979, o intelectual católico condenou a reunião de bispos “comunistas” em *Puebla*. Acreditando serem “conferências paralelas” denunciou os bispos “agitadores” de índios e destacou práticas comunistas cometidas por bispos católicos que participaram do encontro. Além disso, Julio Fleischman citou no artigo nomes, como Leonardo Boff, Tomas Balduino e os bispos de São Paulo Mauro Morelli e Luciano Mendes, considerando-os como “[...] os dirigentes de um dos piores episcopados do mundo”.¹⁴³ Esses bispos, junto com o aval da CNBB (lê-se Dom Aloísio Lorscheider), são patrocinados – segundo Fleischman – por agências alemãs de caráter comunista tendo como mentores e cabeça de todo esse processo no exterior Dom Hélder Câmara e os primos bispos.

A outra parte desse projeto elaborado pelos intelectuais representantes do integrismo brasileiro relacionou-se com a propaganda política em defesa do regime militar. Os artigos antiprogressistas de Julio Fleischman também defendiam o regime militar, mas se preocuparam em dar ênfase às práticas religiosas ou aos enfrentamentos dos grupos progressistas contra o governo. Os artigos que saíram em defesa da ditadura trataram mais sobre o papel das forças armadas, a questão da tortura, ataques aos direitos humanos e sobre assassinatos de padres. O progressismo católico ocupou o espaço de coadjuvante nesses artigos. Ao todo, foram cinco produções, todas no ano de 1977, como exposto no quadro 10.

¹⁴³ Tradução livre do autor. No original: «[...] les dirigeants de l'un des pires épiscopaux du monde». *Itinéraires* (maio de 1980, p. 16)

Le rôle de l'armée en Amérique Latine (n. 210) foi o primeiro artigo escrito por Julio Fleichman na revista francesa *Itinéraires*. No começo há uma explicação de Jean Madiran sobre o convite ao intelectual brasileiro em substituir Jean-Marc Dufour, que morreu no começo de 1977, especialista nos assuntos referentes à América Latina. Dessa forma, esse artigo é uma explicação do que ele iria tratar na coluna *Tour d'Horizon Ibéro-américain*, “[...] alguns aspectos da miséria que assola a vida dos católicos aqui, como em todo o mundo”.¹⁴⁴ No caso do artigo, a ideia central era “[...] um tipo de preâmbulo sobre o exército e a tortura”.¹⁴⁵ Não só do Brasil, mas em nome de todos os países da América Latina com ditaduras em seus governos: Chile, Argentina, Uruguai, Bolívia e Paraguai. Ele procurou defender essas nações das acusações que “sofriam” por parte de organismos internacionais comunistas, sendo invenções desses grupos. Seguindo a lógica da desconstrução dos fatos, Julio Fleichman apontou que os “bons casos” de correção aos presos subversivos seguiriam a mesma prática de correção aplicada pelos países modernos, como Estados Unidos e países Europeus. Após narrar todos os malefícios que os países da América Latina possuíam em suas sociedades – corrupção, indisciplina, falta de organização política com saúde e educação –, o intelectual carioca acreditava que a única organização eficiente que existiria no continente eram as Forças Armadas. Elas sempre salvaram os países ao longo de suas histórias políticas e seriam a única instituição que eliminaria o comunismo desses países. Adiante, voltou a defender os casos de “correções” que ocorriam por parte da polícia militar contra subversivos, afirmando:

Se não podemos pensar em uma total ausência de abuso, não nos esqueçamos de que ninguém estará interessado em “torturar”, no sentido que os comunistas e aqueles, por seu lado, atribuem a essa palavra. Haverá, é claro, abusos, dos quais os primeiros e principais autores são os mesmos criminosos que tomaram a iniciativa de perpetrar atos de guerra contra pessoas inocentes apenas sob o pretexto da “guerra urbana”. Temos que lembrar que um método de questionar criminosos ainda não foi inventado, no qual a persuasão e a bondade podem substituir o castigo físico. [...] na direção dos executivos da polícia que lutam contra a subversão, eles se comportam com firmeza, mas também com moderação. E que eles são os primeiros a buscar a correção dos abusos.¹⁴⁶

¹⁴⁴ Tradução livre do autor. No original: «quelques aspects de la misère qui empoisonne la vie de catholiques, ici, comme partout dans le monde». *Itinéraires* (maio de 1980, p. 56).

¹⁴⁵ Tradução livre do autor. No original: «une sorte de préambule sur l'armée et la torture». *Itinéraires* (maio de 1980, p. 50).

¹⁴⁶ Tradução livre do autor. No original: «Si l'on ne peut pas penser à une totale absence d'abus, par contre n'oublions pas que personne n'aura intérêt à 'torturer' dans le sens que les communistes et ceux de leur bord attribuent à ce mot. Il y aura, bien sûr, des abus, dont les premiers et principaux responsables sont ces mêmes

Como destacado no primeiro capítulo, a negligência por parte dos presidentes militares em relação ao assunto da tortura estimulou sua prática entre a “tigrada” (GASPARI, 2005). No artigo *Prêtres Tués au Brésil* (n. 211), na primeira parte do texto, Julio Fleischman se dedicou a atacar a CNBB e sua constante campanha em delatar o governo brasileiro, uma prática que virou moda nas Conferências Episcopais do continente organizadas pelo CELAM. Em um segundo momento, abordou o CIMI e o envolvimento constante de religiosos que participavam do conflito entre posseiros e indígenas nas disputas de terras. Descreveu o caso do padre Rudolf Lukenbein, morto no Mato Grosso nesses conflitos por rajadas de tiros que não se sabia se partiu de posseiros ou indígenas. Contudo, o artigo foi escrito pela repercussão do caso da morte do padre Burnier. O interessante aqui é a reconstrução do episódio por Julio Fleischman, que, antes de iniciar as descrições dos fatos, levantou todo o histórico de “agitações comunistas” organizadas pelo padre e o bispo Pedro Casaldáliga em que celebravam missas e reuniões com os indígenas com o intuito de os subverterem em guerrilheiros comunistas. Após toda a representação dos padres comunistas, foi assim que o intelectual narrou a morte do clérigo pelo policial militar:

Aqui está a versão do bispo marxista D. Pedro Casaldáliga: Nesta delegacia, um soldado estava espancando uma mulher acusada de crime. [...] O Bispo Casaldáliga e o padre Burnier correram para intervir. Irritado por essa intervenção inesperada, o soldado começou a discutir violentamente com os dois clérigos. A certa altura, ele perdeu a paciência, pegou o revólver e matou o padre Burnier. Essa é portanto, pouco provável, a versão do bispo marxista. Mas, dirão então, qual é a versão do soldado? Não sabemos: para não ferir a CNBB, o governo proíbe que seja publicada. Eu não pretendo justificar qualquer assassinato. Mas é vergonhoso aceitar automaticamente, como a imprensa na Europa sem qualquer pensamento crítico, a versão dos marxistas, que não são vítimas inocentes, mas assassinos e cúmplices de assassinos, os mais mortíferos de todos; eles são os agentes de uma guerra subversiva, o terrorismo, o mal, que massacra inocentes como fazem os “guerrilheiros” caros ao padre Burnier e ao bispo Casaldáliga¹⁴⁷.

criminels qui prirent l’initiative de perpétrer des actes de guerre contre des innocents sous le seul prétexte invoqué ‘de la guerre urbaine’. Et il faut nous rappeler que l’on n’a pas encore inventé une méthode d’interrogatoire des malfaiteurs dans laquelle la persuasion et la gentillesse puissent se substituer aux châtiments physiques. [...] dans la direction des cadres policiers qui combattent la subversion, il se conduisent avec fermeté mais aussi avec modération. Et qu’il sont les premiers à chercher la correction des abus». *Itinéraires* (maio de 1980, p. 54).

¹⁴⁷ Tradução livre do autor. No original: «Voici la version de l’évêque marxiste D. Pedro Casaldáliga : Dans ce commissariat, un soldat était en train de rouer de coups une femme accusée de crime. [...] L’évêque Casaldáliga et le prêtre Burnier se précipitèrent pour s’interposer . Irrité par cette intervention inattendue, le soldat commença à discuter violemment avec les deux ecclésiastiques. Un moment donne, il perdit patience, prit son revolver et tua le P. Burnier. Telle est donc, peu vraisemblable, la version de l’évêque marxiste. Mais, dira-t-on, quelle est la

A versão oficial diz que os soldados fugiram no dia com medo da população se revoltar contra eles devido à popularidade dos bispos, e o caso foi prescrito na década de 1980, sem nenhum preso ou culpado pelo crime (VALENTE, 2017). Como pressão da CNBB feita ao governo sobre o caso na época, o tenente militar responsável pela região foi demitido por Geisel. Julio Fleischman lamentou que o regime dialogasse com entidades comunistas da “falsa” Igreja e, em consequência desses “abrandamentos”, sofreria com as denúncias por parte dos membros da CNBB no exterior.

Em sequência, na coluna *Tour d’Horizon Ibéro-américain*, descreveu a situação do Brasil, da Argentina, da Colômbia, de Portugal e da Espanha. Foi a primeira coluna dessa série a ser publicada por Julio Fleischman. Quanto ao Brasil, trouxe a notícia sobre a comemoração dos 300 anos da Arquidiocese de Recife e Olinda, comandada pelo “bispo vermelho”. Os bispos do CELAM (Brasil) apresentaram um estudo criticando a atuação da Igreja durante o processo de colonização no país, que sempre serviu aos poderes e aos senhores de engenho. Em relação à Argentina, divulgou uma notícia sobre a publicação de uma bíblia do CELAM no país e que provocou, segundo Fleischman, uma agitação marxista nos jovens. Sobre a Colômbia, descreveu a participação dos padres do grupo *Sacerdotes para a América Latina* (SAL) como “agitadores” da greve bancária, além de cederem o espaço da Igreja para reuniões. De Portugal, retratou a visita do cardeal primaz de Lisboa Antônio Ribeiro, simpático ao novo governo e que atacava Marcel Lefebvre na imprensa portuguesa declarando que a crise provocada pelo bispo francês tinha motivação política. Finalizando a coluna, mostrou o caso do cardeal arcebispo de Madri que se recusou a celebrar a missa em memória do primeiro ano da morte de Franco.

Em *Le Brésil religieusement calomnié* (n. 215), Fleischman trouxe ao debate o relatório do projeto AMA, do padre alemão Werenfried, que tinha como objetivo ajudar sacerdotes na catequização de índios na região amazônica com carros e equipamentos. Porém, o que o padre verificou foi uma constante briga que existia entre posseiros e indígenas, o que causou um grande derramamento de sangue. O intelectual católico afirmou que isso era uma “grande mentira” do religioso alemão e que não há disputas na Amazônia porque o governo cuidava dessa questão com “todo cuidado”. Além disso, para inocentar o regime militar, ele justificou

version du soldat? On ne la connaît pas: peu ne pas heurte la CNBB, le gouvernement a interdit qu’elle soit publiée. Je ne prétends certes justifier aucun meurtre. Mais il est honteux d’accepter automatiquement, comme le fait la presse en Europe, sans aucun esprit critique, la version des marxistes, qui eux-mêmes ne sont pas des innocents victimes, mais des assassins et complices d’assassins, les plus meurtriers de tous; ils sont les agents d’une guerre subversives, terrorisme, diabolique, qui massacre des innocents comme le font les «guerrilleros» chers au P. Burnier et à évêque Casaldaliga». *Itinéraires*(Mar. de 1977, p. 41).

que eram muitos os índios isolados na região e que nenhum presidente do Brasil conseguiu resolver essa questão até aqueles dias. Para Fleischman, o padre Werenfried era bem intencionado, mas deveria tomar cuidado em suas observações, pois pobreza existia em todo lugar, até no seu país.

Outro artigo em defesa do regime militar intitulou-se *Le Vatican contre les droits du Brésil* (n. 217). Nesse caso, como seu mestre, Julio Fleischman utilizou-se do recurso do sarcasmo para entender o posicionamento político do Santo Pontífice quanto aos casos das “supostas” torturas que eram indevidamente difundidas sobre o governo brasileiro no exterior. Na melhor das hipóteses, segundo Fleischman, o papa sofria de uma “má informação” ocasionada pela imprensa comunista, que deturpava todas as informações. Assim, justificou os casos de “maus tratos” por parte dos militares em nome de uma causa maior: a do próprio papa...

Mas voltamos ao discurso que nos interessa aqui, o do papa. Se por “violação dos direitos do homem” Paulo VI pretende fazer alusão a alguns espancamentos dados pela polícia brasileira aos assassinos, para obter deles as informações indispensáveis à destruição das organizações criminais ou subversivas, sua Santidade assume uma grave responsabilidade: isso que ele recomenda às autoridades de nosso país, é uma menor “eficácia” na repressão do crime, e uma preocupação menor dessa que exige a ordem pública. [...] E, sempre nessa primeira hipótese, a proteção assegurada por esses métodos é a que beneficia o próprio papa, como também os bispos, no mundo inteiro.¹⁴⁸

Na série *Tour d’Horizon Ibéro-américain*, os países destacados por Fleischman foram a Argentina, o Chile, a Bolívia, a Colômbia, o Peru e a Espanha. Novamente a Igreja progressista foi tratada como vilã por boicotar os regimes ditatoriais de seus países. O interessante foi constatar os elogios ao regime militar na Argentina que conseguiu se reerguer da crise econômica deixada por Perón. Parabenizou o Chile que recuperou sua economia, mas que sofria calúnias por parte da ONU em relação aos desaparecidos políticos no país.

O último artigo a ser analisado dessa categoria, intitulado *Quatre objections au président Carter* (n. 218), foi uma crítica de Julio Fleischman dirigida à política internacional

¹⁴⁸ Tradução livre do autor. No original: «Mais revenons au discours qui nous intéresse ici, celui du pape. Si par ‘violation des droits de l’homme’ Paul VI entend faire allusion aux quelques mauvais coups donnés par la police brésilienne à des assassins, pour obtenir d’eux les renseignements indispensables à la destruction des organisations criminelles ou subversives, Sa Sainteté assume une grave responsabilité : ce qu’elle recommande aux autorités de notre pays, c’est une moindre «efficacité» dans la répression du crime, et une préoccupation moins grande de ce qu’exige l’ordre public. [...] Et, toujours dans cette première hypothèse, la protection assurée par ces méthodes est celle dont bénéficient le pape lui-même, aussi bien que les évêques, dans le monde entier». *Itinéraires* (Nov. de 1977, p. 61)

adotada pelo governo norte-americano de Jimmy Carter. Apesar de ser apenas um artigo escrito pelo intelectual brasileiro para a *Itinéraires*, na revista *Permanência*¹⁴⁹ há artigos e notas que abordam a nova campanha mundial em prol dos direitos humanos¹⁵⁰ adotada pelos Estados Unidos naquele período. Quatro objeções foram apontadas no artigo: a primeira dizia respeito às denúncias dos casos de “torturas” dos países da América Latina que, com o auxílio da ONU, acusavam os governos ditatoriais de não respeitarem a política internacional de direitos humanos. Após valorizar as atitudes dos generais militares como “generosos” e “virtuosos”, Fleischman acusou os defensores dessa nova política, como o papa Paulo VI: “[...] Nem uma só palavra para as vítimas dos terroristas comunistas. Só e sempre condenação, insinuação e insulto para aqueles que se defendem em uma guerra mortal”.¹⁵¹ A segunda objeção do intelectual é sobre a ideia de sufrágio universal, que decorre desse sentido “maliciosamente” escondido na expressão “direitos humanos”. Para Fleischman essa ideia é uma falácia, pois a maioria da população se manipula facilmente. Os governos ditatoriais da América Latina foram justificáveis por “se preocuparem” com os mais humildes. A terceira objeção foi sobre a falta de ética por parte do governo norte-americano que, em nome dessa nova orientação política, em 1975 (em Helsinque), traiu a Hungria, a Tchecoslováquia e o Vietnã ao deixar esses países na mão dos comunistas. A última objeção criticou a política adotada pelo presidente dos Estados Unidos. Enquanto a países como a China e a URSS os norte-americanos se limitavam a fazer declarações enérgicas sobre seus crimes políticos, com os países da América Latina (em nome de uma política de *descompressão* e de *distensão*), além de acusarem o Brasil de tortura, impediram a entrada de oficiais de países sul-americanos, como aconteceu com oficiais uruguaios. Julio Fleischman encerrou a discussão ao

¹⁴⁹ A partir de 1977, a revista carioca publica na seção *Janelas* críticas à política internacional do presidente americano (*A Comédia dos Direitos Humanos*). Essas notas rápidas denunciavam o descaso dessa política na Ásia (*A próxima vítima na Ásia*) e o não envolvimento e a ajuda aos países que sofrem com o avanço comunista (*A Coroa de Santo Estevão aos comunistas*), entre outras notas.

¹⁵⁰ Jimmy Carter (1977-1981) direcionou a política internacional norte-americana às questões postas pela defesa dos Direitos Humanos. Essa política estadunidense possui estratégias similares às da época do neocolonialismo. A ideia era conquistar, a partir de uma nova estratégia, áreas de domínio econômico no terceiro mundo. Assim, os governos ditatoriais da América Latina passaram a tomar medidas de *descompressão* e *distensão*, suavizando a repressão e liberalizando as suas economias sob a orientação dessa política externa. Esse programa teve como “cabeças” as produções de Zbigniew Brzezinski e de Huntington, que previam a queda do regime soviético que não conseguiria acompanhar o ritmo do sistema de produção capitalista. Contudo, essa política tornou-se uma anomalia, pois em nome de intervenções humanitárias os EUA interferiram em questões de conflitos étnicos e, ao mesmo tempo, conseguiram impor seus interesses econômicos, como ocorreu no caso da invasão do Iraque (KOSHY, 1997).

¹⁵¹ Tradução livre do autor. No original: «[...] Pas un seul mot pour les victimes des terroristes communistes. Seulement et toujours la condamnation, des insinuations et insulte à ceux qui se défendent dans une guerre mortelle». *Itinéraires* (dez. 1977, p. 26).

afirmar que os Estados Unidos não respeitaram as políticas de direitos humanos quando se tratava dos seus negócios:

[...] além de nos abandonarem na eventualidade de um desastre, ocorre ainda que os norte-americanos liberais, quando se trata de SEUS interesses, deixam de lado seus princípios “democráticos”, deixam de lado as consequências da “liberdade” e deixam de lado os “Direitos Humanos”.¹⁵²

Diferente da análise dos artigos de Gustavo Corção, os escritos de Julio Fleischman na revista *Permanência* terão sua atenção voltada à representação da fase de liderança que passou a desempenhar no grupo *Permanência*, como presidente e diretor responsável. Após a morte de Gustavo Corção em 1978, Fleischman passou a liderar definitivamente o centro carioca e o projeto intelectual herdado do mestre, continuando a escrever para a revista francesa. Porém, os artigos não eram exclusivos para *Itinéraires*, sendo algumas publicações da revista brasileira reeditadas no periódico francês. Quanto ao antiprogressismo, foram seis artigos. Porém, serão destacados apenas dois, que justamente se diferenciam dos demais ataques, pois se referem à questão litúrgica, o que resultou na crise *lefevbriste*. O restante dos artigos tratou das atuações da CNBB e, de alguma forma, aparecem nos episódios descritos na análise da outra categoria ou foram publicados na revista parisiense.

O primeiro artigo de Júlio Fleischman escrito na revista *Permanência* apresentou o surgimento do *Catecismo Holandês* e sua repercussão no Brasil com a publicação de manuais de catecismo pela editora Herder,¹⁵³ de São Paulo, e da Editora Sono-Viso,¹⁵⁴ do Rio de Janeiro. Com o título *Recordando a História Recente* (n. 75/76), Fleischman faz um resgate da angústia dos católicos naquele momento de “trevas”, em que as “novidades subversivas” pregadas pelos grupos progressistas da Igreja estavam recebendo o aval de membros que faziam parte da hierarquia católica, como Dom Aloísio Lorscheider e Dom José Costa

¹⁵² Tradução livre do autor. No original: «[...] En plus de nous abandonner dans l'éventualité d'un désastre, se produit encore que les libéraux en Amérique du Nord, lorsqu'il se agit de vos intérêts, laisser de côté leurs principes 'démocratiques', laisser de côté les conséquences de la «liberté» et laisser de côté les «droits de l'homme». *Itinéraires* (dez. 1977, p. 31).

¹⁵³ Fundada no Brasil em 1952 como *Herder Editora e Livraria Ltda.* Ela foi uma importadora e distribuidora dos livros da *Editorial Herder* (Espanha) e *Verlag Herder* (Alemanha) no país. Em 1973, a Herder transferiu sua participação para a *Editora Klett* (Alemanha). Mais informações: www.sitiodolivro.pt/pt/editora/editora-pedagogica-e-euniversitaria/.

¹⁵⁴ Não foram encontradas muitas informações sobre a *Editora Sono-Viso*. Apareceu nos artigos do grupo *Permanência* como sendo um dos veículos que deram voz a CNBB durante a ditadura e que foi incorporada à editora *Vozes*, mas não se sabe o ano corretamente.

Campos. De acordo com o intelectual católico, esses manuais apresentavam: “[...] entre outras coisas, uma visão da guerra tipicamente marxista, e, outros capítulos, visivelmente influenciados por *Marcuse*”.¹⁵⁵ De caráter “subversivo”, essas novas “aberrações” trazidas pelo *Catecismo Holandês* ao Brasil, e “aprimoradas” por Leonardo Boff, não abalariam os alicerces da doutrina católica. Assim, exortou o público a fugir desses catecismos oficiais “novidadeiros” e a seguir o catecismo romano proclamado pelo *Concílio de Trento*.

Porém, as inovações no seio da Igreja não deixaram de existir. Julio Fleischman escreveu o artigo *Cuidado com os folhetins nas Missas* (n. 78/79). Na arquidiocese do Rio de Janeiro em 1975, os folhetins distribuídos nas missas apresentaram uma “nova” versão do capítulo 30 (14-25) de Deuteronômio. De acordo com o escritor católico eram palavras que estremeceriam a relação hierárquica entre Deus e os homens, quando esse novo “humanismo” pregaria autonomia aos homens diante de suas próprias decisões. E concluiu:

Tudo isso mostra que estamos entregues a abusos que se multiplicam, que ficam sem corretivos, corrompem a fé, estiolam o vigor de uma espiritualidade verdadeiramente católica, para não dizer senão menos. Melhor faremos se abandonarmos de uma vez qualquer folheto, as “participações”, etc. e voltarmos a rezar o terço durante a missa. Sairia ganhando a nossa fé.¹⁵⁶

Não é a toa que Fleischman adverte os católicos a voltarem a rezar o terço durante a missa e voltarem ao rito tradicional. Esses folhetins e as novas traduções da Bíblia, segundo o intelectual, serviriam apenas para desviar a palavra pregada pela verdadeira Igreja de séculos. Essa crítica também apareceu nos textos de Julio Fleischman quando relatou as manifestações religiosas que ocorriam nas CEBs, por exemplo. Era o início da renovação carismática no Brasil que foi tratado pelo tradicionalismo católico como “aberrações protestantes”, pois são rituais que não necessitariam do intermédio de um especialista, como o padre. O contato sagrado seria direto com Deus, a partir de orações, cantos e línguas. Esse movimento foi bem forte na França. Alguns movimentos da *Ação Francesa*, como o *Movimento Internacional da Juventude Agrícola e Rural Católica* (MIJARC), composto por jovens inseridos nos ideais da esquerda católica de Maio de 68, relacionaram-se com agricultores latino-americanos a partir da *Mission Étudiant*. Alguns desses jovens vieram para o Brasil e tiveram contato com as teses de Paulo Freire, além de frequentarem as CEBs. Desse modo, pode-se dizer que o

¹⁵⁵ *Permanência* (jan./fev. 1975, p. 49).

¹⁵⁶ *Permanência* (mai/jun. de 1975, p. 46).

MIJARC foi um dos representantes franceses da Teologia da Libertação durante os anos de 1960, influenciando a criação de outros movimentos, como as comunidades *Le Lazard* e também o movimento da renovação carismática na França (PELLETIER, 2005).¹⁵⁷

Quanto aos artigos de defesa e propaganda do regime, foram selecionados os textos que defendem a ditadura a partir de um plano teórico/teológico. Foram oito artigos, conforme exposto no quadro 10. Porém, três artigos serão apresentados. O restante tratou de críticas ao processo político da *descompressão* ou foram publicados na revista parisiense. O primeiro artigo trouxe um resgate histórico da República brasileira: *A História do Brasil é mais rica do que parece* (n. 86/87). Julio Fleichman fez uma crítica severa aos historiadores pela falta de conhecimento e uma “inadequada” Filosofia da História, que não levava em conta o passado heroico de nossos governantes predominando no ensino, segundo o católico, “um pedantismo” de dados econômicos ou condições geoeconômicas de fundo esquerdista. Abandonado pelos historiadores, o intelectual católico acreditava que a história do início da República (Rodrigues Alves, Prudente de Moraes) foi governada por heróis que venceram anos de crise política e que conquistaram uma prosperidade econômica e de ordem social, “[...] que fazem deles o apogeu do progresso brasileiro até que os governos nascidos em 1964 batessem seu recorde”¹⁵⁸, fazendo referência ao período da ditadura militar conhecido como “milagre econômico”. A volta do positivismo no ensino de história, como proposto por Fleichman, retornaria com a falta de espírito crítico que marcou a geração de muitos brasileiros na educação. Vale lembrar que o projeto educacional imposto pelos militares esvaziou os currículos das ciências humanas e tentou implantar o ensino profissionalizante no colegial, o que não funcionou por falta de investimento. Os militares encerraram com seu projeto educacional em 1982. Contudo, a marca desse positivismo dentro da disciplina histórica persistiu por muitos anos na prática de ensino de muitos professores até que as renovações da historiografia francesa pudessem ser incorporadas aos materiais didáticos e na prática profissional do professor de história (GHIRADELLI, 1990).

Já no artigo *Em busca do Regime Melhor* (n. 96/97), Julio Fleichman trouxe uma reflexão filosófica sobre o melhor regime político a ser adotado, discutindo conceitos apoiados em Platão, Aristóteles e São Tomás de Aquino. Para o escritor católico o regime

¹⁵⁷ Dois artigos escritos por Julio Fleichman e que estão dentro da categoria do discurso antimodernista (quadro 11) também se inserem dentro da crítica feita por ele as renovações litúrgicas, como *Por Cristo, com Cristo em Cristo* (n. 112/113) e *Em Defesa da Vulgata e de tudo mais* (n. 114/115). Na revista *Itinéraires*, Fleichman não escreveu nenhum artigo que representa essa categoria.

¹⁵⁸ *Permanência* (jan/fev. 1976, p. 45).

monárquico seria o melhor modelo a ser adotado, sendo a essência do regime democrático corruptível, pois só no governo em que poucos reinariam não existiria espaço para a corrupção, e escreveu:

Ao retrato acima esboçado da corrupção do povo pela imantação causada na atividade mesmo dos melhores dirigentes pelo princípio de que é forçoso agradar ao povo, cumpre acrescentar que, na verdade, nem na Grécia antiga, nem na Inglaterra do século passado, nem nos Estados Unidos do nosso século nem aqui no Brasil, nem em parte alguma a índole corruptora da democracia deixou de ser agravada pela multiplicação dos oportunistas, dos demagogos, dos vigaristas políticos. E como pululam. Como agem. Como deturpam, como mentem. Agora mesmo, aqui no Brasil, mesmo com o Congresso e as Assembleias Estaduais submetidas a restrições, como é ainda possível a muitos deputados exercer uma ação corrosiva, perturbar, mentir, participar de chicanas contra empresas particulares com a cumplicidade de jornais, etc.¹⁵⁹

O terceiro artigo complementa a discussão acima, sobre o melhor regime a ser adotado. Em *Totalitarismo e Ditadura são coisas diferentes* (n. 110/111) Julio Fleischman discutiu a diferença entre os dois conceitos. A noção de ditadura engloba o sentido de exercício político de modo completo, sem controle de outras instituições por parte do ditador e que não se interessaria de um modo total pela sociedade, pois não se preocuparia com o comportamento dos súditos, por exemplo. A ditadura seria o único regime disposto a defender a sociedade de um mal iminente. O contrário ocorreria com um regime totalitário, sendo um modelo político em que o líder cobiçaria o poder, sendo esse o seu mal. Para o católico, os totalitarismos modernos, especialmente o comunista, querem ser ao mesmo tempo os doutores, os filósofos, os guias e os profetas do povo, além de contarem com as modernas técnicas de comunicação e de propaganda para condicionarem o espírito do povo. Para concluir seu pensamento, defende o regime ditatorial:

A ditadura, em si, nunca foi condenada pela Igreja que, muitas vezes e com toda razão, apoiou como mal menor ou até como bem indispensável ainda que transitoriamente, esta ou aquela forma de governo autoritário, mesmo quando estabelecido contrariamente ao direito positivo vigente, desde que não ferisse o direito natural e não fosse tampouco uma tirania no sentido preciso indicado. Por outro lado, a Igreja condenou como ímpio, desumano, intrinsecamente mau e, portanto, inadmissível sejam quais foram as circunstâncias o totalitarismo comunista, [...] na pretensão de se colocarem os dirigentes totalitários como mentores religiosos de outros homens.¹⁶⁰

¹⁵⁹ *Permanência* (Nov./Dez. de 1976. p. 55-56)

¹⁶⁰ *Permanência* (Jan./Fev. de 1978. p. 8)

Sobre a questão da tortura, Julio Fleischman redigiu artigos de cunho anticomunista, mas que defendiam o Brasil quanto às acusações feitas pelos grupos progressistas no exterior. Ao todo, foram um artigo escrito na revista *Itinéraires, L'anticommunisme catholique: réponse à un contradicteur à propôs des évêques chiliens* (n. 222), quadro 10, e três artigos publicados na revista *Permanência*, quadro 11. Em *Aspectos significativos do terrorismo mundial* (n. 88/89), o grupo *Permanência* publicou uma palestra de Julio Fleischman no Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio em 1975. O católico abriu a conferência citando as palavras do escritor russo Alexandre Soljenitzin (preso político da URSS) alertando que a 3ª Guerra Mundial já aconteceria e que estávamos prontos para uma 4ª Guerra Mundial. Fleischman acreditava que o terrorismo seria a 3ª Guerra Mundial, que se originou no 22º Congresso do Partido Comunista com a criação de uma política internacional voltada para a “coexistência pacífica”. Essa tática abandonaria o recrutamento dos operários para se aproveitar de um fato recente da época: os ressentimentos nacionalistas ocasionados pelos movimentos de independência nos países de 3º mundo. O autor relacionou essa estratégia do comunismo internacional com as “guerras de libertação” dos países asiáticos e africanos e as “frentes de libertação” da América Latina.

O Diretor da revista *Permanência* censurou no texto os concorrentes ao prêmio Nobel da paz daquele ano, Dom Hélder Câmara e Marc Bride (presidente da organização “Amnesty International”). Eles denunciaram os casos de torturas que sofreram os presos políticos em países como no Brasil e chamaram tais atos de “terrorismo”. Para Fleischman, o terrorismo é um movimento de caráter comunista que tem como ordem a violência. Porém, para justificar esse mesmo ato praticado pela polícia militar no Brasil:

Quanto a nós, o que queremos acentuar é que a violência, por si só, não qualifica um ato de terrorista e nem, desde logo, o qualifica como mau. Será mau se praticado para um fim mau como o é o favorecimento do comunismo. Será bom se utilizado em justa medida e quando inevitável para a procura de um fim bom, como por exemplo lutar contra o comunismo.¹⁶¹

Como o terrorismo causado pelos grupos da esquerda armada no Brasil foram banidos pela “Revolução de 1964” até 1974, com a prisão e morte de seus guerrilheiros no Araguaia, restou denunciar o que poderia ter acontecido no país caso o comunismo tivesse sido adotado como regime político. No artigo *Aquilo que nos espera, se...* (n. 90/91), Julio Fleischman

¹⁶¹ *Permanência* (mar./abr. 1976, p. 49).

delatou os regimes comunistas a partir de dois trechos de artigos retirados do jornal *O Globo* de fevereiro de 1976. O primeiro é sobre a fuga do príncipe Panya de Laos que nadou para a Tailândia em busca de exílio quando quiseram submetê-lo à doutrinação política. O segundo caso é do arcebispo de Saygon, Nguyen Van Binh e seu relato sobre a “reeducação” de dois milhões de católicos do Vietnã do Sul para não se rebelarem contra o governo comunista. Por isso, Fleichman alertou os verdadeiros fiéis católicos:

Não é porque tenhamos medo de perder nossas casas, ou o automóvel ou nossos modestos passeios que o comunismo, sobretudo, nos inspira horror e nos leva a estarmos prontos para morrer combatendo essa monstruosidade. Não é a perda daquilo que ainda há quem chame de privilégios que nos levanta a alma com ímpeto contra essa triste e burra mentalidade que os comunistas espalham onde se instalam. É o que eles quererão fazer conosco e com nossos filhos em matéria de reeducação ou de educação, segundo o que entendem por essas palavras. É disso que fugimos e disso que, para escapar, preferimos antes nossa morte e a dos nossos filhos também.¹⁶²

Para ilustrar melhor o que poderia ter acontecido caso o comunismo tivesse sido implantado no Brasil, Julio Fleichman publicou uma carta de resposta a um “cavaleiro” (que teve o nome omitido) que mandou um recorte ao professor Gustavo Corção em que noticiava a situação degradante dos presos políticos chilenos sob a ditadura de Pinochet. Intitulado *Torturas e Torturas* (n. 92/93), Fleichman acusou a ONU de ser um “bordel de comunistas” e comentou uma notícia que saiu no jornal *O Globo* em março de 1975. Segundo o jornal, a *Cruz Vermelha Internacional* tivera boa impressão das prisões e dos presos políticos no Chile, visto que era uma organização médica internacional idônea. Para melhor esclarecer o “cavaleiro comunista”, o intelectual católico apresentou um caso do horror soviético, do depoimento à TV aberta francesa do matemático russo Leonid Pliutch e sobre o que se passava com os presos políticos na URSS. O intelectual católico transcreveu uma parte do depoimento do matemático que saiu em alguns jornais aqui do Brasil:

Paris – o matemático dissidente soviético Pliutch descreveu ontem como “um inferno na terra” o hospício em que ficou internado dois anos e meio por ter criticado o governo da URSS. Pliutch denunciou que em companhia de outros 60 presos políticos – todos mentalmente sãos – foi submetido a todo tipo de maus tratos, incluindo injeções de enxofre, drogas depressivas “para vencer o ser humano e destruir qualquer desejo de resistência”.¹⁶³

¹⁶² *Permanência* (mai./jun. de 1976. p. 35).

¹⁶³ *Permanência* (jul./ago. de 1976. p. 62).

Como reflexão final, o trabalho procurou apresentar um projeto de poder em que indivíduos que pertenciam aos grupos da extrema-direita política no Brasil, representados pela pena jornalística de Gustavo Corção e Julio Fleischman na revista *Itinéraires*, veicularam no exterior uma propaganda de legítima defesa da ditadura militar. Por isso, afirma-se que os intelectuais cariocas foram “mediadores” do regime por defenderem o governo das denúncias dos progressistas católicos e dos exilados políticos quanto às violações e ao desrespeito aos direitos humanos. Corção e Fleischman também foram “apóstolos” do regime ao combaterem o progressismo católico e ao negarem as “aberrações” litúrgicas trazidas pelos ventos do Concílio Vaticano II, considerado como o “olho do ciclone” pelos intelectuais cariocas.

Contudo, vale a pena se debruçar em duas questões que aparecem nesses artigos: a primeira se refere ao constante ataque à Declaração dos Direitos Humanos, documento máximo da ONU e ratificado por todos os países que participaram da organização naquele período, como no caso do Brasil. E a segunda diz respeito a “ameaça externa” comandada pelas forças do comunismo internacional, que foi responsabilizado pelos intelectuais por todos os males que a ditadura enfrentou. Naquele período, de 1975 a 1979, o grande inimigo do Brasil e que povoou o imaginário social ainda era o comunismo, só que, com o fim das guerrilhas armadas pela esquerda, foram os membros da Igreja que ficaram associados ao terrorismo internacional. Dessa forma, os intelectuais cariocas procuraram o inimigo comunista em lugares e em pessoas que, às vezes, não representaram perigo algum. Essas questões se sobressaíram nos artigos escritos pelos intelectuais cariocas na revista *Itinéraires*, mas também foram apresentadas nos congressos do *Office International* na execução desse projeto político e religioso, e que será apresentado no tópico a seguir.

2.4 O OFFICE INTERNATIONAL E OS CONGRESSOS DE LAUSANNE

2.4.1 Apresentação do *Office International*

Jean Ousset (1914-1994), de origem camponesa, foi fundador da *Cité Catholique* (1947) e do *Office International des Oeuvres de Formation Civique et d'Action Culturelle selon le Droit Naturel et Chrétien* (1963). Foi um dos importantes líderes da direita nacionalista católica francesa durante a década de 1950, junto com *Itinéraires*, *L'Homme Nouveau* (Paris, 1946- até hoje) e *La Pensée Catholique* (Paris, 1946-1956). Esses grupos foram fundamentais para a corrente integrista brasileira, que absorveu abundantemente da vertente francesa:

Nas obras de Plínio Correa de Oliveira e de Gustavo Corção, como na prensa integrista em seu conjunto, o pensamento contrarrevolucionário francês é abundantemente mobilizado, de Louis de Bonald à Charles Maurras passando por Joseph de Maistre e o abade Barruel. O mesmo nome do grupo fundado por Corção remete a revista francesa *Permanences*, órgão do *Office International des œuvres de formation civique et d'action culturelle selon le droit naturel et chrétien* que foi criado em 1963 por Jean Ousset no prolongamento da *Cité Catholique*, que conheceu certo sucesso na América do Sul.¹⁶⁴

Em 1939, Jean Ousset elaborou um projeto de ação cristã voltado para os laicos, mas a II Guerra Mundial o impediu de continuar sua obra. Após o conflito, trabalhou na *Jeune Légion* como chefe da Oficina de Estudos, contato frutífero que o inspirou na criação de seu futuro projeto. Com seu amigo Jean Masson, em 1946, passou a projetar a obra deixada de lado por causa do conflito e criou o *Centre d'Etudes Critiques et de Synthèse*, que depois se chamou *La Cité Catholique* (1947). O objetivo era promover ações políticas guiadas pela doutrina social da Igreja, com a iniciativa exclusiva do laicato católico. Seu desenvolvimento ocorreu entre os anos de 1950 e 1960, sofrendo o impacto crescente da oposição por meio da imprensa católica progressista do país. Essa disputa midiática levou Jean Ousset a modificar a estrutura de funcionamento de sua organização para evitar o seu desaparecimento, pretendendo transformar o movimento a partir da realização de ações sociais de caráter mais auxiliar (NEIVILLE, 1998).

Em 1963, *La Cité Catholique* tornou-se *Office International des Oeuvres de Formation Civique et d'Action Doctrinale*, (renomeada em 1967 por *action culturelle*), *selon le Droit Naturel et Chrétien*. A ação dessa organização seria projetada por meio das seguintes características: capilaridade, permanência e agilidade. Assim, o *Office* foi concebido a partir da participação da “elite natural”, que facilitaria a difusão do pensamento em todas as ações da diversidade humana. Cada rede agiria sem controlar a outra, interligando-se como resultado de uma unidade doutrinal e de um mesmo estilo. O *Office International* era formado por uma série de redes familiares, escolares e profissionais, sendo consideradas organizações satélites:

¹⁶⁴ Tradução livre do autor. No original: «Dans les œuvres de Plinio Corrêa de Oliveira et de Gustavo Corção comme dans la presse intégriste dans son ensemble, la pensée contre-révolutionnaire française est abondamment mobilisée de Louis de Bonald à Charles Maurras en passant par Joseph de Maistre et l'abbé Barruel. Le nom même du groupe fondé par Corção renvoie à la revue française *Permanences*, organe de l'office international des œuvres de formation civique et d'action doctrinale selon le droit naturel et chrétien qui a été créé en 1963 par Jean Ousset dans le prolongement de la *Cité Catholique* et connaissait un succès certain en Amérique du Sud». (COMPAGNON, 2008, p. 15).

Diferente da Ação católica, o Office International constitui-se com o objetivo de promover a criação de organizações apropriadas à Ação Social dos católicos, isto é, organizações inspiradas, animadas e guiadas por uma elite de leigos integralmente fundamentados na doutrina social da Igreja. Ela possui três requisitos: lealdade ao Papa e à hierarquia, aceitação da doutrina social da Igreja, oposição efetivamente ativa ao moderno totalitarismo e à Revolução, capacidade de promover ação efetiva numa base de diversidade, de subsidiariedade e completariedade de esforço, excluindo todas as tendências no sentido de formar um movimento de massa unitário e rígido. O Office International e o seu complexo de grupos filiados ou associados não é um corpo fortemente estruturado. As associações filiadas ao Office conservam assim sua independência. Estas são variadas, indo desde os clássicos grupos de estudo e ação, até sindicatos, e grupos de estudantes, agricultores e professores, associações de pais e organizações de cultura e de jovens. Foi fundada depois da 2ª Guerra Mundial por Jean Ousset e seus congressos ocorrem em Lausanne.¹⁶⁵

Quanto aos seus congressos, eles se iniciaram em 1964 com a primeira reunião em Sion (Suíça) e, nos outros anos, em Lausanne (também Suíça), no palácio de Beaulieu.¹⁶⁶ Suas atividades se repartiam entre missas e serviços, comunicações (com palestras dos diversos representantes do integristismo internacional) e fóruns e stands (onde os grupos convidados apresentavam os métodos de ação de suas organizações e trocavam informações sobre seus respectivos países).

De cada reunião foram publicadas os *Actes du Congrès de Lausanne*, fonte dessa pesquisa histórica. Os congressos reuniram uma grande quantidade de grupos integristas do mundo todo, o maior evento internacional com as elites nacionais do tradicionalismo católico, maioria laica, contando com a participação de alguns clérigos. Com o tempo, os encontros em *Lausanne* se tornaram onerosos para o *Office International*, que passou a gastar muita energia dos grupos satélites, sendo esses o objeto de atenção maior do trabalho e que não poderiam ficar enfraquecidos. Outras preocupações do intelectual francês se juntaram com a ideia de encerrar as atividades do *Office*, como o progressismo católico e sua guinada à esquerda, além das novas formas de liturgia. Jean Ousset encerrou as atividades do *Office International* em 1977. Em 1981, com uma equipe de jovens discípulos agrupados em torno de Jacques Trémolet de Villers, o líder do *Office* retomou os conjuntos das experiências de Lausanne e

¹⁶⁵ Hamish Fraser. *Permanência* (abr. 1972, p. 68-69).

¹⁶⁶ Os números que indicam a quantidade de vezes que se realizaram os congressos do *Office International* são diferentes dos números que correspondem os congressos realizados em Lausanne. Como o primeiro congresso do *Office* ocorreu em Sion (Suíça), o 2º congresso realizado pelo grupo encontra-se nas Atas com o título: *1º Congresso de Lausanne*, mas que corresponde ao segundo evento do *Office*, e assim por diante.

fundou com seus discípulos o *Centre de formation à l'action civique et culturelle selon le droit naturel et chrétien* (ICTUS), continuando a publicação da revista *Permanences*. Dedicando-se mais ao lançamento de livros, gradativamente afastou-se das atividades jornalísticas, falecendo em 1994, após um derrame cerebral.

Figura 11: Jean Ousset.

Figura 12: Palácio de Beaulieu

Figura 13: Salão de Conferências das reuniões do *Office*

Figura 14: Stands do *Office*

2.4.2 Os Intelectuais e as redes de sociabilidades em torno dos *Congressos de Lausanne*

Os congressos do *Office International* formaram uma espécie de campo de “forças”, concentrando várias redes integradas por grupos do tradicionalismo católico de várias partes do mundo, trocando informações e experiências sobre acontecimentos internacionais e nacionais referentes ao progressismo católico e a “subversão mundial comunista”. No quadro sete, que apresentou os principais escritores da revista *Itinéraires* durante os anos de 1962 a 1989, os intelectuais que redigiram seus textos no periódico eram predominantemente franceses, com exceção da participação dos brasileiros. O inverso aconteceu no *Office*, que aglutinou em seus eventos diferentes movimentos do integrismo internacional e membros da direita-nacionalista de cada país. O quadro 12, apresenta os principais conferencistas dos congressos em que houve a participação do integrismo brasileiro e oferece uma dimensão dessa variedade de nacionalidades, essa mistura que ocorria nas primaveras europeias na cidade de Lausanne. Outras nações participavam do evento, o que daria uma dimensão total desse “campo de forças” do integrismo católico romano. Mas como a intenção é pesquisar a participação brasileira, os intelectuais presentes nesse quadro ouviram e conversaram com os representantes brasileiros nos congressos sobre o que se passava no Brasil.

Analisando o quadro 12, a corrente integrista francesa se destacou nesse levantamento e os principais representantes dos grupos da direita nacionalista que participaram do evento foram Jean Madiran (*Itinéraires*), Louis Salleron (*La Pensée Catholique*), Marcel Clément (*L’Homme Nouveau*), Jean Fabrègues (*France Catholique*), Jean-Louis Vidal (*Centre Saint-Exupéry*) e Gustave Thibon (*La Nation Française*). Incluem-se nessa lista os franceses membros do *Office International*, como o Conde Amédée d’Andigné (delegado geral), Bernard Couchepin (delegado internacional) e Jean Ousset (presidente).

Apresentaram suas falas nos Congressos do *Office* 35 franceses, muitos deles publicavam na revista *Itinéraires* (Anexo - Parte III), como Ettienne Malnoux (com nove artigos) Henri Rambaud (com 20 artigos), Luc Baresta (com sete artigos), Michel de Saint-Pierre (com 32 artigos) e o líder do *Office* (com seis artigos). O restante eram chefes de outros grupos da direita católica francesa com atuações mais sociais e assistencialistas, como François Saint-Pierre, secretário geral do *Movimento de ajuda à habitação* e administrador de alocações familiares da região de Paris, e André Récipion e Raoul-Follereau, fundadores da *Fondation Raoul-Follereau* de assistência médica às pessoas carentes. Existiu a participação

de professores universitários franceses como Jérôme Lejeune, que era professor da faculdade de medicina da França.

Outro país que se destacou foi a Suíça, sede do evento. Foram cinco nomes, entre eles: Albert Vonlanthen, Michel Uldry (engenheiro da *E.P.F.* e licenciado em Ciências Econômicas), Roger Lovey (fundador do grupo *Renouveau Rhodanieu*), Raoul Pignat e Michel Gross. Em terceiro lugar, a Espanha com três escritores: Eugenio Vegas-Latapie, presidente da Ciudad Catolica e fundador da revista *Verbo* (Madri, 1962-até hoje), Ignacio Gutierrez Laso, delegado da *Faculdade de Ciências Econômicas e Políticas de Madri*, e Juan Vallet de Goytisolo, membro da Academia Real de Direito e de Jurisprudência. Os representantes do integrismo espanhol, como Eugenio Vegas-Latapie, Francisco Elias Tejada, Julio Meinvielle e Dom Bernardo de Monsegú, publicaram vários artigos na revista brasileira *Hora Presente* (SP, 1968-1977). Seu líder intelectual, José Pedro Galvão de Souza, publicou alguns artigos nas revistas integristas espanholas e argentinas (SOUZA, 2012).

Empatados em quarto lugar estão: Brasil, com Gustavo Corção e José Pedro Galvão de Souza; Bélgica, com André Petitjean (engenheiro civil e professor do *Institut des Arts et Métiers de Virton*) e Marcel de Corte (professor da Universidade de Liège e escritor da revista *Itinéraires* com 72 artigos); Grã-Bretanha, com Hamish Fraser (diretor da revista *Approaches*) e Geoffrey Lawman; Estados Unidos, com Albert Walsh e o General Lane; Argentina, com Carlos Sacheri (delegado da *Ciudad Católica*) e Juan Carlos Goyeneche (professor da *Universidad de La Plata*).

Empatados em quinto lugar: Portugal, com Antonio da Cruz Rodriguez (diretor da revista *Verbo*); Austrália, com Bertrand Mc Donall (presidente da *Légion Merry del Val*); Holanda, com Friedrich Den Ottolander (*secretário da Associação Geral Holandesa de Filosofia*); Polônia, com Jędrzej Giertych (político e historiador); México com José L. Ezquerro de la Colina; Itália com Cardeal Ottaviani (Secretário do Santo Ofício); Alemanha com Dietrich von Hildebrand; Canadá com François-Albert Angers Luxemburgo e Ivone Flour; por fim, a Índia com Victor J. Kulenday (diretor do jornal “Orbit”).

2.4.3 O Brasil em Lausanne: em defesa do projeto político

O primeiro *Congresso de Lausanne* que aconteceu com a participação de um movimento integrista brasileiro ocorreu no ano de 1969, cujo tema foi *Culture et Révolution*. O interessante a ser notado é que o grupo *Permanência* não foi o primeiro grupo brasileiro

que conheceu o evento, mas sim o grupo paulista *Hora Presente*¹⁶⁷. Seu líder intelectual, José Pedro Galvão de Souza, representou a revista e o laicato brasileiro nessa reunião.

Figura 15: José Pedro Galvão de Souza em Lausanne (1972)

O documento que resultou dessa participação foi uma reportagem¹⁶⁸ feita por ele, descrevendo suas impressões sensoriais sobre o lugar: cercado pelas montanhas, com aproximadamente 3.000 pessoas e com 22 bandeiras esteadas representando os países que participaram do evento. Em diante, apresentou o *Office* e o que se passou no *Congresso de Lausanne* de 1969: suas principais conferências (quadro 12), suas exposições e seus fóruns especializados com os stands (44 espaços de exposições). O documento simplesmente descreveu o evento, mas o que se destacou na reportagem foi a atenção dada ao integrismo latino, salientando a participação do diretor da revista portuguesa *Resistência*, Antonio da

¹⁶⁷O grupo paulista *Hora Presente* lançou sua revista homônima no dia 22 de agosto de 1968. Tinha como diretor José Orsini e como líder intelectual o professor de direito José Pedro Galvão de Souza, escritor católico que tinha aproximações com o integrismo espanhol. Ao contrário de *Permanência*, *Hora Presente* teve suas publicações encerradas no final da década de 1970. Atuou contra o movimento progressista, mas o que caracterizava os artigos da revista era a crítica ao momento político, denunciando o comunismo e suas atuações no Brasil e no mundo (SOUZA, 2012).

¹⁶⁸*Hora Presente*(Agosto de 1969, p. 4)

Cruz Rodrigues. Junto aos stands dos países de língua espanhola, encontraram-se os movimentos de *Requetés* (Espanha), *Cristeros* (México) e *Ciudad Católica* (Argentina).

O grupo *Permanência* iniciou sua participação nos *Congressos de Lausanne* em 1970 enviando uma de suas redatoras, Helena de Fraga, que descreveu poucas informações sobre o evento. Entretanto, a maior comitiva brasileira formada para participar dos eventos aconteceu em 1972, cujo tema foi *Force et Violence*. Nesse Congresso foram 3.500 inscritos com 20 países representantes. Quanto aos stands, foram 48 montados, e o Brasil participou do stand n. 9 (com participação do grupo *Hora Presente*). Foram expostas no espaço fotografias, mapas, dados estatísticos, publicações brasileiras, e distribuíram dois prospectos de autoria de Gustavo Corção. A partir desse momento, seu trabalho ficou conhecido fora do Brasil, além de ter sido convidado a palestrar no evento do próximo ano em Lausanne. Sobre a atuação do Brasil nesse espaço de “capilaridade”, o grupo *Permanência* destacou os assuntos referentes à nação que os congressistas mais admiraram:

É nos stands, cuja área 3x5 é arrumada com mesas e cadeiras, que se efetuam os encontros, as conversas, as trocas de ponto de vista, de informação, de experiências e que se estabelecem os laços e as redes de “ação capilar” que é o método escolhido pelo *Office* para interligar todos os combatentes da subversão que ameaça destruir a Civilização e a Igreja. O interesse despertado por nosso stand foi enorme. Permanecíamos a maior parte do tempo no stand para atender aos visitantes que indagavam mil coisas sobre o Brasil: desde as propaladas torturas, genocídios de índios, Transamazônica, clima, raças, até as glórias do nosso Pelé, e os lisonjeiros índices econômicos. Indagaram também pormenores sobre a organização política atual, a vida em São Paulo, no Rio e em Brasília, as realizações industriais e hidroelétricas, em tudo isso demonstrando o mais cordial interesse por nosso Brasil. [...] De tudo o que mostramos o que causou mais profunda impressão foi o conjunto de fotografias da “*Marcha da Família com Deus pela Liberdade*”.¹⁶⁹

No congresso de 1972, o professor José Pedro Galvão de Souza palestrou a comunicação: *Vers un groupement de forces contre la subversion universelle*. A trajetória intelectual do líder da *Hora Presente* não é o foco do trabalho, mas é interessante apresentar sua fala por ter sido o representante do integrismo brasileiro nesse momento. Em seu discurso, o intelectual paulista se preocupou em apresentar o agrupamento de forças que levou à “subversão universal”. Citou o caso do Brasil no início, apresentando o papel da *Marcha da Família* e das forças militares que acabaram com a “subversão” do governo João Goulart e com os grupos comunistas armados no Brasil. Mais uma vez, a violência por parte do governo

¹⁶⁹ *Permanência* (maio de 1972, p. 49).

foi justificada: “As Forças Armadas, respondendo ao chamado do povo – eu quero dizer da sociedade orgânica e não a das massas – recorreram à violência para preservar a ordem legítima” ¹⁷⁰. Ao longo do texto, ele apresentou as táticas da subversão moderna, que aliciariam jovens por meio das drogas, do erotismo e de outras táticas. No final, salientou a importância do *Office* por conseguir alcançar as pessoas pelo seu trabalho de atuação na sociedade civil. Assim, os editores da *Hora Presente* mostraram uma visão geral do que foi a participação brasileira:

O Brasil ocupou posição de destaque no Congresso. Compunha-se a delegação brasileira de nove representantes, era a maior do Novo Mundo. No terceiro dia especialmente, depois da conferência do prof. José Pedro Galvão de Souza, o stand brasileiro foi o centro da atração, não havendo tempo para atender a todos os numerosíssimos congressistas que o procuravam e ali solicitavam informações. Em sua comunicação, o conferencista brasileiro referiu-se ao movimento de Março de 1964, dando a conhecer a verdade sobre o Brasil, e desfazendo a falsa imagem que do nosso país se tem propagado pela Europa, por insuflação das forças da revolução Mundial. Ovacionadíssimas as suas palavras, pela assistência compacta, aplaudindo demoradamente. [...] Um grupo de jovens estudantes franceses representavam Faculdades livres de Paris: *Faculté de Philosophie Comparée e Faculté de Droit et de Sciences Économiques*. Na primeira destas, professor José Pedro Galvão de Souza proferiu também uma conferência, a pedido dos estudantes, expondo-lhes a situação real do Brasil em dissertação subordinada ao tema: *Autorité et Liberté à partir de l'expérience brésilienne*. Sua passagem por Paris precedeu ao Congresso, e depois deste foram também à capital francesa, entrando em contato com os dirigentes do *Office* e com o *Club du Livre Civique*. As representantes de *Permanência*, do Rio de Janeiro, que estavam em Lausanne, Senhoras D. Helena Rodrigues e Maria da Graça Pierotti ¹⁷¹.

No Congresso de Lausanne de 1973, cujo tema foi *La Education de L'Hommes*, Gustavo Corção palestrou para um grupo de 3.880 congressistas, representantes de 24 países, que compareceram na abertura do evento. Logo após a fala do Conde Amédée d'Andigne, o intelectual brasileiro se pronunciou e tornou-se, a partir de então, uma figura notória no evento por suas palavras e por representar o Brasil. Quanto à parte dos stands foram montadas 50 exposições. Ao lado do Brasil ficaram os grupos *Una Voce* (México), *Vector* (Portugal), *Speiro* (Espanha) e *Action Culturelle dans les Pays Hispaniques*. Infelizmente, não há informações sobre as exposições brasileiras nesse evento, pois nada foi

¹⁷⁰ Tradução livre do autor. No original: «[...] Les Forces Armées, répondant à l'appel du peuple – je veux dire de la société organique et non de celle des masses – recoururent à la violence pour préserver l'ordre légitime». *Actes du 7 Congrès de Lausanne* (abr./maio de 1972, p. 134).

¹⁷¹ *Hora Presente* (nov. 1972, p. 223-228).

publicado nas revistas brasileiras e, nas atas dos congressos, apenas foram citados os grupos que participaram dos stands. Dessa maneira, o discurso de Corção, única fonte sobre o evento, versou sobre o tema da educação. De início, agradeceu pela honra daquela presidência e que, apesar da idade: “[...] Eu me gabo de ter trabalhado, de ter lutado com aqueles que, em 1964, derrotaram os comunistas que já se apegavam ao poder”.¹⁷² Após refletir sobre o ato de educar, Corção lastimou que no Brasil a educação encontrava-se na mão de muitos católicos e laicos progressistas, apoiados pela CNBB. Quanto ao marxismo, afirmou que os operários brasileiros, apesar de terem se “iludido” com o comunismo, ainda “caminhavam” junto ao paternalismo do Estado. Assim, o marxismo não se encontrava com os trabalhadores, mas nas mãos do progressismo católico e nas suas ações educadoras. Finalizou a palestra com os seguintes dizeres: “Hoje o Brasil é um baluarte contra a Revolução. Mas infelizmente está rodeado de países onde o 'progressismo' está a serviço da 'libertação' que é, acredite ou não, o pseudônimo do marxismo”.¹⁷³

Figura 16: Ata do Congresso do Office de 1973

¹⁷² Tradução livre do autor. No original: «[...] je me vante d’avoir travaillé, d’avoir lutté avec ceux qui, en 1964, ont vaincu les communistes déjà cramponnés au pouvoir». *Actes du 8 Congrès de Lausanne*. (abr. 1973, p. 23).

¹⁷³ Tradução livre do autor. No original: «Aujourd’hui le Brésil est un rempart contre la Revolution. Mais malheureusement il est environné de pays où le ‘progressisme’ est au servisse de la ‘liberación’ qui est, believe it or not, le pseudonyme du marxisme». *Actes du 8 Congrès de Lausanne*. (abr. 1973, p. 26).

A última participação de brasileiros no *Office* foi em 1974, cujo tema foi *Pluralisme et Unité*. Foram quatro membros convidados pelo evento: as senhoras Helena Rodriguez e Maria Helena Fraga do grupo *Permanência*, a senhora Eudoxia Ribeiro Dantas (vice-presidente da CAMDE)¹⁷⁴ e o professor da *Sociedade de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais* (SEPES) Elias Jorge Tambur. Como convidado especial, para presidir uma das sessões plenárias, veio o professor Hélio Fraga, reitor da Universidade do Rio de Janeiro e escritor da revista *Permanência*. Não há informações sobre a quantidade de participantes desses eventos e nem quantos stands foram expostos, mas o Brasil organizou sua tenda para apresentar a comemoração dos 10 anos da “Revolução de 1964”, com fotos da grande *Marcha da Família* e várias bandeiras brasileiras no espaço montado para revelar o patriotismo brasileiro:

A seguir, na parede central, em mapas diversos, dados e estatísticas indicavam o gradativo desenvolvimento do país, a Transamazônica, a Perimetral Norte em andamento, riquezas naturais, usinas hidroelétricas etc., tendo a **bandeira brasileira** colocada bem no centro a unir todas as atividades no sentimento da pátria, completado o painel com aspectos de Brasília, São Paulo e vistas de outras cidades brasileiras, além da farta documentação cedida pela FUNAI mostrando aos estrangeiros mal informados o tratamento dado aos índios brasileiros. Na parede da esquerda encontramos, finalmente, “Nos traditions” isto é, além das belezas naturais as criadas pelo homem brasileiro, o barroco do Aleijadinho e de algumas cidades mineiras, assim como as danças tradicionais do nordeste e o verdadeiro “ballet” carnavalesco do nosso povo. Foi enorme a curiosidade em torno da documentação apresentada e obtida, aqui no Brasil, junto às seguintes entidades: IBGE, **Amaral Neto Repórter**, DNER, EMBRATUR, BNH e VARIG.¹⁷⁵

Sobre a participação brasileira, dois trabalhos impressos em francês foram postos a disposição dos congressistas. O primeiro é uma resposta do ministro Mem de Sá ao senador Edward Kennedy, na qual o ministro negou as difamações sobre o extermínio de indígenas, torturas e a formação dos Esquadrões da Morte. O outro foi um trabalho de Maria Helena Alves Pinto sobre a atitude da mulher nos dias de hoje. De regresso, passaram por Paris e Londres onde projetaram dois dispositivos sobre a Amazônia, encerrando suas atividades no exterior.

¹⁷⁴ A *Campanha da Mulher pela Democracia* foi um movimento preparado e financiado pelo *Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais* (IPES). A função do CAMDE era mobilizar mulheres que seguiam a ideologia do tradicionalismo católico, as chamadas *candocas*. A CAMDE tornou possível a preparação das mulheres para as marchas e manifestações de rua contra o governo de Jango.

¹⁷⁵ *Permanência* (out. 1974, p. 61).

Concluindo a trajetória internacional dos nossos personagens, o projeto de poder que foi propagado pelos intelectuais católicos nos *Congressos de Lausanne*, com toda clareza, preconizava a construção de uma imagem positiva do Brasil no exterior. Grandes representantes da imprensa católica e laica internacional circulavam nas exposições e se admiraram com as notícias vindas do Brasil. Informações de um país abençoado por ter um governo autoritário e salvador da “Subversão Mundial”, mas que sofria com a Igreja corrompida por membros que se entregaram ao modernismo e suas maiores aberrações: o comunismo. Foi uma trajetória diferente da de *Itinéraires*, essa marcada pelo constante ataque ao progressismo e à esquerda católica, mas que não deixou de fazer propaganda política. Além dos grupos que foram agraciados no final do último enxerto, existiram dois relatórios dos *Congressos de Lausanne* que foram escritos por Julio Fleischman e remetidos ao presidente Ernesto Geisel e ao ministro general Golbery.¹⁷⁶ São documentos que permitem afirmar que o objetivo central do grupo foi a defesa do regime, com assuntos que apareceram com frequência em *Itinéraires* como as violações aos direitos humanos de grupos civis e etnias indígenas. Por ser um órgão governamental, a FUNAI, instituição citada no enxerto acima, não mandaria relatórios que incriminassem o governo. Sobre a visita da Cruz Vermelha em 1973 no Brasil para averiguar as denúncias sobre massacres indígenas, a estadia foi toda acompanhada pelos militares nas áreas da FUNAI “pacificadas” havia anos (VALENTE, 2017).

Porém, existe um detalhe que foi muito valorizado pelos intelectuais nos stands de *Permanência* e *Hora Presente* nos congressos do *Office*, que foi destacado em *Itinéraires* e até chamou a atenção de Jean Madiran em uma carta a Corção. A supervalorização da *Marcha da Família por Deus e pela Liberdade*, movimento criado pelo *Tradição Família e Propriedade* (TFP).¹⁷⁷ O que foi observado é que em nenhum momento os intelectuais “escreveram” o nome do líder desse movimento, Plínio de Oliveira. Qual o motivo da observação? Gustavo Corção não simpatizava com o ex-líder da ação integralista de 1937. Divergiram de pensamentos, apesar de defenderem o tradicionalismo católico. A cisão esteve

¹⁷⁶Relatório a Geisel (nº 129 – 31, 01, 010) e Relatório ao Golbery (nº 130 – 31, 01, 010).

¹⁷⁷ A *Tradição, Família e Propriedade* (TFP) ou *Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade*, é uma organização católica tradicionalista e conservadora fundada em 1960 por Plínio Correia de Oliveira e que se pauta nos dogmas e nas tradições católicas. Para a TFP, a sociedade deveria ter por base o amor à ordem cristã e a aversão à desordem, ocasionada pelo comunismo internacional. No plano político, defendia a reforma agrária, mas a partir de uma visão cristã. Essa organização foi um dos pilares sobre os quais se assentou o Golpe militar de 1964, pois a participação do movimento com passeatas contra o comunismo serviu de apoio ao regime (OLIVEIRA, 2007).

na opinião em que comungavam os líderes católicos a respeito da reforma agrária, sendo uma das pautas do movimento da TFP. O movimento das *Marchas* foi significativo na construção da memória brasileira sobre a ditadura militar, pois um mar de pessoas, multidões, saíram às ruas em apoio ao regime, até aqueles que se colocaram contra mais tarde, como a CNBB e a Ordem dos Advogados (OAB), o que demonstra o poder da mídia e das elites políticas na construção de um projeto de poder. A invenção de um inimigo, no caso o comunismo, responsável pela crise que se vivia naquele momento, junto com as agitações sociais características de momentos conturbados (geralmente econômicos) fez com que a sociedade civil apoiasse o golpe. Como resultado, o Brasil conviveu silenciosamente com casos de violações e desrespeito aos direitos humanos infringidos pela polícia militar na época. De vez em quando essas práticas “esbarravam” no cotidiano das pessoas que se omitiam por diversos motivos, por apoio à ditadura ou por medo da repressão. O problema é que essa base civil foi esquecida, junto com vários casos encobertos com a censura e que não foram tratados da maneira adequada na construção da memória histórica. Uma sociedade que não conhece seu passado não consegue se organizar democraticamente no presente, podendo correr o risco de que “fantasmas” voltem a assombrar o presente dessa coletividade.

CAPÍTULO 3 – O BRASIL VISTO PELO “OLHAR” DO INTEGRISMO INTERNACIONAL: MEDIAÇÃO E RECEPÇÃO

Gustavo Corção e Julio Fleischman, representantes da extrema-direita católica brasileira durante o período ditatorial, podem ser considerados como intelectuais mediadores, pois veicularam um projeto político e cultural durante suas trajetórias jornalísticas na França e nas suas participações nos *Congressos do Office*. O conceito de mediação cultural apresenta algumas categorias sociais que são importantes na análise desses sujeitos históricos, dentre elas a noção de *público/receptor*. É uma ferramenta de grande importância para se pensar o papel que os leitores possuem dentro dessa dinâmica de mediação, pois são os grandes responsáveis pelos processos de produção e circulação de bens culturais numa sociedade. A apropriação cultural que é decorrente dessa dinâmica de mediação demonstra que os sentidos dos bens culturais, como as produções de Gustavo Corção e Julio Fleischman, não são produtos fechados. São signos que se originam pelas práticas de apropriações que envolvem os processos de recepção/consumo pelo público em função de sua experiência de vida, dos sentimentos que cultivam sobre um determinado evento histórico (GOMES e HANSEN, 2016).

O intelectual que atua como mediador cultural produz novos significados ao se apropriar de textos, ideias, saberes e conhecimentos que são partilhados por um círculo de pessoas. Dessa sua atuação, o conceito de apropriação cultural permite que se compreenda esse mediador como um ser conectado a sua rede e que sofre as diversas interferências que ocorrem fora do seu campo. São atores sociais que fazem circular ideias, opiniões e paixões na forma de “mercadorias culturais”, em artigos que exprimem as marcas de uma geração de intelectuais e seu imaginário cultural. Com esses outros sentidos inscritos em sua produção, aquilo que o intelectual “mediou” torna-se, efetivamente, “outro produto”: um bem cultural singular. A partir de certas operações de transferências, como acontecia nos Congressos do *Office*, esse novo produto cria sentidos integrantes de um terceiro produto/código cultural, que não é mais nenhum daqueles outros dois: “O grande poder da passagem ou mediação cultural é precisamente o de criar algo novo, ‘intercultural’; quer dizer, algo que se comunica com mais de um espaço ou grupo sociocultural, sendo um ‘terceiro elemento’” (GOMES e HANSEN, p. 32). Na dinâmica da comunicação dentro da cultura de massa,¹⁷⁸ os grandes públicos reescrevem suas mensagens a partir de seu contexto com o processo de leitura:

¹⁷⁸ Dizer “cultura de massa” equivale, em geral, a nomear aquilo que é entendido como um conjunto de meios massivos de comunicação. Porém, mostra que o que se passa na cultura não é pensável a não ser em sua

“[...] na qual o lido funciona não como ponto de partida, mas de reconhecimento e colocação em marcha da memória coletiva, uma memória que acaba refazendo o texto em função do contexto, reescrevendo-o ao utilizá-lo para falar do que o grupo vive”. (BARBERO, 2009, p. 154)

Levando em consideração o público leitor de Gustavo Corção e Julio Fleischman, o acesso possível à recepção do projeto desenvolvido por eles no exterior será representado a partir das observações e impressões feitas pelos intelectuais do integrismo internacional, em especial os membros da revista *Itinéraires*. Ocorrem no mundo globalizado grandes circulações de bens culturais produzidos pela grande imprensa e que são desenvolvidos para um público consumidor mais popular, com suportes que facilitam a leitura. Contudo, o que os intelectuais cariocas produziram foram bens culturais direcionados para uma elite intelectual composta por professores universitários, advogados e jornalistas, com materiais específicos e que não atingiam o grande público. Eram indivíduos que procuravam a leitura de projetos que representassem suas visões de mundo, “embaçadas” pela neblina da modernidade e pela “fumaça” do comunismo internacional.

Os leitores franceses de Corção podem ser denominados como “receptores”. Por estarem inseridos em um campo de produção diferente, acabaram reinterpretando os textos de Corção e Fleischman em função da estrutura do campo de recepção, que, no caso da França, possuíam como marcos geracionais as contestações culturais de 1968 e a força do progressismo católico. Assim, o sentido e a função de uma obra estrangeira são determinados pelo campo do acolhimento, e não pelo campo de origem. Nesse sentido, conhecer as operações sociais de transferência de textos e discursos torna-se essencial para o entendimento da recepção das obras de Corção na França, principalmente, quando se trata do papel do tradutor e do prefácio dessas obras. Esses elementos evidenciam visões de mundo, dando uma nova marca ao texto, pois há anexação e apropriação a partir do acolhimento. Por isso, a necessidade de se conhecer as leis de funcionamento dos campos nacionais, com apresentado no capítulo 2. As deformações do texto, ou os “males entendidos”, ocorrem quando não se reconhece o contexto de origem. (BOURDIEU, 2002)

O que se busca é a recepção do pensamento integrista brasileiro por meio dos contatos estabelecidos entre membros dos grupos católicos tradicionalistas de outros países, mas que

articulação com as readaptações da hegemonia que, desde o século XIX com o surgimento da imprensa, fazem da cultura um espaço estratégico para reconciliação das classes e a reabsorção das diferenças sociais. A partir de novos estudos acredita-se que existe uma troca entre a cultura hegemônica e a cultura popular, uma dependendo da outra para circular nos meios de produção cultural das sociedades modernas (BARBERO, 2009, p. 196).

compartilhavam das mesmas aflições diante de eventos globais, como o Concílio vaticano II. São artigos e prefácios que apontam a projeção de intercâmbio cultural nas viagens internacionais realizadas pelo grupo *Permanência* à França e pelo grupo *Itinéraires* ao Brasil, nos artigos que foram escritos pelos intelectuais franceses de *Itinéraires* sobre os intelectuais brasileiros e na produção literária de Corção no exterior. A intenção aqui é refletir sobre o resultado que se obteve no exterior do projeto proposto em análise nos capítulos anteriores e identificar a memória histórica que se efetivou em decorrência desse projeto que “falsificou” a realidade brasileira a partir de um propósito único: a veiculação de um projeto de poder relacionado à defesa da ditadura militar e marcado pela disputa do campo religioso contra o progressismo católico.

3.1 AS TRAVESSIAS TRANSATLÂNTICAS

Em *Os Amigos Franceses* (n. 62), Gustavo Corção relembrou a sua segunda viagem ao exterior em 1973, que tinha como objetivo principal buscar uma colaboração entre franceses e brasileiros. A primeira viagem de Corção foi a *Lausanne*, onde palestrou na abertura do evento e conquistou as primeiras amizades com intelectuais do integrismo internacional. Em seu segundo dia de viagem, encontrou-se com Pierre Pujo, diretor de *Aspects de la France*, jornal que foi o baluarte contrarrevolucionário na *Ação Francesa*. Após desconfiar do diretor do hebdomadário por visualizar em sua mesa uma revista de *La Croix* da arquidiocese de Paris e que protegia Dom Hélder, aceitou escrever seu primeiro artigo na França a partir do que lera em cima da escrivaninha do jornalista francês. Com o título *Et pourquoi pas?* ele criticou a revista parisiense por “difamar” e “caluniar” o processo de militarização que ocorria nos países da América Latina para “salvá-los” do comunismo. Na mesma semana, encontrou com Hugues Blignières, secretário de *Itinéraires* que se reuniu com Corção trazendo a tradução de um trecho do livro *O Século do Nada* para ser publicado na revista parisiense. Porém, cabe a observação do escritor brasileiro sobre o motivo da sua rápida notoriedade no exterior:

Não foi o conhecido escritor G. C. que levou Paris a se interessar pelo Brasil verdadeiro; ao contrário, foi o Brasil que lhe abriu as portas de Paris. Já em Lausanne, em abril deste ano, quando os 3.700 congressistas aplaudiram o desconhecido personagem estrangeiro que apresentava o conhecidíssimo Marcel Clément, diretor de *L'Homme Nouveau*, não foi o escritor G. C. o primeiro aplaudido, foi o Brasil. [...] o escritor G. C. era aplaudido, primordialmente, principalmente pelo fato de ser brasileiro. E agora, em

Paris novamente, é o Brasil que prestigia o escritor que agora treme sob o peso da responsabilidade que assim lhe impuseram.¹⁷⁹

Esse momento brasileiro que vivia sob a égide do autoritarismo militar rendeu, segundo Corção, o seu contato com Jean Madiran. Um dos maiores representantes do integrismo francês, no primeiro encontro já compactuou com a colaboração do intelectual carioca com a revista francesa, pedindo-lhe artigos sobre o Brasil. No final do encontro, Jean Madiran convidou Gustavo Corção para rezarem na Capela *das irmãs da Caridade* em favor da França, ficando o escritor surpreso diante de sua responsabilidade com os franceses:

O pedido de Madiran se estendia também à tragicomédia de minha incipiente cegueira: queria ele que eu pedisse à Virgem Santíssima vida e vista para socorrer a França. Creio que tal pedido feito por um francês como Madiran a um brasileiro é mais surpreendente e marcante do que a ida de Mr. Armstrong à Lua.¹⁸⁰

Após inúmeras trocas de correspondências entre Gustavo Corção e Hugues Blignières, principalmente entre abril e junho de 1975 (ver Anexo - Parte III), membros do grupo *Itinéraires* vieram ao Brasil visitar os amigos de *Permanência*. O artigo escrito por Julio Fleichman na revista do grupo: *Jean Madiran* (n. 82/83) narrou a visita do líder do grupo francês junto com o secretário da revista, acompanhados de suas esposas. Ficaram durante três semanas visitando instituições nas cidades de São Paulo e Campos (RJ). O diretor de *Permanência* ficou emocionado com o relato do líder francês, que chorou ao relembrar as derrotas da direita nacionalista francesa em 1870 e 1940 para os grupos de esquerda. Essa amarga derrota fez os católicos integristas ficarem à margem de todo o processo político francês até a década de 1960:

Quando nos falou pela primeira vez, na sede de “Permanência”, referindo-se à origem das correntes espirituais que iriam suscitar a “Ação Francesa”, Jean Madiran mencionou, acidentalmente, a derrota francesa de 1870, ‘certamente não a pior derrota de nossa história’ e, logo, seus olhos se encheram de lágrimas, lágrimas que lhe voltaram ao se referir à derrota de 1940 e ao General Petáin que procurou então manter e salvar a França. Vendo suas lágrimas lembramo-nos do desdém que hoje têm todos os franceses esquerdistas por tudo o que é francês, inclusive pela dor profunda pela derrota de 1940. Ora, os que ainda hoje choram são irmãos dos que foram

¹⁷⁹ *Permanência* (dez. 1973, p. 16).

¹⁸⁰ *Permanência* (dez. 1973, p. 17).

condenados de 1940 como traidores da pátria e os outros são que, então, ditaram as sentenças, como únicos titulares do patriotismo francês!¹⁸¹

Figura 17: Visita de Jean Madiran ao Brasil em 1975, com Corção e Fleishman ao seu lado.

O próprio Jean Arfel foi um dos condenados de 1940 por ser colaborador do regime de Vichy, isolando-se por alguns anos em um mosteiro próximo da colina *Madiran*, no sudoeste da França, e que veio a batizar a nova fase de militância com seu novo alônimo: Jean Madiran. Após conversar sobre a decomposição da cristandade em suas práticas religiosa e cultural, o interessante foi constatar o prestígio de Gustavo Corção no meio católico francês. O líder da revista *Itinéraires* destacou seu combate ao progressismo e seu honroso compromisso com a verdadeira Igreja Católica ao condenar na imprensa francesa a “difamação” pela qual sofria o governo militar no exterior. O intelectual francês comparou Corção com: “[...] a figura humana que recebeu de Nosso Senhor o maior elogio de todo o Evangelho, o de centurião militar, representante do Império Romano, ocupante da terra de Israel”.¹⁸² Além disso, os franceses ficaram admirados com a escrita literária de Corção, outro aspecto a ser destacado:

Para nós, brasileiros amigos, discípulos de Corção é não apenas honroso mas chega a ser inacreditável a repercussão que o escritor brasileiro tem

¹⁸¹ *Permanência* (set./out. 1975, p. 4).

¹⁸² *Permanência* (dez. 1973, p. 5).

encontrado em França, tanto pelas ideias que expõe, pela vivacidade e o vigor de seu combate como ainda – para nossa surpresa também grande – pelo seu francês cujo valor literário e insistentemente acentuado pelos próprios escritores franceses.¹⁸³

O único artigo de Gustavo Corção em *Itinéraires* no qual abordou o contato entre os intelectuais brasileiros e franceses foi uma publicação do jornal *O Globo*, traduzida por Hugues Kèraly em *Itinéraires*. Com o título *Ce que j'ai re(vu) en France* (n. 210), o artigo foi o resultado de uma visita do grupo *Permanência* a Paris, do dia 17 de outubro até o dia 10 de novembro de 1976. Na introdução do artigo, Corção citou um trecho importante que ilustrou o significado da França para o movimento integrista brasileiro:

Eu já expressei esta convicção, que sinto mais forte do que nunca: é ali, nas cidades e nos campos da “filha mais velha da Igreja”, nesta terra amada de Deus, que se encontram hoje os mais numerosos, os mais corajosos e os mais incansáveis combatentes do bom combate. Se o tipo de civilização está intimamente ligado à ordem da Igreja militante, pode-se dizer sem risco de exagero que é na França que se desenrola a mais violenta e decisiva batalha: que se joga a guerra espiritual provocada pelos poderes que, baseado no mundo e na carne, querem engolir todo o traço de civilização cristã e, sobretudo, substituir a santa religião do Deus que se faz homem pela religião do homem que se faz Deus.¹⁸⁴

A partir de então, Corção deu ênfase à militância dos intelectuais que circulavam em torno da revista *Itinéraires*, suas histórias de resistências contra os males desencadeados pela modernidade. O escritor reconheceu que os integristas franceses, entre eles Madiran, foram referenciais na composição de suas obras como *O Século do Nada*. Dessa maneira, Gustavo Corção exaltou o grupo *Itinéraires* por simbolizar um centro de luta contra as heresias produzidas pelos grupos do progressismo e da esquerda católica francesa e do *Concílio Vaticano II*:

¹⁸³ *Permanência* (dez. 1973, p. 6).

¹⁸⁴ Tradução livre do autor. No original: «J'ai déjà exprimé cette conviction, que je ressens plus fortement que jamais : c'est là, dans les villes et les campagnes de la « fille aînée de l'Église », dans cette terre bien-aimée de Dieu, que se trouvent aujourd'hui les plus nombreux, le plus courageux et le plus inlassables combattants du bon combat. Si le sort de la civilisation est étroitement lié au sort de l'Eglise militante, on peut dire sans risque d'exagération que c'est en France que se déroule la plus violente et décisive bataille : que se joue la guerre spirituelle provoquée par les puissances qui, s'appuyant sur le monde et la chair, veulent engloutir toute trace de civilisation chrétienne et, par-dessus tout, substituer à la sainte religion du Dieu que se fait homme la religion de l'homme qui se fait Dieu». *Itinéraires* (fev. 1977, p. 40).

[...] mas é em torno dos amigos e colaboradores de *Itinéraires* que a luta se concentra, e que se cruzam todas as variedades do catolicismo tradicional, ou melhor, do catolicismo resistente em sua identidade, refratário a todas as adulterações fantásticas e culpadas introduzidas desde numerosos anos pelas infiltrações nos meios católicos.¹⁸⁵

No final do artigo, destacou algumas atividades realizadas por ele junto ao grupo *Permanência* na França: palestras para membros do grupo parisiense com reuniões e bate-papos com amigos que vinham “dos quatro cantos” da França. Tudo isso, segundo Corção, estimulou o aprofundamento das relações entre os membros dos grupos *Permanência* e *Itinéraires*, “[...] que justifica suficientemente bem a expedição de sete brasileiros na França”.¹⁸⁶ Identificou-se nesse artigo a notoriedade de Gustavo Corção entre os sujeitos do integrismo francês. Os principais personagens da direita nacionalista e do tradicionalismo católico do país foram ouvi-lo em suas reuniões como Louis Salleron, Pierre Tilloy, Antoine Barrois, Jacques Perret, Annick de Lussy, Jean Beauoudray (diretor do *Office International*), Fernand Sorlot (diretor de *Novas Edições Latinas*), abade Colard e o arcebispo francês Marcel Lefebvre. No artigo *L’anthropo-ex-centrisme* (n. 209) da revista *Itinéraires*, Gustavo Corção publicou a palestra em forma de artigo na qual se dirigiu aos membros do integrismo francês sobre o pensamento moderno e suas manifestações dentro da Igreja. Jean Madiran, nesse texto, comentou uma nota sobre a viagem e a palestra:

Gustavo Corção nos fez a grande honra e a alegria de vir nos visitar na França do dia 17 de outubro ao dia 10 de novembro. Nosso eminente colaborador e venerado amigo contará ele mesmo, em uma de nossas próximas edições, a ocasião e os episódios desta estadia, onde foram reforçados os laços místicos tecidos entre os católicos brasileiros e os católicos franceses engajados na mesma luta espiritual. O presente artigo é a redação que ele graciosamente aceitou fazer da aula magistral dada por ele a um grupo de COMPANHEIROS DE ITINÉRAIRES, no dia 22 de outubro.¹⁸⁷

¹⁸⁵ Tradução livre do autor. No original: «[...] mais c’est autour formé par les amis et collaborateurs d’*Itinéraires* que la lutte se concentre, et que se croisent toutes les variétés du catholicisme traditionnel, ou mieux, du catholicisme résistant en son identité, réfractaire à toutes les adultérations fantasque et coupables introduites depuis de nombreuses années par les ‘infiltrations’ en milieux catholique». *Itinéraires* (fev. 1977, p.40).

¹⁸⁶ Tradução livre do autor. No original: «[...] qu’il suffisait bien à justifier l’expédition de sept brésiliens en France». *Itinéraires* (fev. 1977, p. 43)

¹⁸⁷ Tradução livre do autor. No original: «Gustavo Corção nous a fait le très grand honneur et la joie de venir nous visiter en France du 17 octobre au 10 novembre. Notre éminent collaborateur et vénéré ami racontera lui-même, dans l’un ou l’autre de nos prochains numéros, l’occasion et les épisodes de ce séjour, où se sont renforcés les liens mystiques tissés entre catholiques brésiliens et catholiques français engagés dans un même combat spirituel. Le présent article est la rédaction qu’il a bien voulu faire de la leçon magistrale donnée par lui à un groupe de COMPAGNONS D’ITINÉRAIRES, le 22 de octobre». *Itinéraires* (jan. de 1977).

Fora os Congressos do *Office*, os intelectuais dos grupos integristas em análise se encontraram quatro vezes, duas na França, em 1973 e 1976, e duas no Brasil, em 1974, com a vinda de Hugues Blignières (artigo exposto no próximo tópico), e em agosto de 1975. Esses encontros comprovam que se desenvolveu uma intensa relação no campo integrista internacional na década de 1970, extrapolando uma distância que separam dois continentes, mas que uniram intelectuais de grupos representantes do tradicionalismo católico contrarrevolucionário na luta contra a modernidade. Esses “laços” que fortificaram a amizade e o respeito entre os grupos envolvidos demonstram que existiu uma intencionalidade por parte do integrismo internacional nessa aproximação: a “novidade” brasileira, um país católico e autoritário, que trazia um “toque de esperança” aos intelectuais de *Itinéraires*. Em alguns países da América Latina, o tradicionalismo católico ganhou representatividade política junto à direita militar e com o apoio da elite civil. No Brasil, formou-se uma onda de grandes marchas humanas que “livrou” o país da revolução comunista internacional e abriu espaço para o início da ditadura liderada pelos militares em 1964.

3.2 O QUE PENSAM SOBRE O BRASIL CORÇÃO E FLEICHMAN?

Os artigos analisados nesse tópico referem-se às publicações das revistas *Itinéraires* e *Permanência*, respeitando as sequências cronológicas desses textos. São escritos jornalísticos que foram produzidos para o público e que revelam como se deu a recepção dos discursos produzidos por Gustavo Corção e Julio Fleischman. Esses textos desvendam como se estruturaram as ligações afetivas entre os líderes dos grupos em análise, despontando particularidades que envolvem admiração e respeito pela figura de Gustavo Corção a partir de características que apontam a forma estética da escrita desse personagem. Em *La vraie richesse du Brésil* (n. 183), o texto publicado apresentou o Brasil aos franceses. Hugues Kèraly esteve aqui sozinho em 1974, durante o mês de julho, a partir de uma viagem planejada desde o final de 1973, como mostraram as correspondências trocadas entre os dois (Anexo - Parte III). O intelectual francês iniciou o artigo trazendo dados sobre a extensão física do Brasil, suas riquezas naturais, sua fauna exótica, os ares do Rio de Janeiro. São impressões de um estrangeiro quando chega ao Brasil pela primeira vez, constatando: “O europeu se sente velho no Brasil”.¹⁸⁸ Na segunda parte do texto, apresentou a casa de Gustavo Corção e captou a

¹⁸⁸ Tradução livre do autor. No original: «L’Européen se sent vieux au Brésil». *Itinéraires* (jan. 1975, p. 23).

atmosfera que cercava sua prática jornalística, cercada de tranquilidade e paz. Destacou que o jardim do escritor era constantemente abençoado pela vista do Cristo Redentor, com os braços sempre abertos. Identificou em Corção uma paciência paternalista, atendendo a todos no telefone de sua casa. Corção foi considerado pelo intelectual francês no texto como um dos grandes escritores da América Latina. Quanto à influência que exercia sobre a intelectualidade carioca, Hugues Blignières descreveu:

Neste plano, Gustavo Corção tem mais admiradores no Brasil do que iguais. Mas o Brasil tem cinco séculos, sem obrigação intelectual irreversível atrás dele. Já é algo, que este ensinamento e este combate de um sábio sejam honrados; que lá amamos sentirmo-nos discípulos, filhos espirituais de alguém... Existe na Guanabara um pequeno grupo que deve a Gustavo Corção o melhor de sua formação cívica, intelectual e moral, até mesmo teológica; como no tempo da ditadura do Presidente Vargas, seus alunos da Escola Militar, alguns dos quais certamente foram içados ao poder pela *Contrarrevolução Católica* (grifo meu) de 1964.¹⁸⁹

Na terceira parte do artigo, Hugues Blignières revelou o outro lado desse paraíso tropical. Iniciou sua crítica aos problemas brasileiros da época acusando a CNBB de ser o maior adversário de Gustavo Corção por sua índole revolucionária e comunista. Fez uma breve apresentação sobre a violência no Brasil, mas se debruçou em descaracterizar as religiões de matriz africana. Dentro dos perigos de se andar à noite na cidade do Rio, encontrava-se a possibilidade de cruzar com uma dessas “seitas”, com cigarros e uma cumбуca de galinha queimada. Esses “centros de macumba” revelariam a dimensão fantástica da mentalidade dos cariocas, já que procurariam essas casas para cuidarem de doenças, segundo o francês. Também descreveu as condições precárias das favelas constatando que, devido à grande desigualdade social, existiria o jeitinho brasileiro: “[...] ‘Sempre tem um jeito’, dizem os brasileiros: sempre encontramos a saída, o meio vantajoso de escapar”.¹⁹⁰

Na quarta parte, Hugues Blignières retratou a situação econômica do país, as suas desigualdades sociais, suas concentrações de renda, suas taxas inflacionárias ocasionadas por

¹⁸⁹ Tradução livre do autor. No original: «Sur ce plan, Gustavo Corção a plus admirateurs au Brésil que d'égaux. Mais le Brésil a cinq siècles, sans passif intellectuelle irréversible derrière lui. C'est déjà quelque chose, que cet enseignement et ce combat d'un sage soient honoré; qu'on aime là-bas à se sentir disciple, fils spirituel de quelqu'un ... Il y a en Guanabara un petit groupe qui doit à Gustave Corção le meilleur de sa formation civique, intellectuelle et morale, voire même theologique; comme au temps de la dictature du président Vargas, ses élèves de l'École militaire, dont certains furent hissés au pouvoir par la contre-revolution catholique de 1964». *Itinéraires* (jan. 1975, p. 25).

¹⁹⁰ Tradução livre do autor. No original: «‘Sempre tem um jeito’, disent les brésiliens: on trouve toujours le biais, le moyen avantageux de s'en sortir». *Itinéraires* (jan. 1975, p. 27).

anos de descaso dos governos anteriores com o povo e apresentou números sobre esse momento de crise social que viveu o país no período João Goulart. Contudo, o que ressalta nesse artigo é a apologia do intelectual francês feita à ditadura militar brasileira. Escrevendo sobre o milagre econômico informando dados de crescimento do período e o “respeito” ao meio ambiente por parte do regime na construção de hidrelétricas e rodovias. Citou a Transamazônica como exemplo e, como abordado no primeiro capítulo, sabe-se que sua realização provocou um dos maiores genocídios às populações indígenas da história desse país. Assim, ele se questionou:

O que aconteceu? A revolução nacional de 1964 introduziu grandes mudanças em todo o pessoal administrativo e político: ela deu o poder, com amplos meios de exercê-lo, a homens que não o tinham especialmente cortejado nem se quer desejado. (Nisso, ela seria melhor chamada de contra-revolução). Eles entraram na batalha econômica de acordo com suas qualidades, e eram militares assistidos por empresários ou banqueiros. Essas pessoas que são apontadas tão ligeiramente inimigas do povo encontraram alguns meios justos e luminosamente simples para combater os malefícios inflacionários da industrialização, sem cair no dirigismo. Tecnocratas, melhot ouvirem, economista, aplaudi.¹⁹¹

Outro “achismo” do intelectual francês sobre o Brasil diz respeito a uma característica do comportamento cultural, que faz parte da estrutura mental do povo brasileiro: o racismo. Hugues Kèraly encerrou a última parte do artigo imprimindo observações sobre as diferenças regionais: como os cariocas concebiam os paulistas, e vice-versa. Assim constatou sobre o problema racial no país ao afirmar que a desigualdade econômica e social vem da questão da raça, mas sua explicação estaria nas disparidades regionais, problema que seria resolvido em breve pela ditadura:

Sabemos que o Brasil ignora totalmente o problema racial. Embora minoritária, a população negra não oprime os outros – e vice-versa. Ao lado dos puros africanos de origem, muitos na Bahia, mas não em outros lugares, notamos alguns índios, e especialmente uma variedade indescritível na mestiçagem: algumas *mulatas* oferecem um perfil e traços arianos; no carnaval, em vestidos de cestas, elas sustentam muito bem o papel até o

¹⁹¹ Tradução livre do autor. No original: «Que s’est-il passé? La révolution nationale de 1964 a introduit de grands bouleversements dans tout le personnel administratif et politique : elle a donné le pouvoir, avec de larges moyens de l’exercer, à des hommes qui ne l’avaient pas spécialement courti ni voulu. (En cela, elle serait mieux appelée une contre-révolution). Il sont entrée dans la bataille économique selon leurs qualités, et c’étaient des militaires assistés d’hommes d’affaires ou de banquiers. Ce gens qu’on désigne si légèrement comme les ennemis du peuple ont trouvé quelques moyens équitables et lumineusement simples de combattre les méfaits inflationnistes de l’industrialisation, sans tomber dans le dirigisme. Technocrates, oyez plutôt; économiste, applaudissez». *Itinéraires* (jan. 1975, p. 29).

momento da dança. Outros rostos, mais do que latinos, são pretos. Os brancos dominam pelo número (60% da população), a iniciativa e produtividade. Mas sua cultura e suas técnicas não abolem nenhuma das disparidades, se aproveitam de tudo. E nas ruas, as crianças de cor parecem ainda mais bonitas, são alimentadas e vestidas tão bem como as outras. A grande desigualdade não é entre as raças, mas entre as regiões econômicas; esse problema pode ser resolvido com os tempos. De resto, o Brasil é realmente o melhor lado de Portugal civilizador e cristão.¹⁹²

Infelizmente, por ter visitado o Brasil e ser um mediador de informações, suas palavras serviram de testemunho para reforçar uma imagem muito presente do país no exterior: o mito da democracia racial. Praticamente um “espetáculo das raças”,¹⁹³ mulatas com fisionomia *ariana*, crianças negras nas ruas bem alimentadas e com uma maioria branca que dominava a produtividade do país conseguindo “abolir” aquilo que não era “interessante” da cultura africana. Percebeu-se que, na recepção das produções jornalísticas de Corção e Fleischman pelos intelectuais franceses no exterior, o Brasil sempre saía representado nesses artigos.

O único texto escrito pelos franceses referindo-se ao Julio Fleischman foi o artigo *Le Rôle de l'Armée en Amérique Latine* (n. 210), primeira participação do intelectual brasileiro na revista francesa. A apresentação foi feita por Jean Madiran que descreveu em três páginas um pouco de sua história: sua conversão, sua participação no *Centro Dom Vital*, seu contato com o mestre Corção e a conturbada criação do grupo *Permanência* em 1968. Esse centro de atuação integrista que iniciara sua batalha espiritual praticamente sozinha estreitou vínculos

¹⁹² Tradução livre do autor. No original: «On sait que le Brésil ignore totalement le problème racial. Quoique minoritaire, la population noire n'opprime les autres – et vice-versa. A côté de les purs africains d'origine, nombreux à bahia mais non ailleurs, on remarque quelques indiens, et surtout une indescriptible variété dans le mestissage: certaines mulatas offrent un profil et des traits aryens; au carnaval, en robes à paniers, elles supportent très bien le rôle jusqu'au moment de danser. D'autres visages, plus que latins, sont noirs. Les blancs dominant par le nombre (60% de la population), l'initiative et la productivité. Mais leur culture et leurs techniques n'abolissent aucune des disparités, si elles profitent à tous. Et dans la rue les enfants de couleur paraissent encore plus beaux, d'être nourris et vêtus aussi bien que les autres. La grande inégalité n'est pas entre les races, mais entre les régions économiques; ce problème-là peut se résoudre avec les temps. Pour le reste, le Brésil est vraiment sortir de la meilleure côte du Portugal civilisateur et chrétien». *Itinéraires* (jan. 1975, p. 31).

¹⁹³ “Espectáculo das Raças” é o título do livro publicado por Lilian Moritz Schwarcz (1993) que procura compreender como as teorias racistas e eugênicas desenvolvidas na Europa a partir do *Darwinismo Social* chegaram ao Brasil e se adaptaram à realidade brasileira. Recebida com grande entusiasmo por cientistas e intelectuais no país, acreditava-se que no Brasil a miscigenação ocorreria de forma harmônica e pacífica, igual ao excerto descrito pelo intelectual francês. Quanto à afirmação de que o Brasil seria de maioria branca, outra obra de Schwarcz (1998) – uma continuação do “Espectáculo das Raças” –, apontou que nos censos realizados no Brasil, desde a época do Império, a questão da cor/raça revelou uma tendência ao embranquecimento dos afrodescendentes no país. Uns se autodeclaravam como moreno claro, branco queimado e outras variações. Após a década de 1940, ocorreu uma padronização das cores, o que não alterou essa tendência ao “clareamento” da população negra. Nos dias de hoje, com uma maior conscientização dos afrodescendentes sobre as condições históricas que levaram ao processo de marginalização social dos oriundos da escravidão brasileira, ocorre o processo inverso: cresceu o número de pessoas que se autodeclararam como negras, pardas e indígenas no país.

com os membros da revista *Itinéraires* com a ida de Corção e a comitiva brasileira para Lausanne em 1973. O resultado de uma ligação forte entre Madiran e Julio Fleischman. Assim, o intelectual brasileiro se destacou na revista parisiense como um jornalista católico defensor dos regimes militares instalados na América Latina e trouxe sinais de “esperanças” e de “muitas alegrias” para os franceses:

Julio Fleischman é Presidente da *Permanência* desde 1969. Conhecemo-nos no Rio durante o verão de 1975. Revimo-nos na França na primavera de 1976. Nossa simpatia espiritual foi imediata e inteira. Eu não podia pressupor que a morte inesperada de Jean-Marc Dufour me levaria a pedir-lhe de tomar seu lugar... Creio que devemos, para o futuro temporal do catolicismo, atribuir uma grande importância às capacidades contra-revolucionárias das últimas nações católicas que não se corromperam: as nações de origem portuguesa ou espanhola da América Latina; e é por essa razão que, desde anos, nossas leituras foram regularmente informadas das aventuras e esperanças dessas nações amigas. Por isso, era necessário continuar. Julio Fleischman gentilmente aceitou em nos prestar este imenso serviço. Que ele seja agradecido com toda nossa afeição.¹⁹⁴

Especificamente sobre o Brasil o artigo *Brésil 1935-1976: du Komintern à la C.N.B.B.* (n. 212) traz uma nota de Hugues Kèraly que traduziu o artigo de Gustavo Corção publicado no jornal *O Globo*. O texto mostrou como o projeto político dos intelectuais brasileiros em defesa da “Revolução de 1964” foi incorporado pelos intelectuais franceses. O jornalista francês chamou a atenção para as “tentativas” de golpes comunistas que aconteceram no Brasil como nos anos de 1935 e 1964. Contudo, Kèraly acreditou que existiu uma terceira tentativa enunciada por Gustavo Corção e orquestrada pela CNBB, órgão religioso que “distorcia” a realidade por meio de suas declarações denunciatórias sobre a ditadura em nome da revolução subversiva internacional comandada pelo comunismo:

E ele esboça um outro, um terceiro, bastante recente, que ele prefere chamar de “pustch anticomunista de 1976”, onde vemos que a Revolução sem

¹⁹⁴ Tradução livre do autor. No original: «Julio Fleischman est président de Permanência depuis 1969. Nous avons connu à Rio pendant l'été de 1975. Nous l'avon revu en France au printemps 1976. Notre sympathie spirituelle a été immédiate et entière. Je ne pouvais supposer que la mort inattendue de Jean-Marc Dufour m'amènerait à lui demander de prendre sa relève... Je crois que nous devons, pour l'avenir temporel du catholicisme, attacher une grand importance aux capacité contre-révolutionnaires des dernières nations catholiques n'ayant pas apostasié: les nations d'origine portugaise ou espagnole d'Amérique latine ; et c'est pour cette raison que, depuis des années, nos lectures ont été régulièrement informés des aventures et des espérances de ces nations amies. Il fallait donc continuer. Julio Fleischman a bien voulu accepter de nous rendre cet immense service. Qu'il en soit remercié avec toute notre affection». *Itinéraires* (fév. 1977, p. 49).

rosto está longe de ter esgotado no Brasil todas as mentiras de sua propaganda, e os recursos de seu aparelho.¹⁹⁵

Já os artigos em sequência são as “memórias francesas” que foram compostas sobre Gustavo Corção após sua morte. O primeiro artigo apresentou alguns excertos dos principais representantes do integrismo francês em recordação do intelectual brasileiro, falecido em seis de julho de 1978. O texto escrito por Maria Graça Pierotti sob o título *Gustavo Corção e os amigos franceses* (n. 116 a 119)¹⁹⁶ rememorou os principais episódios dos encontros entre os principais líderes do integrismo internacional: a participação em *Lausanne* de 1973, o contato imediato com Louis Salleron, Gustave Thibon e Jean Beaucoudray, a chegada a Paris e o almoço com Jean Madiran que já procurava por Corção pela cidade toda, entre outras histórias. Quanto a Jacques Perret, Maria Pierotti citou o conselho que o francês deu aos leitores de *Aspects de la France* (Paris, 1947-1992): não jogar fora a revista que Corção escreveu sobre *La Croix* (Paris, 1883-até hoje). Relembrou o espanto de Pierre Pujo ao entregar pessoalmente o texto do intelectual carioca que foi escrito em uma manhã no quarto de hotel. Por fim, lembrou a admiração de Marcel de Corte por Gustavo Corção – quando Pierotti foi pedir um autógrafo ao intelectual francês na feira de livros promovida por *Compagnons d’Itinéraires*, ela mencionou que era amiga de Corção e de Corte, e ele prontamente mandou um recado ao intelectual brasileiro na dedicatória do seu livro recém-comprado: “À senhora Graça Pierotti – com toda minha simpatia e rezando que diga ao Sr. Corção que eu não apenas li seus artigos de *Itinéraires*, mas que os tenho bebido como um elixir fortificante. Com o meu respeito – Marcel de Corte”.¹⁹⁷

A secretária de Gustavo Corção finalizou o texto citando trechos da carta enviada por Jean Madiran ao grupo *Permanência* em solidariedade aos membros pelo falecimento de seu líder. Narrou o momento em que Madiran recebeu a notícia do falecimento, quando sua

¹⁹⁵ Tradução livre do autor. No original: «Et il en esquisse une autre, une troisième, tout recente, qu’il préfère appeler ‘putsch anti-anticommuniste de 1976’, où l’on voit que la Révolution sans visage est loin d’avoir épuisé au Brésil tous les mensonges de sa propagande, et les ressources de son appareil». *Itinéraires* (abr. de 1977, p. 99).

¹⁹⁶ Esse foi o número dedicado à morte de Gustavo Corção pelo grupo *Permanência*, que contou com a colaboração de artigos dos maiores nomes da literatura nacional como Rachel de Queiróz, Osvaldo de Andrade, Manuel Bandeira e de intelectuais como Gilberto Freire e José Pedro Galvão de Souza. Notou-se a admiração por todos pela escrita e estética literária do escritor e de sua militância católica em nome dos bons costumes e contra a modernidade. Apesar de seu posicionamento reacionário, crítico e irônico, ele foi reconhecido entre seus pares como um grande escritor.

¹⁹⁷ Tradução livre do autor. No original: «A Madame Graça Pierotti – avec tout ma sympathie et en priant de dire a M. Corção que je n’ai pas seulement lu ses articles d’Itinéraires mais que je les ai bus comme un elixir roboratif. Avec mon respect – Marcel de Corte». *Permanência* (jul.-out. 1978, p. 19).

esposa telefonou para o mosteiro de Bédoin onde visitava, e que, com todo o cuidado, avisaram-no apenas no outro dia cedo. Foi dedicada uma missa ao brasileiro, cerimônia em que Madiran, em prantos, foi confortado pelo irmão Thomas D'Aquino. Destacou a importância do encontro com Corção, pois veio em um momento em que a revista *Itinéraires* desejava saber informações e comentários sobre o que acontecia no Brasil, na Argentina e no Chile, e descreveu:

Tivemos a sorte e a graça de conhecer Gustavo Corção e seu grupo no Rio de Janeiro, seus discípulos, seus amigos, Dona Graça, Julio Fleischman e os outros [...]. Unanimemente cognominado o Chesterton da América Latina, Gustavo Corção é o maior escritor vivo brasileiro [...]. Tínhamos pela ***Contra-revolução Católica*** (grifo meu) e militar no Brasil e no Chile um interesse intelectual, político e religioso de caráter, por assim dizer, científico. Depois descobrimos que os amávamos. Os laços de companheirismo a distância, de afinidade espontânea no mesmo trabalho, os vínculos de coração e de alma teceram-se, ou melhor, revelaram-se como se misteriosamente já existissem, sem que o soubéssemos, antes mesmo de nossos encontros. Os povos do Brasil, da Argentina e do Chile foram entregues aos demônios do mundo moderno por aqueles que tinham a missão de protegê-los: por seus poderes políticos, por seus poderes religiosos. Seus chefes militares nem sempre têm uma perfeita competência política e religiosa: eles ao menos não traíram. Lutam pela fé e pela pátria, guardaram a honra. Digne-se Deus conceder-me também as graças da ciência e da sabedoria política.¹⁹⁸

Nessa mesma edição da revista *Permanência* há uma nota de Bernard Bouts. Esse artista plástico francês foi um dos maiores representantes da arte-sacra cuja preferência temática era criar visões da cristandade medieval. Vivendo anos em um barco, fixou residência no bairro do Cosme Velho, sendo vizinho de Gustavo Corção. Sua relação com o Brasil era antiga, com exposições de arte entre as décadas de 1940 e 1950. Mesmo habitando o Brasil, escreveu na revista *Itinéraires* durante os anos de 1976 a 1986 (Anexo - Parte III) e participou da criação do centro *André et Henri Charlier*. Bernard Bouts foi especialista na revista francesa em criticar e atacar as novas liturgias e a arte moderna. Sobre a morte de Corção, o artista francês escreveu no jornal *O Globo* de 11/07/1978 e, novamente, a escrita literária de Corção esteve em destaque:

A revista filosófica e teológica francesa, “ITINÉRAIRES”, de grande prestígio e larga divulgação publicava, há alguns anos, artigos de Gustavo Corção, uns traduzidos por Hugues Kèrally, mas outros redigidos diretamente em francês. Os conhecedores da boa língua constataram imediatamente que

¹⁹⁸ *Permanência* (jul.-out. 1978, p. 21).

ele fazia algo de novo em nossa língua, uma construção de frase surpreendente, um calor todo brasileiro e um humor muito pessoal. Na conversão em francês ele escolhia suas palavras, mas percebia-se rapidamente que sua brilhante inteligência adivinhava todas as “finesses” da língua, o que não é dizer pouco. Escrevendo, ele procurava também suas palavras, trabalhava seu texto, mas o esforço não aparecia e sua arte de colocar os termos segundo um certo ritmo e que fazia de suas frases e de seus artigos inteiros e verdadeiros poemas a serviço de um pensamento ao mesmo tempo muito claro e muito profundo, fácil de compreender. Era, em suma, um grande escritor, isso é que é.¹⁹⁹

Sobre o falecimento de Gustavo Corção, a revista *Itinéraires* publicou um artigo de Jean Madiran em sua memória. O texto já havia sido escrito e dedicado para homenagear Luce Quenette, escritor da revista que falecera em junho. Os companheiros de *Itinéraires* souberam da morte do amigo brasileiro na noite do dia 6 de julho. Porém, como Madiran escrevera em carta, o texto já citava o nome de Corção como um dos baluartes do integrismo católico antes de saber da notícia de seu falecimento. Grande coincidência, o artigo *Les deux héritage* (n. 226) trouxe em seu início um trecho avulso do intelectual brasileiro no qual incitava a luta contra a “Outra Igreja” e desejava um milagre que salvasse a Igreja tradicional. Após lamentar a morte de Corção, de Quenette e de Madiran, escreveu sobre o falecimento do papa Paulo VI, o líder mais atacado pelos integristas e que veio a óbito no dia seis de agosto de 1978. Desse episódio, desejou que “antigos ares” adentrassem o interior da instituição. Apesar de ser um artigo dedicado à memória de Luce Quenette, o intelectual francês idealizou o que seria a verdadeira militância católica, representada na batalha em que nunca se abandonaria a luta contra os “males da modernidade”. Para exemplificar tal postura, comum aos integristas católicos, ele dissertou acerca da militância de Gustavo Corção:

Costumamos dizer que ninguém é insubstituível. De fato, continua a *Péraudière*, continua a revista *Itinéraires*, a vida continua. Mas uma voz morreu na França, uma voz morreu no Brasil, que não foram substituídas e que jamais serão nesta terra por aqueles que os amavam. Há uma categoria de sentimentos e pensamentos na qual estaríamos seguros de encontrar Luce Quenette, estava sempre lá, compreendia no primeiro momento e mesmo antes, ela não falhava. Em vez de uma explicação, eu vou dar um exemplo. Quando Gustavo Corção fez sua primeira aparição em *Itinéraires* em novembro de 1973, [...] A Luce Quenette eu só disse: Em nossa próxima edição, veja a página 31.²⁰⁰

¹⁹⁹ *Permanência* (jul.-out. 1978, p. 27).

²⁰⁰ Tradução livre do autor. No original: «On a coutume d'affirmer que personne n'est irremplaçable. De fait, la Péraudière continue, la revue *Itinéraires* continue, la vie continue. Mais une voix s'est tue en France, une voix s'est tue en Brésil, qui n'ont pas été remplacées et qui jamais ne le seront sur cette terre pour ceux qui les sont aimées. Il y a une catégorie de sentiments et de pensées où l'on était sûr de rencontrer Luce Quenette, elle était toujours là, elle comprenait du premier coup et même avant, elle ne faisait jamais défaut. Plutôt qu'une

Esse artigo de Corção citado por Madiran fez parte da série *Lettres Brésilliennes*, no qual resgatou uma conversa com seu amigo Fernando Carneiro. Como bons amigos em um bate-papo com provocações, Carneiro indagou Corção sobre sua missão de escrever na França, um país totalmente comunista dominado pelo progressismo e pela esquerda católica. O intelectual brasileiro respondeu com fervor que, naquela manhã, ele teria rezado pela França. Para o líder da revista francesa, o heroísmo cristão se encontrava simbolizado na figura do padre Thomas Calmel, Luce Quenette e Gustavo Corção. O intelectual francês descreveu no artigo o combate de Quenette contra as “heresias” originadas em Maio de 1968 e contra a nova liturgia (*Ordo Missae*) divulgada em 1969, com posicionamentos públicos contrários ao papa Paulo VI. No final do texto, citou Corção como um dos grandes nomes do integrismo internacional e destacou sua batalha incessante contra a modernidade:

Nem o Pe. Calmel, nem Gustavo Corção e nem a Luce Quenette veriam com os seus olhos carnis o milagre de uma Igreja militante restaurada em todo o seu esplendor. Mas eles trabalharam sem descanso, sabendo, no entanto, que seria um milagre. Sabendo também que esse milagre não passaria por simples cataplasmas de confeitaria docemente aplicadas gentilmente sobre uma gangrena galopante.²⁰¹

Em 1979, passado um ano da morte de Gustavo Corção, a revista *Permanência* rendeu-lhe homenagens com a publicação de alguns textos escritos por personalidades que eram próximas ao intelectual católico. O português João Bigotte Chorão foi o único representante do integrismo internacional que escreveu sobre Corção e que não era de nacionalidade francesa. Como o intelectual português escreveu: “Quiseram os amigos brasileiros associar uma voz portuguesa a este coro de homenagem a Gustavo Corção – homenagem promovida em França, como que para a tornar universal”.²⁰² Segundo Bigotte Chorão, Corção chegou ao seu país na década de 1950 com a publicação da autobiografia *A Descoberta do Outro* e do romance *Lições de Abismo*. Corção foi recebido com muito

explication je vais donner un exemple. Quand Gustave Corção fit sa première apparition dans *Itinéraires* en novembre de 1973, [...] A Luce Quenette je dis seulement: Dans notre prochain numéro, voyez la page 31». *Itinéraires* (set./out. 1978, p. 5-6).

²⁰¹ Tradução livre do autor: «Ni le P. Calmel, ni Gustavo Corção et ni Luce Quenette n’auront vu de leurs yeux de chair le miracle d’une Eglise militante rétablie dans son entière splendeur. Mais ils y ont travaillé sans répit, sachant pourtant que ce serait un miracle. Sachant aussi que ce miracle ne passerait par de simples cataplasmes de confiture doucement appliqués sur une gangrène galopante». *Itinéraires* (set./out. 1978, p. 21-22).

²⁰² *Permanência* (jul./ago. 1979, p. 30).

entusiasmo entre os escritores e intelectuais portugueses. Entretanto, passado o tempo e a confirmação das posições reacionárias do escritor brasileiro, o mesmo passou a ser repudiado e esquecido. Contudo, o que sobressaiu desse artigo foram os elogios dirigidos a Corção quanto ao seu estilo de escrita, muito comentado pelos franceses e que Bigotte Chorão observou com particularidade:

Ninguém como Corção prosseguiu em nossos dias o áspero e solitário combate de Bloy e de Bernanos. Autor, ao seu modo, de uma exegese dos lugares-comuns e inimigo da impostura na vida eclesial e na vida cívica, Corção vomitava também os imbecis, que para estes autores são mais uma categoria moral do que uma categoria intelectual. Como Bernanos, sentiu-se Corção atraído pelo mistério sacerdotal e pela singular figura do padre – esse separado e esse ungido a quem foi dado o enorme poder de perdoar. Também como Bernanos, Corção castigava com violência o padre que deixa de o ser, e serve do seu múnus para negá-lo na sua essência – o pobre *défroqué* menos por fragilidade da carne do que por distorção do espírito. Aquele a quem foi confiada a missão de unir, desune, e desloca para o campo social a violência de luta espiritual. Se, no espírito, Corção se parece com Bloy e Bernanos, já na letra é muito outro. Há em Bernanos, e sobretudo em Bloy, uma eloquência a que é de todo alheio Corção. Discípulo de Machado de Assis, Corção tem o pudor das grandes frases, dos raptos oratórios, das palavras raras. O vigor da prosa reside na sua mesma rudez. A prosa, se assim posso dizer, tem o brilho de uma lâmina de aço bem temperado. Em matéria de admirações literárias, Corção manifestava particular apreço por alguns escritores portugueses: Eça de Queiroz, o fino caricaturista de toda uma sociedade palavrosa e sem alma, Camões e Fernando Pessoa, os dois altíssimos poetas do desconcerto do mundo.²⁰³

Esse trecho foi longo, mas se justifica por ser um retrato do estilo e do sentimento que Corção caligrafava em seus escritos para combater a modernidade e os progressistas católicos. Foi influenciado pelos grandes contrarrevolucionários franceses do século XVIII, comparado a Machado de Assis em sua escrita e a Eça de Queiroz, um dos maiores representantes do realismo português.²⁰⁴ Quanto à ligação com Portugal, enquanto alguns brasileiros negam a pátria mãe, o intelectual brasileiro era um defensor do país por Portugal ser uma “[...] pequena

²⁰³ *Permanência* (jul./ago. 1979, p. 31).

²⁰⁴ Representante do movimento realista, Eça de Queirós foi impressionista na sua forma de escrever e suas obras são consideradas como uma literatura de transição, sendo aclamado hoje um grande ficcionista devido ao que era tido, por seus críticos – principalmente Machado de Assis –, como grande “defeito”. Em *O Primo Basílio*, por exemplo, os elementos e a forma externa do enredo ainda mantêm fortes características naturalistas, mas o conjunto, a composição dos elementos obedece outra estética, em que o condicionalismo e a causalidade não são centrais na estruturação do texto. Eça vai além do detalhismo, pois no estilo do escritor português o olhar do narrador assume o primeiro plano em detrimento de outros planos da narrativa. Essa é a marca da modernidade de Eça: a ação cai para o segundo plano, enquanto o mundo sensível e a arte da ironia e da escrita vêm para frente da cena (FRANCHETTI, 2007).

nação criadora de grandes nações”.²⁰⁵ Finalizou o texto apontando a última conversa que teve com Corção em uma de suas visitas ao país em 1973, quando lamentou ver a nação devastada pela *Revolução*. Bigotte Chorão não imaginaria que fosse a última vez que se encontrava com o amigo: “[...] eu mal suspeitava que nunca mais nos veríamos com os olhos da carne”.²⁰⁶

Quanto aos artigos que representaram o Brasil, o artigo de Bernard Bouts pode ser considerado como o “olhar” de um *passeur* que habitou os dois “mundos”: Brasil e França. *Lettre du Brésil: Chantssacré* (n. 238) apresentou algumas características do país, apesar de “denunciar” as renovações litúrgicas introduzidas em algumas missas do Rio de Janeiro. Uma das primeiras observações quanto à nação disse respeito à falta de informação que se tinha sobre a França:

Por muito tempo que não vou para a Europa, eu não sei o que está acontecendo lá. Não leio os jornais, mas ouvi dizer que aqui no Brasil, não se fala, por assim dizer, jamais da França. Nem eu mais, mas penso nela. Por *Itinéraire* sabemos um pouco de St-Nicolas-du-Chardonnet, Bédoin mas, Notre-Dame...?²⁰⁷

Do lado de cá, as notícias que ele apresentou para os leitores de *Itinéraires* criticava a nova estética utilizada nessas novas missas, fazendo com que o intelectual francês não as frequentasse mais no país. Acreditava que esses novos formatos separavam a verdadeira sacralidade do ritual da missa, elaborada durante anos de prática e que se constituiu como uma obra de arte durante séculos. Após citar vários exemplos de sociedades que separavam em seus rituais o momento da prece com o de cântico ou dança, Bernard Bouts descreveu suas impressões sobre os indígenas da Amazônia. Suas opiniões não se diferenciavam das visões depreciativas de Corção e Fleischman acerca dessas populações:

Os índios da Amazônia, aqueles que não são cristãos, sabem muito bem separar a dança da oração. Eles não possuem propriamente falando uma música, não é música melódica, o ritmo é livre, os sons dos instrumentos são graves e as vozes tentam subir o mais alto possível: quanto mais alto estamos, mais perto estaremos do Eterno, eles pensam. Esses são encantamentos, fórmulas mágicas e esse tipo de música, esses cantos, são

²⁰⁵ *Permanência* (jul./ago. 1979, p. 32).

²⁰⁶ *Permanência* (jul./ago. 1979, p. 32).

²⁰⁷ . Tradução livre do autor. No original: «Depuis si long temps que je ne vais pas en Europe, je ne sais plus ce qui s'y passe. Je ne li pas le journaux mais j'entends dire qu'ici, au Brésil, on n'y parle pour ainsi dire jamais de la France. Moi non plus, mais j'y pense. Par *Itinéraires* nous connaissons un peu St- Nicolas-du-Chardonnet, Bédoin mais, Notre- Dame...». *Itinéraires* (dez. 1979, p. 63).

infusões mágicas também por sua natureza, essencialmente. Que isso seja agradável para a orelha é outra questão e eu não me importo, ou melhor, isso me dá medo, e é isso que querem esses índios, intimidar as pessoas, as coisas, os espíritos. Mas eu suspeito que sua religião seja um pouco satânica, que me perdoe, eu tenho minhas razões, embora eu saiba o quanto difícil às vezes é distinguir o alto e o baixo, a luz da sombra, o que é de Deus e o que é do diabo, mas para este que é um dos vocábulos do meu padre, eu receio que eles não sejam cheios de más intenções, que diabo!²⁰⁸

O último artigo que será analisado sobre Gustavo Corção foi publicado na revista *Itinéraires* em comemoração ao início da tradução de sua obra *La Découverte de l'Autre*. Realizada por Hugues Kèrally, a obra foi publicada em folhetins pelo periódico parisiense do número de maio de 1980 (n. 243) até janeiro de 1982 (n. 259). Jean Madiran escreveu uma nota introdutória lembrando a participação do brasileiro como colunista de *Itinéraires* durante cinco anos. Sobre a notoriedade do escritor brasileiro na França, Madiran afirmou ter ouvido falar de Gustavo Corção pelo padre francês Dom Gérard que o conhecera em uma das suas viagens ao Brasil durante a década de 1960. Lamentou pelos franceses não o conhecerem como mereceria. Entretanto, identificou a razão desse desconhecimento: suas obras não haviam sido traduzidas para o francês. Alegre dessa primeira tarefa, Jean Madiran anunciou a empreitada de Hugues Kèrally e descreveu uma nota interessante sobre a repercussão do pensamento de Corção no exterior:

[...] ele veio à Paris e depois do nosso primeiro encontro, numa grande e repentina explosão de amizade, fraternidade de almas, nós nos dissemos tudo de uma vez por todas, não havia mais nada a desenvolver e mantivemos aí, nossos pensamentos, nossas resoluções, nossas esperanças foram idênticas sobre o movimento e sobre o imutável, sobre o temporal e sobre o eterno. A tradução é iniciada, aqui está o começo. Ela vem manifestar que Gustavo Corção não deixou de estar presente entre nós.²⁰⁹

²⁰⁸ Tradução livre do autor. No original: «Les Indiens de l'Amazonie, ceux qui ne sont pas chrétiens, savent très bien séparer la danse de la prière. Ils n'ont pas à proprement parler une musique, ce n'est pas une musique mélodique, la rythmique est libre, les sons des instruments sont graves et les voix cherchent à monter le plus haut possible : plus on est haut et plus on est près de l'Eternel, pensent-ils. Ce sont des incantations, des formules magiques et celle sorte de musique, ces chants, ces sont enfin sont magiques aussi par leur caractère, essentiellement. Que ce soit agréable à l'oreille est une autre affaire et je m'en fiche, ou plutôt ça me fait peur, et c'est justement ce qu'ils veulent ces indiens, intimider les gens, les choses, les esprits. Mais je soupçonne leurs religion d'être légèrement satanique, qu'on me pardonne, j'ai mes raisons, malgré que je sache combien parfois difficile de distinguer le haut et le bas, la lumière de l'ombre, ce qui est de Dieu et ce qui est de diable, mais pour ce qui est des haut-parleurs de mon curé, je crains qu'ils ne soient remplis d'un mauvais vent, que diable». *Itinéraires* (dez. 1979, p. 64).

²⁰⁹ Tradução livre do autor. No original: «[...] il vint à Paris et dès notre première rencontre, dans une grande et soudaine flambée d'amitié, de fraternité des âmes, nous étions tout dit une fois pour toutes, il n'y avait plus qu'à développer si l'on y tenait; nos pensées, nos résolutions, nos espérances étaient identiques sur le mouvant et sur l'immuable, sur le temporel et sur l'éternel. La traduction est commencée, en voici le début. Elle vient manifester que Gustave Corção n'a pas cessé d'être présent parmi nous». *Itinéraires* (mai. de 1980, p. 134).

Em sequência foi a vez de Hugues Kèraly comentar sua jornada de tradução. Escreveu na nota a falha que existiu entre as editoras francesas de não terem publicado nenhuma obra do escritor. Discorreu sobre seu talento literário, que aos 48 anos de idade iniciou sua carreira literária sendo muito elogiado pelo maior letrista brasileiro, Oswald de Andrade. Como descreveu também Bigotte Chorão, o intelectual francês identificou no estilo de Corção a cólera de Leon Bloy, o retratista das caricaturas sociais como Bernanos e a ironia de Chesterton, a maior inspiração do brasileiro. Chamou a atenção para a principal característica da obra: uma autobiografia da conversão de Corção. De início foram traduzidos os três primeiros capítulos do livro. Sobre o reconhecimento internacional do brasileiro, Hugues Kèraly escreveu:

Gustavo Corção, cuja morte nós choramos em seis de julho de 1978, cinco anos depois que nós o teríamos descoberto, não foi conhecido na França por *Itinéraires*. Para conhecermos mais hoje, é necessário resgatar o tesouro que ele deixou nas letras portuguesas: dez livros que testemunham aí que Corção permanece nesta família o maior escritor do século – como em sua vida já todo o Brasil dizia, e como os editores ingleses, italianos ou alemães, que o traduzem, assim o compreenderam. Nossa ambição é preencher aqui, em nosso próprio ritmo, uma parte do abismo deixado escancarado pelas editoras francesas.²¹⁰

Apontam-se duas características principais desse conjunto de textos. A principal delas foi sem dúvida o reconhecimento de Gustavo Corção como um dos principais nomes do integrismo internacional, comparado aos mais ilustres intelectuais franceses contrarrevolucionários e aos principais escritores da língua nacional e portuguesa. Os intelectuais franceses detectaram no intelectual brasileiro uma estética singular em sua escrita ao transformar criativamente o francês. Além da autobiografia de Gustavo Corção, Hugues Kèraly traduziu na revista *Itinéraires* outro clássico do intelectual carioca: *O Século do Nada*. Foi traduzido pelo francês como *Le Siècle de L'Enfer* e publicado como folhetim do número de fevereiro de 1987 (n. 310) até o número de maio de 1989 (n. 334). Comparado a outros intelectuais do integrismo internacional que escreveram na revista *Itinéraires*, Corção foi

²¹⁰ Tradução livre do autor. No original: «Gustave Corção, dont nous avons pleuré la mort le 6 de juillet 1978, cinq ans après que nous l'eussions découvert, ne fut connu en France par *Itinéraires*. Pour en connaître davantage aujourd'hui, il faut puiser dans le trésor qu'il a laissé aux lettres portugaises : dix ouvrages y témoignent que Corção reste dans cette famille le plus grand écrivain du siècle – comme de son vivant déjà tout le Brésil disait, et comme les éditeurs anglais, italiens ou allemands, qui le traduisant, l'ont aussitôt compris. Notre ambition est de combler ici, à notre rythme, une partie du gouffre laissé béant par les maisons française». *Itinéraires* (mai. de 1980, p. 135).

tratado como “celebridade” pelo grupo francês. Pode-se afirmar que o pensamento tradicionalista brasileiro, nesse momento de alta circularidade da corrente integrista do mundo todo promovida pelos encontros realizados em Lausanne, marcou uma geração de intelectuais europeus sendo referência e fonte de informação sobre o que se passou no Brasil e na América Latina nesse período.

Outra característica que se sobressaiu desses artigos e notas foi em relação à defesa do regime militar brasileiro. Ao todo, foram quatro artigos escritos por franceses que retrataram o Brasil em suas singularidades, mas sempre destacando o perigo do comunismo e o papel dos militares. Um conceito utilizado pelos intelectuais franceses chamou a atenção e foi destacado em alguns excertos. Em vários artigos, os escritores de *Itinéraires* denominaram o regime militar de 1964 de *Contrarrevolução Católica* de 1964. É uma prova de como o projeto político e cultural encabeçado pelos intelectuais de *Permanência* foi recepcionado e elaborado pelos líderes de *Itinéraires*. Projetou-se no Brasil uma marca da esperança de dias melhores para o tradicionalismo católico francês que era marcado por experiências de renovações litúrgicas e teológicas do clero progressista e da esquerda católica no país. Nesse momento os países que viviam sob o regime ditatorial na América Latina foram identificados como um “milagre” que restabeleceria a ordem nesses países por meio da autoridade política e cristã, necessárias à França de acordo com os intelectuais de *Itinéraires*.

3.3 GUSTAVO CORÇÃO E A PUBLICAÇÃO DE SUAS OBRAS LITERÁRIAS NO EXTERIOR

Gustavo Corção Braga nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1896, filho de Francisco Braga e Gracietta Amélia Corção Braga. Como já destacado, cursou o secundário no colégio Dom Pedro II e o superior na antiga escola Politécnica do Rio de Janeiro. Como engenheiro, fez astronomia de campo em Mato Grosso e no Estado do Rio de Janeiro de 1920 a 1922. Foi eletricitista industrial em Barra do Piraí e Cachoeiro do Itapemirim de 1923 a 1926. Exerceu o cargo de *Comunicações, Radiofonia e Telefonia* na *Radiobrás*, de 1926 a 1937, e trabalhou na indústria *Eletrônica e Telecomunicações* na *Rádio Cinefon Brasileira* de 1936 a 1950.

Como professor, desde os 15 anos, lecionou no colégio de sua mãe, no nível primário e secundário. No nível técnico-científico foi convidado para assistente na *Cátedra de Astronomia* da escola *Politécnica* pelo professor Manuel Amoroso Costa em 1925. Lecionou a disciplina de *Eletrônica Aplicada a Telecomunicações* na *Escola Técnica do Exército* (hoje

IME) de 1935 a 1966, na *Escola Nacional de Engenharia* de 1951 a 1966, na *Companhia Telefônica Brasileira* de 1948 a 1966. Quatro vezes, foi professor de estagiários da *Escola Superior de Guerra* na década de 1950. Foi membro do *Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio*, do *Conselho Federal de Cultura* e do Conselho da cúpula da *Cobast (Light)*.²¹¹

Suas atividades como jornalista são conhecidíssimas. Quanto a sua carreira literária, como destacado, Gustavo Corção lançou em 1944 seu primeiro livro: *A Descoberta do Outro*, uma autobiografia de conversão ao catolicismo. Em 1946, escreveu *Três Alqueires e uma Vaca*;²¹² em 1950, *Lições de Abismo*;²¹³ em 1951, *As Fronteira da Técnica*; em 1957, *Dez anos*;²¹⁴ em 1958, *Claro Escuro*;²¹⁵ em 1959, *Machado de Assis*;²¹⁶ em 1965, *O Desconcerto do Mundo*;²¹⁷ em 1969, *A Tempo e Contratempo*²¹⁸ e *Progresso e Progressismo*;²¹⁹ e, no ano de 1973, *O Século do Nada*. A partir da década de 1990, surgiram algumas obras póstumas: *As Descontinuidades da Criação*,²²⁰ *Artigos filosóficos: Gustavo Corção Tomista*,²²¹ *Gustavo*

²¹¹ Na revista *Permanência* (n. 116 a 119), em homenagem, existe uma nota com informações sobre o trabalho profissional de Gustavo Corção, intitulado *Dados Pessoais e Antologia*, da página 45 a 48. As informações descritas nesse tópico foram retiradas dessa nota.

²¹² Esse livro é uma homenagem do autor àquele que influenciou o seu retorno à fé católica: Chesterton. Gustavo Corção apresentou nessa obra um ensaio do pensamento do grande escritor católico inglês.

²¹³ Redigido sobre a forma de um jornal, Gustavo Corção narrou os dois últimos meses de vida de um professor que tinha leucemia e que acabava de ser converter a partir de suas reflexões sobre a vida e a morte, dando atenção aos eventos correntes da vida. Recebeu o prêmio da UNESCO em 1955.

²¹⁴ É uma coletânea dos artigos publicados nos principais jornais do país por Gustavo Corção nos seus dez últimos anos de trabalho como jornalista.

²¹⁵ É um ensaio sobre casamento, o divórcio, a família etc. Com seu estilo próprio, sempre conversando com seu leitor, Corção defende no livro a instituição familiar, lamentando que essa instituição se dissolvesse entre seus contemporâneos.

²¹⁶ Gustavo Corção foi convidado por Ernest Fromm, editor de *Agir*, para fazer comentários e notas sobre os romances de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). Foi um grande escritor e crítico literário de nosso país e que influenciou profundamente Corção em seu estilo de escrita.

²¹⁷ Nesse livro, Gustavo Corção faz uma síntese geral da desordem moral que originou no pecado original. Com três ensaios aparentemente distintos, o intelectual estudou a questão do mal, da dor e da morte, assim como falam os poetas e os pintores.

²¹⁸ Conjunto de artigos reunidos que tratam sobre a crise da Igreja e o combate da fé conduzido por Gustavo Corção e os companheiros de *Permanência* desde a fundação do movimento em 1968.

²¹⁹ A Editora *Agir* publicou uma série de textos sobre a noção de progresso. O editor escolheu textos de Maritain, Chesterton, Christopher Dawson, Marcel de Corte, Alfredo Lage (amigo de Corção) e confiou ao líder de *Permanência* a redação da segunda parte, que se dividiu em três capítulos: os múltiplos progressos do homem, a ideia de progresso nos tempos modernos e o desvio do progresso.

²²⁰ Esse livro é um conjunto de conferências deixadas manuscritas por Corção nas quais analisou os diversos estágios de seres criados e a ruptura que existe entre eles. Os manuscritos tratam da criação da natureza e

*Corção: uma teologia da história.*²²² A maioria desses livros foram publicados pela editora Agir²²³ a partir de 1973, *A Tempo e Contratempo* e as obras póstumas, publicadas pela editora *Permanência*,²²⁴ e o livro *O Século do Nada* pela editora *Record*.²²⁵ Realizou algumas traduções como o livro *Barbaria de Berlim* de Chesterton, para a editora Agir em 1946, e a obra *História Sagrada* do padre Jacques Bondallaz, também em parceria com a Agir, em 1954. Entre os principais prêmios que recebeu durante sua trajetória literária, em 1955, ganhou um prêmio da UNESCO pelo livro *Lições do Abismo* e, em 1974, recebeu outra honraria do *Instituto Nacional do Livro* (ensaios) pela obra *O Século do Nada*.

Quanto às traduções das obras de Gustavo Corção no exterior, seguindo uma ordem cronológica, o primeiro país a publicar seus livros foi a Argentina: *El descubrimiento del otro*, que foi traduzido por Judith Garcia Caffarena pela editora *Desclée de Brouwer* em 1950. Em 1954, *Tres Hectáreas y una vaca* foi também traduzido por Caffarena pela editora *Livretia*, na

constituem uma verdadeira lição de filosofia antievolucionista. Cada parte do livro aborda a questão de um ponto de vista diferente: do físico, do filósofo e do teólogo. A primeira parte trata do físico diante do ser vivo, a segunda, da física moderna e da filosofia de Aristóteles e a última, das descontinuidades da criação.

²²¹ A Editora *Permanência* herdou do seu fundador, Gustavo Corção, o acervo de artigos de jornais que escreveu ao longo de sua vida de jornalista. Nessa coletânea, existem 28 artigos filosóficos do pensador católico. Separados em cinco partes que tratam da linguagem filosófica, da crítica ao materialismo das ciências modernas, das noções de metafísica tomista, da bandeira do dualismo e da psicologia.

²²² Ao longo de centenas de artigos de jornais escritos sobre os mais variados temas, os textos discutem a decadência do pensamento político em nossos tempos. O próprio autor, em determinado momento da obra, diz estar escrevendo um folhetim, um livro escrito no ritmo dos artigos de jornal, cujo tema seria uma visão da história sobre o viés da teologia católica. Uma teologia da história.

²²³ Editora Agir é uma editora brasileira, atualmente parte do grupo *Ediouro*. A empresa foi criada por Alceu Amoroso Lima em 1944, com o nome de *Livraria Agir Editora*. O objetivo era promover as obras de escritores católicos, formando uma rede com outras iniciativas de mesmo perfil, como a *Editorial del Pacífico*, do Chile, e a filial argentina da *Desclée de Brouwer*. Em 2002, foi comprada pela *Ediouro*, que, no entanto, manteve a administração e gestão editorial autônomas. Passou por uma reforma editorial e gráfica em 2004, mas continuou editando os seus principais títulos, entre eles *O Pequeno Príncipe* e *Auto da Compadecida*. Mais informações <https://www.ediouro.com.br/selos/agir>.

²²⁴ A Editora *Permanência* foi criada pelo grupo, em 1973, com o objetivo de publicar obras do tradicionalismo católico. Após o fim das publicações da primeira série da revista *Permanência*, a editora faz circular novamente a revista em dezembro de 2011, com a publicação anual de quatro números, além de outros títulos e obras póstumas de Gustavo Corção.

²²⁵ O Grupo Editorial *Record* teve seu início com a *Distribuidora Record de Serviços de Imprensa*, que iniciou suas atividades em 1942. Nos anos 1960, ela passou a editar livros por conta própria, principalmente traduções de livros americanos. O Grupo Editorial *Record* é um conglomerado de editoras compradas pela *Editora Record* que, além dela própria, engloba várias outras editoras, sendo o maior conglomerado editorial da América Latina. As editoras que fazem do grupo são: *Editora Record*, *Bertrand Brasil*, *José Olympio*, *Civilização Brasileira*, *Rosa dos Tempos*, *Nova Era*, *Difel*, *Best Seller*, *Edições Best Bolso*, *Galera Record & Galerinha Record*, *Harlequin* (joint venture), *Best Business*, *Verus Editora* e *Paz e Terra*. Não há nenhuma ligação com a *TV Record*.

cidade de Buenos Aires. *A Descoberta do Outro*, publicado nos Estados Unidos como *My neighbor as myself*, por Clotilde Wilson Longmans pela editora *Green and Co*, em 1957.

Outros países editaram o livro *Lições de Abismo* em seus idiomas. Em 1960, foi editado na Itália como *Lezioni di Abisso*, traduzido por Guiseppe Valsania pela *Società Editrice Internazionale*, na cidade de Turim. Em 1962, foi editado na Polônia como *Szkota Przepàsci*, traduzido por Malgorzata Hoynska pelo *Instytut Wydawniczy*, na cidade de Varsóvia. Em 1968, nos Estados Unidos como *Who if I Cry Out*, traduzido por Clotilde Wilson pela *University of Texas Press*, na cidade de Austin. Em 1974, dois países publicaram *Lições de Abismo*: na Alemanha, o livro foi editado como *Kontrapunkt der Studien*, traduzido por Georg Hermanowski e Thekla Lepsius Verlag por *J. P. Bachen*, na cidade de Colônia. E, na Holanda, como *Cursus Van de Dood*, traduzido por Guido Logger Uitgeverij Het Spectrum por *Utrecht Antuwerpen*.

Nota-se que nenhum livro de Corção foi publicado na França até a década de 1970, sendo que a primeira tradução de uma de suas obras tinha ocorrido em 1950, em Buenos Aires. Como observado pelos líderes da revista *Itinéraires*, as obras literárias do intelectual brasileiro chegaram tardiamente à França, o que explicaria o sucesso tardio e póstumo que obteve entre os leitores franceses. Ao todo, foram três obras publicadas no país: em 1987, *La Découverte de L'Autre*, e, em 1994, *Le Siècle de L'Enfer*, editadas pela *Éditions Sainte-Madeleine*.²²⁶ Em 2014, *Réflexions sur la Mission de la Femme* foi editado pela *Editions du Sel*.²²⁷ Um estudo mais aprofundado sobre a relação do pensamento de Gustavo Corção com outros países exigiria mais atenção e é importantíssimo para que se preencha a lacuna sobre a repercussão e a recepção da obra do escritor brasileiro em outros países. É a partir desses três livros publicados na França que a recepção do integrismo brasileiro será representada nos dizeres dos intelectuais franceses sobre as obras de Corção.

3.3.1 *La Découverte de L'Autre*

²²⁶ As *Éditions Sainte-Madeleine* foi criada nos anos de 1980 pelo fundador da Abadia Sainte-Madeleine du Barroux, dom Gerard Calvet, conhecido como Dom Gerard, também colaborador da revista *Itinéraires* com três artigos (Anexo 3), especialista na publicação de livros do tradicionalismo católico.

²²⁷ As *Éditions du Sel* nasceram após a publicação de alguns estudos separados de *Sel da la Terre*. Esse jornal católico de ciências religiosas e cultura cristã (publicação trimestral), colocado sob a égide de Santo Tomás de Aquino para a segurança da doutrina e da clareza da expressão, luta pela tradição na Igreja preconizada por Marcel Lefebvre. Foi Fundado em 1992 pelos pais dominicanos do convento dos *Haye-aux-Bonshommes* de Avrillé. Mais informações: <http://www.seldelaterre.fr/PS-librairie.aspx>. Acessado no dia 22 de janeiro de 2019.

Figura 18: Capa da edição francesa *A Descoberta do Outro*

A Descoberta do Outro foi o primeiro romance escrito por Gustavo Corção. Lançado em 1944 pela editora Agir, esgotaram-se rapidamente seus exemplares devido ao grande sucesso. A obra encontra-se em sua 11ª edição, publicada no ano de 2017. Corção estreou no mundo literário se apresentando como um grande escritor, hábil nas palavras ao envolver o leitor por meio da narração corriqueira do cotidiano – de um exame de pulmões a uma briga de casais. São situações banais, mas que apresentariam características centrais do comportamento do “homem da ciência” que foi dominado pela certeza de uma pretensa “verdade” científica. Essa pretensa verdade seria uma ilusão por ser mais uma “opinião” que o conhecimento técnico pode revelar. De acordo com Corção, a verdade científica seria subjetiva e superficial por representar várias “verdades” construídas sobre um mesmo objeto. Portanto:

[...] A opinião é segregada pela vontade; não vem do conhecimento mas de um apetite. O mecanismo da opinião pode ser descrito como uma interposição da vontade entre a inteligência e o objeto. [...] O grande desvio do pensamento moderno tem origem nessa inversão interior, pela qual a vontade se arroga um direito de conquista onde somente a inteligência cabe o primado. (CORÇÃO, 2017, p. 82)

Convicto de uma certeza dominada pela técnica, o homem moderno perderia sua essência, que para o escritor encontra-se no pensamento lúdico da criança. Nessa fase, o homem viveria no senso da objetividade e no senso da eternidade, que se diluem no indivíduo adulto passando a viver cercado por suas certezas e opiniões subjetivas. Para Corção, o

católico atingiria esse senso de homogeneidade quando apreendesse aquilo que estaria próximo do seu ser: *o outro*. Apesar de contar sua história de conversão, quando enterrou o “seu próprio cadáver” (título do primeiro capítulo), que viveu muitos anos pendurado nele, como um fardo, um peso sufocante, o *outro* se manifestaria na caridade cristã que revela, assim, uma atitude que seria eterna e perpétua.

Gustavo Corção flertou com o materialismo histórico e com o pensamento de Nietzsche, o que fez o escritor ter a certeza de que o pensamento dialético seria paradoxal em si mesmo. Para o autor não existiria sentido nas coisas quando essas passam a ser interpretadas de maneiras diferentes, pois perdem a essência primordial devido às interações dialéticas que se repetem sem fim. Assim, sempre se modifica a explicação real das coisas e dos seres, o que torna falho o pensamento moderno. A frase título de um dos capítulos, “o viúvo viu a ave” (relembrando a morte de sua esposa), só fizera sentido após sua conversão ao catolicismo. Desse momento em diante, Corção passou a lutar e combater a modernidade que tentava minar a verdade imutável da Igreja:

O leitor há de estar lembrado que em outros tempos andei em rodas marxistas e nietzschistas, hesitando entre a sociedade sem classes e a grande raça caucásica, não sabendo se deveria levantar a mão direita dura como um dardo, ou a esquerda com o punho fechado em sinal de revolta. Pois agora, diante do abade, que representava outro, eu já não tive que hesitar porque levantei as duas mãos. [...] E aí está, leitor amigo, como acaba esta história, um pouco no gosto das novelas policiais, estando eu desarmado, inteiramente entregue, hands up, como um prisioneiro de Deus. (CORÇÃO, 2017, p. 254)

Quanto à edição francesa da obra, impressa pela editora *Sainte-Madeleine* em 1987, o prefácio da edição foi escrito por Louis Pauwels (1920-1997), jornalista e escritor francês, um dos fundadores do realismo fantástico na França. Não foram encontrados nos grupos e movimentos de que esse escritor participou nomes que o relacionassem com membros do integrismo francês. Contudo, foi o intelectual que mais se identificou com a história de conversão de Gustavo Corção. Apesar de se achar indigno de prefaciá-la a obra: “Devo finalmente acrescentar que sou indigno de prefigurar o livro de Corção. É a história de uma conversão que felizmente é devoradora, e só posso argumentar com uma conversão minuciosa”,²²⁸ foi o mais longo prólogo escrito sobre obra do escritor brasileiro até agora

²²⁸ Tradução livre do autor. No original: «Je dois enfin ajouter que je suis indigne de préfacier le livre de Corção. C'est le récit d'une conversion bien-heureusement dévorante, et je ne puis arguer que d'une conversion minusculement rongée» (apud CORÇÃO, 1987, p. 22).

analisado. No seu texto é possível identificar situações em que o escritor francês se identificou com a história de conversão. O domínio da técnica no pensamento do homem moderno e o seu afastamento do próximo foram os pontos centrais de sua reflexão acerca da obra de Corção:

Quando leio Corção, eu compreendo o meu desconforto a entender certos discursos pretensiosamente cristãos no século. É um discurso que coloca o próximo na distância, como o mundo quer; pois o próximo real é mais difícil de esperar do que o próximo difuso, e o mundo, observa Corção, colocou pontos táticos para evitá-lo; táticas que levam os nomes de filantropia, de humanitarismo, de fraternidade. Para nos desviar do outro, somos animados de nos voltar em direção ao gênero humano e suas causas ditas sagradas; mas é mais fácil desejar a felicidade da humanidade do que se apresentar ao seu vizinho do lado; mais fácil militar no micro pelos grandes sentimentos que atravessar, com o eterno no coração, a porta de uma pessoa morrendo. Lembro-me deste generoso profissional que ditava diante de mim uma chamada para os filhos da Etiópia e o telefone tocou, gritando para sua secretária: Eu não estou para ninguém! Nós não estamos aqui pra ninguém quando estamos apenas neste mundo.²²⁹

Por fim, destacou-se dessa apresentação algumas das características que ficaram marcantes para os leitores ilustres do intelectual brasileiro na França. Após sua morte, a comparação feita entre suas técnicas de escrita com o estilo dos principais teóricos do integrismo internacional foi uma constante. Em especial, Louis Pauwels identificou no escritor a ironia refinada do católico inglês Chesterton, uma das maiores influências do pensador carioca que se encontrava escondido nas letras brasileiras:

Um cristal de fé, imerso em todas as situações, faz aí quebrar os lugares-comuns e produz um julgamento cintilante de odor suave. Tal é, se eu me lembro bem, o sentimento que prova o leitor ao abordar Chesterton. Ele ignora ainda a natureza desse cristal, mas se beneficia de seus efeitos. Luís XIV, aqui se apresentou um projeto para Versalhes, escrito na margem: Eu gostaria de ter aqui um pouco da infância. Chesterton, à margem do plano da existência, faz aí essa correção real, e chega à ideia do seu leitor que seria possível viver a vida ordinária de maneira extraordinária. Desde que eu

²²⁹ Tradução livre do autor. No original: «Quand je lis Corção, je comprends mon malaise à entendre certains discours prétendument chrétien dans le siècle. C'est un discours qui place le prochain dans le lointain, comme le veut le monde ; car le prochain véritable est plus difficile à atteindre que le prochain diffus, et le monde, observe Corção, a mis au point des tactiques pour l'éviter ; des tactiques qui portent les noms de philanthropie, d'humanitarisme, de fraternité. Pour nous détourner de l'autre, il nous est enjoint de nous tourner vers le genre humanis et ses causes dites sacrées ; mais il est plus facile de désirer le bonheurs de l'humanité que de faire présent d'une présence à son voisin de palier ; plus facile de militer au micro pour les grands sentiments que de franchir, avec de l'éternel dans le coeur, la porte d'un mourant. Je me souviens de ce généreux professionnel que dictait devant moi un appel pour les enfants d'Ethiophe et le télé'phone sonnait, aboya à sa secrétaire : Je n'y suis pour personne! Nous n'y sommes pour personne quand nous ne sommes que dans ce monde» (apud CORÇÃO, 1987, p. 15).

entrei no livro de Corção, eu aprendi que mora no Rio um primo de Chesterton²³⁰.

Um grande intelectual francês teve sua carta enviada a Gustavo Corção em 1959, publicada como anexo na última edição brasileira do livro em discussão. O que chamou a atenção é que a carta foi de um intelectual católico representante da democracia cristã e adepto da chamada *terceira via*, nem capitalismo, nem comunismo. Esse pensamento influenciou alguns intelectuais católicos do continente americano como Alceu Amoroso Lima e foi uma das ideias que estimulou o desenvolvimento do progressismo católico no continente americano. A carta foi escrita pelo filósofo francês Jacques Maritain (1882 - 1973), um dos escritores que influenciaram a conversão de Corção. Contudo, foi na década de 1950 e o escritor brasileiro se distanciou dos pensamentos do francês, que aceitava a democracia e a laicidade (vertentes do liberalismo burguês), ideias condenadas pelo intelectual brasileiro. Mesmo com essas divergências, Corção admirava Maritain, sendo esse assunto discutido em carta com Jean Madiran. Contudo, seus livros foram censurados em vários artigos escritos por Gustavo Corção na revista *Permanência*, principalmente as obras *Humanismo Integral* (1936) e *O Camponês da Garona* (1966). O interessante da carta foi perceber o “cavalheirismo” que existia da parte de Jacques Maritain. Apontou a crítica de Corção a suas obras de uma maneira afetiva e respeitosa, além de se contentar com o livro *A Descoberta do Outro* ao tecer elogios ao escritor carioca. Com *O Camponês da Garona*, em 1966, Corção se distanciou mais do filósofo francês, acusando-o de progressista, mesmo que ele não se considerasse como parte desse movimento católico. Contudo, o trecho revelou que, mesmo em posições extremas, Jacques Maritain não deixou de demonstrar sua admiração por Gustavo Corção:

Acabei de receber um exemplar da edição brasileira de *Reflections on America*; fiquei profundamente comovido por teres escrito um prefácio para essa edição, e agradeço-te muito cordialmente. Há nesse prefácio uma generosidade de inteligência e de coração que me agrada particularmente, compreendeste muito bem tantas coisas na minha vida de tomista vagabundo, e naquilo que faz dos meus livros um “sinal de contradição”... Só posso escrever-te de forma breve, o trabalho e a fadiga não me dão descanso. Quero acrescentar algumas linhas para te dizer o quanto admirei A

²³⁰ Tradução livre do autor. No original: «Un cristal de foi, plongé dans toute situation, y fait éclater les lieux communs et produit un jugement pétillant d'odeur suave. Tel est, sije m'en souviens bien, le sentiment qu'éprouve le lecteur en abordant Chesterton. Il ignore encore la nature de ce cristal, mais bénéficie de ses effets. Louis XIV, à ici l'on présentait un projet pour Versailles, écrivit dans la marge: J'y voudrais un peu d'enfance. Chesterton, en marge du plan de l'existence, fait cette royale correction, et il vient à l'idée de son lecteur qu'il serait peut-être possible de vivre la vie ordinaire de façon extraordinaire. Dès que j'entrai dans le livre de Corção, j'appris que vécu à Rio un cousin de Chesterton» (apud CORÇÃO, 1987, p. 7).

Descoberta do Outro. O primeiro capítulo tem para mim uma significação muito pessoal, fico contente em saber que somos irmãos em São Bento. Penso em ti com uma viva afeição. Reza por nós. Raissa e eu dedicamos a ti nossa fiel amizade. (apud CORÇÃO, 2017, p. 259)

A *Descoberta do Outro* foi uma crítica de Gustavo Corção ao pensamento moderno, uma das características de sua pena discursiva encontrada nos discursos dos artigos escritos pelo intelectual carioca na imprensa nacional e na revista *Permanência*. Corção foi um dos únicos teóricos da corrente integrista no Brasil, o que fez se especializar nos assuntos filosóficos e teológicos da Igreja. Contudo, o que sobressaiu no projeto desenvolvido por Corção e Fleischman no exterior se concentrou na defesa ao regime militar contra as campanhas difamatórias da Igreja progressista em países da Europa e na condenação e depreciação de membros do clero brasileiro como Dom Hélder Câmara e os primos bispos: Dom Aloisio Lorscheider e Dom Ivo Lorscheiter. Mas a edição póstuma de sua obra na França, intermediada por Julio Fleischman, apresentou todos os aspectos do seu pensamento e revelou as múltiplas facetas do maior intelectual do tradicionalismo católico brasileiro.

3.3.2 *Le Siècle de L'Enfer*

Figura 19: Capa da edição francesa do livro *O Século do Nada*

O livro foi o resultado de uma reflexão que surgiu na execução do que Gustavo Corção publicou anos antes com o título: *Dois Amores e Duas Cidades*. O escritor analisa em profundidade os eventos que culminaram na formulação do pensamento moderno e do

pensamento progressista católico: a Reforma Protestante, a Contrarreforma, o surgimento do comunismo, a questão Dreyfus, o surgimento da esquerda e da direita, a condenação da *Ação Francesa*, a guerra civil espanhola, as duas guerras mundiais, o Concílio Vaticano II e outros fatos. Representando a crise que se instalou no seio da Igreja entre progressistas e integristas, essa obra também marcou o novo posicionamento de Corção. Como observado no tópico anterior, o escritor se distanciou publicamente de Jacques Maritain quando se descortinaram diante dele os equívocos e os erros da democracia tão defendida pelo pensador francês. O título desse livro simboliza o século XX como o século do não-ser, da negação do ser, do nada. Como afirmou o escritor carioca, foi o século da apostasia. Ele descreveu o lado religioso de toda a crise que resultou no “inacreditável” diálogo de setores da Igreja com a modernidade. No Brasil, a obra foi lançada em 1973. Na França ela foi editada em 1994 pela editora *Sainte-Madeleine*. Essa informação foi destacada no prefácio da edição francesa escrita por Jean Madiran por ser uma casa de edição com renome em publicações de autores do tradicionalismo católico francês e internacional:

Os monges beneditinos da abadia de Sainte-Madeleine du Barroux que publicaram na livraria a sua *Descoberta do Outro* (1987); e são eles ainda que agora estão editando este *Século do Nada*, o que também confirma nossa crença na bênção beneditina insubstituível.²³¹

Com a bênção dos beneditinos, ordem religiosa de que Corção era oblato, Jean Madiran apresentou novamente o intelectual brasileiro para o público francês. Relembrou seu primeiro encontro com o autor brasileiro em 27 de abril de 1973 e que, junto de sua secretária Maria da Graça Pierotti, almoçaram em um restaurante francês, com o brasileiro carregando esse mesmo livro debaixo do braço. Dessa reunião até 1978, foram cinco anos de amizade que renderam a colaboração do escritor na revista francesa *Itinéraires*, como conhecido. Mesmo antes de sua repercussão na França, Jean Madiran já ouvira falar da qualidade estilística do escritor carioca: “Mas o nome e a alta qualidade de Gustavo Corção, ignorado na França, eu o conheci por Dom Gérard, que retornou do Brasil há quatro anos. Ele me disse: ‘é o Chesterton brasileiro’”.²³²

²³¹ Tradução livre do autor. No original: «Ce sont les moines bénédictins de l'abbaye Sainte-Madeleine du Barroux qui ont édité en librairie sa *Découverte de l'autre* (1987); et ce sont eux encore qui maintenant éditent ce *Século do Nada*, ce qui nous confirme aussi ce que nous pensons de l'irremplaçable bénédiction benédicteine» (apud CORÇÃO, 1994, p. 9).

²³² Tradução livre do autor. No original: «Mais le nom et la haute qualité de Gustave Corção, ignorés en France, je les connaissais par Dom Gérard, rentré du Brésil quatre ans auparavant. Il m'avait dit: 'C'est le Chesterton brésilien'» (apud CORÇÃO, 1994, p. 8).

O prefácio não relatou a obra em si, suas partes, seus conteúdos, mas tratou da temática do livro que observa nesse século a apostasia da modernidade. O século XX foi representado pelos males desencadeados do pensamento marxista e de suas derivações políticas e econômicas. O pensamento moderno “dominaria”, portanto, o comportamento da humanidade e a Igreja Católica. O livro dedicou boa parte ao tratamento das atuações da *Ação Francesa* de Charles Maurras, o período de apogeu dessa organização que, após a contenda com a Santa Sé, entrou em declínio abrindo espaço para o conflito entre progressistas e integristas. Contudo, não abordou os “mártires” desse “século do nada”, aqueles que combateram os ensinamentos da “Outra Igreja”. O contrário fez Jean Madiran em seu prefácio, admitindo ser o século XX os cem anos mais conturbados da história da Igreja, no qual se instalou uma revolução silenciosa promovida pelos setores progressistas da instituição. Mas foi nesses 100 anos que surgiram heróis que investiram contra a modernidade e a revolução internacional comunista. Considerou Corção como um desses personagens que compõem a história da Igreja Cristã e que lutaram pelo cristianismo até seus últimos dias. Como descreveu Madiran, a trajetória cristã do intelectual brasileiro obedeceu a um sentido inverso dos homens desse século. Antes, seu pensamento era dominado pela técnica e pelo pensamento moderno. De uma crise existencial acabou se convertendo tardiamente ao catolicismo e tornou-se um dos maiores baluartes da luta a favor da Igreja tradicional:

Nascido em 1986, Corção morreu em 1978, aos 81 anos; escreveu *O Século do Nada* do seu 70º ao 77º ano. Henri Charlier nasceu em 1883 e morreu em 1975: aos 73 anos, ele foi o ‘quarto’ da fundação da *Itinéraires*. A aproximação entre eles não é apenas cronológica ou circunstancial. Um é o outro que voltou do mundo moderno para a fé cristã no momento em que o universo católico empreendeu o caminho inverso que o levou do cristianismo ao mundo moderno. O que aconteceu no espaço da vida de um homem é esta dupla jornada, de uma apostasia maciça imanente e em sentido oposto a de um pequeno número de convertidos, convertidos tão diferentes um dos outros pelas origens que podem ser André Frossard, Henri Barbé, Judith Cabaud ou Guy Rouvrais: do Protestantismo, do Judaísmo, do Comunismo, da Maçonaria. Corção veio do mundo dos números, das técnicas, da eletrônica, enfim, do segundo grau de abstração, o que multiplica as máquinas e as mercadorias (e também os perigos), mas que não cuida de nada, de nenhuma parte: quando estamos estabelecidos, é necessário voltar até chegar ao universo do bom senso e do senso comum, à terra mais aberta sobre o céu, a partir do qual podemos então filosofar e (ou) pedir uma saudação.²³³

²³³ Tradução livre do autor. No original: «Né en 1986, Corção est mort en 1978, à l'âge de 81 ans; il a écrit *O Século do Nada* de sa 70e à sa 77e année. Henri Charlier est né en 1883, mort en 1975: à 73 ans il fut l'un des 'quatre' de la fondation d'Itinéraires. Le rapprochement entre eux n'est pas seulement chronologique ou circonstanciel. L'un est l'autre ont rebroussé chemin du monde moderne à la foi chrétienne au moment où

A notoriedade de Gustavo Corção como um dos maiores representantes da corrente integrista foi unânime entre seus amigos e colegas franceses. Diferente do que afirmou o próprio Corção sobre seu reconhecimento repentino no exterior, de que o Brasil e seu momento político seriam a razão da internacionalização de sua trajetória, os textos e os prefácios que surgiram após sua morte revelam a admiração dos franceses por seu pensamento, por sua militância católica e por sua escrita rebuscada e irônica. As obras de Corção falavam das histórias que viveram seus amigos da revista *Itinéraires*, de uma França que se tornou o palco de uma crise que se propagou para os países católicos do mundo todo:

Este livro conta uma história: a nossa. Nossa história intelectual. A história da crescente desorientação de espíritos, doutrinas e comportamentos no catolicismo francês e, consequentemente, na Igreja universal: como as coisas aconteceram durante este século XX, como elas aconteceram diante de nós, por quais engrenagens fomos transportados para “tais calamidades formidáveis”, todas as quais revii examinadas no Rio, por um brasileiro que é um dos grandes espíritos do nosso tempo, e que fala de nós. Ele viveu por ele mesmo, pelo pensamento e pelo coração, esses eventos, esses movimentos do espírito, essas invasões ideológicas, ele os percorreu de novo, desta vez com uma crítica ao conjunto: como e por que este século foi um século do retorno ao nada, como e por que ele progressivamente torna-se *O Século do Inferno*.²³⁴

No final do livro encontra-se um posfácio escrito por Hugues Kèraly, o maior tradutor de Gustavo Corção para a língua francesa. Nas palavras desse francês encontram-se carinho, admiração e amizade cultivadas durante cinco anos com o intelectual brasileiro. Foi o maior correspondente de Gustavo Corção em seus últimos anos de vida, além de atravessarem noites

l'univers catholique entreprenait le cheminement inverse qui le menait de la chrétienne au monde moderne. Ce qui s'est passé en l'espace d'une vie d'homme, c'est ce double cheminement, celui d'une massive apostasie immanente et en sens inverse celui d'un petit nombre de convertis, des convertis aussi différents les uns des autres par leurs origines que peuvent l'être André Frossard, Henri Barbé, Judith Cabaud ou Guy Rouvrais : venus du protestantisme, du judaïsme, du communisme, de la maçonnerie. Corção venait, lui, de l'univers des chiffres, des techniques, de l'électronique, bref du deuxième degré d'abstraction, celui qui multiplie les machines et les commodités (et aussi les périls) mais qui ne débrouche sur rien, nulle part : quand on y est établi, il faut revenir en arrière jusqu'à l'univers du bon sens et du sens commun, terre à terre mais ouvert sur le ciel, à partir duquel on peut alors philosopher et (ou) s'enquérir d'un salut» (apud CORÇÃO, 1994, p. 8).

²³⁴ Tradução livre do autor. No original: «Ce livre raconte une histoire: la nôtre. Notre histoire intellectuelle. L'histoire de la désorientation croissante des esprits, des doctrines, des comportements dans le catholicisme français, et par suite dans l'Église universelle : comment les choses se sont passées durant ce XX siècle, comment elles se sont passées chez nous, par quels engrenages nous avons été acheminés à «de si formidables calamités», tout cela relu au scanner depuis Rio, par un Brésilien qui est un des grands esprits de notre temps, et qui nous parle de nous. Il a vécu lui-même, par la pensée et par le coeur, ces événements, ces mouvements de l'esprit, ces déferlements idéologiques, il les parcourt à nouveau, cette fois avec une critique de l'ensemble: comment et pourquoi ce siècle a été un siècle de retour au néant, comment et pourquoi il est progressivement devenu le Siècle de l'Enfer» (apud CORÇÃO, 1994, p. 5).

conversando pelo telefone sobre assuntos particulares até assuntos referentes à publicação dos artigos. O intelectual francês representou a ligação que existiu entre o escritor brasileiro com os integristas franceses. Como Kèraly descreveu:

Uma cegueira quase completa, nos últimos anos, havia multiplicado por doze as forças intelectuais e seu amor da discussão. Ele me pegou inocentemente por um tipo de ligação direta com a França, a Sorbonne, Saint Louis, mas é dele que aprendi o melhor das minhas heranças, essas virtudes que passam os séculos e os oceanos...²³⁵

O secretário de *Itinéraires* lembrou o primeiro encontro entre os dois, no *Congresso de Lausanne* em 1973, onde se reuniu a maior elite intelectual do tradicionalismo católico. De acordo com Kèraly, esses representantes já conheciam Corção, menos os integristas franceses que não conheciam o maior escritor da América Latina. Quando Gustavo Corção recebeu o convite de Jean Madiran para escrever na revista *Itinéraires*, o escritor pediu a ajuda do secretário da revista nas correções dos artigos que ele escreveria em francês. Na época, como escreveu o intelectual francês, ele não poderia imaginar na aventura que se metera ao aprender o português, atravessar o Atlântico e ao descobrir o Brasil. Foi em consequência disso que Hugues Kèraly se tornou um dos maiores conhecedores do pensamento de Gustavo Corção na França, sabedoria conquistada após a morte do seu grande amigo brasileiro. O falecimento fez com que o jornalista francês traduzisse as obras e se tornasse o maior reconhecedor da estética da escrita Corção:

Corção era capaz de manter uma hora (de conversa) sobre a cor de um adjetivo ou o perigo de uma analogia. Ele queria que a música da escrita fosse perfeita, em sua ordem, e as falsas notas lhe pareciam tão graves quanto as “ideias prontas” dos discursos contemporâneos.²³⁶

Sobre o processo de tradução, Hugues Kèraly dedicou espaço em seu texto para refletir sobre a primeira obra traduzida por ele do autor brasileiro: *A Descoberta do Outro*. Foi o livro de Corção mais publicado no exterior e que marcou o despontar do pensamento do escritor brasileiro e seu primeiro amor com catolicismo, um livro mais leve, que apresenta

²³⁵ Tradução livre do autor. No original: «Une cécité presque complete, dans les dernières annés, avait multiplié par douze les forces intellectuelles et son amour de la discussion. Il me prenait innocemment pour une sorte de fil direct avec la France, la Sorbonne, saint Louis, mais c'est de lui que j'apprenais le meilleur de mes héritages, ces vertus qui passent les siècles et les océans...» (apud CORÇÃO, 1994, p. 588).

²³⁶ Tradução livre do autor. No original: «Corção était capable de vous tenir une heure sur la couleur d'un adjectif ou le péril d'une analogie. Il voulait que le chant de l'écrit soit parfait, dans son ordre, et les fausses notes lui paraissaient aussi graves que les 'idées toutes faites' du discours contemporain» (apud CORÇÃO, 1994, p. 587).

em sua narrativa a história de sua conversão. Como frisou sempre o tradutor francês, até Oswald de Andrade escreveu sobre o estilo “único” e “firme” de Corção nos jornais do Brasil no ano de sua publicação, em 1944, sendo esgotada sua venda nas primeiras semanas. Contudo, *O Século do Nada* simboliza outro momento de Corção, calejado pelos trinta anos de combate contras as “heresias” que se instalaram na Igreja. Sobre a tradução do livro Kèraly comentou:

Meus patrocinadores gostaram, pelo menos tanto quanto o seu servo: eu transpirei quase vinte meses consecutivos sobre as quatrocentas e quarenta páginas muito serradas do *Século do Nada*, das quais acabastes de ler a tradução (não é isso?). Uma tradução muito livre, claro, para fazer passar o máximo que nos era possível do gênio do autor daquela língua que ele venerava: Gustavo Corção não teria apoiado de outra forma.²³⁷

A tradução foi livre, tanto que o título em francês ficou *Le Siècle de l'Enfer*, traduzido para o português literalmente ficaria *O Século do Inferno*. Hugues Kèraly explicou o que seria o significado de nada para a língua portuguesa: o vazio das ideias humanitárias e da ideologia “anthropo-excentrique”. Comparou novamente o estilo da escrita e a militância do intelectual brasileiro com alguns contrarrevolucionários e outros pensadores europeus: “Comparamos seu talento, às vezes irritado com o de Leon Bloy, mais perto de Bernanos suas caricaturas sociais irresistíveis, encontrado em Chesterton seu modelo de penetração estilística”.²³⁸ Finalizou o texto em um gesto de agradecimento por reconhecer a graça de Deus em suas obras: “A graça de um grande escritor da alma e da inteligência humana, ao mesmo tempo, faz o Caminho da Vida para aqueles que abrirão seus corações para essas confissões. Obrigado Gustavo!”²³⁹

3.3.3 *Réflexions sur la Mission de la Femme*

²³⁷ Tradução livre do autor. No original: «Mes commanditaires y ont pris goût, au moins autant que votre serviteur : j'ai transpiré près de vingt mois consécutifs sur les quatre cent quarante pages très serrées du *Século do nada* dont vous venez de lire la traduction (n'est-ce pas?). Une traduction très libre, bien entendu, pour faire passer autant qu'il nous était possible le génie de l'auteur celui de la langue qu'il vénérât : Gustave Corção ne l'eût pas supportée autrement» (apud CORÇÃO, 1994, p. 588).

²³⁸ Tradução livre do autor. No original: «On a comparé son talent parfois colérique à celui de Léon Bloy, rapproché de Bernanos ses irrésistibles caricatures sociales, trouvé en Chesterton son modèle de pénétration stylistique» (apud CORÇÃO, 1994, p. 590).

Tradução livre do autor. No original: «La grâce d'un très grand écrivain de l'âme et de l'intelligence humaines en fait du même coup un chemin de Vie, pour ceux qui s'ouvriront d'un cœur pur à ces confessions. Merci Gustavo!» (apud CORÇÃO, 1994, p. 590).

Figura 20: Capa da edição francesa do livro Reflexão Sobre a Mulher

Essa obra traduzida para o público francês é a reprodução do sexto capítulo do livro de Gustavo Corção intitulado *As Fronteiras da Técnica*, que foi lançado em 1952 no Brasil. Esse livro procurou destacar como o espírito “ludibriador” da técnica e do materialismo histórico nunca esteve de acordo com a religião cristã. Como destacou na apresentação do livro, Corção entendia do que falava: formado em Engenharia, astrônomo, fundador da cadeira de *Eletrônica Aplicada às Comunicações* na Universidade Federal, inventor de um método para a leitura de um teodolito e de um órgão eletrônico. Esse livro foi o resultado de conferências e palestras ministradas por Corção sobre: as origens do tecnicismo, o fazer e o agir, a política e a técnica, a técnica de Deus, sua arte e seu amor, o patriotismo e o nacionalismo, a missão da mulher e o valor da vida (conferência pronunciada na Policlínica do Rio de Janeiro para os médicos). Sobre a publicação de *Réflexions sur la Mission de la Femme* em 2014, este trecho da obra de Corção foi traduzido pela revista *Sel de la terre* e apareceu na revista de inverno número 27 no ano de 1999. As análises publicadas no periódico da *Éditions du Sel* e que foram transcritas no prefácio dessa edição apresentam Gustavo Corção e a temática abordada pelo velho “leão” do Rio de Janeiro:

Então, voltemos aos anos cinquenta, quando Gustavo Corção foi chamado para escrever, para dar palestras sobre doutrina católica e conferências em todos os lugares. Em 1954 publicou uma série desses cursos e palestras, no livro *As Fronteiras da Técnica*. Começa por uma crítica do mundo cientificista que, segundo ele, transfere de maneira ilegítima os critérios, o estilo e os métodos próprios da técnica para a vida moral. [...] O autor se

lança na análise do fazer e do agir, sua aplicação na vida política, para terminar com um capítulo extraordinário que ele nomeou: A técnica de Deus, sua arte e seu amor. Em tom poético, embora em prosa, Corção nos conduz ao conhecimento mais profundo da ação divina em nós, por meio da encarnação do Verbo, da Igreja, do Corpo Místico de Cristo, a vida sacramental, a liturgia. No final desse capítulo, o leitor se sente transportado para o mundo espiritual da graça. É nessa atmosfera pacífica que se situam as linhas que você lê aqui: A Missão da Mulher. Podemos dividir esse texto em três partes: o papel das mulheres na vida do mundo, da sociedade; o papel superior da mulher que dá sua vida, como a freira pelo véu e a mãe que dá a sua vida para salvar seu filho, em um sacrifício de amor total; e, finalmente, a causa exemplar: o papel da Bem-Aventurada Virgem Maria na economia da salvação. Essa última parte traz o fechamento do nosso texto, numa magnífica análise do casamento de Caná.²⁴⁰

Sobre o prefácio, objeto de análise na identificação da recepção do pensamento de Gustavo Corção entre os franceses, não foi nenhum intelectual francês que o escreveu como das outras vezes. Quem apresentou a obra foi o atual líder do grupo *Permanência*. O padre Dom Lourenço Fleischman, da ordem dos beneditinos. Foi ordenado pelo arcebispo francês Marcel Lefebvre na década de 1980, um dos maiores representantes do integrismo católico no mundo. Após o falecimento do seu pai em 2005, Dom Lourenço Fleischman tomou a frente da direção do centro e retornou com a publicação da revista e da editora homônima, seguindo os passos do pai e do seu “avô” de consideração. O texto que prefaciou a obra de Gustavo Corção apresentou a carreira literária do escritor brasileiro, seus prêmios conquistados e um resumo das obras publicadas para o público francês. A única novidade trazida pelo clérigo brasileiro quanto ao processo de recepção das obras de Corção foi que Hugues Kèraly havia feito um ensaio da tradução do livro *Lições de Abismo*. Entretanto, como era um romance, esse gênero não correspondia ao cartel de publicações da casa de edição religiosa *Sainte-Madeleine*, sendo substituído pela tradução do livro *O Século do Nada*.

²⁴⁰ Tradução livre do autor. No original: «Revenons donc aux années cinquante, lorsque Gustave Corção est appelé à écrire, à faire des cours sur la doctrine catholique, et des conférences un peu partout. En 1954 il publie une série de ces cours et conférences, dans le livre *As Fronteiras da Técnica* (Les Frontières de la Technique). Il débute par une critique du monde scientifique qui, selon lui, transfère de façon illégitime les critères, le style et les méthodes propre de la technique à la vie morale [...] L’auteur se lance dans l’analyse du faire et de l’agir, son application dans la vie politique, pour aboutir à un chapitre tout à fait extraordinaire qu’il a nommé : La technique de Dieu, son Art et son Amour. Sur un ton poétique, bien qu’en prose, Corção nous conduit à la connaissance plus profonde de l’action divine en nous, à travers l’incarnation du Verbe, l’Église, Corps mystique du Christ, la vie sacramentelle, la liturgie. A la fin de ce chapitre, le lecteur se sent transporté dans le monde spirituel de la grâce. C’est dans cette atmosphère paisible que se situent les lignes que vous lisez ici : la Mission de la Femme. Nous pouvons diviser ce texte en trois parties : le rôle de la femme dans la vie du monde, de la société ; le rôle plus élevé de la femme qui donne sa vie aussi bien en tant que religieuse par le voile qu’en tant que mère par le don sa vie pour sauver son fils, dans un sacrifice d’amour total ; et, finalement, la cause exemplaire : le rôle de la très sainte Vierge Marie dans l’économie du salut. Cette dernière partie apporte la clôture de notre texte, dans une magnifique analyse des noces de Cana» (apud Corção, 2014, p. 4-5).

Esses foram os textos recolhidos: artigos, notas e prefácios das obras de Gustavo Corção publicados em francês. Um conjunto de documentos que apresentam o resultado de um projeto elaborado não previamente, mas que partiu de interesses comuns da extrema direita católica e nacionalista do Brasil durante o período ditatorial. Como intelectuais mediadores, Gustavo Corção e Julio Fleichman escreveram artigos que comunicavam um projeto cultural e político. Nesse projeto, o fator religioso, de viés tradicionalista e autoritário, originou um terceiro elemento presente nos discursos produzidos pelos intelectuais brasileiros e incorporados pelos representantes do integrismo francês.

O que se projetou do integrismo brasileiro nessa trajetória internacional de Corção e Fleichman pode ser representado em duas observações. A primeira refere-se à propaganda política, um projeto formulado em sintonia com o falso discurso de que não havia abusos ou violações dos direitos humanos por parte da polícia política da ditadura militar. Caso acontecessem alguns “excessos”, seria em nome da “salvação” da pátria contra o comunismo internacional, sendo justificadas assim algumas arbitrariedades. A fala de Jean Madiran apresentando Julio Fleichman como o informante das ditaduras militares na América Latina era um sinal de como o intelectual francês encarava esses regimes. Era a representação de tempos melhores para os países da Europa que “sofriam” com a revolução internacional. Hugues Kèraly também defendeu o regime militar e acreditou no seu sucesso econômico, o que traria rápidas benesses para o povo brasileiro, esperadas até hoje. Mas o que se destacou no texto diz respeito a essa intersecção entre o político e o religioso, quando os franceses conceituaram o regime militar de 1964 como *Contrarrevolução Católica de 1964*, representação da vitória do catolicismo contra a revolução comunista internacional.

A segunda constatação sobre a projeção do integrismo brasileiro no exterior, um dos assuntos mais comentados entre os franceses, foi em relação ao sucesso de Gustavo Corção com suas obras. Os franceses destacaram sua habilidade com a escrita e a facilidade com a língua francesa, reconhecido como um dos grandes tesouros “escondidos” da língua portuguesa. Revelaram seu estilo irônico, combativo, descritivo, comparando Corção aos maiores nomes da literatura mundial, como Machado de Assis, Eça de Queiroz e Chesterton. Os laços de amizades construídos entre os membros do integrismo brasileiro e francês, como observou Corção, pode ter sido em um primeiro momento de curiosidade sobre as ditaduras latino-americanas. Mas sua estética literária e seu combate ao pensamento moderno renderam ao escritor brasileiro um reconhecimento que continuou após sua morte, com traduções e reedições de suas obras tanto no Brasil como na França. Gustavo Corção foi reconhecido

como um dos maiores escritores da América Latina no que se refere ao tradicionalismo e ao integrismo católico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O título da tese de doutorado é **“PERMANECER EM MIM” E NO MEU “ITINERÁRIO”: AS INTERFACES INTERNACIONAIS DO INTEGRISMO CATÓLICO NA TRAJETÓRIA DOS INTELLECTUAIS DO GRUPO PERMANÊNCIA FRANÇA (1975-1989)**. As palavras destacadas fazem referência aos títulos das revistas *Permanência* e *Itinéraires*. *Permanecer em mim* está escrito no símbolo da revista carioca em forma de cruz e, nos ângulos dessa cruz, encontram-se folhas de parreira. *Itinerário* representa a revista parisiense que é simbolizada por um peregrino carregando uma cruz nas costas. A revista *Permanência* possui um significado especial e a origem encontra-se no Evangelho de São João, capítulo XV, onde: “[...], em poucas linhas, o verbo permanecer é repetido onze vezes, e onde se vê que *Permanência* não quer dizer imobilidade e sim fidelidade e vida, já que no tronco da videira, que é Cristo, temos firmeza e seiva, continuidade e crescimentos”.²⁴¹

É interessante se pensar em um pé de uva como símbolo da luta dos grupos integristas católicos. Durante longos dias do ano, a planta permanece seca, sem folhas, aguentando todas as intempéries, reaparecendo com vida por poucos meses. Essa força representa o tradicionalismo cristão e a produção dos seus imaginários que ressurgem em momentos de crise social ou econômica. Como a parreira de uva, assim é o discurso da Igreja Católica integrista. Ela progride porque permanece intacta às mudanças, preservando aquilo que é essencial a sua tradição secular. Os intelectuais cariocas apresentaram uma visão reacionária da sociedade brasileira por meio do combate aos grupos da esquerda e do progressismo católico na imprensa nacional e internacional. Esses foram os inimigos perseguidos pelo grupo *Permanência* nos artigos da revista *Itinéraires* e nos Congressos do *Office* em Lausanne.

No combate ao campo católico, além de Dom Helder Câmara, figura reconhecida por sua luta em favor aos direitos humanos, destacaram-se os primos bispos Dom Ivo e Dom Aloísio nas críticas dos intelectuais cariocas. Como líderes da CNBB, atuaram contra o regime militar e promoveram o auxílio da Igreja às populações indígenas no Brasil por meio do CIMI, além de atuarem denunciando os casos de torturas. Outro personagem bastante atacado por Corção e Fleischman foi Dom Pedro Casaldáliga, principalmente quando se referiram aos conflitos de terra pelo país e ao episódio da morte do padre Bunier, caso este que repercutiu na imprensa internacional. No campo político, o que se desenvolveu foi uma

²⁴¹ Artigo de Apresentação. *Permanência* (out. 1968, p. 1-2).

campanha a favor da ditadura militar a partir de elementos nacionalistas, principalmente nas exposições de Lausanne, e outra campanha em defesa do regime, ao desmentir e justificar os casos das torturas que eram praticadas aos presos políticos durante o período e o extermínio da população indígena com o programa de expansão econômica em direção ao centro-norte do país.

Essa trajetória internacional dos intelectuais Gustavo Corção e Julio Flechman simboliza a aliança que se desenhou entre os membros do centro religioso *Permanência* e da elite civil-militar, ligação que obtivera seu êxito a partir do que se repercutiu no exterior e que foi representado pela recepção do integrismo brasileiro pelos intelectuais franceses. Foi um projeto conveniente para a direita católica que viu quase todos os seus inimigos presos, assassinados e derrotados pela truculência da polícia política do regime. Quase todos, porque diferente da década de 1930, o “comunismo” estava “dentro” da Igreja em 1964. Nesse momento histórico, os setores progressistas conseguiram promover lugares de resistências contra o regime, apesar de algumas perdas com a morte de alguns religiosos e aliados, como o caso do padre Burnier e do padre Antônio Henrique Pereira Neto, auxiliar de Dom Hélder na arquidiocese de Olinda e Recife. Além do caso da CNBB com os primos bispos, tem-se também o exemplo de vários espaços e grupos religiosos que fomentaram o desenvolvimento do pensamento plural no Brasil, não só no eixo Rio-São Paulo, mas também em outros Estados. O *Centro de Estudos e Ação Social* (CEAS) foi uma organização ministrada por Inacianos na Bahia cuja sede serviu de lugar para reuniões de vários intelectuais de esquerda, servindo de base até para reuniões do Partido dos Trabalhadores (ZACHARIADHES, 2010).

Porém, o “inimigo” que existia no seio da instituição não era comunista. O que se projetou nesses espaços da Igreja Católica foi o início da redemocratização política no Brasil em que movimentos e grupos liderados por membros da instituição lutaram pela abertura do regime e pela anistia aos presos políticos que ocorreu em 1979. Com o processo de crise desencadeado por uma gigantesca onda inflacionária no início da década de 1980, o regime militar perdeu força e visibilidade no cenário político. Com o enfraquecimento dos militares no poder e com o arrefecimento da prática da tortura, os “inimigos” perderam força e espaço na construção discursiva do governo, mas ficaram adormecidos no imaginário político brasileiro por algumas décadas, renascendo nos dias de hoje, como uma parreira de uva que persevera e ressurgue com força em determinados períodos.

Nesse novo contexto de redemocratização, e com a morte de Gustavo Corção no final de década de 1970, o discurso da extrema-direita brasileira se desmaterializou na imprensa e no campo político. O grupo *Permanência*, liderado por Julio Fleichman, diminuiu suas

produções durante a década de 1980 e a revista parou de circular no início dos anos de 1990. Consequentemente, o pensamento de Gustavo Corção passou a ser esquecido pelas produções jornalísticas e acadêmicas que abordaram a memória dos derrotados pela ditadura, deixando de “escanteio” a participação daqueles que colaboraram com o regime a partir de projetos de poder.

Sem questionar o talento literário de Gustavo Corção, que se tornou um dos grandes responsáveis pela divulgação da ditadura militar do Brasil no exterior, como afirmaram os integristas franceses, o carioca foi considerado um dos maiores escritores do tradicionalismo católico na América Latina. Na estética de sua escrita, encontra-se o estilo discursivo de Machado de Assis, o realismo de Eça de Queiroz e a ironia refinada de Chesterton. Aliás, a ironia foi uma das marcas do escritor brasileiro nos ataques dirigidos aos membros do clero que denunciaram os abusos do regime. Por ser uma figura reconhecida no exterior e pelos principais nomes da literatura brasileira, Gustavo Corção possuía a legitimação que uma pessoa pública adquire em sua trajetória intelectual. Durante a análise das fontes, a intelectualidade e a genialidade descritiva do escritor foram reconhecidas como a maior herança do projeto desenvolvido pelo grupo *Permanência* pelos franceses, considerado um tesouro perdido das letras portuguesas. Apesar dessa capacidade, seu talento é usado para negar uma realidade e forjar uma memória histórica que submerge nos dias de hoje, negando as torturas e os abusos aos direitos humanos cometidos pela polícia política na época da ditadura militar. Isso prova a importância que a disciplina histórica possui na construção da identidade de uma sociedade que pretende ser democrática e igualitária, ao lançar à luz projetos que procuram a manutenção de uma elite política e econômica no poder.

REFERÊNCIAS

Livros de Corção e Fleischman

CORÇÃO, Gustave. *La Découvert de L'autre*. Barroux: Éditions Sainte-Madeleine, 1987.

_____. *Le Siècle de L'Enfer*. Barroux: Éditions Sainte-Madeleine, 1994.

_____. *Rèflexions sur la mission de la femme*. Avrillé: Éditions du Sel, 2014.

_____. *A Descoberta do Outro*. 11^a edição. Campinas, São Paulo: VIDE Editorial, 2017.

FLEICHMAN, Julio. *O itinerário espiritual da Igreja Católica*. 3^a edição. Rio de Janeiro: Editora Permanência, 2013.

Fontes Primárias

Actes du *Congres de L'Office Internactional*. Laussane.

Revista *Hora Presente*. São Paulo (1968-1974).

Revista *Itinéraires*. Les Presses Bretonnes. Saint-Brieuc (1962-1989).

Revista *Itinéraires*. Nouvelles Éditions Latines. Paris (1962-1989).

Revista *Permanência*. Gráfica Editora Laemmert. Rio de Janeiro (1968-1980).

Arquivo privado de Gustavo Corção (Biblioteca Nacional, seção manuscritos)

AGUIAR, Hernani de. Ofício a Corção. S.I., 3 mar. 1969.

AZEVEDO, Cristina. Relatório das atividades do CDF. 10 mar. 1969.

BLIGNIÈRES, Hugues. Carta a Gustavo Corção. S.I., 28 jun. 1975.

CORÇÃO, Gustavo. Correspondência a Costa e Silva. S.I., 20 jan. 1968.

_____. Correspondência a Dom Helder Câmara. S.I., 24 jun. 1970.

_____. Correspondência a Dom Helder Câmara. S.I., 07 jul. 1970.

_____. Correspondência a Médice. S.I., 06 jun. 1972.

FLEICHMAN, Julio. A Biblioteca Nacional. S.I., 06 out. 1992.

GOVERNO FEDERAL. Diploma de pacificador pelo exército. S.I, 1975.

LIMA, William da Silva. Carta a Gustavo Corção. S.I., 04 set. 1974.

MADIRAN, Jean. Carta a Gustavo Corção. S.I., 25 dez. 1967.

_____. Carta a Gustavo Corção. S.I., 23. Dez. 1973.

_____. Carta a Gustavo Corção. S.I., 21 jan. 1974.

_____. Carta a Gustavo Corção. S.I., 10 fev. 1976.

MARINHO, Roberto. Carta a Gustavo Corção. S.I., 02 fev. 1972.

_____. Carta a Gustavo Corção. S.I., 18 fev. 1975.

_____. Carta a Gustavo Corção. S.I., 30 jan. 1976.

WANDENKOLK, Wanderly. Carta a Gustavo Corção. S.I., 08 ago. 1968.

Internet (Sites Visitados)

Chiré: <http://www.chire.fr/>. Acessado nos anos de 2017 e 2018.

Comissão Nacional da Verdade: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/index.php>. Acessado no dia 28 de dezembro de 2018.

Editora Permanência: <http://www.editorapermanencia.net/>. Acessado em 2018.

Éditions du Sel: <http://www.seldelaterre.fr/>. Acessado em 2018.

FUNAI: <http://www.funai.gov.br/index.php/quem-somos>. Acessado no dia 10 de janeiro de 2019.

Minute: <http://www.minute-hebdo.fr/>, Acessado dia 28 de outubro de 2018.

O Globo: <https://oglobo.globo.com/>. Acessado nos anos de 2018 e 2019.

Permanência: <http://permanencia.org.br/drupal/>. Acessado nos anos de 2018 e 2019.

Présent: <https://present.fr/>. Acessado nos anos de 2018 e 2019.

Rassemblement national: <https://rassemblementnational.fr/statuts-du-rassemblement-national/>. Acessado no dia 10 de outubro de 2018.

Referências Bibliográficas

ALBERIGO, Giuseppe. Critérios Hermenêuticos. In: BEOZZO, José Oscar (org.). *História do Concílio Ecumênico Vaticano II*. João Rezende Costa (Trad.) São Paulo: Paulinas, 1993, p. 13-24.

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Da História Religiosa à História Cultural do Sagrado. *Ciência da Religião – História e Sociedade*, n. 5, 2007, pp. 34-49.

ALTAMIRANO, Carlos. *Para un programa de historia intelectual y otros ensayos*. Buenos Aires: Siglo XXI. Editores Argentinos, 2005.

_____. (dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina. Los avatares de la ciudad letrada en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz, 2010.

ARENDT, Hannah. Verdade e política [1964/1967]. Entre o passado e o futuro. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 283-325.

BARBERO-MARTIN, Jesús. Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Trad: Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

BENDA, Julien. *La Traición de los Intelectuales*. Santiago de Chile: Ediciones Ercilia, 1941.

BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005.

BEREID, José Luis Bendicho Beired. *Sob o signo da nova ordem: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945)*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BETTO, Frei [Carlos Alberto Libânio Christo]. *Batismo de sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Marighella/Dossiê Frei Tito*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

BOBBIO, Norberto. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo, Editora da UNESP, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Tradução: Sérgio Miceli, 3ª ed. São Paulo: ed. Perspectiva, 1992.

_____. *Les Conditions sociales de la circulation internationale des idées*. In : *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 145, décembre 2002. La circulation internationale des idées. p.p. 3-8.

BRUNEAU, Thomas. C. *Religião e Politização no Brasil: A Igreja e o regime Autoritário*. São Paulo: ed. Loyola, 1979.

COMPAGNON, Oliver. Le 68 des catholiques latino-américains dans une perspective transatlantique. In: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Materiales de seminarios, 2008. Disponível em: <www.nuevomundo.revues.org/47243.> Acesso em: 23 de Jun. de 2011.

_____. *Le Maurrassisme en Amérique Latine: étude comparée des cas argentin et brésilien*. In: DARD, Oliver ; GRUNEWALD, Michel (org.). *Chales*

Maurras et L'étranger-L'étranger et Charles Maurras. Paris. Convergence: 2009, p. 283-305.

COSTA, Marcelo Timotheo da. *Um Itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2006.

DUARTE-PLON, Leneide. A tortura como arma de guerra: da Argélia ao Brasil, como os militares franceses exportaram os esquadrões da morte e o terrorismo de estado. RJ: Civilização Brasileira, 2016.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Gustavo Corção: jornalista. In: ABREU, Alzira Alves de (et al.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. RJ: Ed. FGV/CPDOC, 2001.

FRANCHETTI, PAULO. *Estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa*. Cotia, SP: Ateliê, 2007.

GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. 6ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002 a.

_____. *A ditadura escancarada*. 6ª reimpressão. SP: Companhia das Letras, 2002 b.

GOMES, Ângela Maria de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (org.). *Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política*. RJ: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Paulo César. *Os bispos católicos e a ditadura militar brasileira (1971-1980): a visão da espionagem*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GONZÁLEZ, Alexandra Pita [org.]. *Redes Internacionales en América Latina durante la entreguerras*. Ciudad de México: Universidad de Colima; Miguel Ángel Porruã, 2016.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *História da Educação*. Coleção Magistério. Série formação de professor. São Paulo: Cortez, 1990.

KADT, Emanuel de. *Católicos Radicais no Brasil*. Brasília: UNESCO/MEC, 2007.

KOSHY, Susan. *From Cold War to Trade War. Neocolonialism and Human Rights*. Social Text. N° 58, 1997.

LAFAGE, Franck. *Du Refus au Schisme: Le traditionalisme catholique*. Paris: Ed. Seuil, 1989.

LÖWY, Michel. *Marxismo e Teologia da Libertação*. São Paulo: ed. Cortez e autores associados, 1991.

LUCA, Tânia R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. Revista Instituto Estadual Brasileiro, SP, 1992.

MICHEL, Florian. De Mrgr. Lefebvre à Mgr Williamson: anatomie d'un schisme. Ed. Lethielleux/Desclée de Brouwer. Paris, 2009.

MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva\Fapesp, 2002.

_____. Modernizando a repressão: a Usaid e a polícia brasileira. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 30, nº 59, 2010.

NAPOLITANO, Marcos. 1964: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2017.

NEUVILLE, Raphaëlle de. *Jean Ousset et la Cité catholique*. Bouère: Dominique Martin Morin, 1998.

ORY, Pascal; SIRINELLI, Jean-François. *Les intellectuels en France: del'affaire Dreyfus à nos jours*. Paris: Armand Colin, 2002.

PAULA, Cristhianne J. de. Gustavo Corção: apóstolo da 'linha-dura'. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 32, nº 63, p. 171-194 – 2012.

_____. *O Bom combate: Gustavo Corção na imprensa brasileira (1953-1976)*. Rio de Janeiro: FGV editora, 2015.

PELLETIER, Denis. *La crise catholique: religion, société, politique en France (1965-1978)*. Paris: Petit bibliothèque Payot, 2002.

PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira Et al. A Igreja Católica: 1945-1970. In: FAUSTO, Boris (org). *A História Geral da Civilização Brasileira, Tomo II. O Brasil Republicano (Economia e Cultura – 1930 a 1964)*. 5ª ed. São Paulo: Difel, 1984, p. 345-380.

POLAT, Emile. «Modernisme» et «Intégrisme». Du concept polémique à l'irénisme critique. In: Archives de sociologie des religions, n. 27, 1969. p. 1-28. Document généré le 15/03/2016.

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Vol. 2. n. 3, 1989, p. 3-15.

REIS FILHO, Daniel Aarão (org). *1968: a paixão de uma utopia*. São Paulo: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

REIS FILHO, Daniel Aarão. [et al.]. *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru-SP: Edusc, 2004 (Coleção História).

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Modernização e concentração: a imprensa carioca nos anos de 1950-1970. In: *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder*. NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C. (organizadores). Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006, p. 426-435.

RICOEUR, Paul. A Memória, a história e o esquecimento. Trad: Alain François. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Cândido Moreira. *A Ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)*. Belo Horizonte: Autêntica/Fapesp, 2005.

ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz. (Orgs.). A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. (vol. I: Europa).

ROMANO, Roberto. Brasil: Igreja contra Estado. Rio de Janeiro: Kairos, 1979.

_____. *Corpo e Cristal: Marx Romântico*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1985.

_____. *Conservadorismo Romântico: origem do totalitarismo*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1997.

SAID, Edward W. Representações do Intelectual: as conferências Reith de 1993. Tradução: Milton Hatoum. São Paulo: Editora Companhia Das Letras, 2005.

SANTOS, Marcos Roberto Brito dos. *Padre José Comblin e a Ditadura Militar: religião, discurso e práticas cristãs nos anos de chumbo (1968-1972)*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Doutor em História. UFBA, Salvador, 2014.

SCALERCIO, Márcio. *Heráclito Fontoura Sobral Pinto: toda liberdade é íngreme*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *Espetáculos das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Nem Preto Nem Branco, Muito Pelo Contrário: Cor e Raça Na Intimidade*. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (org). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 4, 1998.

SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na Sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. Carlos Eduardo Lins da Silva (Trad.). São Paulo: Cia. Das letras, 2001.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Introdução. In: TEIXEIRA, F. C.; MEDEIROS, S.; VIANNA, A. M. (Organizadores). *Dicionário crítico do pensamento da direita: Idéias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2000, p. 11-21.

SIRINELLI, Jean-François. *Intellectuels et passions française: manifestes et pétitions au XX siècle*. Paris: Gallimard, 1990.

_____. *Intellectuels*. In: SIRINELLI, Jean-François. (org.). *Dictionnaire historique de la vie politique française au XX siècle*. 1^o ed. Paris, Quadrige/PUC, 2004, p. 626-631.

SOARES, Gabriela Pellegrino. História das Ideias e mediações culturais: breves apontamentos. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena. *Cadernos de Seminário de Pesquisa. Vol. II*. SP: USP-FFLCH-Humanitas. 2002, p. 87-98.

SOUZA, Glaucio Costa de Souza. *Conflitos teológicos e Políticos da Igreja católica no Brasil presente nos artigos das revistas Hora Presente e Permanência (1968-1974)*. Assis, 2012. 255f.: il.

VALENTE, Rubens. *Os Fuzis e as Flechas: história de sangue e resistência indígena na ditadura*. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro. *Os jesuítas e o apostolado social durante a ditadura militar: a atuação do CEAS*. Salvador: EDUFBA, 2010. 221f.

ANEXO

I- Quadros de Análise

Quadro 3 – Jornais e Revistas com publicações em <i>Permanência</i> (1968-1974)	
Jornais e Revistas da Época	Número de Publicações em Permanência/ Seções utilizadas
Jornais e Revistas do País	
Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i>	Seis publicações em Atualidades, Sinais do Tempo, Documentos e Artigos
Jornal <i>O Globo</i> (RJ)	25 publicações em Janelas, artigos, Sinais dos Tempos e Correspondência.
Jornal <i>Correio da Manhã</i> (RJ)	Uma Publicação na Seção de Artigos
Jornal de <i>São José dos Campos</i>	Uma Publicação na Seção de Sinais dos Tempos
Jornal do <i>Comércio</i> (Recife)	Uma Publicação na Seção de Artigos
Jornal <i>O Estado de Minas</i> (Belo Horizonte)	Duas Publicações em Sinais dos Tempos e Documentos
Jornal <i>do Brasil</i> (RJ)	Quatro Publicações em artigos e Sinais do tempo
Jornal <i>A Folha</i> (Nova Iguaçu)	Uma Publicação na Seção Janelas
Jornal <i>Diário da Tarde</i> (Belo Horizonte)	Uma Publicação na Seção de Janelas
Jornal <i>Correio do Povo</i> (Porto Alegre)	Uma Publicação na seção de Artigos
Jornal <i>Diário de Notícias</i> (RJ)	Uma Publicação na Seção de Documentos
Jornal <i>Última Hora</i> (RJ)	Uma Publicação na Seção de Documentos
Revista <i>Ele e Ela</i>	Uma Publicação na seção Sinais dos Tempos
Revista <i>Brasileira de Estudos</i>	Uma Publicação na Seção Sinais dos Tempos
Revista de <i>Teatro</i>	Uma Publicação na Seção de Artigos
Revista <i>Manchete</i>	Uma Publicação na Seção de Artigos
Revista <i>O Cruzeiro</i>	Uma Publicação na Seção de Documentos
<i>Cadernos Germanos Brasileiro</i>	Uma Publicação na Seção de Artigos

Jornais e Revistas Católicas do País	
Jornal <i>Catolicismo</i> (TFP)	Uma Publicação na Seção de Sinais dos Tempos
Revista <i>Vozes</i> (Petrópolis)	Duas Publicações na Seção de Artigos
Revista <i>Liturgia e Vida</i>	Uma Publicação na Seção de Documentos
Revista <i>Eclesiástica Brasileira</i> (Petrópolis)	20 Publicações em Artigos e Publicações Relativas à Fé.
<i>Noticiário da Cruzada</i>	Uma Publicação na Seção de Janelas
Revista <i>Nosso Tempo</i>	Uma Publicação na Seção Janelas
Programas de Rádio	
<i>A Voz do Pastor</i> (Porto Alegre)	Três Publicações na Seção de Documentos
<i>Ministério da Educação</i>	Duas Publicações na Seção Sinais dos Tempos
Jornais e Revistas da França	
Jornal <i>Le Monde</i> (Paris)	Uma Publicação na Seção Artigos
Revista <i>Fígaro</i> (Paris)	Duas Publicações na Seção de Artigos
Revista <i>Paris-Match</i> (Paris)	Duas Publicações na Seção de Artigos
Revista <i>L'Homme Nouveau</i> (Paris)	13 Publicações em Documentos, Artigos e Temas Atuais
Revista <i>Permanences</i> (Paris)	Uma Publicação na seção de Artigos
Revista <i>Itinéraires</i> (Paris)	Oito Publicações em Artigos e Espiritualidade
Revista <i>La Documentation Catholique</i>	Duas Publicações na Seção de Artigos e Editorial
Revista <i>de la Presse Internationale</i>	Uma Publicação na Seção de Sinais dos Tempos
<i>Informations Catholiques Internationales</i> – IDOC	Duas Publicações na seção de Artigos
Revista <i>Défense Du Foyer</i>	Duas Publicações em Sinais dos tempos e Artigos
<i>Les Infomations Politique et Socials</i>	Uma Publicação na seção Sinais dos Tempos
Revista <i>L'Aurore</i>	Uma Publicação na seção Janelas
Revista <i>Nova et Vetera</i> (Paris)	Uma Publicação na seção de Artigos
Revista <i>Ephemerrides Theological Louvanienses</i>	Uma Publicação na seção de Janelas
<i>Cahiers de l'actualité Religieus et Social</i>	Uma Publicação na seção de Janelas
Jornais e Revistas da Itália	
Revista <i>L'Osservatore Romano</i> (Cidade do Vaticano)	Nove Publicações em Janela, Artigos, Letra e Arte e Cathedra Petri

Jornal <i>Il Tempo</i>	Duas Publicações na seção de Artigos
Revista <i>La Civiltà Cattolica</i> (Roma)	Uma Publicação na Seção Janelas
Revista <i>Relazione</i>	Cinco Publicações em Artigos e Correspondência
Jornais e Revistas da Espanha	
Revista <i>Verbo</i> (Madri)	Uma Publicação na seção de Artigos
Revista <i>Roca Viva</i> (Madri)	Duas Publicações na seção Artigos
O <i>Cruzado Español</i>	Duas Publicações na Seção de Artigos
Jornais e Revistas de Portugal	
Revista <i>Resistência</i> (Lisboa)	Sete Publicações na seção de Artigos
Revista <i>A Ação</i> (Lisboa)	Uma Publicação na seção de Artigos
Jornal <i>Novidades</i> (Lisboa)	Uma Publicação na seção Sinais dos Tempos
Jornais e Revistas da Argentina	
Revista <i>Universitas</i> (PUC-Argentina)	Uma Publicação na Seção de Artigos
Revista <i>Roma</i>	Uma Publicação na Seção de Atualidades
Revista do Chile	
<i>A Cruz</i>	Uma Publicação na Seção de Artigos
Revista <i>el Clarín</i>	Uma Publicação na seção Sinais dos Tempos
Revistas da Rússia	
<i>O Pravda</i>	Uma Publicação na seção de Artigos
Jornal dos Estados Unidos	
Revista <i>Times</i>	Uma Publicação na Seção de Artigos

Fonte: Revista *Permanência* (1968-1974).

Quadro 4 - Cartas, Telegramas e Ofícios Públicos de Gustavo Corção

Nomes	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78
Armando Dias do Azevedo Total: 19		02/02 (D)	17/06 (A)		01/11 (C) 03/12 (B)		11/10 (C)	04/04 (D)		12/02 (D) 15/04 (A) 28/04 (G) 06/05 (B) 09/05 (B) 31/05 (B) 08/06 (C) 27/07 (B) 14/10 (D) 02/12 (G)	01/09 (B/G)	13/12 (B)	23/03 (E)		
Arthur de Castro Borges Total 05										05/04 (B)	16/05 (B) 13/12 (B)			28/07 (B)	28/05 (A)
Ayres dos Santos Total: 05			23/09 (C)		09/08 (B) 10/10 (E)	27/03 (A)				16/11 (B)					
Cônego Ludovico Rosano								06/08 (A)		12/02 (B)	07/02 (B)				

Total: 07									22/03 (D)	16/09 (A) 19/09 (C) 22/11 (C)				
Dulce Magalhães Total: 06					03/02 (A)				01/12 (B)	16/02 (D) 05/04 (B) 13/04 (A) 24/05 (B)				
Ernest Fromm Total: 11					17/12 (A)		07/11 (B)	17/12 (B)	30/05 (C) 04/09 (B)	15/07 (B) Dez. (B)	31/05 (B) Ago. (B)		16/12 (B) 17/12 (B)	
Francisco Almeida Ribeiro Total: 06					15/08 (A/D)		01/05 (D) 28/05 (B)	05/02 (D)				02/04 (C)		30/09 (B)
Francisco de Salles Total: 05	07/05 (B)	06/02 (A)			25/12 (B)			09/10 (B)					23/03 (D)	
Frei Tomas de Aquino Total: 05												13/04 (B/G)	04/07 (G)	09/01 (G) 27/11 (G) 03/03 (B)
Gladstone Chaves de Mello Total: 12	14/05 (F) 05/09 (B/F)						20/03 (B)		30/04 (G) 21/05 (B) 17/12	08/02 (D) 23/03 (D) 04/06	08/05 (H) 14/06 (D/H)			

													30/07 (G) 06/08 (G) 17/12 (B/G) 29/12 (B) 10/02 (G)		
João Bigotte Chorão Total: 05							08/11 (C)			09/09 (G)	15/12 (B)			15/01 (B) 15/06 (C/G)	
Jurema Lopes Total: 08					09/07 (A) 25/09 (B)				29/06 (C) 18/07 (B) 03/12 (B) 19/12 (B)	12/11 (A/H) 16/12 (B)					
Manuel Pedro da Cunha Cintra Total: 07			03/09 (E)			17/05 (A)	04/03 (B)	17/12 (B)	23/08 (C)	30/10 (A)	09/02 (C)				
Max Basile Total: 27						12/01 (B) 18/05 (B)		07/03 (B) 10/05 (B)	19/05 (B) 22/09 (A) 01/10 (A) 15/12 (B)	04/02 (D) 13/12 (B)	16/05 (B) 12/06 (D) 09/10 (B) 01/12 (B)	10/01 (A) 12/05 (A) 07/10 (B) 14/12 (B)	27/02 (A) 15/12 (B) Dez. (B)	25/08 (A) 30/09 (B)	03/01 (A) 07/06 (A)

											12/12 (B)	Dez. (B)			
Monsenhor Lauro Fraga				31/05 (C)			22/08 (A)			06/07 (B)	19/08 (C)				
Total: 07				25/08 (A)						07/09 (B)					
				25/11 (C)											
Mozart Soriano Aderaldo					26/06 (E)	03/05 (D)				23/02 (D)					
Total: 08					27/08 (D)					28/06 (B)					
					12/08 (C)					15/08 (A)					
					18/12 (C)										
Nícia de Noronha Guarani			23/07 (B)	26/10 (B)					11/02 (B)	07/01 (C)	13/09 (B)				
Total: 09									02/03 (B)	02/03 (D)	16/09 (B)				
									24/11 (C)						
Padre Antônio Loebman			17/07 (A)	25/09 (A)					29/08 (A)	24/12 (C)					
Total: 05			20/10 (D)												
Padre Bernard Bouts					11/10 (E)	09/12 (G)				28/12 (G)	05/02 (B)	09/01 (G)			14/04 (B/G)
Total: 12										29/12 (G)	04/04 (B)				25/04 (G)
											29/05 (G)				
											12/06 (G)				
											03/12				

											(G)				
Padre Jean Marie Barcelonn e										25/12 (B)	(!) (A)	06/06 (A) 05/12 (B)	(!) (A) 05/12 (B)		
Total: 06															
Padre José Maria Fernandes Collaço					05/06 (A)	03/09 (A)	08/05 (C) 15/05 (E) 20/06 (A)								
Total: 05															
Padre Orlando Machado				31/08 (B)	24/06 (D)		19/12 (B)		30/01 (B) 27/03 (B) 27/12 (B)	29/05 (B) 24/06 (C) 14/09 (B/G)					
Total: 09															
Paulo Rodrigues				15/09 (B)						08/07 (B)	11/06 (C) 02/10 (D) 25/11 (D)	05/12 (D)			
Total: 06															
Pedro Alves de Siqueira							19/09 (A)	(?) (A) Abril. (B)	06/07 (A)	09/06 (A) 22/08 (B)	25/01 (D)				
Total: 07															
Roberto Marinho									02/02 (D)		11/07 (B)	18/02 (C)	30/01 (D*)		Jan (B)
Total: 05															
Rubens Pôrto							18/03 (B)		02/03 (B)	08/09 (C) 20/11 (B)		07/08 (B)			
Total: 05															
Sobral Pinto	12/ 03	30/ 04	09/05	12/01	03/01	11/06			28/01	20/02	03/01	06/10			

Total: 29	(E)	(D)	(B)	(B)	(D/F)	(D/F)			(D)	(D)	(B)	(H/D)			
		03/05	12/05	23/01	24/02					07/03					
		(D)	(D)	(D)	(D)					(D)					
		(D)	16/05	25/02	04/03					12/03					
		21/05	(D)	(C)	(D)					(D)					
		(D)	11/06	13/11	11/03										
			(D/F)	(B)	(B)										
			30/07	14/11	06/06										
			(D)	(D)	(D)										
			08/08	24/11	12/06										
			(D)	(C)	(B)										
			10/08	14/12	23/07										
			(H/D)	(D)	(D)										
			27/06		21/09										
			(B)		(E)										
			27/06												
			(F)												

Fonte: Acervo Gustavo Corção (Biblioteca Nacional de História do Rio de Janeiro).

Quadro 5 - Cópias de cartas enviadas por Gustavo Corção

1964	12/03 Ao <i>Alceu Amoroso Lima</i> sobre assuntos do <i>Centro Dom Vital</i>					
1966	19/07 Ao <i>Dom Vicente Scherer</i> afirmando que tem combatido firmemente o modernismo	12/08 Ao <i>Dom Geraldo de Mileville</i> solicitando orações.	23/10 Ao <i>Frei Orlando dos Reis</i> fazendo duras críticas.			
1967	25/12 Ao <i>Jean Madiran</i> elogiando <i>Maritain</i> e pedindo a autorização para traduzir os editoriais da revista <i>Itinéraires</i> .					
1968	20/01 Ao <i>presidente Costa e Silva</i> solicitando a nomeação junto ao Governo Federal de <i>Gladstone Chaves de Melo</i> para o CFC.					
1969	14/04 Ao <i>Frutuoso Pereira Ramos</i> recusando o convite em participar da Irmandade do santíssimo Sacramento da Candelária.	19/03 Ao <i>Padre Domingos</i> , acusando recebimento da carta.	19/03 Ao <i>Padre Jacques Loew</i> falando sobre a contenda com o padre Pierre.	07/03 Ao <i>Padre Jacques Loew</i> , criticando o progressismo		
1970	15/05 Ao <i>Francisco de Alkemida Ribeiro</i> acusando recebimento de carta.	24/06 À <i>Dom Helder</i> escrevendo que não deseja o mal dele.	07/07 A <i>Dom Helder</i> criticando sua entrevista ao <i>L'Express</i> sobre torturas	28/08 Ao <i>Paulo Francis</i> respondendo o seu artigo que saiu no jornal <i>O Pasquim</i> 20-26/08/70	10/11 Ao <i>Ernest Fromm</i> comentando suas críticas ao seu livro	
1971	17/01 Ao <i>Dom Eugênio Salles</i> criticando sua carta dirigida a Corção.	20/01 Ao <i>Jean Ousset</i> criticando a Igreja Brasileira, explicando <i>Permanência</i> e agradecendo a gentileza a Helena.	06/02 Ao <i>Pierre Favre</i> se apresentando e indicando a amizade com <i>Robert Brasillach</i> , traçando considerações sobre um livro.	08/02 Ao <i>Jacques Perret</i> perguntando sobre um Livro.	30/06 Ao <i>Dom Eugênio Sales</i> explicando o artigo sobre <i>Dom Ivo Lorscheider</i>	13/12 Ao <i>Dom Eugênio Salles</i> enviando cópias dos seus textos.

					<i>Permanência um artigo de Itinéraires.</i>	
1975	(?) Ao Jean Madiran perguntando sobre sua saúde. (?) A Geneviève Arfel sobre sua saúde e de sua mãe.	Fev. Ao Jean Madiran contando que sua situação com Roberto Marinho é complicada e das relações tortuosas com Monsenhor Boaventura Cantarelli . 07/02 Ao Roberto Marinho comunicando a sua disposição em aceitar sua solicitação de 30/01/1976	05/06 Ao Hermenegildo Adami Carvalho , assuntos particulares. 09/06 Ao General Cesar Montagna Souza acusando o recebimento de sua carta e do seu material sobre o Congresso Eucarístico, pedindo permissão para usar sem citar nomes.	31/07 Ao Evandro Carlos de Andrade comentando sobre seus escritos. 31/07 Ao Roberto Marinho felicitando pelo ano.	18/10 Ao Jean Madiran autorizando a publicar seus artigos do Globo.	24/11 General Sebastião José Ramon de Castro acusando recebimento do Telex.
1976	(?) Carta a Jacques Perret sobre a viagem de Geisel à Ruropa. (?) Ao Jean Madiran contanto caso do Roberto Marinho . (?) Ao Jean Madiran contando q o caso do Roberto Marinho está encerrado. (?) Ao Jean Madiran artigos de <i>O Globo</i> .	01/02 Ao Jean Madiran comentando sua divergência com bispos no Brasil e que Roberto Marinho não apoia seu posicionamento contra o Papa. 01/02 Ao Roberto Marinho pedindo que responda sua carta.	18/05 Ao Marcel De Corte comentando sobre a dificuldade de escrever e que o admira.	18/06 Ao coronel Renato sobre o histórico de seus serviços prestados ao exército, solicitando sua intervenção junto à secretaria do IME.	22/07 Rompimento com Dom Avelar Brandão Vilela .	29/11 Ao Jean Madiran informando que escreveu os artigos para a revista francesa.
1977	11/12 Ao Casal Arfel falando sobre a amizade com o Padre Bernard Bouts e que através dele conheceu outros franceses.	29/12 Ao Hugues Kéraly intenção de escrever um livro em francês e pedindo ajuda no projeto.				
1978	13/02 Ao Mario Teles de Oliveira acusando o recebimento do	Jun. Ao Coronel Edmirson Maranhão felicitando pela	16/06 Ao José Gonçalves da Costa (CNBB), acusando	16/06 Ao Max Basile e sua esposa, boas festas.		

	seu trabalho.	conquista de chefia	recebimento de carta.			
--	---------------	------------------------	--------------------------	--	--	--

Fonte: Fonte: Acervo Gustavo Corção (Biblioteca Nacional de História do Rio de Janeiro)

Quadro 7 – Principais escritores de *Itinéraires*

Principais Escritores			
Intelectuais	Nacionalidade	Formação/Profissão	Grupos Católicos/Políticos (Redes e Circuitos de sociabilidade)
Louis Salleron (1905-1992) - 197 artigos	- Francês	Formação: Licenciado em Letras/ Doutor em Direito. Profissão: Professor, Conferencista, Escritor, Jornalista, Ministro de Vichy (agricultura)	Grupos : <i>Centre d'études politiques et civiques</i> e <i>Action Française</i> (1924). - Periódicos : <i>Revue Universelle</i> , <i>Courrier Royal</i> , <i>Carrefour</i> , <i>Combat</i> , <i>L'Insurgé</i> , <i>Idées</i> .
Jean Arfel (1920-2013) pseudônimo Jean Madiran - 158 artigos	- Francês	Formação : <i>École Supérieure de Paris</i> (1941)/ <i>Diplôme d'études supérieures</i> . Profissão: Ensaísta <i>Maurrasiano</i> , jornalista, professor e editorialista político sob o pseudônimo <i>de Jean-Louis Large</i> .	Grupo : <i>Action Française</i> , Fundador da <i>Revue Itinéraires</i> (1956) e <i>Présent</i> (1982). Periódicos : <i>La Liberté du Sud-Ouest</i> , <i>La Nouvelle Guyenne</i> , <i>Revue Universelle</i> , <i>Rivarol</i> e <i>Présent</i> .
Henri Charlier (1883-1975) - 63 artigos D. Minimus (pseudônimo) - 66 artigos	- Francês	Formação : <i>École des beaux-arts de Paris</i> . Profissão: Pintor e Escultor, Ensaísta de música e artes e escritor.	Grupos: <i>Maison d'édition Dominique Martin Morin</i> .
George Laffly (1932-2008) - 117 artigos	- Francês	Profissão: Jornalista, crítico literário e ensaísta francês.	Periódico : <i>La Nation Française</i> , <i>Itinéraires</i> , <i>Minute</i> , <i>Le Spectacle du Monde</i> , <i>L'Aurore</i> .
Roger Thomas Calmel O.P (1914-1975)	- Francês	Formação: Ordem dos Dominicanos (1936). Profissão: Escritor, jornalista e religioso.	Periódicos: <i>Revue dominicaine</i> , <i>Revue Thomiste</i> .

- 109 artigos			
Jean Crété - 90 artigos	- Francês	Formação: Clérigo Católico. Profissão: Religioso.	Periódicos: <i>Itinéraires</i>
Hugues Kernaly (1947 -) - 85 artigos	- Francês	Profissão: Professor, escritor, repórter televisivo (<i>Le Galiléen</i>).	Periódicos: <i>Reveu Présent</i> .
Thomas Molnar (1921-2010) - 74 artigos	- Húngaro/ Norteamericano	Formação: Formado em filosofia católica, História e Teoria Política. Profissão: Professor, escritor e jornalista.	Grupos: Fundador da <i>Una Voce America</i> , de cunho Tridentino. Periódicos: <i>National Review</i> (EUA).
Jean. B. Morvan - 73 artigos			
Marcel de Corte (1905-1994) - 72 artigos	- Belga	Formação : <i>École Normale Supérieure du Paris</i> . Profissão: Professor e jornalista belga.	Periódicos: <i>La Libre Belgique</i> , <i>La Nation Française</i> .
Alexis Curvers (1906-1992) - 71 artigos	- Belga	Formação: <i>Université de Liège</i> . Profissão: Romancista, principal livro: <i>Tempo di Roma</i> e jornalista.	Periódicos: <i>Les Cahiers Mosans</i> , <i>Le courrier des poètes</i> , <i>La Gaillarde</i> . <i>Revue Générale Belda</i> , <i>Lecture et Tradition</i> .
Jacques Perret (1901-1992) - 53 artigos	- Francês	Profissão: Escritor/romancista, jornalista e cronista.	Periódicos: <i>Je Suis partout</i> .
Dom Gérard Calvet (1927-2208) - 17 artigos BENEDICTUS (pseudônimo) - 35 artigos	- Francês	Formação: <i>École des Roche</i> Profissão: <i>Ordre de Saint-Benoît</i> , escritor e jornalista.	Grupos: <i>Centre Henri et Andre Charlier</i> . Periódicos : <i>L'Homme Nouveau</i> .

Gustavo Corção (1896-1978) - 51 artigos	- Brasileiro	Profissão: Professor, romancista, jornalista e cargo público (ministério da Educação).	Grupos: <i>Centro Dom Vital</i> e <i>Permanência</i> (1968). Periódicos: <i>A Ordem, Hora Presente, Permanência, O Globo.</i>
Colaboradores Principais			
Gustave Thibon (1903-2001) - 49 artigos	- Francês	Profissão: Escritor/romancista e jornalista	Periódicos: <i>Revue Thomiste, Revue Philosophie, Les Études carmélitaines, France catholique, L'Homme Nouveau.</i>
Jean-Marc Dufour - 47 artigos			
Luce Quenette (1904-1977) - 47 artigos	- Francesa	Profissão: Escritora e pedagoga.	Periódicos: <i>La Lettre de la Péraudière.</i>
Antoine Barrois - 38 artigos	-		
François Brigneau (1919-2012) Well Emmanuel Allot (nome real) - 38 artigos Pseudônimos: - Mathilde Cruz - 01 artigo - Julien Guernec - Edmundo Eallot - Caroline Jesus	- Francês	Profissão: Jornalista, escritor e editor de revistas e jornais.	Grupos: <i>Front National, Membre de Milice française, Association des amis de Robert Brasillach</i> Periódicos: <i>Paroles Françaises, Rivarol, L'Auto-journal, L'Autore, National-Hebdo, Minute e Présent.</i>

André Guès - 37 artigos			
Paul Bouscaren - 36 artigos			
Michel Saint-Pierre (1916-1987) - 32 artigos	- Francês	Formação: Bacharel em Filosofia e licenciado em Letras Clássicas. Profissão: escritor e jornalista.	Grupos: <i>Parti des forces nouvelles, Éditions de la Table Ronde et Éditions France-Empire.</i> Periódicos : <i>Courrier français, La Nation Française, Carrefour e Présent.</i>
Alain Sanders Alains Potier (nome real) (1947-) - 31 artigos Pseudônimo: Oliver Malentraide	Marroquino/Francês	Formação: <i>Université Paris-Nanterre</i> (doutor em Letras) Profissão: romancista e jornalista.	Grupos: <i>Fédération Nationale des étudiants de France, Restauration National.</i> Periódicos: <i>L'AF Université e Présent.</i>
Guy Rouvrais (1946-) - 31 artigos	- Francês	Profissão: Professor de filosofia e jornalista.	Periódicos: <i>Présent.</i>
Outros colaboradores			
Chanoine R. Vancourt (1902-1978) - 29 artigos	- Francês	Profissão : Professor de Filosofia et de Lettres à la Faculté libre des lettres et Sciences Humaines	Periódico: <i>Itinéraires</i>
Yves Daoudal (1951-) Hérve Kerbouc'h (nome real) Hervé Pennven	- Francês	- Profissão: escritor, jornalista.	Grupo: <i>Front Nacional, Centre Henri et André Charlier, Chrétienté-Solidarité.</i> Periódicos: <i>Sau Breizh, présent, National_hebdo, la Pensée Catholique, Daoudal</i>

(pseudônimo)			<i>Hebdo.</i>
- 29 artigos			
Bernard Bouts (1909-1986)	- Francês	Profissão: escultor e Pintor.	Periódicos: <i>Itinéraires</i>
- 26 artigos			
Claude Franchet			
- 25 artigos			
André Charlier (1895-1971)	- Francês	Formação: <i>École des Roches</i> Profissão: professor, escritor e pedagogo.	Periódicos: <i>Les Cahiers de Maslacq.</i>
- 21 artigos			
Henri Rambaud (1899-1974)	- Francês	Profissão: professor de letras nas <i>Facultés Catholique de Lyon.</i> Profissão: jornalista e escritor.	Periódicos: <i>Le Nouvelliste de Lyon, La Nouvelle Revue Française, La Revue Universelle, Témoignage Chrétien.</i>
- 20 artigos			
Père Emmanuel			
- 20 artigos			
Abbé V. –A. Berto (1900-1968)	- Francês	Formação: Letras e Medicina, Ordem dos Dominicanos (1920) Profissão: professor e escritor.	Grupo: <i>Action Française.</i> Periódicos: <i>La Pensée Catholique.</i>
- 19 artigos			
Amiral Paul Auphan Gabriel Paul Auphan (1894-1982)	- Francês	Profissão: Militar, Secretário do Estado da Marinha no governo de <i>Vichy</i> , escritor e jornalista.	Grupos: <i>L'Association des écrivains catholique.</i>
- 19 artigos			
PEREGRINUS			
- 19 artigos			
Maurice de Charette			

- 17 artigos			
Mgr. Marcel Lefebvre (1905-1991) - 17 artigos	- Francês	Formação: <i>Institution Libre du Sacré-Coeur, Seminário Francês de Roma, Congrégation du Saint-Espirit.</i> Profissão : religioso.	Grupo: <i>Fraternité Sacerdotale Saint-Pie X.</i> Periódicos: <i>Figaro, Présent.</i>
Jacques Vier (1903-1991) - 16 artigos	- Francês	Profissão: professor, escritor, jornalista.	Periódicos: <i>La Pensée Catholique</i>
Henri Massault - 15 artigos			
Júlio Fleichman - 15 artigos	- Brasileiro	Formação: Direito. Profissão: advogado, jornalista e escritor.	Grupo: <i>Centro Dom Vital e Permanência.</i> Periódicos: <i>Hora Presente e Permanência.</i>
Rèmi Fontaine (1956-) - 15 artigos	- Francês	Profissão: professor, jornalista e ensaísta.	Grupo: <i>Fédération Catholique des étudiants de France, Centre Henri et André Charlier, Mouvement de la Jeunesse catholique du France.</i> Periódicos: <i>Disputation e Présent.</i>
Roland Gaucher (1919-2007) Roland Goguillot (nome real) Michel Roland Valterus (pseudônimo) - 15 artigos	- Francês	Profissão: Homem Político, jornalista e escritor.	Grupo: <i>Front National, Partit des Forces Nouvelles.</i> Periódicos: <i>EstOuest, L'Auto-journal, Minute, Initiative Nationale, National-Hebdo, le Crapousillot, Vox NR (rádio).</i>
Danièle Masson (1944-) 13 artigos	- Francesa	Formação: <i>Sorbonne (Letras Clássicas)</i> Profissão: professora, jornalista e escritora.	Grupo: <i>Centre Henri et André Charlier.</i> Periódicos: <i>Présent, L'Escritoire, Réseau-regain (site).</i>

Dominique Daguet (1938-) - 13 artigos	- Francês	Profissão: escritor, poeta e jornalista.	Periódicos: <i>Les Cahiers Bleus</i> .
Edith Delamare - 13 artigos			
Abbé Raymond Dulac (1903-1987) - 12 artigos	- Francês	Formação: <i>Séminaire Français de Roma</i> . Profissão: religioso, escritor e jornalista.	Periódicos: <i>La Pensée Catholique</i> e <i>Le Ouvrier de Rome</i> .
Madame France Beaucaudray - 12 artigos	- Francesa	Profissão: escritora e jornalista.	Periódicos: <i>Cité Catholique</i> e <i>Plaisir de Lire</i> .
Paul Peraud-Chaillet - 12 artigos			
Armand Mathieu - 11 artigos			
Jacques Dinfreville (1901-1986) Pierre d'Esveval (nome real) - 11 artigos	- Francês	Profissão: Militar, escritor e jornalista.	Periódicos: <i>Miroir de l'Histoire</i> , <i>Nouvelles de l'Eure</i> , <i>Écrits de Paris</i> , <i>Histoire</i> .
Marie Carre (11 artigos)			

Fonte: Revista *Itinéraires* (1962-1989).

Quadro 8 - Artigos de Gustavo Corção publicados na revista *Itinéraires*

	Projeto Cultural/Religioso		Projeto Político
	Antiprogressismo	Antimodernismo	Defesa/Propaganda
1973			- <i>Comment le Brésil s'est libéré</i> (Nov. n. 177) - <i>Singularité du Brésil</i> (Dez. n. 178)
1974	- <i>Lettres du Brésil</i> (Abr. n. 182) - <i>Lettres du Brésil</i> (Mai. n. 183) - <i>Conversations Brésiliennes</i> (Nov. n. 187) - <i>Lettres du Brésil</i> (Dez. n. 188)	- <i>Mon désir est-il de plaire aux hommes</i> (Mar. n. 181)	- <i>Le Brésil à Lausanne</i> (Jan. n. 179)
1975	- <i>Lettres du Brésil</i> (Jan. 189) - <i>Conversations Brésiliennes</i> (Mar. n. 191) - <i>Conversations Brésiliennes</i> (Jun. n. 194)		- <i>On nous avait menti</i> (Dez. 1975)
1976	- <i>Deux Pasteurs</i> (Jun. 204) - <i>L'Église militante et l'autre</i> (Nov. n. 207) - <i>Le Monachisme de saint Benoît</i> (Dez. 208)		- "Contrastes et Comparaisons" (Abr. n. 202)
1977	- Ce que j'ai re (vu) en France (Fev. 210) - <i>La Révolution anarchiste et l'Église conciliaire</i> (Mar. n. 211) - <i>Brésil 1935-1976: du Komintern à la CNBB</i> (Abr. n. 212) - <i>Brillantes Monstruosités a la une de L'Osservatore romano</i> (Nov. n. 217)	- <i>L'anthropo-ex-centrisme</i> (Jan. n. 209)	- <i>Le devoir d'aujourd'hui</i> (Dez. n. 218)
1978	- <i>L'Autre</i> (Mai. n. 223) - <i>Le retour de Dom Helder</i> (Jun. n. 224)		- <i>La Révolution nationale au Brésil</i> (Jul/Ago. n. 225)
1979			
1980	- <i>La Stabilité bénédictine</i> (Set/Out. n. 246)	- <i>La Découverte de l'Autre</i> (Mai. n. 243) - <i>La Découverte de l'Autre</i> (Jun. n. 244) - <i>La Découverte de l'Autre</i> (Jul/Ago. n. 245) - <i>La Découverte de l'Autre</i> (Dez. n. 248)	
1981		- <i>La Découverte de l'Autre</i> (Jan. n. 249) - <i>La Découverte de l'Autre</i> (Fev. n. 250) - <i>La Découverte de l'Autre</i> (Mar. n. 251) - <i>La Découverte de l'Autre</i> (Abr. n. 252) - <i>La Découverte de l'Autre: Chesterton et Maritain</i> (Mai. n. 253)	

		<ul style="list-style-type: none"> - <i>La Découverte de l'Autre: Aux portes d'un royaume</i> (Jun. n. 254) - <i>La Découverte de l'Autre: Et nous nous glorifions de cette croix</i> (Jul/Ago. n. 255) - <i>La Découverte de l'Autre: Encore un peu de temps</i> (Nov. n. 1981) - <i>La Découverte de l'Autre: Vade Retro</i> (Dez. n. 1981) 	
1982		- <i>La Découverte de l'Autre: Dans La lumière de la Charité</i> (Jan. n. 1982)	
1986			- <i>LEVERTUS militares</i> (Mai. n. 303)
1987		<ul style="list-style-type: none"> - <i>Le Siècle de L'Enfer - Introduction</i> (Fev. n. 310) - <i>Le Siècle de L'Enfer - Introduction</i> (Abr. n. 312) - <i>Le Siècle de L'Enfer - (Parte I e II - Jun. n. 314)</i> - <i>Le Siècle de L'Enfer - (Parte III e IV - Dec. n. 318)</i> 	
1988		<ul style="list-style-type: none"> - <i>Le Siècle de L'Enfer - (Parte Parte X e VI) - Jan. n. 319)</i> - <i>Le Siècle de L'Enfer - (Parte VII - Mar. n. 321)</i> - <i>Le Siècle de L'Enfer - (Parte VIII - Abr. n. 322)</i> - <i>Le Siècle de L'Enfer - (Parte IX - Jun. n. 324)</i> 	
1989		<ul style="list-style-type: none"> - <i>Le Siècle de L'Enfer - (Parte X - Abr. n. 332)</i> - <i>Le Siècle de L'Enfer - (Parte XI - Mai. n. 333)</i> - <i>Le Siècle de L'Enfer - (Parte XII. Jun. n. 334)</i> 	

Fonte: Revista *Itinéraires* (1975-1989).

Quadro 9 - Artigos de Gustavo Corção publicados na revista <i>Permanência</i>			
	Projeto Cultural/Religioso		Projeto Político
	Antiprogressismo	Antimodernismo	Defesa/ Propaganda
1975 (Ano VIII)	- <i>Pronunciamento Escandaloso</i> (Mar/Abr. n. 77/78)	- <i>Ensina-te a ti mesmo</i> (Jan/Fev. n. 75/76)	
1976 (Ano IX)	- <i>A Instrução “Memoriale Domini”</i> (Jul/Ago. n. 92/93)		
1977 (Ano X)	- <i>Virgo Singulares</i> (Mar/Abr/Mai/Jun. n. 100/101/102/103)	- <i>A Ordem Natural e a Ordem Sobrenatural</i> (Set/Out. n. 106/107)	- <i>Permanência Permanece</i> (Nov./Dez. n. 108/109)
1978 (Ano XI)		- <i>O Pontificado de Paulo VI</i> (Mai/Jun. n. 114/115)	- <i>Tantos e tão poucos</i> (Jan/Fev. n. 110/111)
1978 (Ano XII)	- <i>No Sangue</i> (Jul/Ago/Set/Out. n. 116 a 119)		

Fonte: Revista *Permanência* (1975-1979).

Quadro 10 - Artigos de Julio Fleichman publicados na revista <i>Itinéraires</i>			
	Projeto Cultural/Religioso		Projeto Político
	Anticomunismo	Antiprogressismo	Defesa/Propaganda
1977		- <i>A propôs des Indiens du Brésil</i> (Mai. n. 213)	- <i>Le rôle de l'Armée en Amérique Latine</i> (Fev. n. 210) - <i>Prêtres Tués au Brésil</i> (Mar. N. 211) - <i>Le Brésil religieusement calomnié</i> (Jul/Ago. n. 215) - <i>Le Vatican contre Les droits du Brésil</i> (Nov. n. 217) - <i>Quatre objections au président Carter</i> (Dez. N. 218)
1978	- <i>L'anticommunisme catholique: réponse à un contradicteur à propôs des évêques chiliens</i> (Abr. n. 222)	- <i>Pourquoi l'Amérique latine chancelle</i> (abr. n. 222)	
1979		- <i>Le Prétexte de l'Humilité</i> (Mar. n. 231) - <i>Qu'est-ce qui passe à Nicaragua</i> (Mar. n. 231) - <i>Qu'est-ce qui passe à Puebla</i> (Jun. n. 234)	
1980		- <i>Au Brésil l'argent de la subversion vient de l'Allemagne</i> (Abr. n. 242) - <i>Les "Communautés de base" contre la foi</i> (Mai. n. 243)	
1983		- <i>La résistance du diocèse de Campos</i> (Mar. n. 271)	

Fonte: Revista *Itinéraires* (1975-1989).

Quadro 11 – Artigos de Julio Fleischman publicados na revista *Permanência*

	Projeto Cultural/Religioso		Projeto Político	
	Anticomunismo	Antiprogressismo	Antimodernismo	Defesa/Propaganda
1975 (Ano VIII)		<ul style="list-style-type: none"> - <i>Recordando a História Recente</i> (Jan./Fev. n. 75/76) - <i>Cuidado com os folhetinhos nas Missas</i> (Mai./Jun. n. 78/79) 		
1976 (Ano IX)	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Aspectos significativos do terrorismo mundial</i> (Mar./Abr. n. 88/89) - <i>Aquilo que nos espera, se...</i> (Mai./Jun. n. 90/91) - <i>Torturas e Torturas</i> (Jul./Ago. n. 92/93) 			<ul style="list-style-type: none"> - <i>A História do Brasil e mais rica do que parece</i> (Jan./Fev. n. 86/87) - <i>Em busca do Regime Melhor</i> (Nov./Dez. 96/97)
1977 (Ano X)		<ul style="list-style-type: none"> - <i>Sobre o manifesto dos Bispos</i> (Jan./Fev. n. 98/99) 		<ul style="list-style-type: none"> - <i>A Democracia que nos coage</i> (Jul./Ago. n. 104/105) - <i>Reposta ao padre Werenfried – “Le Project Ama”</i> (Set/Out. n. 106/107) - <i>Dom Hélder Câmara – uma retrospectiva de fatos</i> (Nov./Dez. n. 108/109)
1978 (Ano XI)		<ul style="list-style-type: none"> - <i>Os amigos “não católicos” de Corção</i> (Nov./Dez. n. 120/121) 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Por Cristo, com Cristo e em Cristo</i> (Mar./Abr. n. 112/113) - <i>Em defesa da Vulgata e de tudo mais</i> (Mai./Jun. n. 114/115) - <i>Testemunho</i> (Jul./Ago/Set/Out. n. 116 a 119) 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Totalitarismo e Ditadura são coisas diferentes</i> (Jan./Fev. n. 110/111) - <i>Quatro Objeções ao senhor Carter</i> (Jan./Fev. n. 110/111)
1979 (ano XII)	<ul style="list-style-type: none"> - <i>A Desmoralização do Partido Comunista</i> (Jan./Fev. n. 122/123) 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Puebla Esconde uma Fraude</i> (Mai./Jun. n. 126/127) - <i>As comunidades de Base contra a fé</i> (Jul./Ago. n. 128/129) 		

Fonte: Revista *Permanência* (1975-1979)

Quadro 12 – Intelectuais que se apresentaram nos Congressos do *Office International* e suas nacionalidades

Conferencistas	Congrès de Sion L'Homme face au Totalitarisme Moderne (1,2 e 3/ 05 de 1964)	5 ^{ème} Congrès de Lausanne Culture et Revolution (5, 6, 7/04 de 1969)	7 ^{ème} Congrès de Lausanne Force et Violence (29,30/04, 01/05 de 1972)	8 ^{ème} Congrès de Lausanne L'Éducation des Hommes (13,14,15/04 de 1973)	9 ^{ème} Congrès de Lausanne Pluralisme et Unité (13, 14, 15/04 de 1974)
Albert Vonlanthen – Suíça			<i>Présidence</i>		
Albert Walsh – EUA				<i>Présidence</i>	
Amédée d'Andigné – França	<i>Allocution du président de la première seance</i>	<i>Allocution d'ouverture du Congrès</i>	<i>Allocution d'ouverture du Congrès</i>	<i>Allocution d'ouverture du Congrès</i>	<i>Allocution d'ouverture du Congrès</i>
André Petitjean – Bélgica		<i>Communication : Civiliser la culture et cultiver la civilisation</i>			
André Récipon - França		<i>Allocution</i>			
Antonio da Cruz Rodrigues – Portugal		<i>Présidence</i>		<i>Présidence</i>	
Arnud de Lassus - Francês					<i>La Revoltuiont a avait la Unité</i>
Bernard Couchepin - Francês	<i>Allocution d'ouverture du Congrès</i>				
Bertrand Mc Donall – Australia		<i>Présidence</i>			
Cardinal Ottaviani - Itália			<i>Lettre</i>		
Carlos Sacheri – Argentina		<i>Civilisation et cultures</i>			
Dietrich Von Hildebrand – Alemanha				<i>Présidence</i>	
Etienne Malnoux - Francês		<i>Communication : Techniques d'animation culturelle et conditionnement révolutionnaire</i>			
Eugenio Vegas-Latapie –	<i>Présidence de Eugenio Vegas-</i>				

Espanha	<i>Latapie</i>				
François Gousseau - Francês		<i>Exposé : Culture, compétence, éducation à l'action de groupe</i>			
François-Albert Angers – Canadá		<i>Présidence</i>			
François Saint-Pierre – França	<i>Communication : L'économie au service des hommes</i>	<i>La Révolution ou la culture par l'économie</i>			
Friedrich den Ottolander – Holanda.		<i>Présidence</i>			
General Lane – EUA				<i>Présidence</i>	
Geoffrey Lawman - Grã-Bretanha	<i>Présidence</i>				
Gilbert Zoppi – França				<i>La Famille, les écoles, les universités</i>	
Gustave Thibon - França		<i>Communication : Les valeurs permanentes de la culture</i>	<i>La Violence au service de la liberté</i>	<i>Education et Civilisation</i>	
Gustavo Corção – Brasil				<i>Présidence</i>	
Hamish Fraser – Grã-Bretanha					<i>Présidence</i>
Henri Boissonet - França	<i>Subsidiarité et actions complémentaires</i>				
Henri Fragnière - França	<i>Allocution du président de la séance de clôture</i>				
Henri Rambaud - França	<i>Communication : Le choix nécessaire : totalitarisme ou Catholicité</i>				
Ignacio Gutierrez Laso – Espanha			<i>Force et paix intérieure des nations</i>	<i>L'Eglise, mère et éducatrice des peuples</i>	
Ivone Flour - Luxemburgo					<i>Le proposite d'une de les aspects de la realité fracçaise atuelle.</i>
Jacques Trémolet de Villers – França				<i>L'éducation révolutionnaire</i>	
Jean-Claude Vannec		<i>Sciences et humanisme</i>			

- França					
Jean de Fabrigues - França	<i>Communication : Bernanos devant le totalitarisme</i>				
Jean de Viguerie - França			<i>Origines et développement des terréus révolutionnaires</i>		
Jean-François di Méric - França	<i>Schéma : Les « problèmes des méthodes » : la formation civique</i>				
Jean Madiran – França	<i>Les caractères du totalitarisme moderne</i>	<i>Présidence</i>			
Jean Ousset - França	<i>Communication : Contre le totalitarisme : des hommes de principes et d'action</i>	<i>Communication : Notre Action Culturelle</i>	<i>Forces de l'action politique</i>	<i>Les arguments de notre espoir</i>	
Jean Beauoudray - França		<i>Révolution et culture syndicale.</i>			<i>La necessite de action contre la Revolution.</i>
Jean Jarsaillon - França	<i>Présidence di Dr. Jean Jarsaillon</i>				
Jean-Louis Vidal - França	<i>Présidence du Dr Jean-Louis Vidal</i>				
Jean-Marie Scmitz - França			<i>La Guerre Moderne</i>		
Jean Royer - França			<i>Compte rendu du Forum</i>		
Jedrzej Giertych - Polônia			<i>Présidence</i>		
Jehan de Saint-Chamas - França		<i>Exposé : L'initiative privée, principe de civilisation et cible pour la Révolution</i>			
Jérôme Lejeune - França				<i>Histoire naturelle des hommes</i>	
José L. Ezquerra de la Colina - México				<i>Présidence</i>	
José Pedro Galvão de Souza - Brasil			<i>Vers um groupement de forces contre la subversion</i>		

			<i>universelle</i>		
Juan-Carlos Goyeneche – Argentina	<i>Présidence</i>				
Juan Vallet de Goytisolo – Espanha					
Louis Daujarques - França		<i>Les itinéraires de la révolution</i>			<i>La Unité au service du totalité</i>
Louis Salleron – França			<i>Présidence</i>		
Luc Baresta - França	<i>Les conditionnements totalitaires de l'opinion</i>	<i>Présidence</i>			
Marcel Clément – França		<i>Communication: Les trois Révolutions.</i>		<i>Les finalités de l'éducation.</i>	<i>La naturaliza humane n'est pas pluraliste.</i>
Marcel de Corte – Bélgica			<i>La Vertu de force contre la violence révolutionnaire</i>		
Michel de Saint-Pierre - França	<i>Présidence</i>				
Michel Creuzet - França	<i>Unité doctrinale et diversité d'actions</i>	<i>Exposé: Culture, pédagogie, enseignement</i>			
Michel Gross – Suíça			<i>Présidence</i>		
Michel Pententenyo – França	<i>Schéma : Les « problèmes de méthode » : l'action</i>	<i>Le droit social catholique. Est-il principe de sclérose ?</i>		<i>La formation des hommes par les métiers et les professions</i>	<i>L a Revolution Mundial et la Contre-Revolution</i>
Michel Uldry – Suíça	<i>Communication : Totalitarisme ou libertés politiques</i>			<i>Présidence</i>	
Raoul Follereau - França		<i>Présidence : L'apôtre des Lépreux.</i>			
Raoul Pignat – Suíça		<i>Présidence</i>			
Roger Lovey - Suíça	<i>L'Eglise, l'Etat et l'information</i>				
Victor J. Kulenday – Índia			<i>Présidence</i>		

Fonte: Atas dos Congressos do *Office International*.

II- Fotos e Imagens

Figura 1: Gustavo Corção e Julio Fleischman

Figura 2: Símbolo do grupo *Permanência*

Figura 3: *Permanência*, nº 1, Out./1968.

- Principais representantes e escritores de Itinéraires

Figura 4: Hugues Kèraly (secretário de Itinéraires e amigo de Jean Madrian)

Figura 5: Louis Salleron. (colaborador de *Itinéraires* e editor-chefe de *L'Homme Nouveau*)

Figura 6: Marcel de Corte

Figura 7: Marcel Clément e Jean Madiran.

- Principais Representantes do *Office International*

Figura 8: Jean Ousset e jovens colegiados no Congresso do *Office* em 1973.

Figura 9: Maître Bernard Couchepin - Delegado Geral do *Office International*.

Figura 10: Conde Amédé d'Andigne – Delegado Geral do *Office International*.

Figura 11: Dr. Antonio da Cruz Rodrigues – representante do Office em Portugal.

III- Acervo de Gustavo Corção

(Tabela dos correspondentes de Gustavo Corção)

(Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro - RJ)

[illegible]

						(E)										
Agnus ecio de Meira								13/05 (A)								01
Aíla Gomes						08/12 (A)			08/12 (A)						(?) (A) (?) (A)	04
Aires Montalbo			28/09 (A)													01
Alaor Barbosa dos Santos												04/04 (A)				01
Alay Gandra Martins															12/05 (D)	01
Alba Suzana de Oliveira										22/12 (A)						01
Alberico Andrade Gomes								Set. (D)								01
Alberto Rovai							19/09 (H)									01
Alberto Woods Soares				26/12(C)	03/01 (A)											02
Alberto Yoacham												17/10 (H)				01
Alcides Telles Júnior				26/06 (A)												01
Alda Castellar Rodrigues														01/11 (B)		01
Aldo Basiletti				19/06 (B)												01
Aleksei Bechtejew			15/10 (C)	30/11 (D/H) 08/12 (B)												03
Alexander Stecenko											08/04 (A/H)					01
Alfredo de Paoli										10/02						01

										(D)						
Alfredo Lage					(?) (E)											01
Alfredo Leite						30/05 (B)										01
Alfredo M. Jordão										05/02 (D) 08/02 (D)						02
Alice Neves de Moura							28/05 (A)			10/02 (D)						02
Alice Távora												11/07 (D)				01
Alice Veiga Mitjans									14/09 (B)							01
Alicio da Silva				12/10 (B)												01
Aline da Costa										06/04 (B)						01
Almeida Francisco Ribeiro							(?) (A/D)									01
Almir Moreira Gomes					19/09 (A)											01
Aloísio Lorscheider			21/08 (E)													01
Alvacyr de Faria Collares					25/02 (A)											01
Álvaro A. de Andrade						20/01 (D)										01
Álvaro Monteiro										26/02 (D)						01
Álvaro Tavares														28/11 (B)		01
Amaro Francisco Fidelis									02/07 (A)		03/04 (A)					02
Ambrosina Ferreira										13/02						01

									(D)						
Américo T. Bovo						31/08 (A) 08/10 (E)			27/02 (C)						03
Amilcar Nunes										09/02 (A)					01
Ana Isabel B. Abreu					01/09 (C)										01
Ana Tilde Pentagna				17/09 (C)											01
André Bernard							13/03 (C)								01
André de Faria Pereira Filho										13/02 (D)					01
André Lucq						18/12 (G)									01
André Willième														16/01 (D)	01
Ângela Penteado Barros										02/02 (D)					01
Ângelo Augustinho Antônio Zioni										06/02 (D)					01
Ângelo E. Carrara					30/06 (A)										01
Ângelo Simões Arruda										06/02 (D)					01
Angenor Negrão						21/08 (A)									01
Anna Maria Duarte Nunes C. de Sant'anna											09/01 (A)				01
Anne de Blignière											09/09 (G)				01
Antenor Nascimento Filho							Abril. (A)	26/08 (B)							02
Anthero de Souza												27/11			01

Franco												(D)				
Antonin Lojkasek					01/09 (B)											01
Antônio Américo									08/09 (D)							01
Antônio André Mendonça de Queiroz Teles										28/10 (C)						01
Antônio Aragão						08/04 (A)						28/09 (B) 02/10 (A) 24/11 (D)				04
Antônio Arruda Leme										09/02 (D)						01
Antônio Bandeira Guimarães															17/02 (A)	01
Antônio Bossolane			23/12 (B)													01
Antônio Bulhões						08/07 (B)										01
Antônio Carlos Martins					23/07 (B)											01
Antônio Carlos Villaça					04/03 (D)		19/05 (B) 30/06 (B)									03
Antônio Carril								Dez. (B)								01
Antônio Castro						18/03 (A)										01
Antônio de Pádua Chagas Freitas											02/08 (D) 17/12 (B)		17/1 2 (B)			03

Antônio do Amaral Gurgel			29/09 (A)													01
Antônio dos Santos												18/06 (A)				01
Antônio Domingues Calvo												19/11 (A)		05/11 (A)	02/02 (B)	03
Antônio C. Azevedo									01/09 (D)	09/02 (D)						02
Antônio Carril			01/09 (A)													01
Antônio D'Avila														21/09 (A)		01
Antônio E. Gomide										08/07 (B)						01
Antônio Gallotti						17/01 (A)					28/03 (B)			25/05 (B)		03
Antônio José da Costa Nunes													08/1 1 (B)			01
Antônio Maria Corrêa Soares					17/07 (D)					10/06 (E)						02
Antônio Maria Martins													16/0 1 (D)			01
Antônio Maria Stafuzza				09/07 (B)												01
Antônio Maia										06/04 (B)	19/05 (A)		31/0 7 (E)			03
Antônio Mendes Vianna			27/10 (A)													01
Antônio Neves de Mesquita				26/10 (D)												01
Antônio Ramires Lucena			10/09 (A)													01
Antônio Rotondo										13/08						01

Aristotelino Tiellet							19/09 (F)									01
Armando Dias do Azevedo		02/02 (D)	17/06 (A)		01/11 (C) 03/12 (B)		11/10 (C)	04/04 (D)		12/02 (D) 15/04 (A) 28/04 (G) 06/05 (B) 09/05 (B) 31/05 (B) 08/06 (C) 27/07 (B) 14/10 (D) 02/12 (G)	01/09 (B/G)	13/12 (B)	23/0 3 (E)			19
Armando Falcão											Out. (B)					01
Armando Trevisan			11/04 (A) 05/11 (B)													02
Armênio P. Gonçalves													20/1 2 (B)			01
Arnaldo Ribeiro Pinto		04/08 (A)														01
Arthur de Castro Borges										05/04 (B)	16/05 (B) 13/12			28/07 (B)	28/05 (A)	05

Bispo José Eugênio Côrrea			22/08 (E)													01
Bispo José Fernandes Veloso						24/08 (A)			10/12 (B)		07/08 (D)					03
Bispo José Gonçalves da Costa								09/05 (A)		17/08 (E)						02
Bispo José Lázaro Neves			20/08 (E)													01
Bispo José Melhado Campos			02/09 (E)													01
Bispo José Pedro Costa			19/08 (E)													01
Bispo Ladislau Paz			29/08 (E)													01
Bispo Manuel da Silveira D'Elboux			20/08 (A)													01
Bispo Pedro Filipak			06/09 (E)													01
Bispo Romeu Alberti			08/09 (E)													01
Bispo Ruy Serra			28/09 (E)													01
Bispo Victor Telbeek			14/09 (E)													01
Branca Maria										04/04 (A)						01
Bransildes Cavalcanti Barcelos										12/03 (D)						01
Braulio Bezerra Lima			13/07 (A)													01
Bulcão Pinto Lima											25/07 (A)					01
Caio Norah					11/07 (D)											01
Capitão José Ribeiro Dias												21/11 (B/F)	03/1 2			04

													(B/F) 13/1 2 (B) 27/1 2 (B/F))			
Cardeal Augusto Álvaro da Silva			18/06 (E)													01
Cardeal Jaime de Barros Câmara					22/08 (B)											01
Cardoso Filho										09/02 (D)						01
Carlo Barbieri Filho											05/02 (A)			14/07 (B)	08/05 (G)	03
Carlos Alberto Fontoura										06/02 (D)	14/06 (B) 29/07 (C) 14/10 (B)					04
Carlos Augusto Gurgel						05/02 (B)										01
Carlos Aurélio Barreto Nogueira Santos									26/09 (B)							01
Carlos Galves							02/12 (C)									01
Carlos Moacyr Faria Souto												11/11 (C)				01
Carlos Oswaldo Bevilaqua						11/01 (A)										01
Carlos Santos					27/06 (B)											01
Carmelo D'Agostinho										20/06						01

				(E)											
Cônego Bráulio Figueira de Melo		Ago. (C)													01
Cônego Bueno de Sequeira									12/02 (D)						01
Cônego Francisco de Assis Santos							04/07 (D)	17/06 (A/D)	(?) (B)						03
Cônego Francisco de Salles Cavalcanti								16/02 (C)							01
Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho					19/05 (A)										01
Cônego Ludovico Rosano							06/08 (A)		12/02 (B) 22/03 (D)	07/02 (B) 16/09 (A) 19/09 (C) 22/11 (C)					07
Cônego Wunibaldo Backes				27/02 (B) 20/08 (A/B)											02
Coronel Hernani Aguiar					03/03 (F)										01
Coronel Jonas Correia Neto												28/0 8 (F)			01
Cristina Azevedo					10/03 (B)										01
Czesława Tomska							05/08 (A)								01
Dalila de Castro Lacerda				10/10 (C)					30/03 (A)			23/1 2 (D)			03
Dante Sarmiento de											16/08				01

Barros											(A)				
Dário Paulo de Almeida Magalhães									12/02 (B)						02
Darvil Bozetto						07/02 (A)									01
Décio Vasconcelos											16/04 (A)				01
Décio Viana		21/03 (A)													01
Delson G. Ferreira						16/01 (D)									01
Deraldo Motta												17/1 2 (B)			01
Deuk Bruins									01/02 (D)						01
Dilermando Luna					26/09 (E)										01
Dirceu Canduro Cypriano						15/06 (E)									01
Djacir Menezes						16/01 (B)									01
Djalma França Ferreira						21/11 (D)									01
Doival Braggio							14/07 (A/C)								01
Domingos Barbé						12/03 (A)									01
Dora Bueno Paiva									Fev. (D)						01
Dulce Magalhães					03/02 (A)				01/12 (B)	16/02 (D) 05/04 (B) 13/04 (A)					06

										24/05 (B)						
Edelmira de Paiva Nassar												Jan. (B)				01
Ediberto Medeiros Barroso									22/05 (D)	22/05 (A)						02
Édio Moreira		24/10 (B)														01
Editora Agir													18/1 2 (B)			02
Edmirson Maranhão Ferreira															16/05 (F)	02
Edson Guimarães															16/01 (F)	02
Edson Luiz Marques Santos						04/10 (C)										01
Eduardo Ressel												02/06 (D)	10/0 2 (F)		18/02 (C)	03
Efraim Dowek													22/0 7 (A)			01
Elaine Denise Von Berg Ondere				03/09 (E)												01
Eliezer Burlah													22/0 7 (A)			01
Elizabeth Barros					19/03 (H)											01
Elgitha Resende de Almeida								18/10 (A)		30/01 (C) 17/02 (D)						03
Elias Jorge Tambur											31/05 (B)					01

Elias N. Saad													30/08 (A)			01
Elico Vasconcellos de Lacerda						31/05 (F)										01
Elmo Nunes da Fonseca						13/05 (B)										01
Elza Maria Pietschmann					26/09 (A)											01
Emília Siqueira											13/09 (B)					01
Emílio R. Barbosa								10/08 (A)								01
Enéa Meggiolaro								15/01 (A)								01
Enéas Carneiro Leite												16/10 (A)				01
Enio M. Alves												08/07 (B)				01
Evaldo Carneiro			06/09 (A)													01
Evandro Carlos de Andrade							28/12 (B)					04/08 (B)		28/12 (B)		03
Erico Berrutti Corsini						02/04 (E)										01
Erik Von Vucelme Weddih						24/01 (C)										01
Ernest Fromm					17/12 (A)		07/11 (B)	17/12 (B)	30/05 (C) 04/09 (B)	15/07 (B) Dez. (B)	31/05 (B) Ago. (B)		16/12 (B) 17/12 (B)			11
Ernesto Teixeira de Campos								17/12 (A)								01
Esmarth de Araújo												13/09				01

Oliveira												(B)				
Esperanza de Bourbon de Orleans e Bragança										(?) (B) 12/11 (A)			Dez. (B)			02
Ethel Henrique Medeiros												21/10 (B)				01
Eugênio Gudín										08/02 (D)						01
Eugênio Salles			18/08 (D)					24/06 (D) 29/12 (D)		27/04 (A)						04
Eulóquio E. Martinez					08/11 (B)											01
Eurico Penteado						08/08 (B)	29/06 (A)		29/11 (B)							03
Fausto de Albuquerque									11/09 (A)							01
Felipe Mayer								31/07 (B)								01
Felippe Vitala Júnior					03/07 (A)											01
Fernanda Teixeira												20/10 (A)				01
Fernando de Barros												26/10 (A)				01
Fernando Edson Leal												21/08 (B)				01
Fernando Esteves Perez												20/05 (B)				01
Fernando Guedes Galvão										09/02 (D)						01
Fernando Segismundo														13/10 (C)		01
Fernando Távora									18/08							01

									(B)							
Fetav Damar Cruz													11/02 (D)			01
Firmo Pecci		28/03 (A)														01
Flávio Suplicy de Lacerda		30/09 (C)									03/07 (B)					02
Floriano Battaglia					01/10 (C)											01
Floriano de Andrade Silva												25/10 (A) 06/11 (A)				02
Fortunata Silveira Vilela								05/11 (B)			17/05 (B)					02
Francis A. Mascarenhas										10/03 (B)						01
Francisca Ramos de Oliveira			10/08 (B)		15/03 (B)											02
Francisco Almeida Ribeiro					15/08 (A/D)		01/05 (D) 28/05 (B)	05/02 (D)				02/04 (C)		30/09 (B)		06
Francisco Barboza Rezende					27/08 (C)											01
Francisco Carlos Sodero					10/07 (B)											01
Francisco de Assis Santos										22/07 (C)						01
Francisco de Brito Carmelo										10/02 (D)						01
Francisco de Paula Casado Gomes					17/07 (A)											01
Francisco de Salles	07/05 (B)	06/02 (A)			25/12 (B)			09/10 (B)					23/03			05

					(B)											
Gilberto Gigante					24/08 (H)	06/01 (A)				15/02 (D)						03
Gilda Barros da Silva										27/07 (B)						01
Gilda Philadelpho de Azevedo Von Sotheu												18/12 (A)				01
Gilson F.F. Abrahão		16/08 (A)														01
Giselda Dias Paredes									16/11 (A)							01
Gladstone Chaves de Mello	14/05 (F) 05/09 (B/F)						20/03 (B)		30/04 (G) 21/05 (B) 17/12 (B)	08/02 (D) 23/03 (D) 04/06 (G) 17/12 (B)	08/05 (H) 14/06 (D/H)					12
Glória Fernandes														19/06 (C)		01
Graciema da Veiga Coura					03/01 (A)							26/01 (A)				01
Guido Vignola						23/12 (A)										01
Haroldo Azevedo						18/01 (H)										01
Haydea Silva										12/03 (D)					17/01 (A)	02
Haydea Vasconcelos							23/09 (E)									01
Heitor da Silva Porto											11/08 (D)					01
Heitor S. dos Santos											24/02 (A)					01
Heinrich Fulda										14/06						01

										(B)						
Helena Artigas											28/06 (A)					01
Helena de Cássia Dutra					26/04 (B)							20/12 (B)				02
Helena T. Leitão da Cunha					18/07 (D)											01
Hélio Antônio Scarabôto							28/10 (B)									01
Hélio de Moraes Rego					05/07 (A)				31/01 (C)							02
Hélio Ibiapina Lima												07/06 (B)				01
Henri Charlier												15/05 (G)				01
Henrique Anawate				28/12 (A)												01
Henrique D'Ávila Bertaso		28/05 (A)	18/10 (B)													02
Henrique Furtado Portugal											13/07 (B)					01
Henrique G. de Serpa Pinto						15/01 (C) 30/09 (C)			04/04 (C)							03
Henrique J. Hargreaves			21/12 (B)	07/11 (B)												02
Henrique Ludwig Neto													23/01 (A)			01
Henrique Sérgio Gregori										(?) (B)						01
Henrique Waldemar															12/05 (A)	01
Herich Duemke												04/10 (A)				01

Hilda T. Ruppenthal				06/07 (A)												01
Hirley Nelson de Souza													21/01 (A) 26/02 (C) 09/09 (C) 10/09 (C)			04
Homero Johas													22/01 (D)			01
Honório José de Brito											01/11 (A)					01
Horácio Cintra Leite		30/08 (E)														01
Hugo Gassenferth											30/12 (B)					01
Hugues Blignières										26/09 (G) 21/12 (G)	24/01 (G) 21/02 (B/C) 25/02 (G/B) 08/04 (G) 13/05 (G/C) 27/08 (B/G) 26/09	23/01 (G/B) 16/04 (G) 04/06 (G) 19/06 (G) 28/06 (G/F) 11/07 (G) 15/07			06/01 (C)	23

											(G) 26/09 (G) 08/10 (G/B) 07/11 (G/B) 19/11 (G)	(B/G) 21/09 (B/G) 01/12 (G/H)				
Hugues Kéraly											09/10 (G)					01
Humberto Scisínio Dias					03/10 (C)											01
Ilídia M. Nichelle					24/11 (C)							03/02 (B)				02
Inezil Pena Marinho														24/10 (B)		01
Iovanda Campos Solberg						14/03 (C)										01
Irene Ferreira Azevedo				28/08 (E)												01
Irmã Alice de Maria (MJC)								19/10 (A)								01
Irmã Anna Eugênia de Sion										06/01 (B)	02/07 (B)					02
Irmã Fabíola Ferreira Vital										19/02 (D)						01
Irmã Lunardelli Menezes de Oliveira						21/12 (B)				29/03 (A)				24/09 (D)		03
Irmã Maria Anna Eugênia							12/08 (B)									01
Irmã Maria Consuelo Silveira Neto						28/09 (B)										01
Irmão Anástacio Maria da Cruz					20/09 (E)											01
Isabel de Lima Almeida									08/05			01/10				02

Almeida						(D) 26/03 (F)										
Jayme Moniz de Aragão Dáquer											17/03 (A)					01
Jean Jacques Thierry								11/08 (C)								01
Jean Leblanc												19/03 (B)				01
Jean Madiran										15/08 (G) 23/12 (G/H)	21/01 (G) 29/05 (G/A)	24/06 (H/B) 07/10(D/B) 14/10 (C/G) 21/11 (G)	13/0 1 (G/B) 03/0 2 (B/G) 14/0 2 (C/G) 31/0 3 (C/G) 23/0 7 (G) 30/0 7 (G) 06/0 8 (G) 17/1 2	22/02 (E)	10/03 (G/B)	20

					(E)											
João Toloczko					12/12 (B)											01
João Vidal Filho			10/09 (A)													01
Joaquim Machado Coutinho													28/12 (H)			01
Joaquim Peres				30/10 (E)												01
Joaquim Ulisses Borges						16/03 (A)				06/02 (D)						02
Jordão Vecchiastti										13/02 (D)						01
Jorge Aguiar										06/02 (D)						01
Jorge Alves Pôssa									29/05 (B)	20/03 (D)						02
Jorge P. de Oliveira									12/09 (D)							01
José Achótegui						28/05 (E)										01
José Afonso de André			26/09 (D)													01
José Alckmin de Almeida Câmara			15/09 (B) 29/08 (A)							06/02 (D)						03
José Andrade										12/02 (D)						01
José Augusto Guerra										23/07 (C)			17/1 2 (B)			02
José Augusto Galdino da Costa						25/10 (B)										01
José Benevides					22/05	05/10				20/04						03

José Pedro Galvão de Souza						14/10(A/F)		04/01(E)			23/12(B)		27/07(G)			04
José Perez Del Arco												03/10(A) 06/10(A) 17/11(A)				03
José Ribeiro da Silva Filho					04/01(B)	01/01(A)										02
José Ronaldo de Melo e Franco												24/11(B)				01
José Salim Izar					26/02(A)											01
José Soares da Costa Campos									Nov.(D)							01
José Telles da Cruz										06/03(D)						01
José V. de Carvalho			23/12(B)													01
José Velloso Nunes Vieira			18/06(C)	01/06(B)												02
José Vicente		27/07(A)														01
José Victoriano Pereira									11/10(C)	27/02(C)						02
Jósio de Salles												14/07(E)				01
Josué Montello						13/01(B) 30/10(B)										02
Judith de Barros Falcão						18/11(A)										01
Judith de Queiroz Lyra												27/11				01

											(B)				
Judith Garcia		25/03 (B)				06/01 (B)			19/08 (B)						03
Juledil B. da Silva											12/06 (E)				01
Júlia Helena Passarelli										01/05 (D)					01
Julieta Andrade Ramos			01/10 (D)												01
Juracy Magalhães			31/05 (B)												01
Jurandyr Carajuru										18/12 (B)					01
Jurema Lopes					09/07 (A) 25/09 (B)				29/06 (C) 18/07 (B) 03/12 (B) 19/12 (B)	12/11 (A/H) 16/12 (B)					08
Justino de Aguiar Filho										05/07 (B)					01
Justino Luz Paoliello											01/06 (D)				01
Juvenal Pedro Cim							09/05 (A)								01
Juventino Cardoso Lemos								26/03 (A)							01
Kurt Klinger										04/09 (G)					01
Kurt Pessek											02/06 (D)				01
Kzimierz de Vautour Sienkiewicz										15/06 (C)					01
Lamartine Navarro											31/05				01

			17/06 (H)													
Leônides Klein			23/08 (H)													01
Leopoldo de Castro Moreira												07/09 (A)				01
Levindo Albuquerque											13/03 (A) 16/03 (C)					02
Levy Aarão Reis										18/06 (A)						01
Lídia Hrinko										05/05 (A)						01
Lília de Melo Padilha									07/11 (B)							01
Lourdes Perroni			22/07 (B)													01
Lúcia Alles			21/08 (A)													01
Lúcia Alves			21/08 (A)													01
Lúcia Jordão Villela					19/02 (B)	30/05 (D)										02
Luciano Lacombe							17/12 (D)									01
Lúcio Pereira Sigalho												04/12 (C)				01
Lúcio Ricardo Verane										15/02 (D)						01
Lúcio Thome Feiteira														23/09 (A)		01
Luís Antônio dos Santos							23/10 (B)									01
Luís Orlando											01/06 (D)					01

				(A)												
Lydia Moschetti										12/03 (A)						01
Lydia dos Santos											16/08 (B) 05/12 (B) 19/12 (B)					03
M. Pio Correa										06/02 (D)						01
Magda Menezes de Oliveira						31/05 (B)										01
Manfredo Loitzenbauer									23/06 (B)							01
Manuel de Freitas						26/11 (A)										01
Manuel de Ornellas			29/01 (B)													01
Manuel J. Ferreira												27/10 (C)				01
Manuel Joaquim de carvalho Junior			16/06 (C)													01
Manuel Pedro da Cunha Cintra			03/09 (E)			17/05 (A)	04/03 (B)	17/12 (B)	23/08 (C)	30/10 (A)	09/02 (C)					07
Manuel Gaspar de Souza												09/10 (E)				01
Manuel Ribeiro da Cunha													08/0 8 (B)			01
Marcel De Corte													24/0 3 (G/ H)			01
Marcelo Silva Júnior					24/10 (B)				31/05 (B)							02

Marcia Assis de Oliveira									21/06 (A) 18/07 (A)							02
Márcio Elísio de Freitas													06/0 5 (B)			01
Marco Aurélio Mello Reis						12/08 (A)										01
Marcos Bandeira de Melo						27/01 (D)										01
Marcos Ribeiro						26/12 (A)										01
Marcos Santana												14/07 (D)				01
Margarita Castejon Competi			13/10 (B)													01
Margherita Tesio													28/1 2 (B)			01
Maria Abigail M. de Moraes										23/03 (D)						01
Maria Aldina Schilling			12/07 (H)													01
Maria Aparecida Martins Rollo Montero Del Rio												07/04 (B)				01
Maria Branca					Jul. (D)											01
Maria Capaverde de Mattos			20/06 (A)													01
Maria Carlota C. de Macedo Soares		24/06 (A)														01
Maria Carolina Brandão Joly											28/04 (E)					01
Maria da Conceição											28/11					01

											(B)					
Maria da Graça Pierotti								16/02 (B)	18/02 (G)							02
Maria da Soledade Sampaio Damiani							24/06 (A)									01
Maria da Luz Ribeiro						27/03 (A)										01
Maria de Aparecida de Oliveira										26/03 (A)						01
Maria de Lourdes										24/09 (B) 17/10 (B)						02
Maria de Lourdes Benedita Nogueira							08/11 (B)									01
Maria de Lourdes G. de Oliveira		10/04 (B)														01
Maria de Lourdes Salomão	05/08 (B)		29/08 (C)		16/08 (A/C) 09/10 (C)					11/02 (D)						05
Maria Deometildes Tavares										16/02 (D)						01
Maria do Carmo Alvares			17/04 (B)													01
Maria Eduarda Gonçalves Ribeiro												12/04 (A)				01
Maria Glória da Silva													14/1 2 (B)			01
Maria Guerra										10/02 (D)						01
Maria José Corrêa de Moura										10/06 (A)						01
Maria José Sette Ribas											29/09 (B)					01

Maria Luisa Kowalska					08/1 (C) 09/01 (D)											02
Maria Luiza B. Martins Campos			14/07 (A)													01
Maria Maya Silveira					14/10 (C)											01
Maria Mello Matos					Set. (A)			05/06 (A)		09/02 (D)						03
Maria Nogueira de Matos Reis										03/01 (D)						01
Maria Stella Novaes					30/09 (C)											01
Maria Teresa Behres				11/11 (E)												01
Maria Teresa Feigeson								29/06 (A)								01
Maria Vargas						Mai. (D)										01
Maria Yvete Torres							14/07 (A)									01
Mariano de Paula Brito											06/11 (C)					01
Mariéla Soares										Mar. (A)						01
Mariense Augusto Carvalho do Amaral										10/10 (C)						01
Mario dos Reis Pereira					23/02 (H)											01
Mario Ottoboni								14/05 (B)								01
Mario Ponce de León												03/12 (H) 20/11 (H)				02

Mario Teles de Oliveira										03/11 (A)			16/1 2 (B)			02
Marília Diniz Carneiro											02/11 (A)					01
Marina Lessa				21/09 (B)												01
Mariza Freire de Andrade					15/11 (D) 22/11 (A)											02
Marques Machado										16/02 (D)						01
Martin Flesch					08/07 (A)											01
Marx Ruberto					08/07 (D)											01
Maurício Joppert da Silva												26/02 (C)				01
Maury Pinto de Oliveira										15/02 (D)						01
Max Alvim											02/10 (H)	02/10 (D) 20/10 (A)				01
Max Basile						12/01 (B) 18/05 (B)		07/03 (B) 10/05 (B)	19/05 (B) 22/09 (A) 01/10 (A) 15/12 (B)	04/02 (D) 13/12 (B)	16/05 (B) 12/06 (D) 09/10 (B) 01/12 (B) 12/12 (B)	10/01 (A) 12/05 (A) 07/10 (B) 14/12 (B) Dez. (B)	27/0 2 (A) 15/1 2 (B) Dez. (B)	25/08 (A) 30/09 (B)	03/01 (A) 07/06 (A)	27
Mem de Sá								12/04								01

Ferreira Pinto Filho						(A)										
Monsenhor Jacob Scgar											14/03 (B)					01
Monsenhor João Pavesio					20/08 (A)											01
Monsenhor João Bueno Gonçalves										05/02 (A)						01
Monsenhor José Ayrton Guedes			09/01 (A)							13/02 (D)						02
Monsenhor Juvenal Arduini		02/06 (A)														01
Monsenhor Lauro Fraga				31/05 (C) 25/08 (A) 25/11 (C)			22/08 (A)			06/07 (B) 07/09 (B)	19/08 (C)					07
Monsenhor Natanael de Veras Alcântara				19/11 (A)	03/05 (D)					28/06 (B)	24/10 (E)					04
Monsenhor Uchôa Vieira								14/04 (A)								01
Monsenhor Valentim Ferrari					29/10 (C)											01
Mozart Soriano Aderaldo					26/06 (E) 27/08 (D) 12/08 (C) 18/12 (C)	03/05 (D)				23/02 (D) 28/06 (B) 15/08 (A)						08
Murilo Carvalho								30/09 (A)								01
Muzsuo Yamada											Dez. (B)					01

Nilo de Macedo					02/06 (C)											01
Nilo de Toledo					06/12 (B)		20/02 (B)									02
Nilo Massir						25/10 (B) 06/11 (D)										02
Nilson Bridi										17/02 (D)						01
Nilza Therezinha De Lima					15/08 (A)											01
Noel Fernandes Machado												03/02 (A)				01
Nogueira Passos			20/08 (D)													01
Norberto Marx		Ago. (B)														01
Norival Silva														04/06 (A)		01
Nuno Forte Bigotti Chorão													10/1 2 (G/B)			01
Octávio Cantanhede														04/08 (B)		01
Octávio Domingue					30/12 (A)											01
Octávio Gaspar Ricardo						13/09 (C)										01
Odete Miranda Machado Araújo							17/08 (A)		07/02 (D)							02
Olavo Rios de Queiróz												19/07 (C)				01
Olga Mathion											07/07 (B)					01

Orlando Bastos de Menezes		12/02 (B)														01
Ormínio Viegas															04/04 (B)	01
Oscar Barbosa										15/02 (D)						01
Oscar Luis da Silva												14/11 (A)				01
Oscar Mendes					16/08 (A)					13/01 (B)						02
Osmar Oliveira da Silva														06/01 (B)		01
Osmar Untinguassú						05/01 (C)										01
Osório Ribeiro de Barros Neves										29/10 (A)						01
Osvaldo Tavares Ferreira										04/04 (A)						01
Otoni José da Silva										04/07 (C)						01
Padre A. Reina								Out. (F) Out. (F)								02
Padre Afonso Hansen			08/07 (A)			20/02 (B)										02
Padre Afonso Rodrigues						24/10 (B)										01
Padre Alberto Ferro					31/07 (B)											01
Padre Albino Dziadzio												15/11 (D)				01
Padre Alcionildo Bruzzi Alves da Silva													07/04 (C)			01
Padre Alonso Valentim												04/10				01

												(H)				
Padre Angelo Ramires Lucena			19/09 (B)													01
Padre Antero Fernandes de Lemo												17/09 (B)				01
Padre Antônio Loebmann			17/07 (A) 20/10 (D)	25/09 (A)					29/08 (A)	24/12 (C)						05
Padre Armindo R. Machado											15/03 (C)					01
Padre Arno Antonitsch									10/03 (B)							01
Padre Augusto Dalvit						13/01 (E)										01
Padre Bann Warlly						17/11 (B)			04/05 (D)							02
Padre Bernard Bouts					11/10 (E)	09/12 (G)				28/12 (G) 29/12 (G)	05/02 (B) 04/04 (B) 29/05 (G) 12/06 (G) 03/12 (G)	09/01 (G)			14/04 (B/G) 25/04 (G)	12
Padre Bertrand Margerie			23/04 (A)													01
Padre Boaventura Cantarelli								09/12 (D)								01
Padre Caetano Angiello									21/06 (B)							01
Padre Cândido Santini								17/12 (A/B)								01
Padre Cataldo Angiello									21/06							01

[illegible]

					(C/D)											
Padre Pedro Luis													16/01 (B)			01
Padre Pedro Sereno											16/07 (A)					01
Padre Ricardo Schauf											25/10 (D)					01
Padre Romeu Ribeiro de Faria			12/07 (A/C)		15/07 (A)											02
Padre Sebastião Lovato			12/12 (B)													01
Padre Stanislavs Ladusans					12/04 (B)						28/01 (B)					02
Padre Teodoro Ferronato									09/09 (A) 12/11 (B)	22/02 (A)						03
Padre Valdomiro Haneiko									09/05 (D)							01
Padre Videira Pires													01/12 (B)			01
Padre Waldemiro Pires Martins								25/07 (A)		20/02 (C) 05/03 (D)						02
Padre Wendelino Muller						27/11 (C)										01
Pastor Lázaro Lopes de Arruda																01
Pastor Ricardo Andrade									18/08 (A)							01
Paul de La Llama										29/08 (C)						01
Paulo Alves												30/09				01

											(F)				
Paulo Amora										10/11 (A)					01
Paulo Ayres Filho				18/04 (E)		10/11 (C)				02/02 (A)					03
Paulo C. Costa Moura					10/04 (A)										01
Paulo César Pinheiro de Menezes												25/1 1 (B) 29/1 1 (A)			02
Paulo de Albuquerque Lacerda											20/09 (B)				01
Paulo de Tarso Campo								21/12 (A)							02
Paulo Emílio V. de Mello Baptista			24/08 (B)												01
Paulo Enout										Mar. (D)					01
Paulo Faria										25/05 (A)					01
Paulo Ferraz de Siqueira										10/02 (D)					01
Paulo Osório							25/07 (A)								01
Paulo Rodrigues				15/09 (B)						08/07 (B)	11/06 (C) 02/10 (D) 25/11 (D)	05/12 (D)			06
Paulo Tacla			27/07 (F)												01
Pedro Alves de Siqueira							19/09	(?)	06/07	09/06	25/01				07

Renato Jobim					22/11 (D)											01
Renato Pereira Coelho														09/01 (B)		01
Renato Ribeiro da Silva												09/06 (D) 03/11 (A) 14/11 (D)	06/1 2 (B)			04
René Pena Chaves									01/08 (B)							01
Ricardo Henry Marques Dip													27/0 7 (C) 21/1 2 (B)	15/07 (G)		03
Ricardo Izar									10/05 (B)							01
Ridette Dória											28/03 (A)					01
Rivadavia S. Côrrea											02/08 (B)					01
Robert Joye										22/05 (B) 26/06 (B)						02
Roberto Freire Souza					26/10 (A)									19/08 (C)		02
Roberto Gonzaga						05/03 (C)										01
Roberto Marinho									02/02 (D)		11/07 (B)	18/02 (C)	30/0 1 (D*)		Jan. (B)	05
Roberto Monteiro de												03/07				01

Sandra Maria Araújo de Paula														20/01 (A)		01
Sebastião Isidoro da Silva										02/02 (D)						01
Secretaria Geral da Conf. Anticomunista Latinoamericano										03/07 (D)						01
Serafim Machado													01/06 (B)			01
Sérgio Demoro Hamilton										10/02 (D)						01
Sergio de Carvalho Pachá												25/09 (E)				01
Sérgio de Mouro Hamilton													27/01 (B)			01
Sérgio Mario Pasquali						21/03 (B)										01
Shizue Kume								22/08 (B)								01
Siegfried George					25/02 (D)											01
Silvério Vaz de Melo Fonseca						31/01 (D)										01
Silvia Helena Sampaio					09/01 (C)											01
Sílvia Elias								01/03 (B)								01
Sobral Pinto	12/03 (E)	30/04 (D) 03/05 (D) 21/05 (D)	09/05 (B) 12/05 (D) 16/05 (D) 11/06	12/01 (B) 23/01 (D) 25/02 (C) 13/11	03/01 (D/F) 24/02 (D) 04/03 (D) 11/03	11/06 (D/F)			28/01 (D)	20/02 (D) 07/03 (D) 12/03 (D)	03/01 (B)	06/10 (H/D)				29

			(D/F) 30/07 (D) 08/08 (D) 10/08 (H/D) 27/06 (B) 27/06 (F)	(B) 14/11 (D) 24/11 (C) 14/12 (D)	(B) 06/06 (D) 12/06 (B) 23/07 (D) 21/09 (E)												
Sousa Santos					20/09 (B)												01
Stefan Cazplinskin										17/07 (G) 17/08 (C)							02
Suzanna Covenaghi Recchia										01/04 (A)							01
Suzanne Fillios								15/02 (A) 14/08 (B)									02
Syllas Ferraz Sampaio				08/06 (D)													01
Tania Leme da Rocha								09/11 (B)									01
Thomas Molnar												16/03 (B) 29/09 (B/G)					02
Thomas Pompeu de Souza Brasil Neto			12/10 (C)			23/05 (B)											01
Themistocles Cavalcanti										12/02 (D)							01
Themistocles Xavier										07/02	10/06						03

Menenzes										(D) 11/07 (B)	(B)					
Theophilo de Andrade							07/08 (D)									01
Thomas de Aquino Holanda											12/03 (C)					01
Thomas Leonardos			14/11 (A)													01
Túlio Campello de Souza					14/03 (B)											01
Ubirajara Hermenegildo Queiroz									27/10 (A/H)							01
Vanda Neves				13/06 (D)												01
Vânia Costa da Cruz															04/01 (B)	01
Viana						28/07 (F)										01
Vicente Filizola										25/06 (A)						01
Victor B. de Strasser											17/05 (D)					01
Victório Berredo															23/01 (H)	01
Vinícius Nelson Garcia de Souza									13/08 (E)							01
Virgílio Balestro			04/06 (A) 04/08 (A)								19/12 (C/D)					03
Virgínio Lopes			02/09 (A)													01
Virgínio Risi															16/01 (A)	01
Walmir D'Avila										25/05						01

										(B)						
Waldemar Bezerra de Menezes										14/02 (D)						01
Waldemar Henrique														14/10 (A)		01
Waldemiro Freitas de Abreu										13/02 (D)			Dez. (B)			02
Waldomiro Girard Jacob					30/09 (C)											01
Wally de Oliveira Lima								11/09 (A)								02
Walmir Ayala										25/05 (B)						01
Walter C. de Sá e Benevides											19/12 (B)			11/06 (H)	23/05 (B)	03
Wanderley Wandenkolk					13/08 (F)											01
Wendel Santos		10/12 (B)														01
Werner Rosenfeld					28/10 (D)											01
William da Silva Lima											04/09 (F)					01
William R. Bátorffy										14/05 (D)	01/07 (E)					02
Wilma Poock Kanitz					13/10 (C)											01
Yolanda Weguelin Vieira													14/08 (B)			01
Zaida Erika Zender Rillo							14/06 (B)									01
Zilda de Melo Bilate												21/02 (A)				01
Zlata Lackovic														04/11 (A)		01

IV – Quadro de Escritores de *Itinéraires* (1962-1989)

Intelectuais	Artigos Publicados Por ano em Itinéraires																												
	1960									1970										1980									
	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	
A. Recipion	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	01
A. Tixier-Vignancour	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	01
Abbé Aulagnier	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	02
Abbé Coache	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	01
Abbé Denis Marèchal	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	01
Abbé Emmanuel des Graviers	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	01
Abbé Françoise Pozzeto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	01
Abbé Gilles Duboscq	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	01
Abbé Jacques Vauthrin	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	01
Abbé Joseph Berthel	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	01
Abbé Raymond Dulac	0	0	0	0	0	0	2	1	6	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	12
Abbé V. –A. Berto	0	0	2	2	0	2	3	2	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2	1	1	0	0	0	0	0	0	1	19
Abbé Michael Simoulin	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	01
Abbé Schmidberger	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	01
Abel Morean	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	01
Ahmed Kaberseli	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	01
Amiral Paul Auphan	0	2	2	3	3	3	1	2	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	19
André Charlier	1	2	1	2	2	3	2	1	0	0	1	0	0	1	1	0	1	0	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0	21
André Clement	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	01
André de Asboth	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	01
André Giovanni	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	02
André Gues	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2	4	1	3	5	6	3	4	4	3	0	0	0	0	0	0	0	37

Guillou																														
Gérard Garritte	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	01
Gérard Hubert	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	01
George Albutini	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	01
George Dumoulin	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	01
George Laffly	0	0	0	2	5	2	3	2	1	2	0	1	1	4	6	6	7	9	6	7	7	7	4	6	8	8	8	8	5	117
Georges-Paul Wagner	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	1	0	04	
Gustave Thibon	0	0	1	0	0	0	1	0	5	0	1	1	0	3	5	7	0	0	1	4	6	6	1	2	3	1	1	0	49	
Gustavo Corção	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	5	3	3	6	3	0	6	9	1	0	0	0	1	4	4	4	51	
Guy Rouvrais	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	9	9	10	31		
Hamish Fraser	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	01	
Henri Charlier	3	1	3	2	6	3	9	3	4	2	4	3	1	1	1	0	0	1	2	0	4	0	0	5	3	2	0	1	63	
Henri Ghion	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	01	
Henri Hervé	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	02	
Henri Massault	0	0	2	6	5	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	15	
Henri Massis	3	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	05	
Henri Meck	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	01	
Henri Pourrat	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	04	
Henri Rambaud	0	0	0	1	0	2	1	1	7	5	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	20	
Hérve de Saint-Méen	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	3	05	
Hervé Kerbourc'h	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	4	0	0	0	0	0	0	0	0	08	
Hérve Pinoteau	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	2	0	2	1	1	1	0	0	0	1	0	10	
Hubert Calvet	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	01	
Hugues Keraly	0	0	0	0	0	0	0	2	5	5	1	3	5	3	6	10	5	7	13	8	1	6	4	0	0	0	1	0	85	
Hugues Latazzi	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	01	
Hugues Panassie	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	01	
Hyacinthe Dubrevil	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	02	
J. Debout	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	01	
Jacques Cardier	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	01	
Jacques Trémolet de Villers	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	03	
Jacques Dinfrville	0	0	1	2	1	2	2	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		11	
Jean. B. Morvan	8	8	10	8	8	7	7	5	4	2	0	0	0	0	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0	2	0	1	73	
Jacques Perret	0	0	0	0	0	1	0	0	4	8	2	0	0	3	5	8	5	7	5	2	2	1	0	0	0	0	0		53	